



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RAQUEL OLIVEIRA SILVA

**A IMPRENSA BAIANA E O AMERICANISMO NA GUERRA CONTRA
O EIXO (1942 – 1945)**

**Salvador
2018**

RAQUEL OLIVEIRA SILVA

**A IMPRENSA BAIANA E O AMERICANISMO NA GUERRA CONTRA
O EIXO (1942 – 1945)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Zacarias Figueiroa de Sena Júnior.

**Salvador
2018**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Raquel Oliveira
A imprensa baiana e o americanismo na guerra
contra o Eixo (1942 - 1945) / Raquel Oliveira Silva. -
- Salvador, 2018.
306 f. : il

Orientador: Carlos Zacarias Figueiroa de Sena
Júnior.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em
História (PPGH)) -- Universidade Federal da Bahia,
Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2018.

1. Bahia. 2. Redemocratização. 3. Imprensa. 4.
Americanismo. 5. Segunda Guerra Mundial. I. Sena
Júnior, Carlos Zacarias Figueiroa de. II. Título.



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DO ALUNO	MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Raquel Oliveira Silva	214121609	Doutorado
TÍTULO DO TRABALHO A imprensa baiana e o americanismo a guerra contra o Eixo (1942-1945)		
EXAMINADORES	ASSINATURA	CPF
Carlos Zacarias F. de Sena Junior (UFBA) - orientador		457687065-34
José Alves Dias (UESB)		33272387587
Laura de Oliveira (UFBA)		01175581178
Iraeidson Santos Costa (UFBA)		408725055-53
Paulo Santos Silva (UNEB)		219201415-53

ATA

Aos quatorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezoito, nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humana da Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por Raquel Oliveira Silva, doutoranda do Programa de Pós-graduação em História Social do Brasil. Após a abertura da sessão, o professor Carlos Zacarias F. de Sena Junior, orientador e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores. Foi dada a palavra a autora, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do examinando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela APROVAÇÃO da aluna. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARECER GERAL

Considera-se a qualidade da pesquisa desenvolvida, com destaque para a atenção à presença dos Estados Unidos na Bahia pelas evidências identificadas através de imprensa, ressaltando-se a contribuição para a historiografia nacional e local sobre o assunto.

SSA, 14/12/2018: Assinatura da aluna:

SSA, 14/12/2018: Assinatura do orientador:

Para meu pai, Décio (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Quero registrar aqui a minha gratidão a todos e todas que foram importantes para a realização deste estudo.

Primeiramente, agradeço ao Prof. Dr. Carlos Zacarias de Sena Júnior, que me dedicou sua atenção e generosidade desde o mestrado, quando participou do meu exame de qualificação e da banca examinadora da minha defesa, e depois como orientador no doutorado. Uma relação de orientação se estabelece com responsabilidade e comprometimento, mas sem jamais perder a ternura. O professor Zacarias sabe equilibrar perfeitamente a seriedade exigida no desenvolvimento de uma pesquisa e a dimensão humana nas relações com os alunos. Só posso ser eternamente grata.

Agradeço aos Professores Doutores Paulo Santos Silva, José Dias, Laura de Oliveira e Iraneidson Santos Costa pela disponibilidade em participar da banca examinadora da minha defesa. Reforço meus agradecimentos à professora Laura e ao professor Paulo pelas críticas e sugestões quando meu trabalho foi submetido ao exame de qualificação, que foram fundamentais à produção desta tese.

Sou grata à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela concessão da bolsa que me manteve por quatro anos, sem a qual eu jamais poderia me dedicar ao doutorado.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB), da biblioteca da Associação Baiana de Imprensa (ABI) e da Fundação Pedro Calmon/Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC - especialmente Valter Silva) pela organização, conservação e disponibilização das fontes. Sem o trabalho árduo dessas pessoas, muitas pesquisas históricas não poderiam ser realizadas.

Meu pai, Décio, não está mais aqui, mas viveu o suficiente para saber que teria uma filha doutora. Minha mãe, Nilda, minhas irmãs, Denilda e Daniela, e meu irmão, Décio Júnior, embora não tenham acompanhado diretamente meu processo de pesquisa, testemunharam toda a minha trajetória pessoal e acadêmica até aqui. Companheiros de toda uma vida.

A Rafael, agradeço a paciência e o companheirismo. Mais uma jornada vencida com você ao meu lado.

Por fim, sou grata ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, por ter me agraciado com a oportunidade de apresentar esta história.

América quando é que você será angelical?
Quando você tirará sua roupa?
Quando você se olhará através do túmulo?
Quando você merecerá seu milhão de trotskistas?
América por que suas bibliotecas estão cheias de
lágrimas?
América quando você mandará seus ovos para a Índia?
Eu estou cheio das suas exigências malucas
Quando poderei entrar no supermercado e comprar o que
preciso só com minha boa aparência?
América afinal eu e você é que somos perfeitos não o
outro mundo.

(Allen Ginsberg, *América*. Tradução de Cláudio Willer)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o reforço de um discurso favorável às instituições políticas, modelo econômico e padrão de vida dos Estados Unidos, disseminado nas páginas dos jornais editados em Salvador, entre os anos de 1942 e 1945. Discutimos o projeto de aproximação entre o país norte-americano e o Brasil, mais especificamente a Bahia, enfocando na atuação da Agência do Coordenador dos Assuntos Interamericanos (OCIAA), órgão governamental estadunidense que visava superar a influência do Eixo sobre a América Latina. Verificamos as articulações das classes dirigentes baianas a favor da difusão do americanismo na sociedade local, e as vinculações entre o processo de redemocratização do Brasil e o discurso sobre a democracia norte-americana na imprensa da Bahia. Investigamos de que forma as relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos apareceram nos periódicos da capital baiana e a maneira pela qual a publicidade jornalística contribuiu para o esforço de guerra ianque. Além disso, analisamos os argumentos da imprensa baiana em defesa do pan-americanismo e as impressões de baianos ao viajarem para os Estados Unidos, alguns deles patrocinados pelo próprio governo norte-americano, como foi o caso de médicos, estudantes e jornalistas como Simões Filho, diretor do jornal *A Tarde*, e Wilson Lins, redator-chefe de *O Imparcial*. Mostramos como a imprensa baiana buscou propagar a existência de uma aproximação entre a Bahia e os Estados Unidos, do ponto de vista cultural e intelectual. Abordamos outros aspectos nos periódicos de Salvador sobre o americanismo, como o reforço de estereótipos sobre a América Latina e a questão do racismo nos Estados Unidos. E por fim, observamos a cobertura dos jornais baianos sobre a União Soviética e os comunistas, bem como acerca do Eixo e seus simpatizantes no Brasil.

Palavras-chave: Bahia, redemocratização, Imprensa, Americanismo, Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the reinforcement of a favorable discourse about political institutions, economic model and standard of living of the United States, disseminated in the pages of newspapers published in Salvador, between the years of 1942 and 1945. We discussed the project of approximation between American country and Brazil, specifically Bahia, focusing on the work of the Office of the Inter-American Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), a US government agency that aimed to overcome German's influence on Latin America, during World War II. We verified the articulations of Bahia's ruling classes in favor of the diffusion of Americanism in local society, and the links between the process of redemocratization in Brazil and the discourse on American democracy in Bahia's press. We saw how trade relations between Brazil and the United States have appeared in the periodicals of Bahia's capital and the manner in which newspaper advertising has contributed to the Yankee war effort. In addition, we analyzed the arguments of Bahia's press in defense of Pan-Americanism and the impressions of Bahia's people traveling to the United States, some of them sponsored by the US government itself, such as doctors, students and journalists such as Simões Filho, *A Tarde's* director, and Wilson Lins, *O Imparcial's* editor-in-chief. We showed how Bahia's press sought to propagate the existence of an approximation between Bahia and the United States, from a cultural and intellectual point of view. We discussed other aspects in Salvador's periodicals about Americanism, such as the reinforcement of stereotypes about Latin America and the question of racism in the United States. And finally, we saw the coverage of Bahia's newspapers on the Soviet Union and the communists, as well as on the Axis and its sympathizers in Brazil.

Key words: Bahia, redemocratization, Press, Americanism, World War II.

LISTA DE SIGLAS

ABI – Associação Baiana de Imprensa
AIB - Ação Integralista Brasileira
BEW - *Board of Economic Warfare*
CIA – *Central Intelligence Agency*
CNP - Conselho Nacional do Petróleo
DEIP - Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
FEB – Força Expedicionária Brasileira
FBI - *Federal Bureau of Investigation*
FIS - *Foreign Information Service*
LDN - Liga de Defesa Nacional
MPSA - *Motion Picture for the America*
OCIAA – *Office of Coordinator of Inter-American Affairs*
OWI - *Office of War Information*
OSS - *Office of Strategic Services*
PCA - *Production Code Administration*
PCB – Partido Comunista do Brasil
PSD – Partido Social Democrático
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
SSA - Sociedade Amigos da América
UDB - União Democrática Brasileira
UDN – União Democrática Nacional
UNE - União Nacional dos Estudantes
USIS - *United States Information Service*
USAFSA - *United States South Atlantic Armed Forces*
USO - *United Service Organization*
VOA - *Voice of America*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - Brasil e Estados Unidos: um projeto de aproximação entre os dois países	
1.1 A aproximação entre Brasil e Estados Unidos na guerra.....	23
1.2 Agência do Coordenador de Assuntos Interamericanos (OCIAA).....	40
<i>1.2.1 Fundação do OCIAA em Salvador.....</i>	<i>51</i>
1.3 A Bahia e o americanismo no contexto da Segunda Guerra Mundial.....	53
<i>1.3.1 Ligações entre Otávio Mangabeira e Simões Filho.....</i>	<i>77</i>
CAPÍTULO 2 — Da democracia à economia: a influência norte-americana sobre a Bahia através da imprensa	
2.1 A redemocratização do Brasil e o discurso sobre a democracia norte-americana na imprensa da Bahia.....	83
<i>2.1.1 O Imparcial e a censura estadual.....</i>	<i>92</i>
2.2 As relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos na imprensa baiana.....	98
<i>2.2.1 Borracha.....</i>	<i>106</i>
<i>2.2.2 Petróleo.....</i>	<i>108</i>
2.3 O esforço de guerra norte-americano através da imprensa baiana: um olhar sobre a publicidade.....	114
CAPÍTULO 3 — “Pela sobrevivência da civilização”: a impressão de baianos sobre os Estados Unidos na imprensa de Salvador	
3.1 A imprensa baiana e o pan-americanismo.....	126
<i>3.1.1 Manifestações de adesão ao pan-americanismo.....</i>	<i>131</i>
<i>3.1.2 América, um continente excepcional.....</i>	<i>139</i>
<i>3.1.3 Resistência ao pan-americanismo.....</i>	<i>143</i>
3.2 Impressões sobre os Estados Unidos na imprensa baiana.....	148
<i>3.2.1 Intercâmbio de estudantes baianos nos Estados Unidos.....</i>	<i>161</i>
<i>3.2.2 Dois jornalistas baianos nos Estados Unidos.....</i>	<i>163</i>
<i>3.2.3 As crônicas de Wilson Lins em O Imparcial.....</i>	<i>171</i>
CAPÍTULO 4 — Educação e cultura: intercâmbios entre a Bahia e os Estados Unidos	

4.1 Professores e pesquisadores norte-americanos na Bahia.....	186
4.2 A <i>United Service Organization</i> (USO) e os marinheiros norte-americanos.....	195
4.3 A Associação Cultural Brasil – Estados Unidos e os cursos de inglês	199
4.4 Relações culturais Bahia – Estados Unidos.....	202
4.4.1 <i>Comemoração de datas norte-americanas na Bahia.....</i>	206
4.4.2 <i>A música.....</i>	214
4.4.3 <i>As artes plásticas.....</i>	216
4.4.4 <i>Cinema - O Pato Donald na Bahia.....</i>	217
4.5 Artistas e intelectuais norte-americanos na Bahia.....	225
CAPÍTULO 5 – Outras visões na imprensa baiana: estereótipos, racismo, os comunistas e o Eixo em tempos de boa vizinhança	
5.1 “Um conglomerado de negros e índios e meia dúzia de brancos dominados por estrangeiros”: visões desabonadoras sobre as relações entre o Brasil e os Estados Unidos.....	237
5.1.1 <i>Os Estados Unidos e o racismo.....</i>	242
5.2 Rússia: de inimiga a salvadora da civilização.....	250
5.3 União Soviética: uma experiência dolorosa e sacrificante.....	262
5.4 O discurso dos comunistas sobre o americanismo sob a ótica da revista <i>Seiva</i>.....	267
5.5 “Combata a quinta-coluna”: a cobertura da imprensa baiana sobre a extrema direita	272
EPÍLOGO.....	274
FONTES.....	285
ANEXOS.....	286
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	298

INTRODUÇÃO

Na conjuntura da Segunda Guerra Mundial, as apreciações da imprensa da Bahia assumiram um caráter americanista, intensificado nos periódicos baianos a partir do ano de 1942, quando o Brasil definiu seu alinhamento aos Aliados diante do conflito mundial, acarretando no rompimento das suas relações diplomáticas com os países do Eixo, em janeiro, e sua entrada na guerra contra Alemanha, Itália e Japão, em agosto do mesmo ano. Nesse sentido, o objetivo desta tese é investigar o reforço de um discurso favorável às instituições políticas, modelo econômico e padrão de vida dos Estados Unidos, disseminado nas páginas dos jornais baianos, entre os anos de 1942 e 1945. Esse estudo foi feito levando em consideração que havia diferenças entre os conceitos dos diferentes jornais, pois cada periódico representava os interesses de grupos sociais distintos.

Nesta tese, foram privilegiados os jornais editados em Salvador, no período de 1942 a 1945, pertencentes à grande imprensa. Entende-se por “grande imprensa” aquela que “designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro.”¹ A presente pesquisa se concentrou na análise de dois periódicos específicos, *A Tarde* e *O Imparcial*. A escolha por esses órgãos de comunicação se justifica pelo fato de ambos adotarem posicionamentos que glorificavam constantemente o modelo político e econômico dos Estados Unidos, lembrando que os proprietários de ambas as folhas chegaram a visitar o país norte-americano, em 1943. Com efeito, os periódicos citados demonstram ser aqueles cujas linhas editoriais parecem mais se adequar aos propósitos desta investigação.

Além disso, foram escolhidos os periódicos editados em Salvador, objetivando apresentar experiências históricas fora do eixo Sul-Sudeste e, sobretudo, investigar de que modo o discurso americanista foi conveniente para os grupos representados pelas folhas jornalísticas baianas, procurando perceber possíveis influências das demandas locais na maneira de retratar os Estados Unidos e as instituições norte-americanas, durante os anos de 1942 e 1945.

Já o recorte temporal se justifica pelo fato de o intervalo de 1942 a 1945 se tratar do período em que o Brasil se engajou no esforço de guerra exigido pelo conflito mundial, abandonando a neutralidade e manifestando seu apoio à causa aliada em diversas frentes, tanto no envio de tropas para combater na Itália no ano de 1944, como no ponto de vista ideológico.

¹LUCA, Tania Regina de. “A grande imprensa do Brasil de metade do século XX.” www.brasa.org/sitemason/files/lhuGoE/Luca%20Tania.doc. Acessado em 02 de outubro de 2012.

Nas décadas finais do século XX, os historiadores passaram a renovar a sua concepção de documento, viabilizando a utilização dos jornais como fontes históricas.² No ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas na área da História, o emprego de materiais produzidos pela imprensa hoje está cada vez mais difundido. Essa utilização demonstra que atualmente os jornais não são mais considerados pouco confiáveis para a pesquisa histórica. Caiu em desuso a compreensão positivista das evidências, que “descartava a imprensa como fonte ‘fidedigna’ e a olhava com desconfiança questionando sobre sua parcialidade e engajamento.”³ Nestas últimas décadas, admitiu-se que todo documento, e não só a imprensa, tem seu grau de parcialidade, cabendo ao historiador cruzar as informações (ou a ausência delas) contidas nas fontes e nas referências bibliográficas consultadas, a fim de desenvolver um estudo com consistência e qualidade.

Considerando a imprensa como um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, o historiador procura estudá-la como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos periódicos. Para Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto, todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado conforme as intenções e interesses de quem o produziu.⁴ A imprensa e as mídias disseminam temas e estimulam opiniões sobre os mesmos, apropriando-se de objetivos e projetos de determinados segmentos sociais. Segundo as autoras, os acordos “sobre como deve ser feito e o que deve conter um determinado jornal ou revista são negociados social e culturalmente, num espaço de um diálogo conflituoso sobre o *fazer imprensa* inserido num dado contexto histórico”.⁵ Dessa forma, a fim de compreender a participação de um jornal na história, Maria Helena Capelato afirma que é necessário ao pesquisador procurar levantar informações a respeito do periódico estudado, investigando quem são seus proprietários, qual o público alvo do periódico, quais os objetivos e os recursos utilizados para defender um determinado ponto de vista etc.⁶

Segundo Nilson Lage, a história do jornalismo brasileiro pode ser dividida em quatro períodos: o de atividade panfletária, durante o Primeiro Reinado e Regência; o de atuação predominantemente literária, que corresponde ao Segundo Reinado; o de formação empresarial,

² LUCA, Tania Regina de “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

³ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. *Projeto História*. São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007, p. 258.

⁴ Id., *Ibid.*, p. 258.

⁵ Id., *Ibid.*, pp. 258-9.

⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim, *A imprensa na história do Brasil*, São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 14.

na República Velha, e a fase mais recente, “identificada por antagonismos como nacionalismo/dependência, populismo/autoritarismo, tanto quanto pelo uso intensivo da comunicação no controle social”.⁷

De acordo com Nelson Werneck Sodré, a partir do final do século XIX, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o jornalismo passou por um processo de transformação que acarretou a transição de uma imprensa artesanal para uma imprensa industrial.⁸ O desenvolvimento do jornalismo no período refletiu as transformações advindas com a transição do Império para a República, como a passagem do trabalho escravo para o assalariado e o incremento do sistema industrial.⁹ Após a Primeira Guerra Mundial, a imprensa passou pela transição da fase artesanal para a fase industrial, definindo o caráter do jornal como uma empresa estruturada em moldes capitalistas.¹⁰ A partir de então, o jornalismo brasileiro começou a priorizar a notícia em detrimento do engajamento político, levando os leitores a exigirem a incorporação à pauta das ocorrências locais, angariando novos leitores, mesmo com os altos índices de analfabetismo.¹¹

Na Bahia, segundo José Weliton Aragão dos Santos, este processo se iniciou na década de 1910. Com o advento da Primeira Guerra Mundial, as agências de notícias assumiram o protagonismo na divulgação da informação, conferindo um caráter de instantaneidade às reportagens e modificando o modelo gráfico dos jornais.¹² A repercussão da Revolução Russa de 1917 também determinou o surgimento de uma intensa propaganda anticomunista nos jornais baianos, a partir de 1918. Segundo José Weliton Aragão dos Santos, “a publicação de tais materiais revelou o estágio avançado de divulgação do capitalismo americano e, a nível interno, mostrou a abertura dos jornais para outras preocupações que não somente as da política local.”¹³

De acordo com Juarez Bahia, nas décadas de 1920 e 1930, eram bastante limitadas as tiragens registradas pelos periódicos brasileiros, sobretudo aqueles editados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Mesmo os maiores jornais brasileiros não chegavam a vender 50 mil exemplares/dia, alcançando com dificuldade a periferia dos centros urbanos e o interior dos Estados.¹⁴ A partir de 1930, pôde ser observada uma expansão que, segundo Bahia, é atribuída

⁷ LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 29.

⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.355.

⁹ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica — história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990, p. 108.

¹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck, op.cit., p. 355.

¹¹ BAHIA, Juarez, op. cit., pp. 131-3.

¹² SANTOS, José Weliton Aragão dos. *Formação da grande imprensa na Bahia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: UFBA, 1985, p.3.

¹³ Id., Ibid., pp. 3-4.

¹⁴ BAHIA, Juarez. *Jornal: história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972, p. 67.

a fatores econômicos, políticos e culturais. O jornalismo já entrara numa faixa de operação industrial, dando lugar ao jornal-empresa, desvinculando-se da visão particular de seu proprietário, geralmente também redator e administrador. Essa expansão se coadunou a um desenvolvimento que ocorria em outros setores do país, “retificando conceitos e proposições, rompendo com velhas fórmulas sociais e querendo redescobrir seus valores mais altos e seus imensos recursos potenciais”¹⁵, incluindo o jornalismo, bem como a parcela mais atuante da classe política e da intelectualidade. Para Nelson Werneck Sodré, o equipamento dos jornais, geralmente importado, acompanhava a etapa empresarial, relegando o aparelhamento mais antigo às folhas do interior, que tinham maiores dificuldades financeiras para acompanhar a evolução do maquinário utilizado na imprensa.¹⁶

A “Revolução de 30” abriu novas perspectivas para o jornalismo.¹⁷ A terceira década do século XX foi de grande desenvolvimento da imprensa, consolidando a estrutura empresarial, com o desenvolvimento de grandes cadeias jornalísticas que conjugavam rádio e imprensa, como os Diários Associados de Assis Chateaubriand.¹⁸

Anos depois, a imprensa, bem como toda a nação, foi atingida pela censura do Estado Novo, impondo regras a serem acatadas por jornais e rádios.¹⁹ Foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), sob a chefia de Lourival Fontes, que controlava a imprensa e o rádio e determinava quais assuntos não podiam ser abordados. Para desempenhar o mesmo papel nos estados, foram instalados os Departamentos Estaduais de Imprensa (DEI).²⁰ Apesar desse rigoroso controle, o Estado Novo garantiu subsídios ao papel e liberou verbas para jornais, revistas, agências noticiosas, empresas de propaganda, emissoras de rádio, possibilitando a importação de equipamentos gráficos e de som.²¹

Juarez Bahia acredita que o empastelamento dos jornais ocorrido quando da Revolução de 1930 conferiu maior disposição e empenho para que a maioria das folhas ressurgisse em defesa das liberdades e direitos individuais. Diante disto, a imprensa terminou por engajar-se, em 1932, num movimento pela reconstitucionalização do país e, mais tarde, a exortar “a queda da ditadura e ajudar a construir, com a recuperação democrática, um regime constitucional baseado nos princípios universais de respeito à dignidade humana e de confiança na plena

¹⁵ BAHIA, Juarez. *Jornal: história e técnica*, op. cit., p. 68.

¹⁶ SODRÉ, Nelson Werneck, op. cit., p. 281.

¹⁷ BAHIA, Juarez, *Jornal...*, 1972, op.cit., p. 71.

¹⁸ SODRÉ, Nelson Werneck, op. cit., p. 371

¹⁹ BAHIA, Juarez, *história da imprensa brasileira*, op.cit., p. 305.

²⁰ SODRÉ, Nelson Werneck, op. cit., p. 382.

²¹ BAHIA, Juarez, *História da imprensa brasileira*, 1990, op.cit., p. 309.

utilização da liberdade de pensamento”.²² A imprensa deixou de ser apenas um veículo de informações para assumir o papel de relevante importância na estrutura da sociedade. Para Bahia,

é das represálias ao livre exercício da opinião, das cinzas do incêndio das redações, do empastelamento dos parques gráficos de numerosos jornais, das prisões e dos processos que retiram jornalistas da circulação por ordem do governo, que nasce uma imprensa mais consciente do seu papel, mais resistente às pressões oficiais.²³

Entretanto, convém frisar que não devemos supervalorizar a participação da imprensa no desmantelamento da censura, pois outros fatores também contribuíram para o enfraquecimento do regime estadonovista, embora concordemos quando o autor ressalta a importância da imprensa nesse processo, sendo este, inclusive, um tema central abordado por esta tese.

Para Juarez Bahia, a grande parte dos principais jornais brasileiros filia-se à liberal-democracia. Através dos anunciantes, o poder econômico impõe formas de pressão e influência sobre os meios de comunicação, no sistema liberal-democrático.²⁴ Porém, Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto ressaltam a importância de não utilizar caracterizações generalizantes — enquadrar um jornal como liberal, outro como liberal-conservador, outro ainda como populista etc. —, elaborando categorias estanques que são usadas para abarcar toda a história de um periódico. Mais do que conferir um alinhamento constante às folhas jornalísticas, é preciso considerar as suas apreciações e argumentos em uma determinada conjuntura. Logo, os posicionamentos defendidos pela publicação se coadunam com a correlação de forças e com as lutas sociais em voga no recorte temporal a ser estudado.²⁵

Segundo José Weliton Aragão dos Santos, mesmo manifestando os interesses de um partido político, os jornais baianos, já desde o começo do século XX, defendiam uma suposta neutralidade das suas linhas editoriais. Essa suposta imparcialidade é uma exigência da mercantilização da notícia, decorrente da necessidade de ser adquirida como mercadoria por um largo público consumidor. No decorrer do seu processo de formação como empresa, segundo o autor, a imprensa baiana buscou uma forma de conciliar todas essas contradições: “proclamar-se neutra, reservar seus espaços diários para seus interesses específicos e usar de

²² _____, *Jornal...*, 1972, op.cit., p. 71.

²³ _____ *História da imprensa brasileira*, 1990, op.cit., p. 209.

²⁴ _____ *Jornal...*, 1972, op.cit., p. 76.

²⁵ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, op.cit., p. 264.

todos os artifícios para camuflar sua ideologia e, ao mesmo tempo, desenvolver todos os mecanismos para garantir sua sobrevivência econômica.”²⁶

Com efeito, mesmo sob a máscara de uma aparente neutralidade, entre os anos de 1942 e 1945, houve um esforço dos periódicos no sentido de moldar a opinião pública de maneira que atendesse aos interesses dos grupos sociais envolvidos, disseminando discursos e assumindo posicionamentos que variavam conforme as conveniências do momento. Nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, com o avanço das forças nazistas, fascistas e nipônicas, o Brasil adotou uma postura de neutralidade diante do conflito, que se refletia nos meios de comunicação.²⁷ Entretanto, a partir da adesão do Brasil aos Aliados, ocorreu uma mudança, que contribuiu para o declínio do Estado Novo, pois o combate ao nazifascismo, no plano externo, estimulou a oposição ao regime ao nível interno, alargando as brechas do cerceamento imposto pela censura.²⁸

A historiografia sobre a imprensa no Brasil inclui uma grande quantidade de trabalhos relevantes. Dentre eles, um dos estudos pioneiros e certamente mais importantes é aquele realizado por Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Prado, publicado em 1980 e intitulado *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no Jornal O Estado de São Paulo*. Nesta pesquisa, as autoras buscam identificar o modelo político defendido pelo jornal paulista nas décadas de 1920 e 1930, que se apegava aos ideais liberais e à defesa da democracia.²⁹ Nesse sentido, elas observaram a tendência do periódico paulista em se manifestar contrário tanto ao integralismo quanto ao comunismo, rejeitando ambos os extremismos por considerá-los danosos às liberdades individuais. No entanto, Capelato e Prado verificaram que *O Estado de São Paulo* enfatizava que o comunismo representava um risco mais grave, pela maior quantidade de matérias e artigos sobre o assunto.³⁰

A investigação desenvolvida nesta tese se aproxima do estudo de Capelato e Prado pelo fato de ambas as pesquisas abordarem jornais da grande imprensa como objeto de análise, enfocando no aspecto ideológico do discurso dos periódicos. No entanto, existem diferenças consideráveis. Além de as autoras terem trabalhado com um único jornal, e de se tratar de um periódico paulista, as pesquisas se distinguem pelo recorte temporal, já que Capelato e Prado optaram por se ater às décadas de 1920 e 1930. Nesse período privilegiado pelas autoras, o

²⁶ SANTOS, José Weliton Aragão dos, op.cit., pp.76-9.

²⁷ SODRÉ, Nelson Werneck, op.cit., p. 386.

²⁸ Id., Ibid., p. 386.

²⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no Jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 91.

³⁰ Id., Ibid, p.101.

nazismo ainda parecia uma forma válida de combate ao comunismo, por isso, num primeiro momento, os regimes de extrema direita eram abordados de modo mais ameno no *Estado de São Paulo*. Todavia, nesta tese estudamos os jornais da imprensa baiana num outro contexto, o de combate ao nazifascismo, incitado pela declaração de guerra dos Estados Unidos aos países do Eixo, levando os periódicos a direcionarem suas linhas editoriais no sentido do apoio aos Aliados. Como ainda falta um estudo com esse recorte sobre a imprensa baiana no período, pretende-se, com este trabalho, fazer uma contribuição a fim de preencher essa lacuna, sem a pretensão de esgotá-la, mas visando a abertura de novas fronteiras.

Sobre o discurso da imprensa baiana, entre os diversos trabalhos que foram produzidos nos últimos anos, convém destacar o estudo desenvolvido por Maria do Socorro Soares Ferreira. Intitulada *A Tarde e a construção dos sentidos: ideologia e política (1928-1931)*, trata-se de uma dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal da Bahia, defendida em 2002. Nesse trabalho, a autora busca demonstrar que a ideologia liberal burguesa era, no período de transição da Primeira para a Segunda República, a base do pensamento político do jornal *A Tarde*. Através da noção de progresso, defendiam-se empreendimentos capitalistas e padrões de civilidade que excluía os costumes e práticas populares. Embora tenha um recorte temporal diferente do que está sendo privilegiado nesta tese, a dissertação de Maria do Socorro Ferreira é útil como referência por também situar a imprensa como instrumento de manipulação de crenças e valores que convinham a determinados segmentos da sociedade³¹.

Outro trabalho que é importante destacar é o de José Carlos Peixoto Júnior. Defendida na Universidade Federal da Bahia em 2003, sua dissertação discute o comportamento editorial do jornal *Diário de Notícias da Bahia*, o qual, nos anos iniciais da Segunda Guerra Mundial, deu cobertura ao conflito numa perspectiva que beneficiava o Eixo.³²

Mais uma investigação que relaciona imprensa e política é a de Bruno de Oliveira Moreira, *De heróis a tiranos: Jornal A Tarde, agências internacionais de notícias e a revolução cubana como representação jornalística (1959-1964)*. Esta dissertação de mestrado, também apresentada à Universidade Federal da Bahia e defendida em 2010, tem como objetivo investigar a cobertura do jornal *A Tarde* à Revolução Cubana nos seus cinco primeiros anos.³³ Este trabalho aborda o anticomunismo na imprensa num dos períodos das chamadas “ondas

³¹ FERREIRA, Maria do Socorro Soares. *A Tarde e a construção dos sentidos: ideologia e política (1928-1931)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2002.

³² PEIXOTO JÚNIOR, José Carlos. *A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia (1935-1941): um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em História). UFBA: Salvador, 2003.

³³ MOREIRA, Bruno de Oliveira. *De heróis a tiranos: Jornal A Tarde, agências internacionais de notícias e a revolução cubana como representação jornalística (1959-1964)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2010.

anticomunistas” (1961-1964), marcados pela perseguição às ideologias de esquerda e já bastante explorados pela historiografia. Para o autor, o fato de *A Tarde* ter reproduzido unilateralmente os textos fornecidos pela agência de notícias *Associated Press* significa a adesão a um discurso sobre a Revolução Cubana que foi se tornando depreciativo, “vinculada a um momento de ápice da chamada “guerra fria” e definido por uma tomada de posição deste jornal que pode ser entendido como declaradamente pró-estadunidense”.³⁴ Logo, *De heróis a tiranos...* é útil como referência por tratar do papel das instituições estrangeiras como reprodutoras de ideologias relacionadas à conjuntura mundial, acarretando em implicações internas, assim como ocorria no contexto pesquisado neste estudo.

Além dos jornais *A Tarde* e *O Imparcial*, escolhidos como fontes principais deste estudo, foram consultados os demais jornais editados em Salvador no período. São eles: *Estado da Bahia*, *Diário da Bahia* e *Diário de Notícias*. Todos os jornais encontram-se à disposição para consulta, em bom número e adequado estado de conservação, na Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Como metodologia de investigação desses jornais utilizados como fontes auxiliares, no intuito de realizar um contraponto ao discurso dos órgãos de comunicação analisados em prioridade, conferimos as edições dos periódicos que foram publicadas em determinados períodos, considerados cruciais no desenvolvimento desta pesquisa, a saber: janeiro de 1942, por conta do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, agosto e setembro de 1942, devido à entrada do Brasil na guerra; março de 1943, com a instalação, em Salvador, do escritório do “*Coordination Comitee for Bahia*” – Sub-Comitê do Coordenador dos Assuntos Interamericanos, filial do *Office of Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) na Bahia, órgão estadunidense destinado à superação da influência nazifascista na América Latina; julho de 1943, por causa do intercâmbio dos jornalistas brasileiros nos Estados Unidos, patrocinado pelo OCIAA; setembro de 1944, devido à chegada do Brasil ao teatro de guerra europeu; e os meses de fevereiro, abril, maio, julho, agosto, setembro e outubro de 1945, por conta das repercussões das conferências de Yalta e Potsdam, a morte do presidente norte-americano Franklin Roosevelt, a lei antitruste e a deposição do presidente brasileiro Getúlio Vargas. Todos os eventos mencionados foram oportunamente abordados neste estudo.

No tratamento das fontes da imprensa, observamos os artigos, as reportagens e os anúncios reproduzidos nas páginas dos jornais baianos acerca de diversos aspectos da vinculação entre o Brasil e os Estados Unidos, tais como: o discurso sobre a democracia, as

³⁴ Id, Ibid, p. 101.

relações comerciais, o intercâmbio científico e cultural entre os dois países e os argumentos a respeito do Eixo e da União Soviética. Em relação às notícias, no sentido de realizar um recorte adequado aos propósitos desta pesquisa, privilegamos a abordagem daquelas que tratavam especificamente da Bahia e sua relação com os Estados Unidos. Assim, nossa prioridade na investigação das matérias jornalísticas foi analisar o cenário baiano na interação com os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, embora tenhamos utilizado artigos e anúncios que dão conta da conjuntura nacional a fim de situar o estado nesse contexto.

Além disso, contribuíram para a realização desta pesquisa as atas das sessões ordinárias e extraordinárias da diretoria da Associação Baiana de Imprensa (ABI), de 1942 a 1944, arquivadas na biblioteca dessa instituição. Foram também utilizados como fontes os números da revista *Seiva*, editada em Salvador e vinculada a membros do então chamado Partido Comunista do Brasil (PCB),³⁵ para realizar um contraponto com a posição de comunistas acerca do americanismo na guerra contra o Eixo. Por fim, o Centro de Memória da Fundação Pedro Calmon dispõe das correspondências trocadas entre Simões Filho, diretor do jornal *A Tarde*, e Otávio Mangabeira. A relevância das correspondências de Mangabeira deve-se ao fato de que esse político foi extremamente importante no estreitamento das relações entre as classes dirigentes baianas e suas elites políticas e o país norte-americano. Depois de passar a maior parte da guerra exilado nos Estados Unidos, quando de seu retorno ao Brasil, no final do conflito, foi o responsável pela edição brasileira da revista *Seleções*, importante veículo de disseminação do americanismo por parte da diplomacia estadunidense.³⁶ Portanto, devido à importância daquele político para o estreitamento das relações entre a Bahia e os Estados Unidos no contexto histórico aqui tratado, essas cartas contêm dados interessantes ao desenvolvimento desta investigação.

No primeiro capítulo, abordamos a aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, levando ao rompimento de relações diplomáticas do país latino-americano com as nações do Eixo e a sua adesão ao conflito, ao lado dos Aliados. Em seguida, enfocamos na atuação da OCIAA, uma agência norte-americana que atuava para suplantiar a influência do nazifascismo e assegurar a hegemonia ianque nas Américas. Por fim,

³⁵ Partido Comunista do Brasil era o nome adotado pelo PCB desde a sua fundação. Posteriormente, a agremiação passou a se denominar Partido Comunista Brasileiro, mantendo a sigla PCB. Na década de 1960, houve uma dissidência no partido, a qual passou a adotar o nome Partido Comunista do Brasil, usando a sigla PCdoB. SPINDEL, Arnaldo. *O Partido Comunista na Gênese do Populismo*. São Paulo: Símbolo, 1980, p.17.

³⁶LIMA, Aruã Silva de. *Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946)*. Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana: UEFS, 2009, p. 166.

realizamos uma análise da maneira pela qual o projeto estadunidense se inseria nos planos e objetivos das elites políticas na Bahia, no contexto da guerra e da “redemocratização” do Brasil.

No segundo capítulo, analisamos os argumentos dos jornais editados em Salvador em defesa das instituições políticas norte-americanas, articulando-os com o contexto de luta pela redemocratização do Brasil. Em seguida, refletimos sobre a exposição das relações comerciais entre os vizinhos do norte e do sul na imprensa baiana, bem como a maneira pela qual a publicidade retratou o esforço de guerra empreendido por empresas estadunidenses, com filiais em território brasileiro.

O terceiro capítulo aborda o discurso da imprensa baiana a respeito do ideal pan-americanista, em voga no período. Além disso, verificamos de que forma os jornais reproduziram as impressões de baianos que viajaram aos Estados Unidos durante a guerra, alguns deles patrocinados pelo próprio governo norte-americano, como foi o caso de médicos, estudantes e jornalistas como Simões Filho, diretor do jornal *A Tarde*, e Wilson Lins, redator-chefe de *O Imparcial*.

O quarto capítulo tem como objetivo mostrar como a imprensa baiana buscou difundir a existência de uma aproximação entre a Bahia e os Estados Unidos, do ponto de vista cultural e intelectual, no contexto de adesão do Brasil aos Aliados, durante os últimos três anos da Segunda Guerra Mundial. Esse estreitamento de relações incluiu a visita de pesquisadores, professores e artistas norte-americanos à Bahia, devidamente exposta nas páginas dos periódicos baianos.

O quinto e último capítulo foi dedicado à abordagem de outros aspectos na imprensa baiana sobre o americanismo, que escaparam à extrema exaltação ao país norte-americano, como o reforço de estereótipos sobre a América Latina e a questão do racismo nos Estados Unidos. Além disso, enfocamos na cobertura dos jornais baianos sobre a União Soviética e os comunistas, bem como acerca do Eixo e seus simpatizantes no Brasil. Embora aparentemente não se relacionem de forma direta ao objeto principal desta pesquisa, esses temas foram tratados como um contraponto ao discurso pró-estadunidense predominante nos periódicos baianos, no contexto da guerra. E finalmente, encerramos com a reorganização do mundo no final do conflito e a transição democrática no Brasil.

CAPÍTULO 1 - Brasil e Estados Unidos: um projeto de aproximação entre os dois países

1.1 A aproximação entre Brasil e Estados Unidos na guerra

Até o início do século XX, o modelo do jornal europeu era seguido predominantemente pela imprensa brasileira. Porém, no final da década de 1920, devido à acelerada substituição de capitais ingleses, holandeses e alemães no Brasil por capitais estadunidenses, o jornalismo norte-americano passou a inspirar alguns dos grandes jornais, em sua objetividade e dinamismo.¹ Segundo Nilson Lage, após 1945, houve o início de uma transformação “marcada pela crescente influência norte-americana sobre a sociedade em geral e a imprensa em particular. Com maior ou menor disfarce, capitais do exterior passaram a influir na vida dos jornais.”²

Contudo, é possível verificar que a influência norte-americana no jornalismo brasileiro é anterior ao pós-guerra. As apreciações e os argumentos da imprensa da Bahia assumiram um caráter americanista na conjuntura da Segunda Guerra Mundial, que se desenvolvia à época. O americanismo consiste numa ideologia programática, cujos elementos mais importantes se constituíram nos Estados Unidos na primeira metade do século XX e passaram por um processo de implantação na América Latina.³ Dentre os principais elementos do americanismo, Antônio Pedro Tota cita a democracia, ligada aos ideais de liberdade, independência e direitos individuais. Outra característica importante é o progressivismo, que valoriza a capacidade criativa do povo estadunidense, apto a transformar paisagens e elaborar produtos manufaturados, para tornar a vida mais fácil e agradável. E, por fim, Tota menciona o tradicionalismo, que se refere à glorificação de valores como o amor familiar, a coragem e o temor a Deus. Dentre todos esses componentes do americanismo, o mais importante é o progressivismo, por melhor se adequar como embasamento ideológico para a americanização de todo o hemisfério. Dessa forma, a americanização seria o meio através do qual se dissolveriam possíveis resistências quanto à aproximação entre os Estados Unidos e o Brasil.⁴

De acordo com Perry Anderson, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, já havia nos Estados Unidos um conjunto de condições singulares que favorecia a construção de um sistema imperial, buscando impor sua hegemonia sobre as demais regiões do planeta. Dentre essas

¹ BAHIA, Juarez, *História da imprensa brasileira*, 1990, op.cit., p. 138.

² LAGE, Nilson, op.cit., p. 31.

³ TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 19.

⁴ Id., Ibid., pp. 19-20.

características, o autor cita uma economia de colonização livre de resquícios feudais, um território protegido por dois oceanos, a ideia de nação imbuída de uma predestinação sagrada e a crença de que a liberdade eterna era intrínseca à república norte-americana. Para o historiador inglês, a combinação desses quatro fatores embasara a convicção dos fundadores da nação estadunidense, como Thomas Jefferson, de que o país atuaria como um líder natural para o restante do mundo.⁵ Tanto que, “em 1910, o capitalismo norte-americano já se encontrava em um nível único, com uma magnitude industrial maior do que a da Alemanha e a da Grã-Bretanha juntas.”⁶

Já na Segunda Guerra Mundial, todas as suas prováveis consequências desagradavam os planos de Washington. Não era desejável o êxito de Hitler, nem uma vitória britânica que favorecesse a libra esterlina, muito menos uma hegemonia soviética. Nesse sentido, os técnicos de planejamento do presidente Franklin Roosevelt estabeleceram duas prioridades de longo prazo: a segurança do mundo deveria ser garantida em prol do desenvolvimento do capitalismo e, dentro do mundo capitalista, deveria haver a supremacia estadunidense.⁷

Em relação ao Brasil, o processo de americanização a que foi submetido foi obra do interesse estadunidense em manter todo o continente como parte de seu mercado.⁸ Até então, a América Latina era vista de forma depreciativa pelo americanismo:

Valorizava-se o homem branco, protestante, sempre mencionado como condutor do progresso na luta contra a vida selvagem, e criava-se uma imagem oposta para os latino-americanos. Segundo essa concepção, ao sul do rio Grande estava a América dos índios, dos negros, das mulheres e das crianças. Uma América que, via de regra, precisava aprender as lições do progresso e do capitalismo para abandonar essa posição “inferior”. Uma América que, em última instância, precisa ser domesticada.⁹

Essa posição avançada que os norte-americanos acreditavam ter no hemisfério incentivou-os a tomar para si o nome do continente:

Trata-se de um dos únicos países do mundo, se não o único, que não possui um nome específico substantivado. Mantendo a ideia de independência, o conjunto de estados adotou um nome comum: Estados Unidos da América. Havia, desde os primórdios, um desejo inconsciente, que se traduziria na ideia do “destino manifesto”: os Estados Unidos se apropriam da palavra América para denominar o país. O intrigante é que, em toda a documentação do Departamento de Estado examinada, a expressão “outras Américas” era usada para todos os países americanos com exceção dos Estados Unidos. Essa

⁵ ANDERSON, Perry. *A política externa norte-americana e seus teóricos*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 13.

⁶ Id., *Ibid.*, p. 15.

⁷ Id., *Ibid.*, p. 24.

⁸ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p. 35.

⁹ Id., *Ibid.*, p. 30.

perspectiva não incluía o Canadá, por razões culturais e raciais óbvias. Existia uma América, isto é, os Estados Unidos, país grandioso, com revolução industrial, magnatas, operários, Hollywood, arranha-céus, a modernidade, enfim, e as Outras, sem nada disso.¹⁰

A Segunda Guerra Mundial marcou o início de uma aproximação mais estreita entre os Estados Unidos e a América Latina. De acordo com Eric Hobsbawm, a Segunda Guerra Mundial foi provocada pela agressão da Alemanha, Japão e Itália, insatisfeitos pelos tratados assinados na década de 1930.¹¹ Anos antes, em decorrência da Primeira Guerra, a economia mundial mergulhara numa profunda crise, levando ao poder, na Alemanha e no Japão, “as forças políticas do militarismo e da extrema direita, empenhadas num rompimento deliberado com o status quo mais pelo confronto, se necessário militar, do que pela mudança negociada aos poucos.”¹² Esses dois países, mais a Itália, formaram o Eixo, contra o qual se opuseram os Aliados, como ficou conhecida a coalizão formada pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, a União Soviética e a China. Entretanto, ainda segundo Hobsbawm, a Segunda Guerra Mundial pode ser considerada global, porque envolveu quase todos os países independentes do mundo, seja como beligerantes e/ou como ocupados, tornando conhecidos territórios considerados longínquos, mas que se tornaram palcos dos conflitos, como as ilhas do Pacífico e os desertos africanos.¹³

Já o Brasil vivia desde 1937 a ditadura do Estado Novo. De acordo com Thomas Skidmore, o regime estadonovista vinha sendo gestado desde a revolta aliancista de 1935, pois o Congresso dera ao presidente Getúlio Vargas poderes de emergência com certa facilidade, o que o incentivou a desenvolver projetos de um governo autoritário, com a eliminação de opositores.¹⁴ O pretexto utilizado para justificar o golpe foi o chamado Plano Cohen. Elaborado por integralistas, tratava-se de um suposto plano de realização de uma nova intentona. O Congresso, então, concedeu a suspensão dos direitos constitucionais.¹⁵ A ditadura do Estado Novo se iniciou, desse modo, em 10 de novembro de 1937, com a imposição de um regime forte que fechou o Congresso e dissolveu os partidos.¹⁶

¹⁰ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 36-7.

¹¹ HOBBSAWM, Eric. “A era da guerra total”. In: HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 44.

¹² Id., *Ibid.*, p. 43.

¹³ Id., *Ibid.*, pp. 31-2.

¹⁴ SKIDMORE, Thomas, *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.46.

¹⁵ FAUSTO, Boris, *História do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001, p.363-4.

¹⁶ SKIDMORE, Thomas, op.cit., p. 50.

No início da Segunda Guerra Mundial, pretendendo que os vizinhos do sul aderissem aos Aliados, os Estados Unidos cooperaram “ativamente com todos os regimes estáveis e amigos da América Latina, fossem democracias ou ditaduras.”¹⁷ Entretanto, para o país norte-americano, a implementação de um regime autoritário no Brasil, o Estado Novo, poderia significar um alinhamento pró-Eixo no plano externo.¹⁸ De acordo com Francisco Luiz Corsi, o Estado Novo contrariou os interesses dos Estados Unidos

ao decretar moratória da dívida externa, estabelecer uma política cambial restritiva e aprofundar a legislação nacionalista. Isso gerou uma desconfiança junto ao empresariado e ao governo norte-americano quanto à possibilidade de uma radicalização do nacionalismo e de um estreitamento dos vínculos com a Alemanha.¹⁹

Porém, no nível diplomático, as autoridades norte-americanas não associaram o golpe no Brasil à influência de Berlim, mas apenas a uma “tendência que se tem manifestado frequentemente na América Latina no passado”.²⁰ Por sua vez, o governo brasileiro procurou tranquilizar as autoridades norte-americanas, tentando mostrar que o Estado Novo não tinha qualquer ligação com a Alemanha, demonstrando na prática com a designação de Oswaldo Aranha, até então embaixador em Washington e tido como amigo dos Estados Unidos, para a função de ministro das Relações Exteriores do Brasil.²¹ Seria interessante evitar confronto com os Estados Unidos, até porque “o reconhecimento do Estado Novo por Washington era importante para a sua sustentação.”²²

Para Gerson Moura, nos vinte anos anteriores à eclosão da Segunda Guerra Mundial, enquanto o alcance britânico diminuía, a influência alemã e norte-americana aumentava na América Latina. As correntes ideológicas do liberalismo, fascismo e socialismo disputavam adesões entre os povos latino-americanos. Contudo, política e economicamente, “a Grã-Bretanha defendia sua posição, enquanto Estados Unidos e Alemanha eram relevantes na medida em que o crescimento de seu sistema de poder os colocava em posições antagônicas perante as nações latino-americanas”.²³

¹⁷ BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 25.

¹⁸ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 106.

¹⁹ CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 1997, pp. 125-6.

²⁰ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 106.

²¹ Id., Ibid., p. 106.

²² CORSI, Francisco Luiz, op. cit., pp. 127-8.

²³ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil – Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012, p. 36.

A competição econômica entre a Alemanha e os Estados Unidos pelo mercado latino-americano remonta a antes de 1939. Quando o Brasil começou a exportar o algodão para a Alemanha, as empresas norte-americanas Sanbra e Anderson, Clayton & Cia conseguiram obter o monopólio da comercialização do produto, numa tentativa de fazer declinar a atividade.²⁴ No Brasil, o governo varguista se achava dividido, pois uma delegação alemã em viagem pela América Latina desejava fazer um acordo formal acerca de novas perspectivas de comércio para matérias-primas brasileiras, tendo angariado o apoio de uma corrente poderosa dentro do próprio regime, embora houvesse uma fração governista que defendia o livre-comércio.²⁵ Se um acordo formal com o governo germânico provocaria represálias das autoridades norte-americanas contra o Brasil, ao mesmo tempo, “era impossível ao país interromper repentinamente o comércio já volumoso que mantinha com a Alemanha e a Itália”.²⁶ Desse modo, a política comercial brasileira, desde 1934, foi ambígua em relação aos Estados Unidos e a Alemanha, pois o Brasil recorreu a duas modalidades de comércio excludentes entre si:

Com a Alemanha, praticou o comércio compensado, sistema em que importações e exportações eram feitas à base de troca de mercadorias, cujos valores eram contabilizados nas “caixas de compensação” de cada país. Com os Estados Unidos, praticou o livre comércio.²⁷

O governo norte-americano se preocupou em acompanhar as negociações germano-brasileiras, pois o Secretário de Estado, Cordell Hull, queria avaliar se esses acordos não comprometiam o tratado comercial Brasil - Estados Unidos.²⁸ Para evitar possíveis represálias, o embaixador Oswaldo Aranha deslocou o ministro Sousa Costa para os Estados Unidos. A viagem tinha como objetivo debater a questão do comércio teuto-brasileiro com as autoridades norte-americanas. Assim, foi realizada a missão Sousa Costa (junho/julho de 1937), em que também se discutiu a dívida externa brasileira e a criação de um Banco Central no Brasil.²⁹ O governo estadunidense concordou em tratar a dívida brasileira nos Estados Unidos separadamente da dívida na Europa. Quanto ao Banco Central, foi colocado à disposição do Brasil “o equivalente a sessenta milhões de dólares para a sua constituição, em condições

²⁴ BANDEIRA, Moniz, *Presença dos Estados Unidos no Brasil – dois séculos de história*. Rio do Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 255.

²⁵ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 75.

²⁶ Id., *ibid.*, p. 76.

²⁷ BUENO, Clodoaldo. “Rio Branco: prestígio, soberania e definição do território.”. In: CERVO, Amado Luiz e BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 254.

²⁸ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 91.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 94.

facilitadas de pagamento.”³⁰ Dessa forma, a missão Sousa Costa foi favorável ao Brasil. Já para Washington,

o essencial era garantir sua influência global sobre o Brasil, e para assegurá-la o governo Roosevelt fechou os olhos à aplicação rígida do livre-comércio, não deu ouvidos à totalidade das reclamações de exportadores, investidores e banqueiros norte-americanos, além de conceder facilidades financeiras ao país que ampliava então continuamente seu comércio com o adversário europeu dos EUA.³¹

Em maio de 1938, insatisfeitos com as restrições impostas por Vargas, os integralistas tentaram um golpe, que ficou conhecido como *putsch*. Entretanto, esse movimento foi rapidamente liquidado, numa demonstração de força do Estado Novo.³² O esmagamento do *putsch* integralista de 1938 desagradou o imperialismo alemão:

A imprensa de Berlim acusou o Estado Novo de usar a colônia alemã como bode expiatório para acobertar a crescente dominação do Brasil pelos Estados Unidos, enquanto Roosevelt se congratulou com Vargas pela sua vitória sobre os integralistas. Para o governo nacional-socialista alemão, em preparação acelerada para a guerra, o Brasil era importante como mercado e fonte de matérias-primas. Evidentemente um aumento de influências política e ideológica era sempre favorecido, mas os objetivos econômicos são de tal forma prioritários que eventuais humilhações são absorvidas sem maiores reações, como foi o caso do Embaixador Ritter, declarado *persona non grata* pelo governo brasileiro em 1938.³³

A 8ª Conferência Pan-Americana, realizada em Lima, e os Acordos de Washington (1939) recrudesceram o comprometimento de nosso país com o imperialismo norte-americano.³⁴ Embora as nações latino-americanas procurassem manter-se neutras, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha, “acreditava que o destino do país estava inextricavelmente vinculado ao dos Estados Unidos, que progressivamente se integravam no esforço de guerra aliado, chegando rapidamente a uma posição de pré-beligerância”.³⁵ Segundo Francisco Luiz Corsi, aparentemente, Aranha notava a intenção da política externa norte-americana em consolidar sua hegemonia na América Latina e, dessa forma, defendia que o Brasil se firmasse na região, apoiando os Estados Unidos nesse processo.³⁶ A ideia de que as economias do Brasil e dos Estados Unidos eram complementares seria fundamental para a

³⁰ Id., *ibid.*, p. 95.

³¹ Id., *ibid.*, p. 96.

³² PRESTES, Anita Leocádia. *Da insurreição armada (1935) à “União Nacional” (1938-1945): a virada tática na política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 40.

³³ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, *op.cit.*, p. 97.

³⁴ BANDEIRA, Moniz, *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, *op.cit.*, p. 265.

³⁵ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, p. 323.

³⁶ CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 1997, p. 149.

política de aliança entre os dois países, planejada por Aranha. Segundo Francisco Corsi, em documento intitulado “Aparelhamento Econômico do Brasil”, o chanceler

Frisa a necessidade de o governo Roosevelt adotar uma posição de decidida colaboração com o desenvolvimento econômico brasileiro. Caso contrário, frente às necessidades prementes enfrentadas pelo Brasil, o governo Vargas teria que recorrer à ajuda de outros países, particularmente da Alemanha. Frisa também que o Brasil só poderia pagar os créditos e as importações através das exportações de produtos primários, como vinha fazendo com a Alemanha. O documento coloca a seguinte opção para os norte-americanos: ou o apoio ao desenvolvimento do Brasil ou este continuaria se aproximando da Alemanha.³⁷

Contudo, grande parte da oficialidade brasileira cultivava simpatias pelos países do Eixo. Segundo Moniz Bandeira, muitos militares frequentavam o Clube Germânia, acompanhando os diplomatas nazistas. Além disso, “um grupo de oficiais da Força Aérea Brasileira, em 1939, visitou a indústria aeronáutica alemã e o General Góis Monteiro aceitou o convite de Hitler para conhecer a Alemanha.”³⁸ Afinal, de acordo com Stanley Hilton, Dutra e Góes Monteiro eram contumazes nacionalistas e anticomunistas, sendo admiradores da disciplina e a força do Exército alemão. Além deles, Filinto Muller era simpatizante da Alemanha e o ministro da Justiça, Francisco Campos, era fortemente inclinado ao fascismo.³⁹ Segundo Antônio Pedro Tota, o germanismo era, pois, um outro paradigma, que surgia como alternativa à dependência em relação à Inglaterra e à crescente influência dos Estados Unidos:

Naquele momento, o modelo autárquico experimentado pela Alemanha era aparentemente mais adequado para muitos militares brasileiros. O avanço implacável dos nazistas na Europa ocidental na primeira metade da década de 1940 entusiasmou não só o alto escalão do governo brasileiro, mas também as populações de origem germânica do Sul do país, que não estavam devidamente integradas à sociedade brasileira.⁴⁰

Dessa forma, a presença teutônica na América Latina procurava exercer influência política e ideológica no subcontinente por meio de canais de natureza diplomática e econômica, criando “uma rede de interesses e boa vontade com relação à causa alemã.”⁴¹

Segundo Gerson Moura, a partir de 1937, Vargas se deparou com dois grandes problemas internos: reequipar as Forças Armadas brasileiras e obter investimentos para o desenvolvimento da indústria siderúrgica. Tendo em vista essas necessidades, a política externa

³⁷ Id., *ibid.*, pp. 152-3.

³⁸ BANDEIRA, Moniz, *op.cit.*, p. 265.

³⁹ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha, op.cit.*, p. 265.

⁴⁰ TOTA, Antônio Pedro, *O imperialismo sedutor*, *Op.cit.*, p. 23.

⁴¹ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil, op.cit.*, p. 38.

do país adotou o chamado equilíbrio pragmático, num período em que a iminência de uma segunda guerra mundial e a crescente influência dos militares junto à política nacional tornavam urgente a aquisição de material bélico. Mesmo depois de iniciada a guerra, “o governo brasileiro tentou estreneamente receber materiais alemães, ao mesmo tempo tentando comprar equipamentos e munições dos Estados Unidos.”⁴²

Já em relação à siderurgia, a crise cambial, que se iniciou em 1929, e o desenvolvimento tecnológico conseguido por São Paulo em decorrência da Revolução Constitucionalista de 1932, motivavam o Brasil a impulsionar a construção de um parque industrial que dispensasse as importações de máquinas e equipamentos, estimulando a resistência nacionalista ao controle da economia pelos grupos estrangeiros.⁴³ No entanto, parecia não haver alternativa, pois a burguesia brasileira não se sentia capacitada para desempenhar essa função, dependendo do imperialismo, fosse o norte-americano ou o alemão, embora as relações com o Reich cada vez mais se deteriorassem devido à tentativa de golpe dos integralistas e da luta entre americanófilos e germanófilos, que ocorria dentro do próprio governo do Brasil.⁴⁴

O governo Roosevelt acreditava que o nazifascismo era uma ameaça concreta à América. Consequentemente, o comando norte-americano coordenava planos de defesa hemisférica, para os quais desejava obter uma colaboração mais estreita das autoridades latino-americanas, principalmente do Brasil.⁴⁵ Contudo, as solicitações estadunidenses de colaboração político-militar esbarraram nas reivindicações brasileiras de auxílio para instalação da grande siderurgia e reequipamento das forças armadas.⁴⁶ Nas negociações com as autoridades norte-americanas, “Vargas dispunha dos seguintes elementos de barganha: a Alemanha podia fornecer armas já encomendadas e aceitava novas encomendas, além de ter empresas capacitadas a montar em nosso país uma usina siderúrgica completa.”⁴⁷ Portanto, menos de duas semanas após sua posse, o Ministério da Guerra assinou um contrato secreto para mais de mil peças de artilharia com a Krupp que, “em combinação com o governo alemão, concordava em receber a maior parte do pagamento em marcos de compensação que o Brasil ganharia com a exportação de matérias-primas acima das cotas fixadas”.⁴⁸ Já o governo norte-americano não podia oferecer as mesmas condições e suas empresas evitavam dar uma resposta definitiva a

⁴² MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil*, op. cit., p. 54.

⁴³ BANDEIRA, Moniz, op.cit., p. 255.

⁴⁴ Id., *ibid.*, p. 265.

⁴⁵ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 126.

⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 150.

⁴⁷ Id., *ibid.*, p. 145.

⁴⁸ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha*, op.cit., p. 273.

respeito do financiamento à indústria siderúrgica brasileira.⁴⁹ Era também o momento em que os Estados Unidos ampliavam seu auxílio material à Grã-Bretanha, sem ter condições de oferecer ao Brasil uma proposta plausível.⁵⁰

Em 1940, o bloqueio naval britânico contra a Alemanha retirou a América Latina da esfera de ação germânica. Desta maneira, as preocupações norte-americanas em torno do comércio de compensação entre Brasil e Alemanha foram sanadas pelo Reino Unido. Ao mesmo tempo, “o bloqueio britânico causou um novo problema no suprimento de bens manufaturados aos países latino-americanos, já que nem os Estados Unidos nem o Reino Unido podiam repor imediatamente as fontes alemãs perdidas.”⁵¹ Contudo, o fato de a Alemanha não ter conseguido manter o comércio exterior com o Brasil não significou que seu alcance político estivesse declinando. As vitórias do Eixo nos anos iniciais da guerra engendraram dois poderosos impérios, o alemão na Europa e o japonês no Extremo Oriente e no Sudeste Asiático, estimulando apoios nas Américas.⁵²

Era mais provável que Vargas preferisse a colaboração norte-americana à alemã, por avaliar a dificuldade em fugir de sua área de influência, salvo em caso de uma avassaladora vitória germânica na guerra então em curso, cujo desfecho parecia imprevisível.⁵³ Aparentemente, o presidente brasileiro estava ciente de que seria muito difícil ignorar a política norte-americana de unidade continental, tampouco apoiar os nazistas caso os Estados Unidos entrassem no conflito. Em contrapartida, era evidente a importância do Brasil para Washington, pois se tornou fundamental ao país norte-americano consolidar sua posição no Atlântico e no continente, dado o enfraquecimento da armada inglesa, o despreparo das forças armadas estadunidenses e a ampliação do domínio do Japão no Oriente.⁵⁴

Em seu discurso de 11 de junho de 1940, a bordo do navio Minas Gerais, Getúlio Vargas se afirmou pan-americanista, mas, em seguida, atacou a organização social e política liberal e elogiou “as nações fortes que se impõem pela organização baseada no sentimento de Pátria e sustentando-se pela convicção da própria superioridade”.⁵⁵ A declaração produziu uma enorme polêmica tanto no Brasil como nos Estados Unidos,

⁴⁹ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, op.cit.,p. 145.

⁵⁰ Id., *ibid.*, p. 151.

⁵¹ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil*, op. cit., pp. 58-9.

⁵² Id., *ibid.*, pp. 59.

⁵³ CORSI, Francisco Luiz, op.cit., p. 219.

⁵⁴ Id., *ibid.*, pp. 225-6.

⁵⁵ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 153.

por sua aparente adesão ao fascismo, em oposição à liberal-democracia. Se Vargas já tinha feito chegar ao governo americano a notícia de que algumas empresas alemãs estavam dispostas a implantar a siderurgia no Brasil, o discurso assume o significado de um último aviso. O Brasil era pan-americano em princípio, mas havia problemas de solução urgente. O governo estava disposto a implementar a industrialização (siderurgia) e a reaparelhar as forças armadas para isso, se valeria de todos os recursos disponíveis, inclusive mirar-se na organização política dos ‘povos vigorosos’, ou seja, a Alemanha.⁵⁶

Segundo Stanley Hilton, o presidente brasileiro tirou proveito da rivalidade germano-americana, num momento em que os Estados Unidos pediam colaboração hemisférica. Desde a eclosão da guerra, as negociações “com empresas norte-americanas e com o Departamento de Estado vinham sendo intensificadas sob a supervisão pessoal de Vargas.”⁵⁷

Oswaldo Aranha também usou o perigo da influência alemã para estimular Washington a oferecer uma resposta às aspirações brasileiras. Em documento levantado por Francisco Luiz Corsi, há uma intenção do ministro em pressionar os Estados Unidos, insinuando uma eventual aproximação com a Alemanha.⁵⁸ Em setembro, por ainda não haver acordo acerca do projeto siderúrgico, o chanceler comentou com o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Jefferson Caffery, que a Krupp fizera uma “oferta muito atraente” nesse sentido. A pressão surtiu efeito: três semanas depois, o presidente da Comissão Nacional Siderúrgica, Guilherme Guinle, e o presidente do Export-Import Bank acertaram o acordo, segundo o qual o Brasil receberia um empréstimo de US\$ 20 milhões para aquisição de materiais e equipamentos necessários à construção da usina.⁵⁹

Enquanto isso, os Estados Unidos planejavam a sua própria entrada na guerra. Na América do Sul, devido à considerável penetração da presença alemã, “a iniciativa se desdobrou em vários planos: diplomático, ideológico, econômico, político e militar.”⁶⁰ No plano militar, buscou-se encorajar um processo de colaboração entre as forças militares do continente, como a “ativação das missões militares junto aos governos latino-americanos e visitas de altas patentes militares da América Latina aos estabelecimentos militares americanos.”⁶¹

Os militares norte-americanos exigiam, para as suas tropas, a utilização e instalação de bases navais e aéreas do Brasil, visando a defesa do continente.⁶² A Blitzkrieg contra os países

⁵⁶ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*: op.cit., p. 153.

⁵⁷ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha*: op.cit., p. 346.

⁵⁸ CORSI, Francisco Luiz. Op.cit., p. 149.

⁵⁹ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha*: op.cit., p. 347.

⁶⁰ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*: op.cit., p. 146.

⁶¹ Id., *ibid.*, p. 147.

⁶² MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 150.

da Europa Ocidental realçou a vulnerabilidade do Nordeste brasileiro. Os nazistas tinham enviado tropas para a África do Norte, mas, na interpretação do alto comando militar norte-americano, o território africano era um entreposto para alcançar o Brasil.⁶³ Dessa forma, Roosevelt procurou entabular um diálogo com o Rio de Janeiro sobre a defesa da região, com especial atenção para a ilha de Fernando de Noronha.⁶⁴

Devido ao fato de a localização geográfica do Nordeste representar um elo estratégico entre a Europa, as Américas, a África e até o Oriente Médio, os militares consideraram necessário proteger a região das aspirações nazistas. Assim, os estadunidenses “montaram uma linha defensiva iniciada na sua costa atlântica se encerrando no Saliente Nordestino.”⁶⁵ Segundo Luiz Antônio Pinto Cruz, o Saliente Nordestino diz respeito a uma parte da região Nordeste que

se sobressai, debruçando-se em direção ao Atlântico Sul e bem mais próximo à África.” Essa “saliência” é formada pelos seguintes estados da federação: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, incluindo-se aí as ilhas de Fernando de Noronha e de Trindade, além do atol das Rocas.⁶⁶

Segundo o governo norte-americano, era essencial garantir o Nordeste brasileiro para o caso de um ataque alemão vindo da costa ocidental da África, pois as forças armadas brasileiras não apresentavam condições de defender sozinhas a região, por não terem soldados e material bélico suficientes.⁶⁷

O Estado-Maior do Exército brasileiro forneceu de bom grado as informações solicitadas pelos oficiais norte-americanos, lhes autorizando a fazer o reconhecimento do Nordeste.⁶⁸ Em outubro de 1941, Washington ofereceu outro acordo, “nos termos do *lend and lease*, para empréstimo e arrendamento de material bélico ao Brasil.”⁶⁹ Apesar disso, nos Estados Unidos, havia um clima desfavorável a Vargas, por conta da não utilização pelo Brasil do crédito de 12 milhões de dólares, concedido pelo *Export and Import Bank*, para a compra de armamentos. Além disso, o Ministério da Guerra criticava o General Góis Monteiro por não ter conseguido o mapeamento aéreo do Nordeste brasileiro, previamente solicitado. Essa atitude reforçava a suspeita, levantada pela imprensa, de que Góis Monteiro fosse simpático ao Eixo, desconfiança que se estendia também a outro general, Eurico Gaspar Dutra.⁷⁰ De fato, devido

⁶³ CRUZ, Luiz Antônio Pinto. “*A guerra já chegou entre nós!*”: o cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945). Salvador: UFBA (Dissertação de mestrado), 2012, p. 48.

⁶⁴ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha*: op.cit., pp. 331-2.

⁶⁵ CRUZ, Luiz Antônio Pinto, op. cit., pp. 48.

⁶⁶ Id., *ibid.*, pp. 47-8.

⁶⁷ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*: op.cit., p. 150.

⁶⁸ BANDEIRA, Moniz, op.cit., p. 279.

⁶⁹ Id., *ibid.*, p. 279.

⁷⁰ BANDEIRA, Moniz, op.cit., p. 281.

aos rumores de simpatia pelo Eixo entre dirigentes militares brasileiros, o *War Department* não estava seguro quanto ao posicionamento do Brasil, na eventualidade de os Estados Unidos entrarem na guerra. Por outro lado, avaliava como imprescindível a proteção do Nordeste, pois essa região poderia servir como via de acesso ao Norte da África. Dessa forma, adiava a entrega de armamento ao Brasil, enquanto elaborava maneiras de ocupar as ambicionadas bases.⁷¹

O ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 7 de dezembro de 1941, generalizou o conflito, pois, em poucos meses, “os japoneses tinham tomado todo o Sudeste Asiático, continental e insular, ameaçando invadir a Índia a partir da Birmânia no oeste, e o vazio Norte da Austrália a partir da Nova Guiné.”⁷² Sem poder levar adiante a postura de neutralidade diante da guerra, Vargas manifestou solidariedade a Roosevelt, que lhe pediu permissão para enviar a cada base do Nordeste em torno de cinquenta militares americanos, sob o argumento de que a escala em Natal era fundamental aos voos para a África, pois a rota do Pacífico já não podia ser utilizada.⁷³

Vargas hesitou em romper relações diplomáticas com o Eixo, pois mantinha cordialidades com Mussolini, através do Embaixador Luís Sparano, um notório fascista, além de ver “na Alemanha um instrumento de pressão para forçar os Estados Unidos a atender às suas exigências”⁷⁴. Os interesses comerciais do Brasil também pesavam a favor do Eixo, pois, segundo a Embaixada no Rio de Janeiro, o intercâmbio com a Alemanha chegou a representar, entre 1934 e 1938, a quarta parte do comércio exterior brasileiro e somente três e meio por cento do alemão. Por conta disso, as autoridades nazistas duvidavam que o Brasil de fato rompesse relações com o país teutônico, esperando que o comando varguista tomasse uma atitude semelhante à da Espanha, que se solidarizara com o Eixo, mas não rompera relações com a Inglaterra e os Estados Unidos.⁷⁵

Além disso, as incertezas quanto ao resultado da guerra induziam à postura de neutralidade. Havia também a necessidade de manter boas relações com a Argentina, que se opunha à proposta dos Estados Unidos e defendia uma política de não-beligerância. Objetivando atrair outros países latinos para a sua posição, a Argentina procurava influenciar os vizinhos que não desejavam bater de frente com o país de Perón. Chile, Peru, Paraguai e

⁷¹ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*: op.cit., p. 160.

⁷² HOBBSAWM, Eric, op.cit., p. 48.

⁷³ BANDEIRA, Moniz, op.cit., p. 282.

⁷⁴ Id., *ibid.*, p. 283.

⁷⁵ Id., *ibid.*, p. 283.

Bolívia vinham preferindo conservar a neutralidade, enquanto o Brasil se aproximava cada vez mais aos Estados Unidos, sobretudo no plano da retórica.⁷⁶

Ao mesmo tempo em que se debatia a posição do continente, os governos do Eixo tentavam persuadir o governo brasileiro, em audiências oficiais e contatos particulares, a não abandonar a neutralidade, sob o argumento de que o Reich não tinha nenhuma pretensão sobre a América do Sul e “que Washington desejava um rompimento da América Latina com o Eixo somente para proteger seus próprios interesses.”⁷⁷ Enquanto isso, políticos e teóricos do pan-americanismo consideravam aquela uma grande oportunidade de unir todo o continente americano. Assim, Roosevelt realizou, no dia 10 de dezembro de 1941, uma convocação de emergência dos ministros do Exterior de todas as repúblicas do hemisfério, sediando o evento no Rio de Janeiro.⁷⁸

A III Conferência dos Chanceleres, no Rio de Janeiro, foi realizada em janeiro de 1942. O representante estadunidense era Sumner Welles, “amigo de Roosevelt e subsecretário para assuntos relacionados à América Latina”.⁷⁹ Ele concordava com o chanceler brasileiro, Oswaldo Aranha, que era necessário um acordo que agradasse a todos, traduzindo-se na aceitação integral da proposta norte-americana: o rompimento de relações com os países do Eixo.⁸⁰ Segundo Gerson Moura, a Conferência do Rio de Janeiro foi dominada pelas discussões a respeito do rompimento de relações diplomáticas dos países americanos com o Eixo e pelos embates entre os Estados Unidos e a Argentina sobre essa questão.⁸¹ De acordo com Lars Schoultz, a Argentina tinha várias razões para não se envolver na guerra: obtivera vantagens com a neutralidade mantida durante a Primeira Guerra Mundial, não havia sofrido ataques diretos decorrentes do conflito e se deparava com a dificuldade de se criar um sentimento anti-Eixo num país com uma população grande de italianos de primeira geração e uma expressiva comunidade germânica. Nesse sentido, não havia como ser gerada na América Latina uma distinção entre o bem e o mal, personificado, respectivamente, pelas potências democráticas e pelo nazifascismo, segundo o discurso aliado. Para o autor, “do mesmo modo que ocorrera com os cidadãos dos EUA no final da década de 1930, os argentinos estavam divididos em suas lealdades e não desejavam se envolver numa guerra simplesmente porque os Estados Unidos

⁷⁶ CORSI, Francisco Luiz. *Op.cit.*, p. 269.

⁷⁷ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: op.cit.*, p. 386.

⁷⁸ TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 146.

⁷⁹ Id., *ibid.*, p. 146.

⁸⁰ Id., *ibid.*, p. 146.

⁸¹ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil, op.cit.*, p. 84.

havia sido atacados pelos japoneses no meio do Pacífico.”⁸² Dessa forma, na Conferência do Rio, a Argentina ofereceu resistência em relação ao rompimento das relações diplomáticas com o Eixo.

Além disso, os representantes dos governos nazifascistas no Brasil atuaram no sentido de evitar o rompimento de relações, mas Vargas esperava apenas uma garantia das autoridades norte-americanas para alinhar-se ao país ianque.⁸³ Ao finalmente se comprometer a equipar as Forças Armadas brasileiras, o governo norte-americano consolidava sua hegemonia, “apesar das resistências argentina e chilena em romper com o Eixo naquele momento.”⁸⁴ Contudo, a Conferência do Rio de Janeiro representou uma vitória para os Estados Unidos, pois as quarenta resoluções aprovadas na reunião garantiam a coordenação de políticas interamericanas sob a liderança estadunidense.⁸⁵ Para Francisco Luiz Corsi, as resoluções econômicas da Conferência do Rio de Janeiro apontam que Washington “concebia as economias latino-americanas como complementares à dos Estados Unidos e cuja função seria fornecer produtos primários.”⁸⁶ Segundo o autor, as definições da Conferência “visavam consolidar a posição econômica norte-americana no continente e também indicavam ser muito difícil para qualquer país da América Latina seguir um caminho de desenvolvimento mais independente em relação aos EUA”.⁸⁷

Os compromissos firmados por Roosevelt e Vargas se concretizaram com a Missão Sousa Costa aos Estados Unidos em fevereiro-março de 1942. Sousa Costa, que era ministro da Fazenda de Getúlio Vargas, confirmou o envio de matérias-primas estratégicas para o país norte-americano e conseguiu das autoridades norte-americanas a aceleração da entrega do material bélico de transporte marítimo e ferroviário.⁸⁸ Assim, o Brasil abandonou a neutralidade, tomando partido no conflito.

Segundo João Falcão, o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo contou com amplo apoio popular. Foram organizadas diversas entidades patrióticas, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Sociedade Amigos da América (SAA), a Liga de Defesa Nacional (LDN) e os organismos existentes nos estados. Todos esses grupos constituíram um movimento patriótico e antifascista, congregando diferentes correntes, como os liberais democratas, os comunistas e antifascistas em geral, além de membros de variados

⁸² SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru: EDUSC, 2000, p. 344.

⁸³ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*: op.cit., p. 164.

⁸⁴ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*: op.cit., p. 166.

⁸⁵ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil*: op.cit., p. 85.

⁸⁶ CORSI, Francisco Luiz. *Op.cit.*, p. 277.

⁸⁷ CORSI, Francisco Luiz. *Op.cit.*, p. 277.

⁸⁸ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*: op.cit., p. 167.

segmentos sociais, contra a ameaça nazifascista.⁸⁹ Ainda de acordo com João Falcão, a capital baiana foi pioneira nos protestos de rua contra o nazifascismo no Brasil:

De Salvador partiu a primeira grande manifestação popular contra o Eixo. No dia 2 de fevereiro [de 1942], cinco dias depois do rompimento, os jornais locais publicaram com bastante destaque a convocação feita por todas as classes sociais para um comício de solidariedade ao presidente Vargas a ser realizado no dia seguinte. Estava assinada por representativas figuras da vida baiana. Seguem-se as assinaturas dos presidentes dos diretórios acadêmicos de todas as faculdades, das entidades esportivas, dos clubes sociais e de cinquenta sindicatos de classe, encerrando esse numeroso rol de representantes classistas, aparecem os nomes de oito personalidades do alto comércio, da indústria e da área de serviços, as figuras mais expressivas da burguesia baiana.⁹⁰

A represália alemã se concretizou com o torpedeamento de navios brasileiros por submarinos de origem germânica. As autoridades em Berlim estavam descontentes com o desenrolar da política brasileira. Em 15 de junho, em conferência com o ministro da Marinha, o almirante Karl Raeder, Hitler autorizou operações submarinas contra navios mercantes ao longo do litoral brasileiro. No início de julho, “um grupo de oito submarinos partiu de bases na costa francesa e, um mês depois, alcançou suas estações nas águas do Nordeste. No dia 15 de agosto iniciaram operações, pondo a pique cinco navios em três dias com perda de centenas de vidas.”⁹¹

Ocorridos no litoral da Bahia e de Sergipe, os ataques revoltaram a população de várias cidades brasileiras e motivaram as primeiras manifestações de rua, após o golpe de 10 de novembro de 1937, exaltando a opinião pública, especialmente os estudantes.⁹² De acordo com Moniz Bandeira, “a propaganda a favor dos Estados Unidos, de caráter democrático e liberal, confundia-se com a oposição ao regime e molestava as autoridades do Estado Novo.”⁹³ O general Dutra, ministro da Guerra, associava-a às atividades comunistas, pois via semelhanças entre essa agitação e o movimento antifascista de 1935, levando-o a recomendar maior rigor na censura à imprensa e à publicidade, embora não restringisse a solidariedade aos Estados Unidos.⁹⁴

⁸⁹ FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999, p. 21.

⁹⁰ Id., *Ibid.*, pp. 79-80.

⁹¹ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: op.cit.*, pp. 397-8.

⁹² SAMPAIO, Consuelo Novais. *A Bahia na Segunda Guerra Mundial*. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2011/09/16/a-bahia-na-segunda-guerra-mundial/>. Acessado em 08 de fevereiro de 2018.

⁹³ BANDEIRA, Moniz, *op.cit.*, p. 286.

⁹⁴ Id., *Ibid.*, p. 286.

Os estudantes foram às ruas para exigir que Vargas declarasse guerra ao Eixo.⁹⁵ Segundo João Falcão, o ataque nazista causou grande comoção na população baiana:

A tragédia dos torpedeamentos provocou a indignação do povo em todos os recantos do país, e sua reação ao ultraje foi indescritível. Em Salvador – testemunhei –, uma onda de ódio e pundonor cívico levantou-se e espalhou-se por toda a cidade, traduzindo-se pelas manifestações populares, passeatas e comícios que reuniam multidões, onde oradores inflamados e traumatizados pediam vingança e a declaração de guerra. Dia e noite o povo baiano permaneceu nas ruas, enfrentando a chuva e muitas vezes a Polícia Especial, gritando pela guerra – já por ele declarada – e prometendo desforra em desagravo aos irmãos que tombaram.⁹⁶

A revolta popular teria atingido estabelecimentos comerciais de origem alemã e italiana:

Daí para a prática de atos de depredação das casas comerciais de alemães, italianos e também de espanhóis, que formavam a maior coletividade estrangeira na Bahia, foi um passo. Provocadores incentivaram a massa e invadiam lojas e escritórios dos membros dessas colônias. O saque foi inevitável. Os antifascistas e os comunistas tomaram posição imediata contra os atos de vandalismo, e nas praças públicas os oradores a eles vinculados pediam calma e procuravam esclarecer o povo no sentido de que a anarquia e o caos só interessavam aos nossos inimigos e à quintacoluna. Explicavam que os bens dos súditos do Eixo responderiam pela indenização dos prejuízos causados ao Brasil pela guerra, devendo, portanto, ser preservados. Travou-se uma luta acirrada entre os patriotas esclarecidos e politizados e os patriotas apaixonados e cegos pelo justo ódio, que não queriam explicações. Com estes e com os provocadores ficou, inicialmente, a maioria dos populares, que os acompanhava pelas ruas, praticando violências, mas, aos poucos, os primeiros foram ganhando a confiança da massa e restabeleceu-se a ordem.⁹⁷

Segundo Maria Helena Chaves Silva, também foram colocados sob suspeita estabelecimentos comerciais de origem espanhola, pois o general Francisco Franco vencera a guerra civil no país ibérico com a ajuda de Hitler e Mussolini. Foram depredadas firmas comerciais de origem alemã, como a Westphalen, Bach & Cia. e a Charutaria Dannemann, além de outros estabelecimentos que tivessem símbolos considerados suspeitos, como a suástica. Consta ainda que foram arrancadas as placas das ruas da Itália e da Alemanha, no bairro Comércio, em Salvador. Para Maria Helena Chaves Silva, essas ações coletivas de vandalismo, bem como os comícios e passeatas, aproximavam as pessoas comuns da Segunda Guerra Mundial.⁹⁸

⁹⁵ Id., *Ibid.*, p. 286.

⁹⁶ FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra*: op.cit., p. 104.

⁹⁷ Id., *ibid.*, p. 104.

⁹⁸ SILVA, Maria Helena Chaves. *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*. Salvador, Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2007, pp. 190-1.

A Suerdieck, de origem teutônica, publicou no jornal *A Tarde* uma declaração, em resposta ao despacho emitido pelo Ministro do Trabalho requerendo à firma a demissão de empregados súditos do Eixo. Além de afirmar tê-los dispensado, a empresa alega não ter mantido correspondência em alemão com esses funcionários e ter censurado qualquer tipo de manifestação política simpática ao totalitarismo. Por fim, assegura que a empresa era de brasileiros e estava “perfeitamente integrada na vida nacional, não tendo sequer um sócio estrangeiro, como se pode verificar do seu contrato social, arquivado na Junta Comercial.”⁹⁹

Numa fonte levantada por Moniz Bandeira, o comandante da 6ª Região Militar, em Salvador, percebeu que a proteção do comando do estado aos integralistas repercutia mal junto à população. O militar apontou “os comunistas, sob a capa da Democracia, e unidos aos verdadeiros democratas” como os agitadores em oposição ao governo, a partir do momento em que se acentuou a aproximação da política externa brasileira com os Estados Unidos. Entretanto, as tropas do Exército garantiram a passeata dos estudantes.¹⁰⁰ Logo, estimulada pelos antifascistas, pelos entusiastas dos Estados Unidos, pelos comunistas e pelos estudantes, a opinião pública nacional pressionava para que o Brasil se comprometesse nessa luta contra a agressão nazista.¹⁰¹ Nesse processo, a reivindicação pela participação do Brasil na guerra contra o Eixo acabou se voltando contra as correntes fascistas do próprio regime.¹⁰²

Por conta dos ataques, houve uma série de reuniões ministeriais, nas quais os conselheiros de Vargas estavam divididos quanto à atitude mais adequada a ser tomada diante da agressão nazista. Enquanto alguns ministros achavam que bastariam protestos, de acordo com Stanley Hilton, foi Oswaldo Aranha que conseguiu impor seu ponto de vista, levando ao reconhecimento do Brasil da existência de um estado de guerra com a Alemanha e a Itália.¹⁰³ Dessa forma, pressionado pelas manifestações de rua e por integrantes do regime estadonovista entusiastas da causa aliada, o governo federal declarou guerra à Alemanha, Itália e Japão, em agosto de 1942.¹⁰⁴ Para Moniz Bandeira,

A declaração de beligerância, em 21 de agosto de 1942, apenas formalizou uma situação de fato, evitando que o regime caminhasse para a derrocada, com a nação em dissidência. E o imperialismo norte-americano mais uma vez se beneficiou. O Governo brasileiro, com o estado de guerra, liquidou o Banco Germânico da América do Sul, o Banco Francês e Italiano e o Banco Alemão

⁹⁹ “DECLARAÇÃO”. *A Tarde*, 12 de maio de 1943.

¹⁰⁰ BANDEIRA, Moniz, op.cit., p. 286.

¹⁰¹ FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra: op.cit.*, p.64.

¹⁰² BANDEIRA, Moniz, op.cit., p. 287.

¹⁰³ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: op.cit.*, pp. 398-9.

¹⁰⁴ TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Ática, 1987, p. 431.

Transatlântico. Os universitários ocuparam a sede do Clube Germânia, na Praia do Flamengo, e ali instalaram a sede da UNE.¹⁰⁵

Assim, com o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo e a declaração de guerra do país latino-americano a Alemanha, Itália e Japão, o sentimento antifascista que dominava a sociedade brasileira rapidamente passou a se identificar com a ideologia liberal, na qual os Estados Unidos apareciam como seu maior representante.

1.2 Agência do Coordenador de Assuntos Interamericanos (OCIAA)

Nos anos iniciais da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos iniciaram um processo de aproximação com a América Latina que não se reduzia apenas às relações econômicas e políticas, o que incluía sua dimensão bélica. A postura oficial de Roosevelt e seus militares era mais pacífica em relação aos vizinhos do sul, pois, diferentemente do seu primo distante, o ex-presidente Theodore, “Franklin Roosevelt nunca tratou os latino-americanos com a expressão pejorativa de *dagos* (vagabundos).”¹⁰⁶ Theodore Roosevelt liderou o chamado Movimento Progressista (1889 – 1920), que buscava tirar proveito das insatisfações do eleitorado baseando-se numa campanha para reformas políticas, econômicas e sociais nos Estados Unidos. De acordo com esse movimento, na política externa para a América Latina, foi concretizado o *big stick* (porrete grande), consistindo na política de intervenção na América Latina e no Caribe, visando garantir os interesses norte-americanos na região, a exemplo do Canal do Panamá.¹⁰⁷

A Política de Boa Vizinhança substituiu o *big stick*. Segundo Roberto Gambini, a nova postura estadunidense em relação à sua política externa foi resultante da compreensão de que a suspensão da intervenção militar era necessária à consolidação do seu comércio exterior:

A Política de Boa Vizinhança resultava em parte do reconhecimento de que os Estados Unidos deveriam agir com mais tática em suas relações com vizinhos mais fracos, e em parte da percepção de que a intervenção militar na verdade atrapalhava o uso efetivo do poder político e econômico dos Estados Unidos.¹⁰⁸

Na Segunda Guerra Mundial, o país norte-americano conseguiu submeter à sua hegemonia as nações mais fracas, pois entrou no conflito com o mercado interno em relativo

¹⁰⁵ BANDEIRA, Moniz, op.cit., p. 287.

¹⁰⁶ KARNAL, Leandro [et al.]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 182.

¹⁰⁷ SCHULTZ, Lars. Op.cit., p. 270.

¹⁰⁸ GARDNER, Lloyd. *Economic Aspects of New Deal Policy*, p. 40. Apud: GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.p. 36.

equilíbrio e não sofreu, diretamente, os danos causados pelos confrontos.¹⁰⁹ Segundo Hobsbawm,

As guerras foram visivelmente boas para a economia dos EUA. Sua taxa de crescimento nas duas guerras foi bastante extraordinária, sobretudo na Segunda Guerra Mundial, quando aumentou mais ou menos 10 por cento ao ano, mais rápido que nunca antes ou depois. Em ambas os EUA se beneficiaram do fato de estarem distantes da luta e serem o principal arsenal de seus aliados, e da capacidade de sua economia de organizar a expansão da produção de modo mais eficiente que qualquer outro. [...] As guerras, que os fortaleceram enquanto enfraqueciam, relativa ou absolutamente, suas concorrentes, transformaram sua situação.¹¹⁰

Já o Brasil, como um país capitalista periférico, precisava buscar capitais estrangeiros privados para seu crescimento e, nesse sentido, sentiu fortemente a influência estadunidense.¹¹¹ Até meados da década de 1930, as relações entre o Brasil e os Estados Unidos não eram prioritárias para nenhum dos dois países, embora houvesse cordialidade entre eles. Foi a partir do presidente Franklin Roosevelt que passou a existir uma preocupação do governo norte-americano em promover uma aproximação dos Estados Unidos com o Brasil, devido à inclinação de Getúlio Vargas ao nazifascismo.¹¹²

O contexto de conflito mundial foi o momento de cooperação interamericana mais intensa. Contra a ameaça do Eixo, interna e externa, os Estados Unidos e a América Latina (exceto a Argentina) estreitaram seus laços econômicos e militares. De acordo com Bethell e Roxborough,

E a guerra, se trouxe devastação e deslocamento econômico à Europa e à Ásia, gerou expansão econômica nos Estados Unidos. A produção industrial dobrou e o PNB cresceu 80% - de 91 para 166 bilhões de dólares. No fim da guerra, diversos governos latino-americanos esperavam que os Estados Unidos preservassem ou mesmo ampliassem o papel que haviam desempenhado durante o conflito, fornecendo-lhes capital a longo prazo para seu desenvolvimento.¹¹³

Em relação à América Latina, Washington pôs em ação uma ofensiva diplomática e ideológica para eliminar a presença alemã e impedir movimentos nacionalistas, pois era imperativo ao comando norte-americano garantir a unidade hemisférica para a sua liderança.¹¹⁴

¹⁰⁹ BANDEIRA, Moniz. Op.cit., p. 309.

¹¹⁰ HOBBSAWM, Eric. op.cit., p. 55.

¹¹¹ BANDEIRA, Moniz. Op.cit., p. 309.

¹¹² SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991, p. 44.

¹¹³ BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. "A conjuntura do pós-guerra na América Latina". In: BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 43.

¹¹⁴ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: op.cit., p. 144.*

Nesse sentido, a Política de Boa Vizinhança foi obra do governo de Franklin Delano Roosevelt, embora fosse uma ideia pensada alguns anos antes, durante o governo do republicano Herbert Hoover. Eleito em 1928, Hoover viajou pela América Latina, visando alterar elementos da política externa norte-americana. Em Amapala, Honduras, “fez um discurso no qual usou a expressão *good neighbor*, que foi adotada por Roosevelt em 1933.”¹¹⁵

O objetivo da Política de Boa Vizinhança era diminuir a influência europeia no subcontinente através da consolidação da liderança dos Estados Unidos no hemisfério, procurando conservar a estabilidade política nos vizinhos do sul.¹¹⁶ De acordo com Roberto Gambini, a Política de Boa Vizinhança foi implementada a partir da Conferência de Havana (1940), cujas negociações diplomáticas objetivavam o estabelecimento “de um sistema continental pan-americano para anular o projetado sistema pan-germânico.”¹¹⁷ As negociações para a implantação desse novo sistema foram gestadas nas conferências pan-americanas anteriores, ocorridas ao longo da década de 1930, inaugurando um padrão segundo o qual os Estados Unidos conseguiriam angariar o apoio dos países latino-americanos, à medida que a nação ianque se mostrasse capaz de substituir a Alemanha no papel de compradores de produtos de exportação e fornecedores de manufaturas e equipamentos.¹¹⁸

Desde cedo, os planejadores da política externa norte-americana procuraram transmitir uma ideologia segundo a qual era necessário transpor os interesses nacionais, em prol da solidariedade entre as nações americanas, pois só dessa forma seria possível defender-se do inimigo comum a todo o hemisfério: o nazifascismo.¹¹⁹ Essa solidariedade continental se realizaria por meio do reavivamento do pan-americanismo, que abarcava uma série de princípios, a saber:

Fé nas instituições republicanas, lealdade à democracia como um ideal, reverência pela liberdade, aceitação da dignidade do indivíduo e seus direitos pessoais invioláveis, crença na resolução pacífica das disputas, aversão ao uso da força como um instrumento de política nacional ou internacional, adesão aos princípios de soberania igual dos Estados e justiça sob a lei internacional, esperança de estabelecimento de uma paz duradoura para todas as nações.¹²⁰

A aproximação com a América Latina passou a ter um papel importante na campanha para as eleições presidenciais de 1940, nas quais Roosevelt tentava uma terceira reeleição, contrariando a tradição americana. Durante esse processo, o mandatário norte-americano

¹¹⁵ TOTA, Antônio Pedro, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 28.

¹¹⁶ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: op.cit.*, p. 40.

¹¹⁷ GAMBINI, Roberto, op. cit., p. 43.

¹¹⁸ Id., ibid., p.43.

¹¹⁹ MOURA, Gerson, *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 136.

¹²⁰ Id., ibid., p. 137.

procurou ressaltar em seu discurso a defesa e cooperação continental, reforçando os setores que defendiam um estreitamento das relações com os vizinhos do Sul.¹²¹ Depois que o exército nazista invadiu a Dinamarca, em abril de 1940, a política externa americana se dedicou a buscar maneiras de garantir a segurança do hemisfério. Segundo Antônio Pedro Tota, a fraqueza econômica da América Latina era uma ameaça aos interesses norte-americanos, pois poderia favorecer a eclosão de revoluções de cunho nacionalista, socialista ou simpatizantes do nazifascismo.¹²²

Durante a campanha para as eleições de 1940, havia dois grupos com propostas para uma política com a América Latina. De acordo com Antônio Pedro Tota, “o primeiro deles era liderado por Sumner Welles, subsecretário de Estado, auxiliado por Adolf Berle, assistente do *secretário*, e pelo líder da União Pan-Americana, Leo Rowe”.¹²³ O segundo foi organizado por Nelson Rockefeller, da família de multimilionários proprietária da *Standard Oil Company*, empresa presente em vários países da América Latina.¹²⁴

Antônio Pedro Tota argumenta que era anterior à guerra o interesse de Nelson Rockefeller pelo Brasil:

Em 1937, antes do golpe do Estado Novo, ele passou alguns dias em Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Durante o conflito mundial manteve estreitos contatos governamentais com o Brasil de Vargas. Depois da guerra, aproximou-se ainda mais de nosso país. Manteve contato com intelectuais de esquerda, de direita e independentes.¹²⁵

Enquanto membros do governo norte-americano acompanhavam com apreensão a situação na Europa, Nelson Rockefeller sugeriu que os estadunidenses poderiam olhar para a América Latina com maior atenção, já que este subcontinente seria indispensável para a defesa do hemisfério. Assim, Rockefeller formou um grupo de estudos dedicado a discutir a relação entre os Estados Unidos e os vizinhos do sul.¹²⁶ Esse grupo, autodenominado Junta, contava com a liderança de Nelson e formulou um plano com medidas políticas e econômicas para a América Latina, visando impedir o crescimento do comércio e da influência do Eixo no subcontinente. Para isso, os Estados Unidos não deveriam eliminar os movimentos nacionalistas latinos, mas adequar-se a eles. Para a Junta,

¹²¹ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p. 43.

¹²² Id., *ibid.*, p. 47.

¹²³ Id., *ibid.*, p. 47.

¹²⁴ Id., *ibid.*, op.cit., p. 47.

¹²⁵ TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano*, op.cit., p. 18.

¹²⁶ Id., *ibid.*, p. 92.

a única e mais eficiente maneira de se combater o totalitarismo era a adoção de medidas que tornassem a economia latino-americana mais competitiva. A segurança da nação norte-americana dependia de uma estreita cooperação — econômica e cultural — com todos os governos das Américas. [...]O objetivo dessa *realpolitik* era controlar, por vias ditas pacíficas, o antiamericanismo.¹²⁷

De acordo com Antônio Pedro Tota, Roosevelt contratou Nelson para trabalhar em seu governo não porque este era herdeiro de uma das maiores fortunas do mundo, mas pelo bom trânsito que ele mantinha com a elite norte-americana.¹²⁸ Dessa forma, em 16 de agosto de 1940, foi criado o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas*, que era formado por três divisões: Divisão Comercial e Financeira, Divisão de Comunicações e Divisão de Relações Culturais. Com sedes em Nova York e em Washington, a Divisão de Imprensa e Publicações era liderada por John M. Clark, editorialista do *Washington Post*, substituído depois por Francis A. Jamieson, da *Associated Press*. Logo, todos eram “oriundos do mundo dos grandes jornais e das Agências noticiosas dos Estados Unidos”.¹²⁹ No dia 30 de julho de 1941, enquanto as tropas nazistas invadiam a União Soviética, a Agência dirigida por Rockefeller passou a se chamar Agência do Coordenador dos Assuntos Interamericanos (*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*), também conhecido pela sigla OCIAA, denotando o aumento da autoridade de Nelson, pois o escritório deixou de ser “da coordenação” para tornar-se “do coordenador”.¹³⁰

Dentre os principais objetivos do OCIAA, Gerson Moura cita: convencer as nações latino-americanas a aceitar a liderança estadunidense, opondo-se ao Eixo, realizar uma integração entre as economias das Américas, impedir revoluções no continente e lutar contra os agentes nazifascistas, sem dar a impressão de que estavam desafiando a soberania dos países latinos.¹³¹ De acordo com a Agência, era preciso transmitir à América Latina a ideia de que os Estados Unidos eram um exemplo a ser seguido, e que estavam dispostos a compartilhar seu modelo de progresso com o Brasil.¹³²

Segundo Gerson Moura, o diferencial do OCIAA em relação aos programas de colaboração interamericanos já existentes era que se tratava de um órgão de coordenação ligado à segurança nacional estadunidense. Portanto, fazia parte dos planos de *defesa nacional* dos Estados Unidos, estando subordinado ao Conselho de Defesa Nacional. Assim, o OCIAA

¹²⁷ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 47-8.

¹²⁸ _____ *O amigo americano*, op.cit., p. 17.

¹²⁹ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., pp.49-55.

¹³⁰ Id., *ibid.*, p. 50.

¹³¹ MOURA, Gerson, *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 140.

¹³² TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p. 180.

integrava a preparação do governo estadunidense para a guerra.¹³³ Porém, o “Resumo de Atividades relativo aos anos de 1942, 1943 e 1944”, levantado por Tatiana Poggi, mostrou que o *Office* não objetivava apenas a defesa, mas também o planejamento de uma complexa estrutura para o pós-guerra, além de “trabalhar juntamente com as demais nações americanas para solucionar problemas nos campos econômico e social.”¹³⁴ Esse intuito seria alcançado por meio do “desenvolvimento econômico, expansão dos mercados e melhora do nível de vida depois da guerra”.¹³⁵

A luta contra a expansão do nazismo era uma necessidade premente para o governo norte-americano, mas a prioridade era afastar da América Latina os produtos alemães que concorriam com os americanos.¹³⁶ Para Nelson Rockefeller, era preciso vender, além dos produtos, também o modo de vida estadunidense. Portanto, a consolidação de um discurso ideológico era fundamental para o sucesso econômico na América Latina: “era necessário empregar todos os meios para solidificar a imagem de um modelo a ser seguido, isto é, os Estados Unidos deveriam ser um paradigma”, com forte destaque para a defesa do liberalismo e da democracia.¹³⁷

De acordo com Gerson Moura,

Para atingir suas finalidades, o OCIAA desenvolveu um programa extraordinariamente complexo de persuasão ideológica e penetração cultural. Em 1940, começou a atuar com um orçamento de 3,5 milhões de dólares e, em 1942, já operava com 38 milhões de dólares. Seu raio de ação era amplo e incluía: *imprensa* — fornecimento de artigos para jornais da América Central e do Sul sobre a solidariedade continental, a vida nos Estados Unidos, fornecimento de fotografias e notícias sobre a América Latina; *cinema* — eliminação da competição alemã, estímulo à produção de noticiários sobre América Latina, o *American way of life* e as boas relações entre Estados Unidos e o sul do continente; *intercâmbio cultural* — realização de exposições, concertos, obras literárias, viagens de pesquisadores, viagens de boa vontade por artistas famosos; *assistência social* — programas sanitários, hospitalares, abastecimento de água, etc. Os Estados Unidos gastaram com esse programa na América Latina muito mais do que todas as nações não-americanas em conjunto.¹³⁸

Dessa maneira, o governo norte-americano passou a investir dinheiro para, “entre outras atividades, distribuir artigos à imprensa latino-americana e patrocinar viagens de jornalistas aos

¹³³ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: op.cit.*, pp. 60-1.

¹³⁴ POGGI, Tatiana. “Revisitando o Imperialismo: o papel do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* na construção de novas estratégias de dominação”. *R. Mest. Hist.*, Vassouras, v. 12, n.1, jan/jun, 2010, p. 49.

¹³⁵ Id., *ibid.*, p. 49.

¹³⁶ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p. 51.

¹³⁷ Id., *ibid.*, p. 54.

¹³⁸ MOURA, Gerson, *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 140.

Estados Unidos.”¹³⁹ De fato, a imprensa e a propaganda impressa eram meios importantes para a divulgação dos princípios do americanismo “fabricado” pelo *Office*, afinal, a Divisão de Imprensa era uma das maiores da Agência.¹⁴⁰ Por meio do OCIAA, ao fim da guerra, a imprensa, o rádio e a indústria cinematográfica da América Latina tinham sido invadidos por capitais norte-americanos, glorificando as instituições políticas, do modelo econômico, do modo e do padrão de vida norte-americanos.¹⁴¹ Nas formulações da política externa ianque, os interesses nacionais deveriam, dessa forma, coincidir com interesses continentais, ou seja, com os desígnios do governo norte-americano.¹⁴²

Para Gerson Moura, “uma análise dos programas culturais do OCIAA no Brasil parece sugerir que sua meta básica era familiarizar a sociedade e o Estado brasileiros com os pontos de vista, conhecimentos, valores e métodos da civilização norte-americana.”¹⁴³ A Seção de Opinião Pública da Divisão de Informação planejava afirmar o *American way of life* em detrimento do nazifascismo. Com isso, estimulava-se o alinhamento do Brasil não a estados liberais em geral, mas aos Estados Unidos da América em particular. Dessa forma, além da assistência econômica recebida pelo Brasil, o OCIAA lutou uma guerra de propaganda com a finalidade de conquistar a adesão de seus vizinhos continentais. Passava-se para a América Latina a imagem da superioridade militar estadunidense e uma visão dos Estados Unidos como civilização a ser seguida por todos os países latino-americanos. Segundo o autor,

a mensagem através da qual esta imagem positiva era transmitida ao continente era a de “colaboração hemisférica”, ou, em outras palavras, o “Pan-americanismo”. Neste campo em particular, os esforços estadunidenses na América Latina tiveram uma grande medida de êxito.¹⁴⁴

Logo, indiretamente, os Estados Unidos contribuíram para a democratização da América Latina ao fim da Segunda Guerra Mundial. Um ponto fundamental da Política de Boa Vizinhança de Franklin D. Roosevelt era a atitude de não-intervenção nos negócios internos das outras repúblicas americanas. Porém, esse princípio impunha dificuldades aos membros do governo norte-americano que preferiam democracias a ditaduras. Em todo caso, os interesses econômicos e estratégicos dos Estados Unidos eram prioridades para a política externa estadunidense.¹⁴⁵ Embora admitissem que nem todas as nações do continente eram

¹³⁹ SILVA, Carlos Eduardo Lins da, op.cit., p. 79.

¹⁴⁰ TOTA, Antônio Pedro, *O imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 54-6.

¹⁴¹ BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian, op. cit., pp. 23-4.

¹⁴² MOURA, Gerson, *Autonomia na dependência*, op.cit., p. 142.

¹⁴³ MOURA, Gerson, *Relações exteriores...*, op.cit., p. 78.

¹⁴⁴ Id., ibid., p. 78-9.

¹⁴⁵ BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. Op. cit., p. 25.

democráticas, as autoridades norte-americanas alegavam que eram muito diferentes das ditaduras totalitárias europeias, classificando-as como “tradicionais ditaduras latino-americanas”, indispensáveis à obtenção da estabilidade, paz e desenvolvimento econômico na região. Portanto, segundo Gerson Moura, “o sistema interamericano não dependia de uma identificação de regimes políticos, mas da adesão a um centro hegemônico.”¹⁴⁶

Até mesmo antes dos Estados Unidos entrarem na guerra, em dezembro de 1941, o OCIAA atuava para suplantiar a influência do Eixo e assegurar a hegemonia dos Estados Unidos nas Américas.¹⁴⁷ Em seus seis anos de existência, a Agência

gastou em torno de 140 milhões de dólares. Em seus períodos de mais movimento, empregou 1100 pessoas em suas operações nos Estados Unidos e 330 cidadãos estadunidenses, além de milhares de latino-americanos no exterior, sem contar a ajuda de comitês voluntários de cidadãos estadunidenses em mais de vinte países americanos.¹⁴⁸

Nesse sentido, o *Office* desempenhou um papel decisivo “nas iniciativas ‘culturais’ estadunidenses no Brasil, isto é, na tentativa de formar (ou transformar) opinião não somente nos órgãos do Estado, mas na sociedade brasileira como um todo.”¹⁴⁹ Para Antônio Pedro Tota, Nelson Rockefeller acreditava que a cultura, a propaganda e os meios de comunicação eram armas tão eficazes no combate aos inimigos quanto armas e porta-aviões. Portanto, “usava o cinema, o rádio e a imprensa, mas precisava de um estudo mais profundo para conhecer bem o brasileiro e assim conquistar mais fortemente nossos corações”.¹⁵⁰

A fim de reunir informações que auxiliariam no desenvolvimento do OCIAA, Rockefeller convocou George Gallup, um conhecido pesquisador de opinião pública. De acordo com Antônio Pedro Tota,

Dos Estados Unidos, Gallup comandou uma grande pesquisa em toda a América Latina, no Brasil em especial, a fim de conhecer os gostos, as opiniões e os hábitos dos latino-americanos. O objetivo mais amplo era saber qual o melhor veículo de comunicação a ser usado para difundir uma imagem positiva dos Estados Unidos. Com a cooperação secreta do FBI, a pesquisa visava também obter informações sobre o grau de simpatia dos brasileiros para com os países do Eixo e os Estados Unidos. Diretamente ligado a essa questão, o alcance dos nossos meios de comunicação foi igualmente analisado. Espalhados pelo Brasil, os “observadores” avaliaram minuciosamente os editoriais dos grandes jornais e o número de ouvintes das rádios, e compraram espaço nos jornais e nas estações de rádio.¹⁵¹

¹⁴⁶ MOURA, Gerson, *Autonomia na dependência*, op.cit., pp. 137-8.

¹⁴⁷ MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p. 61.

¹⁴⁸ Id., *ibid.*, pp.61-2.

¹⁴⁹ Id., *ibid.*, op.cit., p. 75.

¹⁵⁰ TOTA, Antônio Pedro, *O amigo americano*, op.cit., p. 137.

¹⁵¹ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p. 61.

O OCIAA atuava sozinho, embora contasse com a colaboração da embaixada e empresas privadas norte-americanas. Com o objetivo de obter o apoio das nações latino-americanas para a causa estadunidense, essa Agência se envolveu nos esforços do governo estadunidense em contribuir econômica, cultural e técnica com o Brasil.¹⁵² Segundo Gerson Moura, o órgão observava com preocupação os desígnios do Eixo sobre o Brasil, pois o país sul-americano tinha uma função importante no planejamento político e estratégico estadunidense. Conseqüentemente, foi feito um grande investimento na filial brasileira do Office.¹⁵³ Roosevelt orientou Rockefeller a se ocupar de medidas que visavam desde o controle e prevenção de doenças, passando por habitação, construção de estradas, transportes, até tratamento médico geral e educação. Com exceção de Cuba e alguns países do Caribe, o governo norte-americano não considerara envolver-se nessas questões na América Latina. Agora, contudo, preocupados com a segurança nacional, os Estados Unidos prosseguiram com a ajuda externa por mais de meio século.¹⁵⁴

Centenas de jornais e revistas brasileiros eram abastecidos pelo *Office*, que lhes remetia artigos e reportagens através da sua seção de imprensa. Para tanto, o órgão entabulara negociações com as agências *United Press* e *Associated Press* a fim de garantir a publicação de notícias atuais e favoráveis sobre os Estados Unidos.¹⁵⁵

Além disso, a Agência produzia material próprio de propaganda, que incluía a publicação de brochuras, panfletos e revistas. Dentre estas, a mais relevante era *Em Guarda*, publicada em português, espanhol e inglês: “a revista divulgava uma imagem dos Estados Unidos como fortaleza da democracia continental.¹⁵⁶ Já a *Seleções*, versão brasileira da norte-americana *Reader’s Digest*, também atuou na divulgação de ideias pró-estadunidenses no Brasil, embora não fizesse parte diretamente do OCIAA.¹⁵⁷

De acordo com Gerson Moura, atentava-se especialmente para o que se chamava de cobertura de imprensa de “mão dupla”, ou seja, “a veiculação de notícias sobre os Estados Unidos no Brasil e de notícias sobre o Brasil na imprensa estadunidense.”¹⁵⁸ A Divisão de Imprensa era uma das maiores do *Office*. De acordo com Antônio Pedro Tota, tinha cerca de duzentos funcionários trabalhando em tempo integral, “entre eles vários brasileiros como

¹⁵² MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p. 62.

¹⁵³ Id., *ibid.*, p. 75.

¹⁵⁴ SCHOULTZ, Lars. Op.cit., p. 341-2.

¹⁵⁵ MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p.76.

¹⁵⁶ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p.56.

¹⁵⁷ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p.59.

¹⁵⁸ MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p.76.

Orígenes Lessa, Marcelino de Carvalho, Raimundo Magalhães e Carlos Cavalcante.”¹⁵⁹ Um relatório de viagem aos Estados Unidos, sem assinatura, trata especificamente de dois brasileiros trabalhando no escritório do coordenador: Júlio Barata e Raimundo Magalhães Júnior. A atuação do primeiro é muito elogiada, pois teria conquistado “a mais prestigiosa situação nos meios intelectuais e universitários, porque tem se revelado um conferencista exímio, falando com elegância e correção o inglês.” Assim, teria dado ao relator uma boa impressão, levando-o a crer que Barata era “capaz de prestar ao Presidente reais serviços”. Quanto ao jornalista Raimundo Magalhães Júnior, o autor considera que a sua capacidade de trabalho já lhe valera o apreço dos defensores da cooperação americano-brasileira.¹⁶⁰ O relator lamenta o seu afastamento da empresa *A Noite*, agravando a decadência desse órgão de imprensa. Dessa forma, nota-se que a presença de brasileiros era uma realidade não apenas nas sucursais do OCIAA, mas inclusive nas suas sedes nos Estados Unidos.

Além do OCIAA, havia outros órgãos norte-americanos dedicados à propaganda de guerra. O *Office of the Coordinator of Information* (OCI), fundado em julho de 1941 e chefiado por William Donovan, desempenhava uma função semelhante à OCIAA, sendo constituída de um

órgão de inteligência e de atividades especiais (mais tarde, *Office of Strategic Service*, a partir do qual, em 1947, estruturou-se a *Central Intelligence Agency*) e um serviço estrangeiro de informação, o *Foreign Information Service* (FIS).” Sob chefia de Robert Sherwood, o FIS abriu alguns postos de propaganda e informação ao redor do mundo, conhecidos por *United States Information Service* (USIS), além de ter lançado a *Voice of America* (VOA), serviço de rádio que transmitia notícias e propaganda em algumas línguas.¹⁶¹

O *Office of War Information* (OWI) foi outra agência fundada no contexto da guerra, com o objetivo de unificar as atividades de informação e propaganda do governo dos Estados Unidos, sob a chefia de Elmer Davis. Inaugurada em julho de 1942, o OWI não incluía dentre as suas atividades a América Latina, pois Rockefeller reservara à OCIAA a exclusividade de atuação no subcontinente. Segundo Júlio Cattai, o OWI, “entre outras atividades, promoveu a distribuição mundial de jornais, revistas (como a *Reader’s Digest*), livros e filmes e incrementou os serviços de transmissão radiofônica da VOA.”¹⁶²

¹⁵⁹ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p.56.

¹⁶⁰ “IMPRESSÕES”. CPDOC/FGV, [1943 ou 1944], LV pi S. Ass. 1943/1944.00.00, pp.13-4.

¹⁶¹ CATTAI, Julio Barnez Pignata. *O estandarte silencioso: a United States Information Agency na mídia impressa do Brasil – Correio da Manhã e Tribuna da Imprensa, 1953 – 1964*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2001, P. 33.

¹⁶² Id., ibid., p. 33.

No Brasil, o OCIAA era dirigido por Berent Friele, com o apoio de uma Comissão de Coordenação composta principalmente de empresários norte-americanos, desempenhando a promoção, coordenação e execução de atividades que contribuíssem “com o desenvolvimento da confiança e compreensão mútuas entre o Brasil e os Estados Unidos ou, na medida do que for apropriado, com o combate à influência das potências do Eixo no Brasil.”¹⁶³ De acordo com Antônio Pedro Tota, Friele era homem de confiança de Nelson no Brasil. Nascido na Noruega e crescido nos Estados Unidos, morou por alguns anos no Brasil e se casou com uma brasileira. Tinha uma grande penetração entre os cafeicultores brasileiros e falava português fluentemente. Diante dessas características favoráveis, “Nelson o contratou e ele foi o representante do *Office* no Rio de Janeiro por quase toda a guerra”.¹⁶⁴ Nota-se, dessa forma, uma preferência do OCIAA em contratar norte-americanos já residentes no Brasil e que tinham, portanto, uma familiaridade com o país.

Assim, a organização comandada por Nelson Rockefeller foi se transformando numa estrutura complexa, “com sedes nos principais centros dos Estados Unidos e na maioria dos países da América Latina”, tornando-se “uma das agências americanas mais bem preparadas na época da guerra.”¹⁶⁵ O OCIAA era um dos maiores órgãos do governo Roosevelt, atuando em áreas diversificadas, do entretenimento à economia:

Nelson Rockefeller deixou o Brasil, mas seus representantes que ficaram aqui ou nos escritórios dos Estados Unidos atuaram com dedicação em áreas tão distintas como filme de animação, produção de borracha da Amazônia, espetáculos musicais, combate a doenças tropicais, projetos de largo espectro econômico para o progresso da sociedade brasileira, encontros e contatos com a chamada *high society* etc. essa era a missão da Agência liderada por Nelson Rockefeller. O paradigma era o *American way of life*. Os meios, os mais diversos possíveis.¹⁶⁶

Havia no Brasil duas sucursais do OCIAA, uma em São Paulo e a outra no Rio de Janeiro, trabalhando em cooperação mútua e íntima. Além disso, subcomitês de apoio às duas filiais do *Office* se encontravam em outras capitais, como Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.¹⁶⁷

1.2.1 Fundação do OCIAA em Salvador

¹⁶³ MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p.76.

¹⁶⁴ TOTA, Antônio Pedro, *O amigo americano*, op.cit., p. 113.

¹⁶⁵ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p.91.

¹⁶⁶ TOTA, Antônio Pedro, *O amigo americano*, op.cit., p. 119.

¹⁶⁷ MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p.76.

Em Salvador, no mês de março de 1943, os jornais *O Imparcial* e *Diário de Notícias* noticiaram a nomeação, na Bahia, de uma Sub-Comissão de Coordenação, constituída por D.E. Goodrich, Wayne H. Denning e Roy L. Werley, “todos cidadãos dos Estados Unidos, *nossos velhos conhecidos e amigos* [grifo nosso]”. “Nossos velhos conhecidos e amigos” é uma expressão dúbia, pois pode se referir aos Estados Unidos, mostrados como um lugar que nutria um forte sentimento de solidariedade em relação às demais nações americanas. Entretanto, a expressão “nossos velhos conhecidos e amigos” também podia aludir aos membros do sub-comitê citados na reportagem, pois se tratavam de norte-americanos que já viviam há algum tempo no Brasil e estavam, portanto, familiarizados com nosso país. Por exemplo, o presidente da Sub-Comissão, D.E. Goodrich, era vice-presidente da Companhia Brasileira de Energia Elétrica e da Companhia Linha Circular.¹⁶⁸

Em entrevista conjunta a *O Imparcial* e ao *Diário de Notícias*, Goodrich afirmou que o sub-comitê do OCIAA em Salvador visava realizar um maior intercâmbio entre os países componentes da comunidade americana, a fim de assegurar uma política de estreitas relações culturais e econômicas entre governos e povos dos países envolvidos. Entre as incumbências da Sub-Comissão local, se incluía tornar a Bahia conhecida nos Estados Unidos, inclusive seus “grandes nomes nas letras e nas artes” e “as suas riquezas naturais”. Os Estados Unidos também se fariam mais conhecidos pelos baianos. Os periódicos acrescentaram ainda que essa comissão agiria em íntima relação com o Consulado norte-americano.¹⁶⁹

Por ser um programa amplo, para coordená-lo, foram escolhidos norte-americanos já habituados à realidade brasileira, a exemplo do próprio Goodrich, que dizia viver no Brasil há quatorze anos, estando há oito meses na Bahia. Segundo ele, a missão coordenadora seria iniciada com a distribuição de uma propaganda constante de publicações “úteis ao conhecimento dos baianos”, no que se esperava o auxílio da imprensa. O entrevistador mostrou a receptividade do jornalismo baiano à causa, respondendo que era sentida a necessidade de elementos de divulgação americana entre nós. Goodrich assegurou que o material seria enviado principalmente os jornais. Além disso, seriam remetidos aos Estados Unidos elementos de propaganda sobre a Bahia. Assim, era preciso iniciar uma preparação para o pós-guerra, garantindo a existência de entendimentos e negócios que trouxessem “o bem-estar a todos os povos deste hemisfério”. De acordo com Goodrich, esta era a função de Nelson Rockefeller,

¹⁶⁸ “PRÁTICA da Boa Vizinhança – constituída, na Baía, a sub-comissão de coordenação americana.” *O Imparcial*, 19 de março de 1943, p. 4; “Uma Comissão Norte Americana de Coordenação na Bahia”. *Diário de Notícias*, 19 de março de 1943.

¹⁶⁹ Idem.

“interpretando o programa continental do Presidente Franklin Roosevelt, com o qual está de pleno acordo o presidente Getúlio Vargas”. A entrevista se encerrou com o anúncio de uma reunião, nos próximos dias, de todos os jornais baianos com o triunvirato coordenador neste Estado.¹⁷⁰

No mesmo mês, *A Tarde* também conferiu publicidade à inauguração, na capital baiana, do escritório do “*Coordination Comitee for Bahia*” – Sub-Comitê do Coordenador dos Assuntos Interamericanos. Esse Sub-Comitê estava subordinado, como os dos demais estados, à Comissão de Coordenação dos Assuntos Interamericanos, responsável pelo governo estadunidense por cuidar “da manutenção e estreitamento da amizade que une os dois povos das Américas”. Coordenado por D.E.Goodrich, o Sub-Comitê teria a direção de Pritchard Medeiros Dias, colaborador da *A Tarde* e funcionário da Cia. Linha Circular, da qual acabava de se licenciar para ocupar aquelas funções. De acordo com *A Tarde*, ele estivera vários anos nos Estados Unidos, colaborando na imprensa daquele país, sendo, por isso, um conhecedor dos assuntos norte-americanos.¹⁷¹ Segundo o jornal *Diário da Bahia*, Pritchard ficaria responsável pelo serviço de publicidade da Sub-Comissão.¹⁷²

Portanto, o OCIAA desempenharia as tarefas de “difundir entre os norte-americanos uma imagem positiva dos países latino-americanos, em especial do Brasil, e convencer os brasileiros de que os Estados Unidos sempre foram amigos do Brasil.”¹⁷³ Os meios de comunicação de massa, então em desenvolvimento, foram os veículos através dos quais essas funções foram executadas, como veremos em relação à imprensa.¹⁷⁴

Entretanto, não se deve pensar no projeto norte-americano como uma colagem a ser feita na América Latina. É preciso investigar qual seria o lugar da Bahia nos planos estadunidenses e, sobretudo, qual a importância dos Estados Unidos nas intenções dos grupos dirigentes do estado.

1.3 A Bahia e o americanismo no contexto da Segunda Guerra Mundial

Com a represália alemã ao rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo e a entrada do país latino-americano na guerra, ao lado dos Aliados, o repúdio ao nazifascismo

¹⁷⁰ “PRÁTICA da Boa Vizinhaça – constituída, na Baía, a sub-comissão de coordenação americana.” *O Imparcial*, 19 de março de 1943, p. 4; “Uma Comissão Norte Americana de Coordenação na Bahia”. *Diário de Notícias*, 19 de março de 1943. BPEB: Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Nesta tese, para uma melhor compreensão dos leitores, atualizamos a ortografia das fontes.

¹⁷¹ “INSTALADO na Bahia um sub-comitê do C. dos Assuntos Interamericanos – estreitará as relações entre este Estado e os Estados Unidos”. *A Tarde*, 26 de março de 1943. BPEB: Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

¹⁷² “O SUB-COMITÊ da C. dos Negócios Interamericanos terá um serviço de publicidade”. *Diário da Bahia*, 27 de março de 1943, p. 3.

¹⁷³ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 93.

¹⁷⁴ Id., *ibid.*, p. 93.

repercutiu em toda a sociedade baiana e nos periódicos não foi diferente. A partir disso, foi possível identificar, nas páginas dos jornais de maior circulação no estado, a existência de um posicionamento favorável aos Aliados e à defesa de um esforço de guerra contra Alemanha, Itália e Japão. O movimento patriótico na Bahia tinha suas atividades noticiadas pelos jornais *A Tarde*, cujo proprietário era o jornalista Ernesto Simões Filho, e *O Imparcial*, administrado pelo jornalista Wilson Lins. Também divulgavam um posicionamento favorável aos Aliados o jornal *Estado da Bahia* e a Rádio Sociedade da Bahia, que era a única existente no Estado e apresentava um programa diário, às 13 horas. Ambos, jornal e rádio, eram da cadeia dos Diários Associados, dirigida por Odorico Tavares. Por fim, citamos ainda o *Diário da Bahia*, gerido por Murilo Soares da Cunha e Antonino de Oliveira Dias. Somente o *Diário de Notícias*, no início da guerra, dava cobertura simpática aos regimes nazifascistas.¹⁷⁵ Nessa época, esse periódico tinha como diretor Antônio Balbino de Carvalho, que depois seria governador da Bahia. Todavia, em 1942, o *Diário de Notícias* foi vendido aos Diários Associados e, com o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, abandonou completamente o discurso favorável à Alemanha, seguindo a tendência das folhas pró-nazistas, que mudaram suas orientações editoriais.¹⁷⁶ É preciso destacar que, nos primeiros meses após esse rompimento, embora não mantivesse um discurso abertamente favorável ao Eixo, o *Diário de Notícias* ainda apresentava argumentos reticentes em relação aos Estados Unidos e à ideologia liberal. Foi somente após sua venda para o grupo dos Diários Associados que o *Diário de Notícias* passou a reproduzir um posicionamento favorável aos Aliados e ao esforço de guerra contra o nazifascismo.

Quando do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, a própria Associação Baiana de Imprensa (ABI) confirmou adesão ao novo alinhamento da política externa do país. Em reunião, a Diretoria da ABI deliberou por realizar uma investigação em torno dos sócios estrangeiros, diante de uma lei que dera aos mesmos um prazo para se naturalizarem. Quanto àqueles naturais dos países com os quais o Brasil romperia relações, a ABI os convidava a entregarem, na sede, as carteiras de sócios, uma vez que seus registros teriam que ser cancelados.¹⁷⁷

Além disso, na ocasião da declaração de guerra do Brasil a Alemanha, Itália e Japão, a imprensa baiana logo se reuniu numa sessão extraordinária da ABI, para deliberar acerca da sua

¹⁷⁵ FALCÃO, João, *O Brasil e a Segunda Guerra*, op.cit., p. 89.

¹⁷⁶ PEIXOTO JÚNIOR, José Carlos, op. cit., p. 155.

¹⁷⁷ Ata da 346ª sessão ordinária da Diretoria da Associação Baiana de Imprensa. 31 de março de 1942, p. 44. Biblioteca da Associação Baiana de Imprensa (ABI).

posição diante dos novos acontecimentos. Os jornalistas presentes declararam-se “irmanados num só pensamento qual o de servir ao Brasil (...) de modo que as entidades de classe deveriam manifestar solidariedade irrestrita ao presidente da República”. Também houve a proposta de realizar um minuto de silêncio em homenagem às vítimas da agressão nazista aos submarinos nacionais, além de demonstrações da cooperação dos jornalistas baianos ao governo brasileiro, por meio do envio de um telegrama a Getúlio Vargas e da redação de um manifesto à Nação, subscrito por todos os profissionais de imprensa do estado. Wilson Lins, redator-chefe do jornal *O Imparcial*, ainda pediu a atenção da Assembleia para o perigo da quintacoluna, dentro e fora da classe, propondo que a ABI eliminasse do seu quadro social os jornalistas que tivessem esse estigma. O presidente da entidade, Ranulfo Oliveira, declarou então que a ABI foi a primeira a cassar o registro dos sócios pertencentes às nações do Eixo.¹⁷⁸ No mês seguinte, em setembro de 1942, a Associação reforçou suas manifestações de apoio a Getúlio Vargas, declarando que poria os jornalistas da Bahia à disposição do País, “nesta hora grave, em que o nosso povo se levanta num só movimento de indignação e disposição para a luta, os seus serviços e as suas pessoas”.¹⁷⁹ Desse modo, havia na imprensa baiana argumentos que buscavam mobilizar a população sobre a importância da participação da sociedade brasileira na guerra contra o nazifascismo. Nesse sentido, os jornais divulgavam os êxitos das potências democráticas na guerra, transmitidos pelas Agências transnacionais de notícias, e incluíam informações sobre os movimentos patrióticos ocorridos a nível local e nacional. Assim, com a entrada do Brasil no conflito, a imprensa da Bahia empenhou-se em disseminar um discurso antifascista, tendo os Estados Unidos como o máximo exemplo de nação democrática e liberal.

Àquela época, devido à ditadura estadonovista, a imprensa brasileira foi mantida sob a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Há que se pensar se o discurso favorável às instituições norte-americanas, nos anos finais do Estado Novo, foi uma maneira de defender a democracia liberal, já que não podiam fazê-lo abertamente devido às restrições impostas pela censura. Afinal, nota-se que, mesmo antes de 1945, aclamações aos conceitos de democracia e de liberdade eram frequentes nos jornais baianos. Os periódicos publicavam reportagens e artigos louvando o liberalismo e o modo de vida nos países aliados, o que provavelmente era um meio de criar uma identificação da liberdade que tanto se buscava aos

¹⁷⁸ Ata da 367ª sessão extraordinária da Diretoria da Associação Bahiana de Imprensa. 25 de agosto de 1942, pp. 60-1.

¹⁷⁹ Ata da 369ª sessão ordinária da Diretoria da Associação Bahiana de Imprensa. 01 de setembro de 1942. Biblioteca da Associação Baiana de Imprensa (ABI), p. 62.

países de sistema liberal-democrático, sobretudo os Estados Unidos. Portanto, é preciso definir os conceitos de liberalismo e democracia que estão sendo adotados neste estudo.

Segundo Norberto Bobbio, o Estado liberal seria aquele que reconhece e assegura “alguns direitos fundamentais, como são os direitos de liberdade de pensamento, de religião, de imprensa, de reunião, etc.”¹⁸⁰ Nesse sentido, os escritores liberais, como Benjamin Constant, Tocqueville e Stuart Mill, delinearão a ideia de que a única forma de democracia compatível com o Estado liberal era a democracia representativa, na qual o direito de fazer leis competia não a todo o povo reunido em assembleia, mas a um grupo de representantes eleitos pelos cidadãos aos quais era reservado o direito de voto.¹⁸¹ Para José Murilo de Carvalho, desde a época imperial, o liberalismo já havia sido adotado, no que se referia às diretrizes sociais e políticas do Brasil, citando como exemplos:

A Lei de Terras de 1850 liberara a propriedade rural na medida em que regulara seu registro e promovera sua venda como mecanismo de levantamento de recursos para a importação de mão-de-obra. A Lei de Sociedades Anônimas de 1882 liberara o capital, eliminando restrições à incorporação de empresas. A abolição da escravidão liberara o trabalho. A liberdade de manifestação de pensamento, de reunião, de profissão, a garantia da propriedade, tudo isso era parte da Constituição de 1891.¹⁸²

De acordo com Décio Saes, a liberal-democracia foi adotada como regime no Brasil com o advento da República, tendo como principais características: “o presidencialismo, o sufrágio universal, a separação dos poderes, as eleições diretas para o Legislativo e o Executivo.”¹⁸³ José Murilo de Carvalho acrescenta que, durante a Primeira República, os direitos políticos também seguiam os princípios liberais, sendo a única inovação trazida pelo fim do Império a extinção do voto censitário, com a manutenção do critério da alfabetização. Assim, a função do sufrágio era conservar o padrão excludente da sociedade, negando o direito de participar das eleições os analfabetos, as mulheres, militares de baixa patente e membros de ordens religiosas.¹⁸⁴ Apesar da existência do Poder Legislativo, dos partidos políticos e das eleições, a estrutura econômica e social vetava à maioria da população a participação nos processos eleitorais, preservando os interesses oligárquicos.¹⁸⁵ Portanto, mesmo com as

¹⁸⁰ BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 323.

¹⁸¹ Id., *Ibid.*, p. 323-4.

¹⁸² CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005, p. 43.

¹⁸³ SAES, Décio. *Classe média e política na Primeira República brasileira (1889 – 1930)*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 46.

¹⁸⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Op.cit.*, pp. 43-4.

¹⁸⁵ SAMPAIO, Consuelo Novais. Prefácio. In: SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Bahia, 1945. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia, 1992, pp.13-4.

mudanças, as oligarquias rurais continuaram concentrando os mecanismos de poder, por meio do controle dos aparelhos jurídicos e institucionais. Essa dominação foi facilitada pelo federalismo republicano, que proporcionou maior autonomia aos proprietários rurais nos estados, através da descentralização.¹⁸⁶

Aruã Lima complementa que, para as classes dirigentes na Bahia na primeira metade do século XX, o aspecto central do liberalismo é “o apreço pelo progresso, individualismo possessivo com relação aos ruralistas e, antes de tudo, pela manutenção da ordem com respeito à propriedade individual, por isso, à liberdade de quem tem posses.”¹⁸⁷ J. J. Seabra e Otávio Mangabeira, além de muitos outros sujeitos políticos da Bahia na Primeira República, atuaram como liberais, embora também se identificassem dessa forma elementos que participaram da “Revolução de 30”, que abalou as estruturas oligárquicas.¹⁸⁸ A década de 1930 foi bastante polarizada politicamente, com comunistas e integralistas engrossando fileiras, ao mesmo tempo em que alguns tornaram-se liberais, como o grupo denominado militares do Norte, do qual faziam parte Juarez Távora e Juracy Magalhães. Era uma época em que o governo Vargas abria mercado para potências estrangeiras, sobretudo Alemanha e Estados Unidos, mas também buscava apoio de segmentos ligados ao integralismo e a liberais autoritários.¹⁸⁹

Ao longo do Estado Novo, segmentos americanófilos conseguiram superar a predileção de grupos germanófilos dentro do governo, assegurando a adesão do Brasil aos Aliados. Como observa Aruã Lima, quando do envio de tropas brasileiras para combater o Eixo na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, “o Brasil já se localizava na rota de influência dos Estados Unidos em diversas esferas da vida social”, enquanto “estaria lutando ao lado de ‘liberais’ americanos e ingleses mesmo tendo dado mostras – como no discurso a bordo do *Minas Gerais* a 11 junho de 1939 – de que suas predileções quanto ao regime político ideal fossem pouco definidas.”¹⁹⁰

Nesta tese, o conceito de democracia remete à concepção que os liberais da época tinham do mesmo. Consuelo Novais Sampaio salienta que, embora a literatura especializada denomine de “redemocratização” o processo de transição entre o fim do Estado Novo e as eleições de dezembro de 1945, o Brasil ainda não havia vivenciado propriamente uma democracia representativa.¹⁹¹ Como características e práticas herdadas da República Velha

¹⁸⁶ SAES, Décio. Op.cit., pp. 46-7.

¹⁸⁷ LIMA, Aruã Silva de. *Uma democracia contra o povo: Juracy Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946)*. Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana: UEFS, 2009, p. 58.

¹⁸⁸ Id., ibid., p. 61.

¹⁸⁹ Id., ibid., p. 81.

¹⁹⁰ Id., ibid., p. 81.

¹⁹¹ SAMPAIO, Consuelo Novais. Prefácio. In: SILVA, Paulo Santos, op. cit., pp.13-4.

foram retomadas no processo de “redemocratização”, depreende-se que, para os liberais baianos, a almejada democracia vinculava-se a um período que ficou estagnado no passado e que foi resgatado com o fim da ditadura estadonovista. Na concepção dos liberais baianos, era necessário recuperar o passado democrático brasileiro que havia sido interrompido com o golpe do Estado Novo.¹⁹²

É possível que os anseios libertários manifestados pela imprensa baiana estejam ligados a uma insatisfação com o governo vigente, pois uma parte significativa dos setores dirigentes do estado manteve uma postura de oposição a Getúlio Vargas. Nesse sentido, o sentimento antivarguista, existente em setores das classes dirigentes da Bahia, antecede o Estado Novo. O sistema político-institucional criado após o movimento de 1930 e consolidado com o 10 de novembro de 1937 consistia nas interventorias, departamentos administrativos que interligavam as oligarquias estaduais, os ministérios e a Presidência da República. Essa estrutura funcionava da seguinte forma:

O Executivo federal nomeava para a chefia dos governos estaduais indivíduos que, embora nativos dos estados, e mesmo identificados em suas perspectivas ideológicas aos grupos dominantes, eram ao mesmo tempo “marginais”, isto é, destituídos de maiores raízes partidárias; indivíduos com escassa biografia política ou que, se possuíam alguma, a fizeram até certo ponto fora das máquinas tradicionais nos estados.¹⁹³

Juracy Magalhães, o tenente cearense de 26 anos que foi escolhido como interventor da Bahia, foi mal aceito pelas grupos dirigentes locais.¹⁹⁴ Segundo Paulo Santos Silva, o fato de Magalhães ser jovem, militar e não-baiano contrariava a “tradicional hegemonia dos bacharéis na direção política do estado”, em favor “de uma liderança não formada nos padrões dos grupos dirigentes locais.”¹⁹⁵ Entretanto, o tenente soube angariar apoios junto aos coronéis do sertão baiano, aproveitando que os ex-governadores não costumavam visitar os chefes políticos do interior. Por meio dessa estratégia, ele conquistou aliados que garantiram respaldo à sua carreira política no estado.¹⁹⁶

Ainda assim, os núcleos contrários ao governo brasileiro e ao interventor Juracy Magalhães fundaram, em 1933, a Concentração Autonomista da Bahia. De acordo com a linha

¹⁹² SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Bahia, 1945. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia, 1992, pp. 158-9.

¹⁹³ SOUZA, Maria do Carmo C. Campello de. *Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930 – 1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1983, pp. 87-8.

¹⁹⁴ Id., *ibid.*, p. 88.

¹⁹⁵ SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: Edufba, 2000, p. 29.

¹⁹⁶ SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: Edufba, 2000, pp. 30-1.

de pensamento defendida por essa corrente, a Bahia dispunha de considerável prestígio no cenário nacional, condição que não se manteve após a “Revolução de 1930”, devido ao fato de que, a partir desse episódio, expressivas figuras da política baiana foram desalojadas do poder local.¹⁹⁷ Durante toda a chamada Era Vargas, as lideranças estaduais foram “afastadas dos centros de tomadas de decisão pelo exílio, cassação de mandatos ou exoneração dos cargos no serviço público.”¹⁹⁸ Dentre as correntes políticas baianas que se aglutinaram na oposição ao interventor, Paulo Santos Silva cita:

JJ Seabra (um dos poucos líderes que haviam dado apoio ao movimento de Aliança Liberal), Otávio Mangabeira (ex-ministro do Exterior de Washington Luís), Pedro Lago (governador eleito em 1930), João Mangabeira (liderança política na região do cacau e ex-deputado), Miguel Calmon (ex-governador do estado), Wanderley Pinho (ex-deputado), Ubaldino Gonzaga (ex-senador) e Simões Filho (ex-líder da maioria na Câmara Federal, proprietário do jornal *A Tarde*).¹⁹⁹

Alguns desses personagens não se manifestaram contrários ao golpe de 10 de novembro de 1937 de imediato, concentrando suas queixas na figura de Juracy Magalhães. Ernesto Simões Filho, diretor do jornal *A Tarde*, considerava a manobra varguista como um “mal menor” diante do que enxergava como prioridade: a queda do “interventor forasteiro”, pois Magalhães representava os ideais revolucionários de 1930 e o tenentismo.²⁰⁰

Contudo, nos anos seguintes, o interventor Juracy Magalhães e os “autonomistas” passaram a considerar um diálogo, até porque compartilhavam os mesmos métodos administrativos.²⁰¹ Com a instauração do Estado Novo, o líder “autonomista” Otávio Mangabeira foi um dos primeiros exilados do regime. Já Juracy Magalhães deixou a interventoria, numa postura que “aproximaria ‘Juracysistas’ e ‘mangabeiristas’ e os vincularia na luta pela ‘redemocratização’ do país iniciada a partir de 1942, quando o Estado Novo começou a declinar”.²⁰² Estava formada uma corrente oposicionista que adotou como bandeira o slogan do início dos anos 30, “restituir à Bahia a posse de si mesma”, à qual aderiram quase todas as lideranças políticas baianas.²⁰³

A participação do Brasil no conflito mundial, ao lado dos Aliados, colocava o governo Vargas numa contradição, pois abria-se guerra contra o totalitarismo nazifascista ao mesmo

¹⁹⁷ Id., *ibid.*, p. 15.

¹⁹⁸ Id., *ibid.*, p. 16.

¹⁹⁹ Id., *ibid.*, pp. 29-30.

²⁰⁰ LIMA, Aruã Silva de. *Op.cit.*, p. 132.

²⁰¹ SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição*, *op.cit.*, p. 45.

²⁰² SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição*, *op.cit.*, p. 46.

²⁰³ Id., *ibid.*, p. 47.

tempo que, internamente, sustentava-se um regime ditatorial.²⁰⁴ Tal paradoxo passou a ser explorado pelos setores de oposição ao Estado Novo, enfraquecendo o regime. Segundo Maria do Carmo Campello de Souza, à medida que a guerra se aproximava do fim, o nazismo e o fascismo caíam em descrédito, estimulando a oposição brasileira contra o Estado Novo.²⁰⁵ Além disso, conforme a Constituição de 1937, o presidente Vargas teria seu mandato encerrado em 1943, quando deveria haver um plebiscito que decidiria pela continuidade ou não do governo. A não ocorrência do plebiscito estimulou os protestos dos grupos contrários ao mandatário brasileiro. Segundo Paulo Santos Silva, “as pressões internas por eleições partiam de segmentos representativos da sociedade civil (intelectuais, estudantes, associações profissionais) e de setores dissidentes do próprio governo, principalmente dos militares, que haviam concorrido para a instalação do Estado Novo.”²⁰⁶ Diante das manifestações, Vargas prometeu eleições para breve, mas que só poderiam ser realizadas com o fim da guerra.²⁰⁷

Percebendo que a guerra levaria ao fim da ditadura, Vargas criou mecanismos para fortalecer sua relação com a classe operária, lançando elementos do que veio a se desenvolver como a doutrina política do trabalhismo. Em 1 de maio de 1943, foi promulgada simbolicamente a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), “assegurando o apoio popular ao governo e a formação e uma liderança sindical getuliana, em condições de combater as ‘influências extremistas’ entre o proletariado.”²⁰⁸

Ainda assim, a oposição ao Estado Novo recorreu a todos os meios disponíveis para enfraquecer o regime varguista, tendo como focos de resistência mais destacados a Faculdade de Direito, o Instituto da Ordem dos Advogados e a imprensa. Estes eram núcleos nos quais eram concebidos os artigos e as palavras de ordem proferidas por comunistas e liberais, ligados à Concentração Autonomista da Bahia, em favor da redemocratização.²⁰⁹ Apesar da censura do DIP, durante o Estado Novo, advogados e professores aproveitaram suas posições na sociedade para disseminar protestos nas oportunidades possíveis.²¹⁰ Em 24 de outubro de 1943, veio a público o Manifesto dos Mineiros, a primeira demonstração explícita de repúdio ao regime varguista, definindo um contexto a partir do qual os protestos contra o governo se tornaram mais organizados. A imprensa se tornou um dos canais através dos quais repercutiram as

²⁰⁴ SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Op.cit., p. 32.

²⁰⁵ SOUZA, Maria do Carmo C. Campello de. *Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930 – 1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1983, p. 63.

²⁰⁶ SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Op.cit., p. 32.

²⁰⁷ Id., *ibid.*, p. 32.

²⁰⁸ BRANDI, Paulo. *Vargas: da vida para a história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 170.

²⁰⁹ SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição*, op.cit., p. 48.

²¹⁰ Id., *ibid.*, p. 47.

manifestações de grupos civis e militares pela instauração de um sistema liberal-democrático no país.²¹¹

Então, a imprensa baiana passou a empreender uma campanha que incluiu a publicação de artigos e reportagens defendendo o liberalismo como o único sistema compatível com as liberdades democráticas, das quais os Estados Unidos apareciam como seu máximo representante. Luiz Viana Filho era um dos autores de textos com este teor, publicados na imprensa baiana. Segundo Paulo Santos Silva, Luiz Viana Filho era um exemplo típico de autonomista e representante dos segmentos oposicionistas da Bahia, sendo herdeiro de uma família influente na política baiana, pois era filho de um ex-conselheiro do Império e ex-governador. Bacharel em Direito, conviveu na faculdade com vários colegas e professores que reivindicaram a “redemocratização”.²¹² Eleito deputado federal pela Bahia em 1934, perdeu o mandato com a instauração do Estado Novo, passando a dedicar-se à advocacia e ao jornalismo, embora não encontrasse muito espaço para artigos políticos, por conta da censura do DIP. Após ser nomeado catedrático de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Bahia em 1943, teve a oportunidade de atuar no Instituto da Ordem dos Advogados da Bahia e no jornalismo, escrevendo artigos “mediante os quais concorria para colocar a opinião pública – ainda que diminuta – contra o governo Vargas e seus propósitos continuístas.”²¹³

Em abril de 1942, *A Tarde* publicou um artigo de Luiz Viana Filho, louvando o presidente estadunidense Franklin Roosevelt como o maior arauto da democracia:

Franklin Roosevelt, cujo título, o seu grande título, não é ser presidente da maior democracia do mundo, mas o de ser tornado, pela decisão das atitudes e pela fé imanente nas suas palavras o líder mundial da liberdade, o homem em cuja ação repousa, não apenas a confiança de milhões de seres humanos, que têm sede e fome de liberdade”.²¹⁴

Em seguida, Luiz Viana Filho anuncia a publicação de uma coletânea de pronunciamentos de Roosevelt, “o campeão das liberdades humanas”, a respeito da forma democrática de governo. De acordo com o autor,

Recolhidos com inteligência, os conceitos de Franklin Roosevelt sobre a forma democrática de governo valem nesta hora de dúvidas, hesitações e conversações, como um verdadeiro catecismo, levando a todas as consciências, a todos os corações, a todos os lares do Brasil um raio claro de esperança e fé. É que nesse pequeno livro, que não chega a duzentas páginas,

²¹¹ SOUZA, Maria do Carmo C. Campello de. Op.cit., pp.63-4.

²¹² SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Op.cit., p. 101.

²¹³ Id., ibid., p. 103.

²¹⁴ VIANA FILHO, Luiz. “O Brasil e o pan-americanismo”. *A Tarde*, 16 de abril de 1942, p.3. BPEB: Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

condensa-se toda a filosofia do estadista insigne, do cidadão e do homem, cuja vida e cujo esforço representa um labor ininterrupto em favor da disseminação e da vitória das ideias democráticas.²¹⁵

O autor transcreve as palavras iniciais do mencionado livro de Roosevelt, a respeito da democracia representativa. De acordo com o texto do presidente norte-americano, em períodos frequentes, os eleitores deveriam escolher novo congresso e novo presidente e que a escolha dos candidatos haveria de ser feita livremente, respeitando a opinião pessoal e sincera dos votantes. Ainda de acordo com as palavras de Roosevelt,

Essa é, afinal, a maior diferença entre o que nós sabemos ser a democracia e aquelas outras formas de governo que, apesar de nos parecerem novas, são essencialmente velhas, pois revertem aos sistemas de poder concentrado e que se perpetua, contra os quais o sistema democrático representativo foi lançado com êxito há vários séculos.²¹⁶

Ao que Luiz Viana Filho conclui, encerrando o artigo: “isto é o que se chama democracia”.²¹⁷

Os excertos extraídos, pelo político baiano, do texto do presidente estadunidense não parecem ter sido escolhidos de forma inocente. Luiz Viana Filho destacou os trechos que tratavam especificamente da rotatividade dos governantes como um item indispensável à democracia. É uma observação capciosa, se formos relacioná-la ao fato de que o Brasil vivia uma ditadura, liderada por um presidente que estava no poder há doze anos. Além disso, não é descabido vincular ao comando varguista “aquelas outras formas de governo que, *apesar de nos parecerem novas, são essencialmente velhas* (grifo nosso)” mencionadas por Roosevelt e transcritas por Viana Filho, o que poderia ser, até mesmo, uma ironia quanto ao nome do regime: Estado Novo. Além disso, Luís Viana Filho era um entusiasta da causa norte-americana, conforme demonstrou numa carta enviada ao ex-deputado baiano Otávio Mangabeira, direto de Nova York: “andamos aqui animados com as vitórias dos Estados Unidos, que, afinal, são vitórias nossas e concorrerão para abreviar a libertação do mundo de todas as ditaduras.”²¹⁸ Dessa maneira, fica reforçada a hipótese de que havia uma conexão entre o reforço de um discurso favorável às instituições políticas, modelo econômico e padrão de vida dos Estados Unidos, disseminado nas páginas dos jornais baianos, e o conceito de democracia defendido pelos segmentos locais por meio dos periódicos editados em Salvador.

²¹⁵ Idem.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ VIANA FILHO, Luís. [carta] 05 dez. 1942, Nova York, [para] Otávio Mangabeira. 4p. In: MANGABEIRA, Otávio. Cartas do 2º exílio (1938-1945). Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, p. 293.

Segundo Aruã Lima, o americanismo foi, junto com o anticomunismo e o liberalismo, um dos três eixos sobre os quais os grupos dirigentes no estado procuraram propor um novo acordo, no sentido de conter os avanços populares e construir um projeto de hegemonia. Esse projeto culminaria na formação da União Democrática Nacional (UDN), partido fundado ao fim do processo de “redemocratização”, resultante de um amálgama heterogêneo de forças políticas, outrora divergentes, que se uniram na oposição a Getúlio Vargas ao longo do Estado Novo. Na Bahia, as duas principais lideranças da UDN foram Otávio Mangabeira e Juracy Magalhães.²¹⁹ Para Aruã Lima, a rede de informações de Vargas indica a aproximação “entre os dois grandes grupos – o braço americanista do exército, representado no caso baiano por Magalhães, e o grupo civil opositor a Vargas, na Bahia liderado por Mangabeira.”²²⁰ O “braço americanista do exército” refere-se a uma tendência liberal dessa força armada que contava com a participação de Juracy Magalhães, além de ser coordenada por Juarez Távora, com quem Oswaldo Aranha mantinha relações estreitas. O chanceler brasileiro também tinha contatos com os irmãos João e Otávio Mangabeira. Assim, Aruã Lima sugere que “essas relações mais abrangentes tenham impactado com mais força a atuação de Mangabeira e Magalhães que os imbróglis regionais.”²²¹ Segundo esse autor, Magalhães teve a oportunidade de usufruir de um “aprendizado liberal” no decorrer da década de 1930, quando ocorreu seu rompimento com Vargas. Nesse período, houve um dado novo na história do liberalismo no Brasil, resultando na aliança entre Juracy Magalhães e Otávio Mangabeira, a saber, “a invenção pelas classes subalternas de novos mecanismos de resistência na luta de classes no Brasil e na Bahia: o trabalhismo e o comunismo.”²²²

Além disso, é preciso considerar que a reorganização das frações conservadoras desarticuladas com a “Revolução de 1930” também se deve a pressões estrangeiras.²²³ Juracy Magalhães e Otávio Mangabeira se mostraram favoráveis ao alinhamento aos Estados Unidos, demonstrando uma faceta do imperialismo norte-americano no Brasil.²²⁴ Os dois se encontraram em Nova York em 1942. Ambos silenciados pelo Estado Novo, Mangabeira estava exilado e Magalhães realizava um curso preparatório para a guerra na Escola de Estado-Maior em Fort Leavenworth. Ocorrido em Nova York, esse encontro era decorrente de uma iniciativa

²¹⁹ LIMA, Aruã Silva de. *Op.cit.*, 2009, p. 42.

²²⁰ Id., *ibid.*, p. 78.

²²¹ Id., *ibid.*, p. 76.

²²² Id., *ibid.*, p. 83.

²²³ Id., *ibid.*, p. 83.

²²⁴ Id., *ibid.*, p. 142.

de reunir todos os segmentos oposicionistas a Vargas.²²⁵ Em suas memórias provisórias, Juracy Magalhães relata a reunião:

Eu estava servindo no Estado Maior da VII Região Militar, quando fui mandado aos Estados Unidos, durante a guerra, para fazer um curso na *Commander's General Staff School*. Ao chegar a Nova Iorque, fui procurado por meu velho companheiro e amigo Rafael Correia de Oliveira, funcionário da Delegacia do Tesouro, que me levou a notícia de que Otávio Mangabeira desejava encontrar-se comigo, mas queria fazê-lo em campo neutro. Concordei com o pedido e [...] respondi imediatamente que Mangabeira acertasse dia e hora para que eu fosse visitá-lo em seu hotel.²²⁶

Lá chegando, de acordo com Juracy Magalhães, discutiu-se a possibilidade de uma reunião entre as correntes do exilado e do antigo interventor em prol da reconstitucionalização do país. O acordo foi feito e os resultados foram alcançados no Brasil: o posterior apoio de Mangabeira à campanha presidencial do brigadeiro Eduardo Gomes, enquanto Magalhães lançava a candidatura de Mangabeira ao governo da Bahia.²²⁷

Juracy Magalhães era representante de uma fração militar que conspirava contra o presidente brasileiro, enviando informações ao governo norte-americano. Citando Gerard Colby, Aruã Lima acrescenta que, embora se proclamasse patriota, Juracy Magalhães era informante do FBI pelo menos desde 1942, quando foi identificado dessa forma pelo seu diretor, J. Edgar Hoover, para o OSS (*Office of Strategic Services*).²²⁸ Nos Estados Unidos, durante seu curso, o antigo interventor visitou alguns estabelecimentos militares, ficando bem impressionado, e, ao retornar ao Brasil, ajudou a organizar a construção de campos de treinamento em Recife, inspirados naqueles que frequentara no país norte-americano. Após ser impedido por Vargas de embarcar para a guerra, junto com a FEB, permaneceu na capital pernambucana, “conspirando pelo retorno da democracia.”²²⁹ Além disso, recebia informações detalhadas sobre o conflito através do general Robert Walsh, comandante da *United States South Atlantic Armed Forces* (USAFSA), que se encontrava em Recife. Magalhães se reuniu várias vezes com o estadunidense e com o brigadeiro Eduardo Gomes, cujo entrosamento, segundo o cearense, teria evitado possíveis animosidades entre militares norte-americanos e

²²⁵ Id., *ibid.*, p. 160.

²²⁶ MAGALHÃES, Juracy. *Minhas memórias provisórias* – depoimento ao CPDOC. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 122.

²²⁷ Id., *ibid.*, p. 122.

²²⁸ COLBY, Gerard. *Seja feita a vossa vontade: A conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 216. *Apud*: LIMA, Aruã Silva de. *Op.cit.*, p. 157.

²²⁹ MAGALHÃES, Juracy. *Op.cit.*, p. 114.

brasileiros, devido ao fato de os ianques terem construído instalações e possuírem equipamentos na base aérea nordestina.²³⁰

Além da conspiração militar, outra forma de manifestar contestação ao Estado Novo, mais usada pelos exilados, era manter contato com aliados para tentar burlar a censura, como “arranjar meios de publicação em veículos de comunicação internacionais; criar fatos políticos por meio de manifestos e cartas abertas.”²³¹

Uma das primeiras tentativas de articulação contra Vargas se desenvolveu por meio da fundação de um partido, a União Democrática Brasileira (UDB). De breve duração, essa organização teve o objetivo de consolidar a candidatura de Armando de Sales Oliveira nas eleições que aconteceriam em 1938, sendo formada por paulistas afastados do poder local e defensores das autonomias regionais, contra a centralização do governo.²³² De acordo com Aruã Lima, em 1939, a UDB chegou a enviar uma carta ao presidente norte-americano Franklin Roosevelt, denunciando os propósitos continuístas de Getúlio Vargas e a falta de perspectivas para as eleições presidenciais no Brasil.²³³ Considerava-se, dessa forma, a possibilidade de um intervencionismo estadunidense, para liquidar o governo brasileiro, considerado ilegítimo pelas frações descontentes no país.

Ainda de acordo com Aruã Lima, a aproximação entre Brasil e os Aliados, e mais especificamente, os Estados Unidos, contribuiu para estimular os segmentos contrários ao presidente Vargas. A trajetória política de Otávio Mangabeira se inscreve nesse movimento, pois o político baiano, sem ter origens oligárquicas, conseguiu se desvincular do liberalismo da Primeira República, passando a representar os setores médios que buscavam a transformação de uma sociedade atrasada numa outra, mais adequada aos novos tempos.²³⁴

Otávio Mangabeira se destaca entre os intelectuais que se dedicaram aos debates na imprensa antifascista, ao mesmo tempo em que conspiravam contra o comando de Vargas, sugerindo a adoção de um modelo inspirado nos Estados Unidos a ser seguido pelo Brasil.²³⁵ A anistia para Otávio Mangabeira consistia numa das bandeiras fundamentais dos “autonomistas” na luta pela “redemocratização” na Bahia. O político baiano sofreu dois exílios (1930 – 1934 e 1937 – 1945), mas isso não o impediu de se manter como uma liderança para as vertentes locais.²³⁶ Mesmo afastado, Mangabeira continuava contestando o Estado Novo, apontando-o

²³⁰ Id., *ibid.*, p. 114.

²³¹ LIMA, Aruã Silva de. *Op.cit.* p. 157.

²³² Id., *ibid.*, p. 157.

²³³ Id., *ibid.*, p. 158.

²³⁴ Id., *ibid.*, p. 81.

²³⁵ LIMA, Aruã Silva de. *Op.cit.*, 2009, p. 166.

²³⁶ SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição*, *op.cit.*, pp. 48-9.

como um desrespeito às tradições democráticas nacionais, como incompatível com o Brasil após a derrota do nazifascismo e ressaltando a importância do apoio popular para a manutenção do governo.²³⁷

Mangabeira foi convidado pelo *Signal Corps*²³⁸ a fim de traduzir para o português alguns dos filmes de treinamento que estavam sendo preparados, visando o uso do Exército Brasileiro, um trabalho que, além de contribuir para o esforço de guerra das Nações Unidas e para o Brasil, seria confidencial.²³⁹ Dessa forma, o governo estadunidense se dispunha a auxiliar na preparação do Exército Brasileiro, esperando contar inclusive com a colaboração dos vizinhos do Sul.

A ligação de Otávio Mangabeira com os Estados Unidos já existia desde os últimos anos da Primeira República. Em 1927, foi ele que negociou a viagem de Anísio Teixeira para estudar no país norte-americano.²⁴⁰ Quando da visita do então presidente estadunidense Herbert Hoover ao Rio de Janeiro, em 1928, Otávio Mangabeira, na época Ministro das Relações Exteriores, manifestou amizade aos Estados Unidos, que foi confirmada quando Washington Luís acompanhou os vizinhos do norte no rompimento com a Liga das Nações.²⁴¹ Durante seu segundo exílio, Mangabeira manteve contato com segmentos progressistas dos Estados Unidos, inclusive se relacionando com um importante grupo antifascista, sediado em Nova York. Dessa forma, Aruã Lima acredita que Mangabeira teria revisto elementos de sua visão de mundo ao entrar em contato com uma imprensa com padrões distintos daqueles verificados no Brasil:

Redefiniram-se, aparentemente, aspectos de seu liberalismo. Enquanto intelectual de uma burguesia sôfrega e desunida, esforçou-se em estabelecer um pacto em torno de novos pressupostos programáticos. Para além disso, do ponto de vista da ação política, sua proeminência se fez presente nas suas relações estreitas com a intelectualidade liberal americana. Assim, a “Seleções”, a “Reader’s Digest” brasileira, é concebida para edição no Brasil com grande influência sua. Afinal, Mangabeira não era apenas um político, era um imortal da Academia Brasileira de Letras. Ocupou a cadeira de José de Alencar – muito embora só tenha de fato assumido o posto após a volta do seu primeiro exílio na França entre 1931 e 1934.²⁴²

²³⁷ Id., *ibid.*, p. 50.

²³⁸ *Signal Corps* era um comando do Exército norte-americano, responsável pelo setor das comunicações. TERRET, Dulany. *The Signal Corps – the emergency*. Washington DC: Center of military history, 1994, p. 3.

²³⁹ LOEW, A.M., Major Signal Corps [carta] 15 out. 1943, [para] Otávio Mangabeira. 4p. In: MANGABEIRA, Otávio. *Cartas do 2º exílio (1938-1945)*. Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, p. 346-7.

²⁴⁰ LIMA, Aruã Silva de. *Op.cit.*, p. 167.

²⁴¹ BANDEIRA, Moniz. *Op.cit.*, p. 223.

²⁴² LIMA, Aruã Silva de. *Op.cit.*, p. 167.

Desse modo, para Aruã Lima, suas práticas de contestação ao Estado Novo parecem ter existido em duas frentes: através da troca de correspondência com aliados e por meio de contatos com agentes opositores ao Eixo.²⁴³

A correspondência de Otávio Mangabeira, da época do seu segundo exílio, revela aspectos importantes das articulações do político baiano favoráveis à aproximação do Brasil com os Estados Unidos e ao fim do Estado Novo. Durante seu período de ostracismo, ele trocou muitas cartas com Armando de Sales Oliveira, ex-governador de São Paulo e candidato à presidência da República em 1937, que foi preso e exilado devido ao golpe do Estado Novo. Segundo Maria Victoria Benevides, mesmo afastados, Otávio Mangabeira e Armando Sales mantinham relações próximas com conspiradores no Brasil. Exilado na Argentina, em setembro de 1943, quando estava doente, Sales recebeu a visita de Prado Kelly²⁴⁴, com quem discutiu a criação de um partido nacional, que reunisse as oposições estaduais em apoio a uma candidatura única, como haviam feito em 1937, em torno do ex-governador de São Paulo.²⁴⁵ Essa candidatura se confirmaria na figura do Brigadeiro Eduardo Gomes, que concorreria à presidência da República pela União Democrática Nacional (UDN), partido fundado por Prado Kelly, Armando Sales e outros notórios oposicionistas.

Em suas correspondências, Sales pretendia atrair Mangabeira, então radicado na França, para os Estados Unidos. O ex-candidato lhe enviou uma carta direto de Nova York, sobre as possibilidades de organização dos brasileiros no país norte-americano:

A nossa ação nos Estados Unidos terá de ser conduzida com prudência se não quisermos que todas as portas se fechem para nós. Diversos fatores concorrem para isso. Em primeiro lugar, a consideração de que a política dos governos só com outros governos se faz. As alianças santas para a defesa de ideais comuns pertencem ao passado, não se vê agora a Inglaterra de chapéu na mão, bater à porta comunista, mendigando apoio? As considerações de defesa nacional, como é natural, têm precedência sobre todas as outras. Os Estados Unidos estão convencidos de que a Alemanha, ainda que pela simples influência no governo do Brasil, pode vir a ameaçar seriamente a sua segurança.²⁴⁶

²⁴³ Id., *ibid.*. 146-7.

²⁴⁴ José Eduardo Prado Kelly foi deputado federal na década de 1930, tendo ingressado na União Democrática Brasileira para apoiar a candidatura oposicionista de Armando de Sales Oliveira à presidência da República. Contudo, com o golpe de 10 de novembro de 1937, que cancelou as eleições, Prado Kelly afastou-se da vida política, retornando em 1945, quando ajudou a fundar a União Democrática Nacional (UDN). https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/jose_eduardo_prado_kelly. Acessado em 23 de janeiro de 2018.

²⁴⁵ BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita. *A UDN e o Udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945 – 1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 43.

²⁴⁶ SALES, Armando. [carta] 26 jun 1939, Nova York, [para] Otávio Mangabeira. 4p. In: MANGABEIRA, Otávio. *Cartas do 2º exílio (1938-1945)*. Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, pp. 81-3.

Em seguida, Armando Sales ironiza o viés progressista dos pronunciamentos do chanceler Oswaldo Aranha na sua Missão aos Estados Unidos, realizada naquele ano:

Em segundo lugar, o Oswaldo nos três anos de embaixada fez muitíssimos amigos e conquistou um grande prestígio em todos os setores da vida americana. E o fato que seria pueril procurar ocultar. Seja por extrema boa fé, seja por falta de visão crítica o americano acreditou piamente nas solenes declarações democráticas do Oswaldo, sabendo que o governo brasileiro é oposto de uma democracia, o americano tem, entretanto a segurança, pela boca do Oswaldo, de que a situação é transmitida e que o próprio, um dia, terá que desempenhar um grande papel...²⁴⁷

Além disso, Armando Sales alerta Mangabeira sobre a grande quantidade de exilados, provenientes de vários continentes, nos Estados Unidos, sendo necessária cautela para que não fossem confundidos com “elementos de perturbação”. O ex-governador de São Paulo afirma ter sido aconselhado por norte-americanos a conquistar paulatinamente a simpatia dos meios mais influentes e conseguir que o governo estadunidense, “conservando as relações com o nosso, não se preste a fazer o jogo dele, tomando iniciativas que são verdadeiros balões de oxigênio para o novo regime brasileiro”. Para Armando Sales, essa missão poderia ser facilitada, devido a uma suposta desmoralização do Estado Novo no exterior, citando um caso envolvendo Góes Monteiro, chefe do Estado Maior do Exército Brasileiro:

O que se dá com o Góes é típico. Ele foi convidado a vir aos Estados Unidos porque Hitler, como o *New York Times* contou, o tinha convidado antes a visitar a Alemanha e a tomar parte em uma parada monstro, em honra ao Brasil, na qual ele Góes, comandaria uma coluna do Exército Alemão. Se isto se realizasse, os Estados Unidos sofreriam uma verdadeira derrota diplomática. Daí a viagem do Marshall e as honras que o Góes está recebendo do governo americano. Pois, a respeito dessas honras, o magazine *Time*, que tem uma enorme circulação, publicou uma notícia sobre a chegada do homem na qual dizia entre outras amenidades, que ele era “um antigo cow-boy, terrível bebedor, de dentes postiços e queixo batido.” Não imagina a sensação de mal estar que, como brasileiro, senti de ler a notícia. Há uma falta evidente de respeito pelo nosso país, pois, Góes, é o chefe do Estado Maior do Exército e é hóspede dos Estados Unidos. Se tratasse de um país que desfrutasse outra situação moral, é claro que nenhum jornal se lembraria de por a ridículo, por mais irreverente que fosse.²⁴⁸

Armando Sales reitera sua afirmação de que o governo brasileiro estava cada vez mais desprestigiado nos Estados Unidos em outra carta enviada a Otávio Mangabeira, datada de 30 de janeiro de 1940. Segundo ele, nos meios financeiros e comerciais, a situação do Estado Novo se agravou com a desistência da *US Steel Corporation* em instalar uma grande fábrica de aço no Brasil. Na verdade, essa empresa norte-americana enviara a nosso país uma equipe de

²⁴⁷ Idem.

²⁴⁸ Idem.

técnicos para verificar as possibilidades da construção de uma usina siderúrgica, mas, embora a avaliação fosse positiva, o empreendimento foi abortado por conta do avanço da Segunda Guerra Mundial.²⁴⁹ Para Armando Sales, esse caso e a suspensão de outros negócios demonstravam a falta de confiança do governo norte-americano no regime varguista.

Contudo, em carta datada de 3 de agosto de 1940, Otávio Mangabeira se mantém resistente em se deslocar rumo aos Estados Unidos.²⁵⁰ Agora em Portugal, Mangabeira escreve de uma pequena localidade chamada Monte Estoril e avalia a possibilidade de se mudar para o país norte-americano. Sua ideia inicial era acumular experiência em território estadunidense durante um mês e depois, “se a carga” lhe parecesse “insuportável, malgrado os cuidados de amigos que insistem por que vá”, transferir-se para o México ou para o Chile, que teriam um custo de vida mais barato que o Brasil, segundo o que lhe informaram. Mangabeira considera os benefícios de estar no país de Roosevelt, embora também cogite possíveis transtornos:

Os Estados Unidos, não há dúvida, caminham para tornar-se preponderantes no mundo, e, cada vez mais, na América. Vê-los, portanto, de perto, e precisamente no período de sua campanha presidencial, não deixa de ser precioso. Por outro lado, se, mais adiante, como parece provável, entrarem eles na guerra, poderá agravar-se enormemente a crise de comunicações, impedindo até, quem sabe, a ida para o Brasil, quando se tornar oportuna.²⁵¹

Entretanto, em outra carta, datada de novembro do mesmo ano e sem destinatário identificado, Otávio Mangabeira revela uma disposição diferente. Escrita durante a viagem de Lisboa a Nova York, a missiva mostra as reflexões do político baiano a respeito da aproximação entre Estados Unidos e Brasil:

A guerra atual é, mas há de ser cada vez mais, um duelo em que se defrontam as duas concepções: a democrática e a totalitária. Os destinos do Brasil estão ligados por laços, que ninguém terá força para romper, aos das demais nações do continente, e, muito especialmente, aos dos Estados Unidos²⁵²

A conjuntura de aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos permite que Mangabeira preveja o paradoxo em que o governo passaria a se encontrar em breve: o apoio da ditadura do Estado Novo às potências democráticas. Sobre isso, ele declara de forma irônica:

²⁴⁹ SALES, Armando. [carta] 30 jan. 1940, Nova York, [para] Otávio Mangabeira. 4p. n: MANGABEIRA, Otávio. Cartas do 2º exílio (1938-1945). Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, p. 125.

²⁵⁰ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 3 ago. 1940, Monte Estoril, [para provavelmente] Orlando Dias. 1p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon □ Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

²⁵¹ Idem.

²⁵² MANGABEIRA, Otávio. [carta] 3 nov. 1940, viagem de Lisboa a Nova York, sem destinatário. 1p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

Se estes entrarem na guerra, o que não será de estranhar, não eu que me espantarei, se nos virmos diante dessa cena: o Brasil, no seu posto natural, a contribuir para a defesa dos ideais democráticos, reconhecidos como bandeira como a todo o continente americano, sem que os homens do “estado novo”, os autores do “golpe de estado” de 10 de novembro – vestidos unicamente dos farrapos da “constituição” autoritária, que cruzaram outorgar ao país – se consideram moralmente inaptos para prosseguir no governo, como soldados da democracia...²⁵³

Em 4 de janeiro de 1941, Otávio Mangabeira escreveu para Euvaldo Soares de Pinho, superintendente da Agrícola Una S/A, seu cunhado e um de seus principais informantes no Brasil. Nessa carta, ele declara sua boa impressão a respeito do discurso de Roosevelt por ocasião do ano novo, que refletia os “sentimentos gerais do povo americano, salvo a quinta coluna.” Para Mangabeira, o imobilismo acometia as democracias em geral e nos Estados Unidos a situação não era diferente, apesar de o político baiano acreditar que havia a possibilidade de um despertar.²⁵⁴ Dias depois, em nova carta a Euvaldo Pinho, Mangabeira diz confiar que as declarações de Roosevelt, quando da posse de seu terceiro mandato, eram uma “cajadada tremenda, aplicada, de mão firme, no ‘alto da sinagoga’ dos que apregoam, pelo mundo afora, a fãlência das democracias.” E indaga se o discurso foi publicado na íntegra no Brasil.²⁵⁵ O exilado faz o mesmo questionamento a Simões Filho, numa carta de 22 de janeiro de 1941.²⁵⁶ Essa pergunta foi respondida por sua irmã, Maria da Glória Mangabeira, numa missiva datada de 31 de abril de 1941:

O acontecimento de maior interesse nestes últimos dias, foi sem dúvida, o discurso de Roosevelt, publicado aqui, na íntegra, em todos os jornais. Penso que foi na íntegra porque há referências ao Brasil, alertando-o para prevenir-se contra o perigo fascista, isto é, nazista, dizendo que os alemães invadiram a Espanha e Portugal, virão logo e logo sobre o Brasil e, em vista de semelhante ameaça é necessário toda a América estar unida, pois, é “suicídio esperar que o inimigo ataque.”²⁵⁷

²⁵³ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 03 nov. 1940, viagem de Lisboa a Nova York, sem destinatário. 1p.

²⁵⁴ MANGABEIRA, Maria da Glória. [carta] 31 abr. 1941, Bahia, [para] Otávio Mangabeira. 2p. *In*: MANGABEIRA, Otávio. Cartas do 2º exílio (1938-1945). Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, p. 206.

²⁵⁵ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 21 jan. 1941, Nova Iorque, [para] Euvaldo Soares de Pinho. 2p. *In*: MANGABEIRA, Otávio. Cartas do 2º exílio (1938-1945). Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, p. 176.

²⁵⁶ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 22 jan. 1941, [para] Simões Filho, 6p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

²⁵⁷ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 02 mar. 1941, Nova Iorque, [para] Euvaldo Soares de Pinho. 2p. *In*: MANGABEIRA, Otávio. Cartas do 2º exílio (1938-1945). Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017,

Assim como Armando Sales, Otávio Mangabeira também parece acreditar que o Estado Novo vinha tendo uma repercussão negativa no exterior. Escrevendo novamente para seu cunhado e informante, ele relata:

Aqui leio, em revistas e livros, de comentário internacional, o doloroso registro da calamidade brasileira, que uma obra das mais recentes, sobre política americana, consubstanciou nestes termos: “Hoje Vargas, administrando por decretos-leis, decididos em conferências íntimas de seu gabinete e círculos privados de conselheiros políticos, governa o Brasil com um poder tão autocrático, quanto era o dos Romanovs, na Rússia antes da guerra.”²⁵⁸

O trecho entre aspas foi retirado do livro *The All American Front*, de Dunkan Aikman, que faz uma comparação do Estado Novo com a Rússia dos Romanov.²⁵⁹ Como o teor é crítico ao regime varguista, é possível supor que, além de recriminar a ditadura brasileira, o excerto também sugere uma sutil concessão ao governo socialista da União Soviética, por ter liquidado a autocracia dos czares. Para Mangabeira, a analogia não parece disparatada, pois, a seu ver, o governo de Getúlio Vargas era ainda mais discricionário:

Não procuro indagar se os Romanovs teriam acaso feito condenar, a anos de prisão, alguém que, do seu exílio, se houvesse limitado a protestar, em termos altos e próprios, contra a impropriedade do regime vigente em São Petersburgo, aliás, menos espúrio, e, sobretudo mais compreensível, na Rússia de antes da guerra, do que uma autocracia decorrente as origens que são conhecidas, no Brasil do nosso tempo: como fui condenado, não há muito, no Rio de Janeiro, pela “justiça” da usurpação do poder, que teve a grande bondade de conferir-me essa honra.²⁶⁰

Novamente comunicando Mangabeira sobre a imagem do governo brasileiro nos Estados Unidos, Armando Sales lhe escreve de Buenos Aires, manifestando preocupação com uma possível inclinação do Estado Novo na direção do Eixo:

O governo americano sabe muito bem os riscos que representa para a segurança do seu país a permanência, no governo do Brasil, de uma situação francamente nazista. Multiplicam-se, aliás, no Congresso americano, os sinais da inquietação, segundo as notícias – quase sempre veladas – que leio nos jornais daqui. (...) O próprio [embaixador Jefferson] Caffery declarou, em Washington, ao meu amigo que não teria nenhuma surpresa se o G. [Getúlio Vargas], tomando freios nos dentes, desse um golpe definitivamente nazista,

²⁵⁸ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 02 mar. 1941, Nova Iorque, [para] Euvaldo Soares de Pinho. 2p. In: MANGABEIRA, Otávio. Cartas do 2º exílio (1938-1945). Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, p. 188.

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ Idem.

no Rio. No mais, confirmou esse amigo o que me haviam informado sobre a atmosfera nos meios oficiais americanos, em relação ao nosso país.²⁶¹

Meses depois, em agosto de 1941, em mais uma carta sem destinatário, Otávio Mangabeira é ácido ao mencionar a amizade entre os países americanos:

O governo americano, por força das circunstâncias (como se faz, em política interna, com cabos eleitorais desmoralizados) está “comprando” o apoio da ditadura Vargas, com dinheiro dado às doses, como é regra em tais casos. Eis a que chegou o Brasil. Mas, uma de duas: o Sr. Getúlio Vargas é forçado a fazer o serviço, para que está sendo pago, e terá que alijar do governo os principais elementos em que se tem apoiado; ou mistificará o comprador, que não sei se, a uma dada hora, se deixará mais mistificar. Nem assim dará o país algum sinal de vida?²⁶²

Assim, os Estados Unidos exigiriam do Brasil, em troca de apoio financeiro, uma postura a qual, segundo o exilado, o governo varguista não seria capaz de adotar, a menos que se desfizesse de importantes aliados que, certamente, eram inimigos do político baiano. Além disso, Mangabeira parece preocupado com a aparente apatia da oposição no Brasil, levando-o inclusive a questionar se vale a pena tentar organizar os adversários do Estado Novo no exterior:

Outra grande verdade é a seguinte: aqui se veria com prazer uma mudança oportuna na situação brasileira. Mas a impressão, que se tem, é de que realmente o Sr. Vargas conseguiu cavalgar o país, onde os elementos democráticos não têm força de espécie alguma. Quem vê, de fato, o mesmo Sr. Vargas ausentar-se, neste momento, do Brasil, em viagem de regabofe a países estrangeiros, é justo que alimente esta impressão. Formam-se, então, do Brasil, do civismo do seu povo, do seu grau de cultura, etc – e não raro se veem publicados – juízos, dos mais degradantes. Ao lado de publicações, que aqui se fazem, pagas pelo governo brasileiro, e elogiando é claro, a ditadura, surgem artigos e livros, dizendo duras verdades sobre a atualidade no Brasil, e, em suma, de modo geral, que ninguém se ilude a respeito. Vejo, cada vez mais sombrio, o próximo futuro do Brasil. Daí a angústia, repito, com que desejo saber o esforço, aqui empregado, pela causa brasileira, pode ter alguma utilidade, em face do estado de espírito existente no país.²⁶³

A imprensa brasileira, sob censura, não repercutia essas “duras verdades” que seriam ditas do Brasil no exterior, limitando-se a publicar artigos de periódicos norte-americanos que valorizavam a participação do Brasil na guerra. Em 24 de agosto de 1943, *O Imparcial* reproduziu um texto do jornal *New York Times* assinado por Frank Garcia, seu correspondente no Rio de Janeiro. Segundo o artigo, o prestígio do Brasil fora acentuado, “levando-o a ser

²⁶¹ SALES, Armando. [carta] 08 mar. 1941, Buenos Aires, [para] Otávio Mangabeira. 2p. In: MANGABEIRA, Otávio. *Cartas do 2º exílio (1938-1945)*. Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, p. 189.

²⁶² MANGABEIRA, Otávio. [carta] 03 ago. 1941, sem local, sem destinatário. 1p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon □ Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

²⁶³ Idem.

reconhecido seguramente como líder do pensamento sul-americano na política internacional”. Além disso, quatro personagens, dois brasileiros e dois estadunidenses, foram os responsáveis por definir o papel desempenhado pelo Brasil no conflito mundial: Vargas e Roosevelt, auxiliados por Oswaldo Aranha e Jefferson Caffery, o embaixador dos Estados Unidos no país latino-americano. Aranha teria guiado a política internacional do Brasil “com mão firme, sem importar-se com as ameaças” dos agentes nazistas. Já Caffery e Roosevelt mantinham uma conversa de longa data com o governo brasileiro:

Podemos agora dizer que Roosevelt estava ao par do pensamento de Vargas. Já em mil novecentos e trinta e seis, por correspondência, trocavam pontos de vista e elaboravam planos. A construção de enormes campos de aviação no nordeste foi combinada entre eles. Outro grande perigo que ameaçava então o pan-americanismo era o movimento espanhol conhecido pelo nome de cistanidade, que os nazistas procuravam utilizar em seu benefício para destruir a velha amizade entre o Brasil e os Estados Unidos. Vargas esmagou também esse movimento.²⁶⁴

Entretanto, há outros exemplos de artigos publicados na imprensa estadunidense abordando a conjuntura política brasileira, apontando-a como uma ditadura. Um dos indicativos desse endurecimento seria o fechamento da Sociedade Amigos da América. Esta era uma organização patriótica que visava a união nacional contra o nazifascismo. Além de defender o estreitamento de relações entre o Brasil e os Estados Unidos, reunia frações americanófilas do governo, segmentos oposicionistas liberais, democratas e comunistas. Seu presidente era o ministro do Supremo Tribunal Militar, general Manoel Rabelo.²⁶⁵ Em Salvador, a Sociedade Amigos da América foi fundada com certo atraso em relação a demais cidades. Enquanto que em São Paulo, Belo Horizonte e Recife já existiam núcleos dessa agremiação desde janeiro de 1943, na capital baiana, ela só foi inaugurada em junho daquele ano. Contudo, segundo João Falcão, o general Manoel Rabelo veio em pessoa para a instalação da Sociedade Amigos da América em Salvador, contando com a inscrição de muitos sócios, entre estudantes, operários, comerciários e profissionais liberais, contribuindo para o movimento antifascista na Bahia.²⁶⁶

Em 14 de novembro de 1942, *A Tarde* publicou uma nota assinada por Luiz Viana Filho, noticiando a fundação da Sociedade Amigos da América. O autor pede, para a nova organização, o apoio de todos os americanistas, sobretudo numa época em que “os amigos da América andam por aí tão falsificados quanto os perfumes franceses, que nada têm de Paris

²⁶⁴“QUANTO o Brasil tem concorrido para a vitória da civilização”. *O Imparcial*, 28 de agosto de 1943.

²⁶⁵ FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988, p. 241.

²⁶⁶ Id., *ibid.*, pp.240-2.

senão o nome.” O objetivo do texto era ressaltar o caráter progressista do principal idealizador da Sociedade Amigos da América, o general Manuel Rabelo, que, segundo Viana Filho, nunca se deixou enganar pelo totalitarismo, “ao contrário do acontecido com muitos outros, mesmo entre seus companheiros de armas.” O político baiano parece estar se referindo a outros militares, como Eurico Gaspar Dutra e Filinto Muller, que tinham uma clara inclinação ao nazifascismo, dos quais o general Manuel Rabelo se distinguia:

O ilustre militar jamais conheceu um instante de hesitação de vacilação, inclinando-se para os regimes cuja finalidade era transformar a humanidade num rebanho inconsciente conduzido por três ou quatro aventureiros felizes e audazes. Dentro da confusão, ele continuou tal qual era. Não pretendeu oprimir, nem acreditou ter encontrado o caminho milagroso duma nova Meca. E por isso, no momento em que os sinos da Liberdade soaram, convocando todos para a nova cruzada em que o Brasil se empenhou com alegria de coração, não necessitou o general Rabelo mudar de camisa ou de ideias. Apenas permaneceu como sempre foi: democrata e americanista. Prosseguiu dentro daquela mesma linha de procedimento, que fez dele um homem do qual não se conhecem ações mesquinhas. Um homem que honra a sua classe.²⁶⁷

De fato, o ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, se opunha à Sociedade Amigos da América por considerá-la comunista. Afinal, a entidade era “vista pelo DOPS e pelo Exército como um centro de sentimento anti-regime, tornando-se conhecida como a ‘Sociedade dos Inimigos de Vargas’”.²⁶⁸ O general Dutra estendia sua animosidade ao presidente da organização, general Manoel Rabelo. O conflito entre os dois militares causou uma situação desconfortável para o presidente Vargas.²⁶⁹ Esses desentendimentos internos do governo levaram à proibição da Sociedade Amigos da América e ao fechamento de sua sede.²⁷⁰ Paulo Brandi considera esse episódio como o marco do início de um processo de desintegração da ditadura. Segundo o autor, em agosto de 1944, Oswaldo Aranha foi reeleito vice-presidente da Sociedade Amigos da América. Na véspera da solenidade de posse, a sede da entidade foi fechada por agentes comandados por Coriolano de Góis, chefe de polícia do Distrito Federal. Entretanto, a diretoria manteve a solenidade de posse, a ser realizada no salão do Automóvel Clube do Brasil, no Rio de Janeiro. A polícia invadiu a cerimônia, numa ação que contou com a participação do general Dutra. Insatisfeito, Oswaldo Aranha pediu demissão do cargo de Ministro das Relações Exteriores, contando com a solidariedade de Góis Monteiro, designado como delegado para o Comitê de Defesa do Continente, no Uruguai. Porém, “influenciado pelo

²⁶⁷ VIANA FILHO, Luiz. “Amigos da América.” *A Tarde*, 14 de novembro de 1942, p. 3.

²⁶⁸ HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: op.cit.*, p. 422.

²⁶⁹ FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci*, op. cit., p. 241.

²⁷⁰ SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Op.cit., p. 34.

contato continuado com oficiais norte-americanos, pediu dispensa da missão em Montevidéu, sem receber resposta positiva de Getúlio.”²⁷¹

O fim da Sociedade Amigos da América não passou despercebido pela imprensa estadunidense. Intitulado “Agitação no Rio”, um texto da revista *Time*, que fora apreendido pelo DIP e proibido de circular no Brasil, versava sobre o recrudescimento do regime varguista no que dizia respeito à repressão de elementos favoráveis à amizade Brasil-Estados Unidos:

A ditadura brasileira começou a apertar o torniquete. Há uma semana, o ministro O. Aranha ia ser honrado pela sociedade Amigos da América. A polícia chegou antes da cerimônia e fechou as dependências da sociedade mencionada. Desde aquele momento o sr. Aranha esteve ausente do Ministério. Os brasileiros sabiam que ele tinha pedido demissão. João Alberto Lins e Barros, outro amigo dos Estados Unidos, acaba de se demitir de seu posto de coordenador da economia. João Alberto foi um dos chefes da revolução e continua a ocupar um alto posto no governo: o brigadeiro do ar Eduardo Gomes. Agora, no Brasil, o poder está nas mãos dos militares que impuseram o Estado Novo fascista em 1937.²⁷²

O artigo seguia denunciando a censura contra publicações de viés progressista:

A ditadura atacou também a imprensa. O DIP cassou a licença de cinco publicações pró-democráticas e partidárias dos E. Unidos: *Diretrizes*, revista política; *Ilustração Brasileira*, revista liberal; *Renovação*, órgão estudantil; *Nossa Senhora Menina*, editada pelo Bispo liberal de Maura, Dom Carlos Duarte e *Mundo Médico*, revista profissional partidária do bem estar social. Por outro lado, a imprensa diária foi submetida a “controle profissional” mais rigoroso, isto é, a uma censura mais meticulosa.²⁷³

Além disso, a publicação ainda denunciava a repressão em instituições de ensino e na própria polícia:

Cândido Mota Filho, um dos mais conhecidos reacionários do Brasil, foi imposto como professor da Faculdade de Direito de S. Paulo. Os estudantes fizeram greve. Nelson de Melo, chefe da polícia federal e homem de sentimentos democráticos, foi também liquidado. Seu posto passou a ser ocupado por Coriolano de Gois, que, como chefe de polícia em S. Paulo, metralhou uma manifestação de estudantes, em novembro passado, os quais solicitavam um governo democrático. Três estudantes foram mortos e 20 feridos. Quando o *Correio da Manhã*, diário do Rio, ousou fazer algumas críticas pela nomeação de Gois, foi punido com uma multa considerável. Para os brasileiros a significação de tudo isso era clara. Está aumentando a agitação pelas eleições nacionais. Há dez anos que não há eleições no Brasil. No inverno passado, Vargas prometeu eleições quando terminasse a guerra. No mês de abril passado repercutiu a promessa. Agora parece estar chegado o fim da guerra. Vargas quer estar seguro de que, no dia da eleição, tudo estará

²⁷¹ BRANDI, Paulo, op. cit., p. 176.

²⁷² “AGITAÇÃO no Rio”. *Time*. (cópia). 29 de maio de 1944. Acervo de Virgílio de Melo Franco (VMF). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

²⁷³ Idem.

sob o mais perfeito controle. Entretanto, os argentinos admoestados regularmente pelo Dep. de Estado norte-americano por sua atitude pouco democrática, leem as notícias e... sorriem.²⁷⁴

O texto termina com uma mensagem entre parênteses: “Leia e passe adiante. Não seja covarde. A libertação do Brasil necessita do seu concurso.” Aparentemente, esse artigo foi escrito nos Estados Unidos, visando a sua tradução e publicação no Brasil, de modo que essa frase assume dois sentidos. Se foi destinada ao povo norte-americano, pressupunha uma intervenção estadunidense no quadro político do Brasil. E, se destinada ao público brasileiro, convocava-o a se levantar contra o seu próprio governo. De todo modo, em ambos os casos, depreende-se aqui uma iniciativa de interferência do governo dos Estados Unidos no sentido de tentar liquidar a ditadura latino-americana.

O jornal *Evening Post* também publicou um artigo denunciando o autoritarismo de Vargas, enumerando as desvantagens econômicas do regime:

A tragédia do governo fascista do sr. Vargas chegou ao final. O país assiste ao fenômeno trágico de multidões que emigram para os pontos em que é menor a miséria. No Estado de Minas Gerais, a lavoura inteira sofreu um colapso. Porque para cada lavrador, o arroz, o feijão, o pão, a carne, os ovos, o vestuário, a enxada, tudo subiu 5, 6, ou 10 vezes, de maneira que eles não podem mais se sustentar, espetáculo doloroso de embarque em massa para o Sul. Nos Estados do Norte é a mesma cousa. O inflacionismo elevando brutalmente o custo de vida arruinou todo o interior do Brasil, só restando à população nacional o emigrar para os Estados do Sul onde há indústrias e lavouras subsidiárias. Mas, cessando a guerra, também muitas indústrias vão periclitir. O governo já está em bancarrota externa desde 1937, a bancarrota interna ainda não foi declarada porque o governo está emitindo 500 mil contos por mês, ou sejam 5 ou 6 milhões de contos por ano. Sem as emissões catastróficas o governo já teria suspenso o pagamento do próprio funcionalismo. Logo, esse governo está vivendo de balão de oxigênio. De forma que será preciso o emprego da força para o sr. Getúlio Vargas sair do poder.²⁷⁵

O texto ainda elencava uma série de motivos que imporia a necessidade de depor Vargas pela força:

E como consequência de tudo isso da falta de alimento e vestuário. E como consequência de tudo isso houve também no Brasil a FATAL BANCARROTA MORAL. Esta precisa ser bem caracterizada como efeito da trágica influência do sr. Getúlio Vargas na história do Brasil. Getúlio Vargas foi um vendaval que varreu o Brasil de sul a norte destruindo tudo, todo um passado de tradições honradas e dignas para acabar proclamando o país um

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ DAVIES, Edward. “Urge libertar o Brasil do caudilho Vargas.” *Evening Post* (tradução). 29 de maio de 1944. Acervo de Virgílio de Melo Franco (VMF). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

nazifascismo de fancaria que foi apenas a vestimenta externa do seu caudilhismo, o mais primitivo e brutal possível. Tal a miserável situação a que o sr. Getúlio Vargas atirou o país. Reduziu-o a vil condição de escravos. Desmoralizou todas as classes sociais. Vargas destruiu todo o passado liberal do país e fez de seu povo um rebanho a viver só para trabalhar e comer, acabando com a imprensa, transformada em pasquins de elogio da ditadura, míseros farrapos desse caudilhismo travestido de nazifascismo.²⁷⁶

Outro artigo, traduzido do jornal norte-americano *Daily Telegraph*, também se utilizava de um tom escatológico para reportar o contexto político brasileiro:

Uma grave calamidade, uma crise sem precedentes ameaça a existência do povo brasileiro. E ninguém no país tem o direito de advertir honestamente ou sequer criticar, mesmo sensatamente, o poder, ainda mesmo no melhor sentido de evitar uma catástrofe pública. Tal a triste situação em que se encontra o povo brasileiro. Mas como os fatos vão se precipitar no corrente ano de 1944 e preciso que nos Estados Unidos se tenha impressão exata dos acontecimentos futuros.²⁷⁷

A economia reaparece aqui como um dos temas que requeriam maior preocupação:

já sofria o Brasil permanentemente de mal crônico consistentemente em déficits de vulto considerável. Daí a constante desvalorização do papel moeda e sucessivas formas monetárias operando contra tantas quebras do valor da moeda. Mas de 1937 para cá o que se está dando no Brasil é absolutamente inominável. É um país que caminha de olhos vendados para uma catástrofe inaudita. Proclamado em 1937 no Brasil o regime nazifascista, há seis ou sete anos o governo federal, não havendo congressos, não presta constas de nenhum exercício financeiro, não publica os resultados de nenhum orçamento liquidado. Quer isso dizer que existe positivamente, há sei ou sete anos, uma pavorosa acumulação de déficits clandestinos.²⁷⁸

O texto segue descrevendo um quadro de calamidade política e econômica no Brasil:

O governo atual é absolutamente incapaz de voltar atrás. Logicamente a catástrofe terá que estourar, como na França de 1789 ou na Alemanha de 1923. Os regimes desequilibrados, inflacionistas ou emissionistas são como uma avalanche que se precipita montanha abaixo adquirindo cada momento maior volume e velocidade. O mais grave na situação do Brasil é que o país caminha de olhos vendados para essa crise sem precedentes. Não tem congressos legislativos nem imprensa livre. Todos os jornais estão amordaçados e sujeitos em tudo, e um Departamento de Imprensa que só lhes permite elogiar o governo e proclamar que tudo vai pelo melhor dos mundos. O atual regime brasileiro, nazifascista, proclamado em 1937, reduziu todos os jornalistas

²⁷⁶ DAVIES, Edward. “Urge libertar o Brasil do caudilho Vargas.” *Evening Post* (tradução). 29 de maio de 1944. Acervo de Virgílio de Melo Franco (VMF). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

²⁷⁷ BROWN, James. “Os jornalistas brasileiros foram reduzidos a conarcas da ditadura.” *Daily Telegraph* (tradução). 29 de maio de 1944. Acervo de Virgílio de Melo Franco (VMF). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

²⁷⁸ Idem.

brasileiros a cornacas da ditadura. Cornacas, na Índia, são os indivíduos que vão na frente dos elefantes, anunciando-os, guiando-os e exibindo-os à multidão ignara e bestificada.(...) A História, com sua experiência acumulada nos adianta que qualquer coisa de muito grave está para acontecer no grande país. O povo brasileiro é um povo escravizado e roubado, e que agora vai sofrer fome.²⁷⁹

O texto termina com uma mensagem entre parênteses: “Seja patriota. Faça ao menos uma cópia e envie a um seu amigo.” Como o artigo foi publicado num jornal norte-americano e abordava a situação política e econômica no Brasil, é digno de nota que ser patriota significava disseminar informações sobre uma ditadura latino-americana, como se o que se passava no subcontinente dissesse respeito diretamente ao povo estadunidense.

Dessa forma, as correspondências demonstram uma articulação entre o governo norte-americano e brasileiros exilados nos Estados Unidos para derrubar Vargas. Resta saber de que forma esses arranjos afetaram a imprensa baiana.

1.3.1 *Ligações entre Otávio Mangabeira e Simões Filho*

Da época da estada de Mangabeira nos Estados Unidos, há uma troca de correspondências entre esse político baiano e Simões Filho, diretor do jornal *A Tarde*. Nessas cartas, os missivistas desenvolveram comentários sobre a guerra, a situação política do Brasil e da Bahia e a censura à imprensa. Além disso, consta que Simões Filho visitou Mangabeira em 1943, quando o diretor de *A Tarde* foi aos Estados Unidos, no intercâmbio patrocinado por esse país aos jornalistas brasileiros durante a Segunda Guerra.²⁸⁰ Nessa ocasião, Simões Filho apresentou Otávio Mangabeira a Wilson Lins, diretor de *O Imparcial*, que também compunha a comitiva dos profissionais de imprensa.²⁸¹ Desse modo, a comunicação entre o político, enquanto entusiasta dos Estados Unidos, e o jornalista, na condição de representante da imprensa baiana, pode ter influído, inclusive, no conteúdo das folhas que circulavam na Bahia no período.

Em carta destinada a Simões Filho, datada de 11 de janeiro de 1940, Otávio Mangabeira não se mostra muito empolgado com a mudança para os Estados Unidos, apesar dos apelos de Armando Sales para que o político baiano se estabelecesse na América do Norte. Na época, Mangabeira se encontrava na cidade de Biarritz, na França, onde diz saber “como levar as

²⁷⁹ Idem.

²⁸⁰ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 01 de agosto de 1943, Nova York [para] Armando Sales de Oliveira. 1 p. In: MANGABEIRA, Otávio. Cartas do 2º exílio (1938-1945). Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, p. 335.

²⁸¹ LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo: uma casa após outra; memórias*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/ EGBA, 1997, p. 98.

coisas”, diferentemente dos Estados Unidos, nos quais alega “não conhecer a vida”, apesar de admitir que, “lógica e politicamente, há muito devia estar” na terra de Roosevelt. Mangabeira declara ainda que Armando Sales, mais dois amigos que tinha nos Estados Unidos, insistiam muito pela sua ida àquele país, porém ia sempre adiando, devido a ordens que haveria no Rio de Janeiro para lhe dificultarem a liberação do passaporte. Além disso, mencionando Armando Sales e o ex-presidente Washington Luís, o político baiano critica a imobilidade do povo brasileiro perante a ditadura do Estado Novo, e prevê a adesão dos membros do governo a um discurso democrático, em caso de uma possível vitória dos aliados:

Pergunta-me você se confio na repercussão, no Brasil, da vitória das democracias. O Armando e o Washington confiam muito. Quanto a mim, causa-me tamanha tristeza ver um país aceitar, resignado e tranquilo, quem sabe até satisfeito, a sua ignonímia, e esperar um remédio estrangeiro, que não sei o que lhe diga. Depois, não parece claro que, vitoriosas as democracias, todos os Góes Monteiro do Brasil embandeirarão em arco, para festejar-lhes a vitória? Como quer que seja, e ainda aí, tenho procurado fazer o que está ao meu alcance. Você me entenderá. Elementos tivesse, mais faria.²⁸²

Um ano depois, já residindo em Nova York, Otávio Mangabeira continua demonstrando preocupação com a conjuntura política do Brasil, além de um interesse em saber como as eleições presidenciais norte-americanas repercutiram em seu país de origem. O remetente relata a ocorrência de um comício promovido pelos “partidários da paz, com cheiro de quintacoluna, contra os plenos poderes de Roosevelt, para ajudar a Inglaterra.”²⁸³ A desconfiança de Mangabeira contra o caráter do evento se deve ao fato de que a referida lei dos plenos poderes consistia na aceleração da produção de material bélico, que seria destinado à Grã-Bretanha, auxiliando-a na guerra.²⁸⁴ Lembramos aqui que, nessa conjuntura, embora procurassem ajudar o governo inglês, os Estados Unidos ainda não haviam aderido ao conflito mundial, daí a manifestação dos supostos pacifistas. Contudo, segundo Mangabeira, no comício em que falava-se contra a lei, o candidato derrotado nas eleições de 1940, o republicano Wendell Willkie, teria se manifestado favorável aos plenos poderes, recebendo interjeições de estranhamento, às quais teria respondido: “quero os plenos poderes de Roosevelt, para ajudar a Inglaterra, precisamente para manter as esperanças de poder enfrentá-lo, ainda uma vez, em

²⁸² MANGABEIRA, Otávio. [carta] 11 jan. 1940, Biarritz, [para] Simões Filho. 2p. In: MANGABEIRA, Otávio. Cartas do 2º exílio (1938-1945). Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017, pp. 115-6.

²⁸³ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 22 jan. 1941, [para] Simões Filho, 6p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

²⁸⁴ “ROOSEVELT sancionará provavelmente amanhã o projeto da lei de plenos poderes, devendo por essa ocasião falar ao povo norte-americano.” *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de março de 1941, p. 1. http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1941_14217.pdf. Acessado em 10 de fevereiro de 2018.

alguma outra eleição...”.²⁸⁵ Assim, para o político baiano, isso era uma demonstração do espírito democrático norte-americano, uma lição a “todos os ditadores, ou a quantos apregoem, mundo afora, que as democracias faliram.”²⁸⁶

Entretanto, o político em ostracismo diz estar desolado por conta de uma postura temerária dos “grandes governos responsáveis pelos destinos dos regimes livres” quanto aos perigos daquela conjuntura. Segundo ele, o momento histórico não estava sendo encarado com a devida seriedade, rendendo críticas inclusive ao governo estadunidense:

Pois não é inverossímil que ainda hoje se discuta se devem, ou não, os Estados Unidos, vender à Inglaterra, a crédito? Pois não é inverossímil que, já nas alturas a que chegamos, não tenham ainda, a bem dizer, os Estados Unidos, exército, e sobretudo aviação, que só agora se tratou de desenvolver devidamente? No próprio continente americano: não é inconcebível a orientação, que têm tido em certos casos, alguns nossos conhecidos, os Estados Unidos? Não preciso por mais na carta, para que se deduza a atenção com que acompanho os assuntos, que tanto nos interessam, particularmente no Brasil, e a todo gênero humano.²⁸⁷

Apesar dos temores, Mangabeira convida Simões Filho a visitar os Estados Unidos, dizendo ser indispensável a um homem do porte industrial do diretor de *A Tarde* que conhecesse o país norte-americano. Em seguida, Mangabeira descreve aspectos culturais dos vizinhos do norte, comparando-os com os baianos.²⁸⁸ Por fim, o político lamenta por sua condição de exilado, ironizando a perseguição que sofria por conta do governo varguista:

Vi que fui condenado a dois anos: tão pouco, para um bandido de minha ordem! Recebi, quando ministro do Exterior, diversas condecorações. Nunca pus nenhuma ao peito. Mas, se a cada condenação do Estado Novo que me coubesse direito a uma medalha, não deixaria de usá-las. A tanto não iria minha modéstia.²⁸⁹

Em abril de 1941, Simões Filho retorna o contato de Otávio Mangabeira, contando ter recebido a primeira carta do exilado escrita nos Estados Unidos, a qual supomos ser aquela que abordamos acima. Nesta missiva, o jornalista diz não ter novidades, a não ser uma notícia publicada nos jornais brasileiros, segundo a qual os periódicos norte-americanos chamaram de “a mais querida e bela visitante dos Estados Unidos” a dita “princesa Alzira”, que provavelmente era uma forma desdenhosa do autor da carta se referir à filha de Getúlio Vargas, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, em visita ao país ianque. Neste trecho, nota-se a intenção de

²⁸⁵ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 22 jan. 1941, [para] Simões Filho, 6p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ Idem.

²⁸⁸ Esses aspectos serão abordados oportunamente no capítulo 3.

²⁸⁹ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 22 jan. 1941, Nova York, [para] Simões Filho, 6p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

Simões Filho em destacar o tom bajulador com que a imprensa brasileira se referia ao presidente e pessoas ligadas a ele.²⁹⁰ Além disso, Simões Filho relata a proibição de notícias sobre o torpedeamento do navio Taubaté, atacado pela Alemanha em 22 de março de 1941, no Mediterrâneo, bem como também foi vedada a publicação de textos elogiosos à Inglaterra.

Em seguida, o diretor de *A Tarde* admite o desejo de visitar os Estados Unidos, mas diz sentir receio por conta da guerra e do preço da vida em dólares. A conjuntura tensa o motiva a perguntar a Mangabeira a sua opinião sobre a postura norte-americana nos anos seguintes, pois parecia descrente quanto aos rumos da guerra.²⁹¹

Já numa carta de setembro de 1942, Simões Filho comenta a publicação de declarações de Otávio Mangabeira e Armando Sales à imprensa. A fala do político baiano foi publicada em primeira mão pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, os quais o diretor de *A Tarde* dizia não ter o hábito de ler. Contudo, ele reconhece que os jornais desta cadeia são exemplos de periódicos “que se vendem menos que os donos”, numa evidente ironia a Chateaubriand. Contava ainda que foi informado pela filha de Mangabeira, Edith, que a declaração do político foi feita à *Associated Press* para toda a imprensa da América do Sul. Simões viu aí uma oportunidade de publicá-la em *A Tarde*, o que dizia ter feito de imediato.²⁹²

De fato, a fala de Otávio Mangabeira foi publicada por *A Tarde* no dia 1º de setembro de 1942, versando sobre os ataques alemães aos navios brasileiros e a adesão do Brasil aos Aliados. Declara Mangabeira:

A agressão nazista contra o Brasil não nos surpreendeu. Há anos vínhamos advertindo nosso país que fatalmente a agressão chegaria às suas costas. Tampouco nos surpreendeu o vigoroso, unânime e imediato impulso do povo brasileiro quando este se dispôs a repelir o ataque, conhecemos seu patriotismo e seu valor. Na luta suprema em que o Brasil se encontra envolvido, em que soldados, marinheiros e aviadores, unidos, jogam sua própria existência, o povo brasileiro saberá preservar a independência e a dignidade de sua pátria. Quanto a nós, mesmo na impossibilidade de viver no Brasil, encontraremos, sem dúvida alguma, meios eficazes para servi-lo. Permanecemos fiéis à grande causa que nos conduziu ao desterro. [...] Saudamos o civismo com que países americanos honram os compromissos de solidariedade continental ante as repetidas agressões do nazismo alemão, do fascismo italiano e castas dominantes do Japão. Cremos firmemente na vitória. As forças da agressão e da tirania não poderão prevalecer entre os homens.

²⁹⁰ Ao lado do marido, o oficial de marinha Ernani Amaral Peixoto, Alzira Vargas do Amaral Peixoto atuou como mensageira entre Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, realizando várias viagens aos Estados Unidos. http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/alzira_vargas_do_amaral_peixoto. Acessado em 10 de fevereiro de 2018.

²⁹¹ SIMÕES FILHO, Ernesto [carta] 09 abr. 1941, Rio de Janeiro [para] Otávio Mangabeira, 2p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

²⁹² SIMÕES FILHO, Ernesto [carta] 30 set. 1942, Rio de Janeiro [para] Otávio Mangabeira, 3p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

Entretanto, não haverá paz no mundo se o dia da derrota dessas forças não marcar o advento, para os povos, de um novo espírito democrático – justo, tolerante e honesto, à altura das reformas políticas e sociais que hão de assinalar os novos tempos.²⁹³

É interessante notar a audácia de *A Tarde* na publicação da declaração de um político exilado, considerando que se tratava de um dos maiores opositores de Getúlio Vargas e a censura ainda vigorava sobre a imprensa, sobretudo quando Mangabeira diz que permanecia fiel “à grande causa que nos conduziu ao desterro”.

Voltando à carta de Simões Filho, o diretor segue relatando que “o Carnaval, que seria em fevereiro, reapareceu desde que o Brasil declarou guerra”, referindo-se às manifestações populares a favor da declaração de guerra deste país contra o Eixo. Porém, revela certo desagrado com o teor de apoio ao governo desses comícios, além de uma descrença quanto à possibilidade de Getúlio Vargas cumprir os artigos da Constituição que previam o plebiscito que decidiria sobre o limite de seu mandato. Além disso, critica a insegurança no litoral baiano mediante a possibilidade de novas agressões nazistas: “enquanto a folia se expirava, do Amazonas ao Chuy, os submarinos alemães passeiam os holofotes pela nossa velha Bahia, e os tripulantes, em uma praia, desceram para tomar água de coco!”²⁹⁴

Além de debater sobre a conjuntura política, Simões Filho aproveita a sua ligação a Otávio Mangabeira para tentar contornar problemas de ordem prática. Devido à escassez de papel que acometia muitos jornais brasileiros durante a guerra, em carta datada de 10 de janeiro de 1944, o diretor de *A Tarde* solicita ao político seu conterrâneo que intercedesse, junto a fornecedores norte-americanos, em prol do bom funcionamento do seu vespertino:

Não há outro jeito senão explorar o seu prestígio internacional. Ontem, telegrafava-lhe dizendo que os meus fornecedores, aí, haviam comunicado a T. Janner & Ltda não terem conseguido praça senão para uma remessa de 50 toneladas, embora a requisição fosse para o duplo. [...] Ora, já o ano passado recebemos quantidades mínimas, enquanto outros jornais – não sei por que (ou sei...) eram largamente fornecidos. Você, que sabe andar por todos os caminhos, veja como chegar à Comissão (ou “department”) que põe e dispõe sobre transportes, mostrando que já o ano passado fomos muito mal contemplados, de modo que justo será não seja concedida praça para um embarque substancial, a fim de nos por ao abrigo das dificuldades presentes.²⁹⁵

²⁹³ “O POVO brasileiro sempre saberá preservar a dignidade do país.” *A Tarde*, 01 de setembro de 1942, p. 3.

²⁹⁴ SIMÕES FILHO, Ernesto [carta] 30 set. 1942, Rio de Janeiro [para] Otávio Mangabeira, 3p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

²⁹⁵ SIMÕES FILHO. [carta] 10 jan.1944, Rio de Janeiro [para] Otávio Mangabeira, Nova York. 1 p. Solicita intervenção junto a fornecedores. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon/Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

Dessa forma, pelo menos no que se refere ao jornal *A Tarde*, parece evidente a ligação entre seu proprietário, Simões Filho, e Otávio Mangabeira, que conspirava nos Estados Unidos contra o comando varguista, juntamente com outros políticos brasileiros, igualmente exilados.

Portanto, embora Getúlio Vargas procurasse barganhar e impor condições, a pressão do governo norte-americano, aliada à articulação de frações americanófilas do governo brasileiro, levou ao rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo. O realinhamento da política externa brasileira favoreceu a atuação do OCIAA, uma agência norte-americana que visava suplantiar a influência nazifascista nas Américas, procurando americanizar o Brasil através de diversos canais, dentre os quais a imprensa. Com a entrada do país no conflito, os jornais editados em Salvador passaram a difundir um discurso antifascista, tendo os Estados Unidos como o maior modelo de nação democrática e liberal. Concordamos com Aruã Lima ao apontar o americanismo como uma das bases sobre as quais se construiu um novo projeto de hegemonia, capitaneado pela UDN, cujas principais lideranças eram Juracy Magalhaes e Otávio Mangabeira, ambos com vivências nos Estados Unidos.²⁹⁶ Tendo ligações com o país norte-americano desde a Primeira República, Mangabeira produziu correspondências durante seu segundo exílio, que demonstram suas articulações favoráveis à aproximação do Brasil com os Estados Unidos e ao fim do Estado Novo. Essas cartas, junto com os artigos publicados na imprensa estadunidense definindo o governo brasileiro como uma ditadura, evidenciam os acordos entre o governo norte-americano e brasileiros exilados nos Estados Unidos para derrubar Vargas.

²⁹⁶ LIMA, Aruã, op.cit.

CAPÍTULO 2 — Da democracia à economia: a influência norte-americana sobre a Bahia através da imprensa

2.1 A redemocratização do Brasil e o discurso sobre a democracia norte-americana na imprensa da Bahia

Nos últimos anos do Estado Novo, os grupos opositores a Getúlio Vargas começaram a se reorganizar, utilizando a imprensa como um veículo de propagação de ideias. Segundo Paulo Santos Silva, os autonomistas pretendiam que a abertura do regime deveria ser realizada em determinadas etapas, as quais consistiam na conquista e garantia de ampla liberdade de expressão e organização político-partidária, a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte e a anistia aos presos políticos e exilados, especialmente Otávio Mangabeira, que liderava os liberais na Bahia.¹ De acordo com o autor, o jornal *A Tarde* teve participação ativa nesse processo, tornando-se um “núcleo agregador da resistência liberal.”² Combatendo o governo Vargas, o vespertino reuniu autonomistas e diversos outros segmentos descontentes com o Estado Novo, defendendo a anistia para presos e exilados políticos, divulgando eventos em prol da restauração democrática e realizando uma campanha favorável ao candidato à presidência Eduardo Gomes, da UDN.³

De fato, não só *A Tarde*, mas outros jornais que circulavam em Salvador no período utilizaram suas páginas para conferir publicidade aos propósitos políticos de seus donos e acionistas. Há uma quantidade abundante de jornais da época para pesquisa sobre a adesão do Brasil aos Aliados, ao esforço de guerra e a luta pela redemocratização do país. Contudo, neste capítulo, adequando-se aos objetivos desta pesquisa, enfocaremos no discurso dos jornais baianos sobre a defesa da democracia, tendo como parâmetro as instituições políticas norte-americanas.

Já em janeiro de 1942, mês em que ocorreu a Conferência dos Chanceleres, ao fim da qual foi oficializado o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, os jornais baianos mostraram-se favoráveis ao alinhamento do país aos Aliados. No dia 15, *A Tarde* reproduziu o Manifesto dos Estudantes Brasileiros, editado no Rio de Janeiro, que reconhecia a posição de vanguarda desse grupo nos acontecimentos políticos brasileiros e, como no passado, tomava partido nos eventos que, “pelo seu caráter universal, preocupam a Humanidade

¹ SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Op.cit., p. 33.

² Id., *ibid.*, p. 39.

³ Id., *ibid.*, p. 39.

inteira”. Os estudantes reconheciam no Eixo o “inimigo declarado da cultura, da paz, da justiça e da liberdade”, cujos representantes se encontravam imiscuídos na sociedade brasileira:

As mesmas aspirações de independência, de progresso e liberdade a determinarem a união natural da América e, ainda, porque, a esta altura, temos um inimigo comum. Cumpre todavia lembrar que não só a nossa posição geográfica, mas, principalmente, a ‘Quintacoluna’, composta de incalculável número de alienígenas inadaptadas, que vivem em nosso território e de toda espécie de simpatizantes do Eixo totalitário, representam uma tremenda ameaça à unidade nacional e à própria integridade continental a reclamar ação pronta de todos e portanto também dos estudantes no sentido de alijar do nosso ambiente político todos os ‘Quislings’ existentes em expectativa, evitando assim as irremediáveis consequências das ‘surpresas’ de um fato consumado contra o Brasil e contra a América.⁴

Desde janeiro de 1942, os jornais baianos publicaram artigos e reportagens propagando a adesão do Brasil aos Aliados, além de defender uma união em torno do presidente Getúlio Vargas. Na edição de 28 de janeiro de *Diário de Notícias*, foi publicado um texto assinado por Cassiano Ricardo, o poeta ligado ao modernismo. Nesse artigo, o autor defende que, para uma união americana, seria imprescindível a união nacional. Segundo ele, o Brasil estava desunido “por questões regionais e facciosas” e ameaçado “de maior desunião por lutas de classes”, quando o Estado Novo restabeleceu a coesão brasileira “pela mais sábia medida que a situação exigia: a supressão imediata dos motivos de discórdia que lançavam irmãos contra irmãos”. Assim, para Cassiano Ricardo, as correntes de opinião e as facções não tinham relevância diante da beleza e da profundidade das instituições. A unidade nacional foi traduzida, portanto, por meio do gesto do governo varguista de se colocar ao lado dos Estados Unidos, diante da agressão japonesa, “mostrando, ainda, sob esse aspecto, o que há de americano no Estado Nacional.”

O poeta diz também que o governo brasileiro era uma democracia “em seu verdadeiro sentido americano”, o que significava que não se tratava de um regime de partidos “com todos os seus mitos caducos”, mas um sistema de governo “que produz maior soma de felicidade para o povo.” Então, de acordo com o autor, o Estado Novo era muito mais democrático que a velha República porque proporcionava uma maior participação do povo, através de todas as classes, na direção do país.

Cassiano Ricardo defende o caráter forte do governo, buscando respaldo no modelo político estadunidense. Para ele, o Estado Novo, “a que alguns chamam de autoritário, corresponde perfeitamente ao presidencialismo norte-americano, em que outros descobrem

⁴“MANIFESTO dos estudantes brasileiros.” *A Tarde*, 15 de janeiro de 1942.

corajosas possibilidades autocráticas.” Além disso, o apoio brasileiro aos Estados Unidos no episódio de Pearl Harbor desmentia aqueles que “deformavam as coisas, por má-fé ou ignorância, querendo deturpar o espírito do regime como contrário ao espírito das Américas.”⁵

É importante observar que, na década de 1930, Cassiano Ricardo fundara um movimento conhecido como Bandeira, tendência do grupo Verde-Amarelista, que também dera origem à Ação Integralista Brasileira (AIB). Com a derrota do poder oligárquico na revolução de 30, diversos segmentos da sociedade brasileira buscaram identificar a solução dos problemas do país, apontando alternativas de cunho nacionalista. Um exemplo disso foram os movimentos artísticos surgidos na década de 1920, fortemente influenciados pelo nacionalismo, como o “verde-amarelismo, antropofagismo, movimento pau-brasil, revalorização do folclore, revisão da história cultural do país etc.”⁶ O Movimento Bandeira era nacionalista e propagava um estado forte, mas com valorização da liberdade individual. Provavelmente por isso, o poeta se mostra no texto favorável ao Estado Novo, por acreditar que o regime se enquadrava ao seu ideal de “democracia social nacionalista”.⁷ Porém, buscando legitimidade para seus argumentos, não deixou de compará-lo às instituições políticas norte-americanas, que começavam a ser propagadas como um modelo a ser seguido pelo Brasil. Além disso, o jornal *Diário de Notícias*, nos primeiros meses de 1942, já abandonara a posição favorável ao Eixo que vinha adotando desde a década de 1930, mas continuava reticente em relação ao liberalismo. Somente após sua venda à cadeia dos Diários Associados, sua linha editorial passou a se manifestar abertamente aos Aliados.

Desde a Conferência dos Chanceleres, a imprensa divulgava a democracia como um ideal defendido pelo governo brasileiro e que deveria ser valorizado pelos leitores. Em 5 de fevereiro de 1942, embora perseguido pela polícia, Wilson Lins escreveu para o seu *O Imparcial* uma nota festejando o discurso de Oswaldo Aranha no encerramento da Conferência:

[...] o instante memorável foi o em que Oswaldo Aranha afirmou, de voz emocionada, que a Democracia está viva. Foi na verdade uma apoteose, as palmas e os gritos explodiram deveras com frenesi, todo o edifício do antigo Parlamento estremeceu nas suas bases, quando o grande estadista da Democracia Brasileira afirmou a vitalidade do regime do povo pelo povo. Penetrado pelo entusiasmo reinante, exultei também no meio daquela multidão de repórteres e comentaristas [...].⁸

⁵ RICARDO, Cassiano. “Americanismo e Estado Novo.” *Diário de Notícias*, 28 de janeiro de 1942.

⁶ IANNI, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, p. 69.

⁷ FERNANDES, Cláudio. “Movimento Bandeira”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/movimento-bandeira.htm>>. Acesso em 07 de dezembro de 2017.

⁸ LINS, Wilson. “A democracia está viva!”. *O Imparcial*, 5 de fevereiro de 1942.

Segundo Wilson Lins, a declaração do chanceler contrariava prognósticos pessimistas, oriundos de agentes fascistas:

Afirmado de público a vitalidade do regime democrático, Oswaldo Aranha subiu ainda mais no conceito público, criando para o governo Vargas, uma situação de simpatia invejável no seio das massas democráticas. A afirmação do ministro Oswaldo Aranha, além de tudo, teve a sublime virtude de desmascarar, desmentir e desmanchar as arengas infantis dos perniciosos agentes fascistas, que procuravam, engrolando da maneira mais sórdida, fazer crer, ao mundo livre, que o Brasil simpatizava as palhaçadas dos totalitários.⁹

Por fim, o jornalista atribui um caráter essencialmente democrático ao povo brasileiro, remontando a personagens históricos:

O Brasil é um país instintivamente democrata. A sua fidelidade à Democracia não é fruto de demarches diplomáticas, mas vem de uma longa experiência, cujas raízes estão enterradas no símbolo da nossa História. O Brasil odeia a força e ama a Liberdade, pois nesse clima foi que nasceu como povo e se firmou como nação perante o mundo. O ideal republicano da gente brasileira, não é uma máscara afivelada por interesses subalternos, mas uma atitude espiritual de cuja sinceridade ninguém tem o direito de duvidar. Desde muito cedo, o nosso povo aprendeu a amar a Democracia. E não foi por lições vagas de lentes mais vagas ainda, que o povo brasileiro formou sua mentalidade democrática. O professor de Democracia do Brasil não foi nenhum charlatão esperto a marca de Adolf Hitler, mas um apóstolo divino como Tiradentes, um mártir sublime como Felipe dos Santos.¹⁰

Em 28 de maio de 1942, *O Imparcial* publicou uma nota sem assinatura, que buscava convencer os leitores das potencialidades do Brasil. Entretanto, para desenvolvê-las, seria necessário ter em vista a Europa como um exemplo negativo, enquanto o positivo era representado pelos Estados Unidos:

O Brasil possui na sua tradição, na sua natureza, no seu plasma sanguíneo, no seu destino imperial (igual à soma de três fatores imensos, a terra, o homem e o passado!) as condições que distinguem os Estados eternos. Precisa apenas convencer-se delas; lembrá-las com orgulho; repeti-las em altas vozes; não se esquecer, como o nauta não esquece a bússola sem a qual a travessia é aventura e acaso. O dever dos intelectuais consiste, agora mais do que nunca, em iluminar a sua rota, sem mais espaço para as ideias subalternas e desfibrantes. Os Estados Unidos dão-nos o exemplo magnífico dessa união moral, em frente à bandeira estrelada e à águia de Washington. Do outro lado, a antítese é a Europa prostrada e mutilada. Parece oportuno recordar: o Brasil reclama a cooperação da inteligência e do trabalho; e temos de bendizer o Brasil para não faltarmos no presente e no futuro.¹¹

⁹ LINS, Wilson. "A democracia está viva!". *O Imparcial*, 5 de fevereiro de 1942.

¹⁰ Idem.

¹¹ "DEVER da inteligência!" *O Imparcial*, 28 de maio de 1942.

À medida que se aproximava o fim da guerra, os jornais passaram a defender com mais intensidade a liberdade de imprensa e a realização das eleições presidenciais, algumas vezes tendo como parâmetro os exemplos norte-americanos. Em 31 de outubro de 1944, *A Tarde* publicou um texto de Afrânio Coutinho, secretário da revista estadunidense *Reader's Digest*, sobre a censura a um livro da escritora sulista Lilian Smith.¹² O romance contava a história de amor entre um rapaz branco e uma jovem negra e as reações “da gente classe média, habitante da cidadezinha da Geórgia onde se passa o caso.” Apesar de ter sido recebido com entusiasmo, o livro, intitulado *Strange Fruit*, foi banido da cidade de Boston, sob o pretexto de ser obsceno e indecente. Segundo o autor do artigo, a proibição repercutiu numa “formidável onda de protestos e defesas por parte de todas as correntes liberais de pensamento. Intelectuais, jornais, revistas, associações, de toda parte do país surgiram manifestações de apoio e simpatia.” Toda essa reação teria sido “realmente um espetáculo edificante esta defesa dos direitos e da liberdade de pensamento.” Assim, de acordo com o autor, a real motivação da censura ao livro não foi a indecência, mas “uma oportunidade para as correntes reacionárias mostrarem uma ponta de unha.” Coutinho destaca ainda a resposta de uma revista ao aviso de que ela também estava sujeita à proibição e não seria transmitida pelo Correio, no caso de inserir anúncios do livro banido:

Sentimo-nos com o direito de declarar que é nossa intenção continuar a inserir anúncios de *Strange Fruit*, assim o requeiram, nós lhe pediremos permissão para publicar tais anúncios, informando os leitores e que sua publicação é contrária a uma ordem das autoridades postais. [...] A censura não é assunto trivial, senhor diretor dos Correios. Do que diz respeito aos americanos, ela envolve suas tradições mais íntimas... Não é uma questão de simples rotina burocrática. E é preciso ver que aquelas tradições não estejam, por ignorância e leviandade, sendo desrespeitadas... Exige uma verdadeira concepção dos direitos e responsabilidades da liberdade de palavra e da liberdade da imprensa... [...]¹³

Então, o autor encerra o texto com a seguinte frase: “por toda a parte se encontram os campeões da liberdade.”¹⁴ Dessa forma, nota-se que há uma afirmação dos valores de liberdade de expressão, de criação e de imprensa, sustentados nos Estados Unidos. E o fato de o jornal

¹² Nascido em Salvador, o professor, ensaísta e crítico literário Afrânio Coutinho mantinha um vínculo com o país norte-americano, conforme consta em sua biografia no site da Academia Brasileira de Letras: “Em 1942 foi para os Estados Unidos, convidado para exercer o cargo de redator-secretário da revista *Seleções do Reader's Digest*, em Nova York, permanecendo no posto por cinco anos. Durante esse tempo, frequentou cursos na Universidade de Columbia e em outras universidades norte-americanas, aperfeiçoando-se em crítica e história literária com mestres europeus e americanos. Em 1947, de regresso ao Brasil, fixou-se no Rio de Janeiro.” <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-coutinho/biografia>. Acessado em 17 de maio de 2018.

¹³ COUTINHO, Afrânio. “Crônica da América.” *A Tarde*, 31 de outubro de 1944.

¹⁴ Idem.

ter reproduzido o artigo denota uma intenção de que tal defesa fosse estimulada também no Brasil.

As eleições presidenciais norte-americanas, ocorridas em 1944, incitavam aprovações e elogios junto a intelectuais e políticos simpáticos à causa estadunidense. De volta aos Estados Unidos em 1943, para dar um curso sobre literatura brasileira, a convite do Departamento de Estado norte-americano, Érico Veríssimo teve a oportunidade de presenciar a campanha presidencial do ano seguinte e escreveu suas impressões no livro *A volta do gato preto*. Segundo o autor, havia uma intensa campanha contra o democrata Roosevelt através da imprensa, capitaneada pela alta finança. Apesar do contexto de guerra, as eleições ocorreriam normalmente e sem censura, com direito a ataques livres contra o presidente, “à esposa do presidente, aos filhos do presidente e até ao cachorro de estimação do presidente.”¹⁵ Além disso, Veríssimo admite uma antipatia pelo candidato republicano, Thomas E. Dewey:

Ele me dá a impressão dum desses meninos ricos que vão à escola bem vestidinho e penteadinho, que sabem a lição na ponta da língua, e que de vez em quando trazem uma maçã para a professora... Nota-se que seus discursos são previamente estudados diante do espelho. A modulação de sua voz é desagradável e pretenciosa. Por tudo isso Dewey está longe de ter a simpatia e a espontaneidade de Roosevelt.¹⁶

Nota-se, então, que, ao destacar a existência de uma oposição a Roosevelt, Veríssimo tenta ressaltar o clima de democracia e liberdade de opinião existente nos Estados Unidos, mesmo durante a guerra. E o modo como descreve o candidato republicano revela a simpatia do autor pela figura do democrata.

Em carta datada de 25 de outubro de 1944 e com destinatário não identificado, Otávio Mangabeira manifesta seu apreço pelo rito democrático norte-americano:

Estamos, como sabe, no momento, às vésperas de eleição. Não deixa de ser um grandioso espetáculo o de um país como este, a realizar normalmente, com todos os ff e rr, a sua campanha presidencial, enquanto milhões de seus homens se espalham pelo mundo, a bater-se brilhantemente em toda parte! Bem-aventurada nação! Tudo indica que o Roosevelt será reeleito, mas a liberdade é tão completa, que os republicanos admitem a hipótese de vencer, e há quem acredite que assim seja.¹⁷

¹⁵ VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947, p. 239.

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 239.

¹⁷ MANGABEIRA, Otávio. [carta] 25 out. 1944, sem local, sem destinatário. 2p. Eleições nos EUA. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon /Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

Um texto da autoria de Otávio Mangabeira, datado de 1945, aborda o contexto político do Brasil e a perspectiva de eleições democráticas, relacionando-os com as votações entre os vizinhos do Norte:

Tive a fortuna de acompanhar de perto, nos Estados Unidos, no segundo semestre do ano passado, a campanha presidencial de que resultaram a reeleição do presidente Roosevelt e a eleição, para vice-presidente, do atual presidente, Truman. Estava-se em plena guerra, com milhões de americanos mobilizados, esparsos por todos os continentes. Não se apresentou uma só voz pregando o adiamento da eleição, ou quaisquer restrições, de qualquer ordem, à liberdade de crítica durante a propaganda eleitoral. O debate entre os dois candidatos e os partidos que os apoiavam foi o mais amplo, o mais vivo [...]. A eleição propriamente dita foi o mais deslumbrante espetáculo, a prova mais deslumbrante que jamais deu se si mesma uma democracia que se preze. À certa hora da noite, tendo já votado mais de um terço da população do país – e os soldados também votaram, onde quer que estivessem, no mundo – o candidato vencido, que era o governador de Nova York, anunciou, pelo rádio, a vitória do vencedor, que era o presidente da República. Nem o presidente da República, nem o governador de Nova York, fizeram, no decurso da campanha, sequer insinuação de que um ou outro se houvesse utilizado do cargo, para abusar do poder, interferindo, de qualquer modo, no pleito.¹⁸

Portanto, Mangabeira ressalta o caráter democrático do processo eleitoral nos Estados Unidos, o qual não foi comprometido nem mesmo pela guerra. Nesse sentido, a comparação com o Brasil era inevitável:

Mísero exilado político, pelo crime de ser fiel, na minha pátria, às instituições livres, fora mister que eu tivesse uma alma empedernida, para que, ao percorrer, naquele dia, as seções eleitorais, com o pensamento volvido, como era natural, para o Brasil, para as condições de aviltamento de plena e inequívoca degradação cívica, em que estavam a viver os brasileiros, governados por um homem que confere a si mesmo, por decreto, o direito de governar, desgovernando o país, não houvesse tido, muitas vezes, lágrimas nos olhos.¹⁹

A prováveis críticos, o político baiano adianta que a comparação entre a situação brasileira e a norte-americana era, de fato, cabível, citando um episódio ocorrido em Cuba. Segundo ele, o general Fulgêncio Batista, em vez de dar um golpe para continuar no poder, apoiou um senador como seu sucessor na presidência. Em nome da oposição, se apresentou o médico San Martín, que fora deposto por Batista anos antes. As eleições cubanas foram vencidas por San Martín. Conforme Mangabeira explica, era como se “no Brasil, o sr. Getúlio Vargas, ao fim do seu primeiro quadriênio, houvesse apresentado um candidato, e contra este

¹⁸ MANGABEIRA, Otávio. Comentários sobre campanhas eleitorais nos EUA, Cuba e Brasil. 1945. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)).

¹⁹Idem.

fosse eleito, e empossado na presidência, o sr. Washington Luís.” O autor enfatiza que não se trata de “um conto de fadas, ou história de mil e uma noites. O caso ocorreu, não há muito, na pérola das Antilhas.” Neste trecho, fica explícito o anseio de que, com a redemocratização, a conjuntura política no Brasil seguisse a continuidade interrompida em 1930, com as figuras políticas, outrora alijadas, retomando os seus espaços de poder.

Em novembro de 1944, *O Imparcial* noticiou a realização de uma enquete popular entre jornalistas brasileiros, no Rio de Janeiro, sobre o resultado das eleições presidenciais nos Estados Unidos. Realizada pelo jornal *O Globo*, a enquete apontou que todos os jornalistas escolheram Roosevelt, “caracterizando-o como capitão da democracia e da liberdade.”²⁰ As eleições norte-americanas também foram mostradas como exemplos de progressismo no artigo publicado em *A Tarde*, sem assinatura. Nesse texto, o autor relata que um médico acabara de chegar dos Estados Unidos, trazendo uma impressão “indescritível”, ressaltando a liberdade de imprensa, o caráter democrático das eleições presidenciais e o fato de as mesmas terem ocorrido em meio à guerra:

A imprensa, libérrima, era principalmente republicana. Dentre os outros jornais, em minoria, ainda se contavam os independentes, que divergiam dos dois candidatos. A propaganda eleitoral, intensa, não sofreu qualquer restrição, apesar de tudo. Não alarmaram a ninguém as críticas, severas e impiedosas, que a política presidencial, incluindo necessariamente os problemas da guerra e do pós-guerra, faziam, de público, e com larga repercussão, o candidato opositor e os jornais que o apoiavam. Conhecido o resultado, a nação continuou, no mesmo ritmo, o esforço pela vitória.²¹

Por fim, o autor destaca a divergência de opiniões como elemento fundamental para a sustentação do regime político:

O que mantém, nas democracias, o segredo de seu prestígio é a competição, a concorrência, o debate, o choque entre um e outro partido. Um candidato único, de conciliação, vale como uma transigência, uma negação de princípios. Os Estados Unidos acabam de demonstrar essa verdade política. Mais do que os vinte e cinco milhões de eleitores, que reelegeram o iminente signatário da Carta do Atlântico, foram os vinte ou vinte e um milhões de sufrágios divergentes que mantiveram, na Norte América, a vitalidade do regime.²²

Publicado num contexto em que os opositores ao Estado Novo começavam a se articular reivindicando a realização de eleições democráticas, o artigo elogiava as instituições políticas

²⁰“SERÁ hoje a eleição presidencial nos EEUU”. *O Imparcial*, 07 de novembro de 1944.

²¹ “ACONTECE que eu sou Baiano”. *A Tarde*, 30 de novembro de 1944.

²²Idem.

norte-americanas, numa sugestão implícita de que as mesmas poderiam servir de modelos a serem seguidos pelo Brasil.

Entretanto, na imprensa baiana, encontramos um exemplo de que a utilização dos Estados Unidos como parâmetro também rendia críticas. Oswald de Andrade escreveu um texto, reproduzido por *O Imparcial*, que, além de bem-humorado, soa um tanto irônico. Nele, o escritor afirma que fazia “muito tempo que nunca fui aos Estados Unidos”. Apesar disso, mantinha um apreço pelo país norte-americano: “isto não impede que eu me babe todo de admiração e de respeito por aquela grande democracia”. Contudo, salienta que não eram as coisas norte-americanas que lhe faziam “esbugalhar os olhos, pois também temos por aqui coisas de arrepiar e nem por isso se me destroncam os maxilares até o presente momento”. Para Oswald, era inegável que os Estados Unidos tinham enormes edifícios que poderiam abrigar “toda a população de Braz de Pina e ainda sobrariam apartamentos para hospedar todos os passageiros que chegam atrasados pelo trem do interior e não encontram cômodos nos hotéis da capital”. Porém, no Brasil, também se construía arranha-céus “que se alastram e cobrem bairros inteiros”. Além disso, havia que se admitir o esplendor da estátua da Liberdade, mas, segundo o autor, “aqui também gozamos de liberdade para fazer estátuas do tamanho que nos apetecer”. Ele também destaca a magnitude industrial ianque, embora o Brasil não estivesse muito aquém daquela:

Não ignoramos também que a agricultura norte-americana se encontra totalmente mecanizada. Possantes tratores rasgam a terra. Outras máquinas se encarregam de distribuir os adubos e as sementes, enquanto os aviões espalham desinfetantes sobre as searas, para combater as pragas que prejudicam as plantas. Mas nada disso nos coloca em estado de alarme, porque já vimos com galhardia os novos agricultores manejar o cabo da enxada e com que desembaraço manipulam os foles, para borrifar os sulfatos de cobre sobre os cachos das uvas que os passarinhos beliscam e os parasitas.

Assim, de acordo com Oswald de Andrade, não eram as coisas maravilhosas dos Estados Unidos que o embasbacavam, até porque o Brasil também tinha suas qualidades, algumas das quais até equivalentes aos predicados estadunidenses. O que o impressionava nos Estados Unidos eram “os homens de lá e o que eles são capazes de fazer com essas coisas.” Cita como exemplo os funcionários públicos que, afirma ele, ganhavam apenas um dólar por ano. O escritor questiona:

Que faria um brasileiro que recebesse anualmente apenas vinte cruzeiros dos cofres da Nação? Que iniciativa poderia ter entre nós um cidadão que dispusesse tão somente de uma mensalidade de um cruzeiro e setenta centavos? Certamente que, com essa ridícula importância um patricio nosso não se atreveria a comprar uma corda para se enforcar ou pagar primeira

prestação de um revólver, com cabo de madrepérola, para deflagrar um tiro no ouvido. Os homens que percebem um dólar por ano nos Estados Unidos, porém, longe de cruzar os braços, são justamente os que desenvolvem maior atividade e que são vistos à testa das mais dinâmicas realizações.

Essa suposta façanha dos norte-americanos intriga Oswald de Andrade a ponto de ele manifestar o desejo de visitar o país, para entrevistá-los:

Um dia, ainda embarcarei para lá. Não para aprender a construir arranha-céus. Nem para comprar tratores e aviões. Mas unicamente para conversar em particular com esses cavalheiros e pedir-lhes que me expliquem como é que conseguem viver folgadoamente com um dólar por ano quando nós aqui cortamos uma volta redonda, para nos manter com um salário mínimo de quatrocentos e dez cruzeiros por mês?²³

Oswald de Andrade é um autor conhecido por seus textos irreverentes e satíricos, e o artigo citado acima segue esses moldes. Embora, em nenhum momento, negue o progresso dos Estados Unidos, o escritor parece não se deslumbrar pela suntuosidade do vizinho do Norte, pois acredita que o Brasil tinha qualidades não tão abaixo do modelo ianque. Chama-lhe atenção o suposto fato de que os trabalhadores estadunidenses viviam com um dólar por ano. Então, o autor questiona ironicamente como isso é possível, visto que aos brasileiros já era tão difícil viver com uma quantia maior, correspondente ao salário mínimo. Oswald estava se referindo aos *one dollar a year men* do governo norte-americano. Segundo Antônio Pedro Tota, o multimilionário Nelson Rockefeller era um exemplo dos homens que não precisavam de salário, mas, impedido de trabalhar de graça, foi contratado com a remuneração simbólica de um dólar por ano.²⁴

Oswald de Andrade era um crítico do comando varguista, o que dá margem a supor que, nesse texto, o autor procura ironizar tanto o americanismo, estimulado pela adesão do governo aos Aliados, quanto a qualidade de vida no Brasil, sob o Estado Novo. Provavelmente, o texto do escritor passou batido pela vigilância do DIP.

2.1.1 O Imparcial e a censura estadual

Propriedade do coronel Franklin Lins de Albuquerque, o jornal *O Imparcial* passou por episódios de perseguição da interventoria estadual. Em 25 de janeiro de 1942, o matutino publicou uma nota anunciando o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, enfatizando a eficiência do jornalista e redator-chefe do periódico, Wilson Lins, na cobertura da Conferência dos Chanceleres:

²³ ANDRADE, Oswald. “Faz muito tempo que nunca fui aos Estados Unidos.” *O Imparcial*, 28 de abril de 1944.

²⁴ TOTA, Antônio Pedro, *O amigo americano*, op.cit., pp. 98-9.

Ao contrário da confusão suscitada, nas últimas horas, pelas várias agências e correspondentes telegráficos, o voto foi unânime, e ocorreu ontem mesmo, tal qual divulgamos em nossa edição do dia, confirmando-se, assim, inteiramente, os comunicados colhidos pelo nosso representante especial junto à Conferência, o qual, para bem se informar do andamento das deliberações da grande Reunião de Consulta, não deixou de estar em contato com suas mais destacadas personalidades. [...] A segurança da atuação jornalística do sr. Wilson Lins sobremodo honra a imprensa baiana, definindo-lhe a atividade e a fidelidade dos informes recolhidos in loco, de primeira mão e transmitidos. *O Imparcial* conseguiu, desse modo, servir como desejara, ao seu grande público.²⁵

O Imparcial também declara apoio ao presidente: “nosso posto é, pois, ao lado do sr. Getúlio Vargas, o estadista providencial destas terras magníficas, para marchar com ele, que já se declarou ser, como soldado, dos primeiros, às linhas de frente de nossos bastiões democráticos.”²⁶

A afirmação da competência de Wilson Lins e a adesão ao governo não apareceram no jornal de forma inocente, pois a reportagem do redator-chefe sobre a III Conferência dos Chanceleres havia sido alvo de censura do DIP. Em 21 de janeiro de 1942, Wilson Lins enviara ao ministro Oswaldo Aranha telegramas comunicando ter sido proibido de publicar despachos sobre a cerimônia de encerramento da Conferência e sua crônica pedindo união dos brasileiros contra a quintacoluna. Lins elogia Aranha por sua atuação no evento que, segundo o jornalista, tornava o chanceler um paladino da democracia, um representante legítimo dos anseios brasileiros, bem como dos ideais de liberdade e pan-americanismo. Por conta dessas qualidades, o jornalista apela ao ministro no sentido de evitar que o interventor baiano, Landulfo Alves, continue com “medidas antipáticas”.²⁷

Segundo Jacira Primo, o descontentamento do pai de Wilson Lins, o coronel Franklin Lins de Albuquerque, com o mandatário estadual datava do final da década de 1930. Outrora partidário do interventor, Franklin passou a denunciar a Getúlio Vargas que Landulfo Alves nomeara opositores do Estado Novo para as prefeituras do interior. Confrontado pelo presidente, Landulfo exigiu que Franklin provasse as suas acusações, o que não foi feito.²⁸ De acordo com João Falcão, a oposição do coronel contra o interventor tinha outras razões. Para

²⁵ “DEVER dos povos americanos.” *O Imparcial*, 25 de janeiro de 1942.

²⁶ Idem.

²⁷ LINS, Wilson. [telegrama] 21 jan, 1942, Rio de Janeiro [para] ARANHA, Oswaldo. Correspondência sobre a atuação do DIP na censura à imprensa, destacando-se a intervenção no *Imparcial* de Salvador e no de Santo André, bem como o fechamento da sede dos "Italianos Livres". Rio de Janeiro, Santo André (SP), Salvador, etc. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)).

²⁸ PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Nas fileiras do Sigma: os integralistas na Bahia e a política brasileira na década de 30*. Salvador: UFBA (Tese de doutorado em História), 2013, p. 161.

Falcão, Franklin Lins de Albuquerque era um “prestigioso chefe político e caudilho no Sertão Baiano e um dos ‘coronéis’ remanescentes da Primeira República, que ainda possuía ‘polícia’ própria, constituída de capangas, mesmo na capital.”²⁹ Landulfo Alves desejava liquidar tais práticas, desagradando Franklin Lins ao não atendê-lo em solicitações de nomeações municipais e cancelando o monopólio para exportação da cera de ouricuri, que garantia muitos lucros ao coronel. Por esses motivos, Franklin Lins de Albuquerque aproveitou a conjuntura para, através de *O Imparcial*, apoiar o movimento patriótico e antifascista, com o fim de se opor a Landulfo Alves. Segundo João Falcão, “ele desejava, ao lado do Coronel Pinto Aleixo, o seu afastamento do governo, para o que contava com o apoio do general Aurélio de Góis Monteiro, no Rio de Janeiro.”³⁰

Wilson Lins confirma em suas memórias a ligação de seu pai com Góis Monteiro. Segundo ele, diante do rompimento com Landulfo Alves, Franklin Lins de Albuquerque necessitava, portanto, garantir um bom relacionamento com o governo federal. Esse vínculo era intermediado por Góis Monteiro, que, segundo Wilson Lins, mantinha apreço por seu pai há alguns anos.³¹ No dizer do jornalista,

A compra de *O Imparcial* não se efetivou por outro propósito senão de brigar. [...] A administração estadual, como a municipal, sofria um combate sistemático. E toda essa fúria contra a interventoria exigia do Coronel um apoio sem titubeios ao governo federal.³²

Assim, Wilson entrava constantemente em contato com Getúlio Vargas, pedindo interferências contra a censura estadual. Em novo telegrama, Wilson Lins reforça o pedido de providência com o fim de neutralizar a ação da interventoria baiana, que impedia *O Imparcial* de se declarar contra a quinta coluna. Segundo o redator-chefe, o interventor lhe avisara de que toda matéria referente ao integralismo e à quintacoluna só seria publicada com a sua autorização. Wilson Lins diz não compreender a proibição num momento em que se fazia necessário despertar pelos jornais o sentimento antifascista, para maior êxito da política de sociedade americana. Desse modo, ele solicita a Oswaldo Aranha medidas no sentido de

²⁹ FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci*, op.cit., p. 207.

³⁰ Id., *ibid.*, p. 207.

³¹ LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo*, op. cit., p. 66.

³² Id., *ibid.*, p. 67.

restaurar a liberdade de imprensa na Bahia.³³ Dias depois, o chanceler lhe respondeu que enviara ao telegrama ao ministro da Justiça.³⁴

Em 18 de março de 1942, Wilson Lins enviou uma carta, novamente para denunciar a Oswaldo Aranha perseguição policial contra sua folha, por manifestar um posicionamento pró-estadunidense. Segundo o jornalista:

O Imparcial, cuja redação chefiada, está sendo vítima de uma censura policial tão abusiva e sistemática em tudo quanto se relaciona em profligar o quintacolonismo que chego, por vezes, a imaginar que estejamos vivendo nalgum recanto ocupado por elementos nazistas. Eu próprio estou sendo vigiado e tenho sido revistado pelo crime de ser americanista.³⁵

Em seguida, Wilson Lins afirma não haver condições, na Bahia, de defender a colaboração pan-americana:

Na Bahia não nos sentiremos suficientemente garantidos para desempenhar a nossa tarefa. Peço encarecidamente a Vossa Excelência envide esforços no sentido de que a Bahia, para efeitos do exercício das atividades jornalísticas, seja considerada estado brasileiro, integrado na comunhão americana, sem ter seus legítimos interesses desvirtuados pela ação impatriótica de elementos infelizmente revestidos de autoridade pública.³⁶

Em anexo, reforçando os fatos relatados por Wilson Lins, o coronel Franklin Lins de Albuquerque também escreveu a Oswaldo Aranha, pedindo providências:

Tendo o nosso jornal, *O Imparcial*, franqueado suas colunas, sem a menor reserva, para a defesa intemerata dos princípios e interesses da solidariedade continental, profligando as práticas criminosas dos elementos quintacolonistas esquecidos de seus deveres patrióticos, nesse momento de tão graves ansiedades, recrudesceram contra nós, inexplicavelmente, as providências policiais, com o fim de evitar ou de nos arrefecer no desempenho de nossa missão, absolutamente harmônica com os interesses brasileiros. Todos os nossos editoriais sobre a quintacolumna e demais atividades anti-americanas são impiedosamente censuradas, parecendo que a Polícia aqui estaria recebendo sugestões da própria Gestapo, tamanha tem sido sua fúria.³⁷

³³LINS, Wilson. [telegrama] 21 jan, 1942, Rio de Janeiro [para] ARANHA, Oswaldo. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

³⁴ARANHA, Oswaldo [telegrama] 31 jan, 1942, Rio de Janeiro [para] LINS, Wilson. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

³⁵LINS, Wilson. [carta] 18 mar, 1942, Rio de Janeiro [para] ARANHA, Oswaldo. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

³⁶Idem.

³⁷LINS DE ALBUQUERQUE, Franklin [carta] 18 mar, 1942, Bahia [para] ARANHA, Oswaldo. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

Além das censuras ao conteúdo do jornal, Franklin Lins denuncia a perseguição contra seu filho e redator-chefe do matutino:

Meu filho Wilson Lins, redator-chefe do jornal, foi revistado por investigadores. Tipos suspeitos, obedientes às ordens da Polícia, rondam ameaçadoramente o nosso edifício. Levamos os fatos ao conhecimento do Comandante da Região, cujo testemunho Vossa Excelência poderá invocar. Representamos, igualmente, reclamando medidas da Associação de Imprensa local. Esperamos que o grande paladino das liberdades públicas interfira, com sua autoridade, junto aos poderes competentes, a fim de evitar com a insídia a serviço de motivos patrióticos, solertemente ocultos, não faça calar a voz sincera que temos dos ideais pan-americanos, pelos quais nossas próprias vidas poderão amanhã ser reclamadas.³⁸

Oswaldo Aranha lhes respondeu ter intercedido junto ao DIP, para resolver esses problemas.³⁹

Apesar dos apelos da família Lins de Albuquerque, a vigilância contra *O Imparcial* não foi logo arrefecida. Em carta de agosto de 1942, enviada a Getúlio Vargas e encaminhada a Oswaldo Aranha, o coronel novamente denuncia a patrulha da interventoria baiana contra seus filhos e seu jornal:

Peço vênica a Vossa Excelência para levar a seu conhecimento os fatos deploráveis que se estão verificando nesta Capital, onde mal entendida orientação dos poderes públicos locais, numa hora de justa vibração patriótica de todos os brasileiros exemplares, parece querer premiar os inimigos da segurança nacional, constringendo, por outro lado, aqueles que cumprem seus deveres cívicos, solidários com o egrégio Chefe da Nação, na justa repulsa aos atentados levados a efeitos contra a integridade e soberania da pátria. Proprietário do matutino *O Imparcial* que, há mais de ano, sob a direção de meu filho, o Doutor Franklin Junior, apoia o benemérito Governo de Vossa Excelência, colocando-se, abnegado e decidido, ao lado dos princípios que levaram o nosso país a integrar-se na causa das nações americanas em face das agressões, acabo de ter a minha residência varejada pela polícia bem como meus filhos intimados a comparecer à delegacia, sob o pretexto odioso e inqualificável de estarmos solidários com o entusiasmo da população, correspondendo às aclamações populares, nas manifestações feitas a nosso jornal. [...] No momento em que vou terminando este telegrama, chega-me a notícia da prisão de meu filho, Wilson Lins, redator-chefe de *O Imparcial* por

³⁸ LINS DE ALBUQUERQUE, Franklin [carta] 18 mar, 1942, Bahia [para] ARANHA, Oswaldo. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)).

³⁹ ARANHA, Oswaldo, 24 mar, 1942 [carta] [para] LINS, Wilson. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)).

ordem do próprio senhor interventor, diante do afastamento do chefe de polícia do cargo que exerceu até hoje de manhã.⁴⁰

Em um telegrama sem data, Franklin Lins reporta a Oswaldo Aranha seu agradecimento pela soltura de Wilson Lins e reafirma a posição do seu jornal a serviço da pátria, confiando no presidente e o exército.⁴¹ Assim, pelo menos em suas correspondências ao ministro das Relações Exteriores, Franklin Lins associava a perseguição contra Wilson Lins e *O Imparcial* a uma postura repressiva da interventoria baiana, mas não estendia as acusações ao governo varguista. Pelo contrário, solicitava junto a este medidas contra as atitudes autoritárias do comando local.

João Falcão afirma que, naquele mês de agosto, em que ocorreu a prisão de Wilson Lins, o professor da Escola de Odontologia da Faculdade de Medicina, Arnaldo Silveira, deu início a um comício, na sacada do jornal *O Imparcial*. O orador acusou Landulfo Alves de brindar, com champagne, o torpedeamento dos navios brasileiros, junto com sua esposa, de origem alemã. O professor foi preso no dia seguinte, quando também foram capturados Wilson Lins e Waldemar da Graça Leite, descrito por João Falcão como redator de *O Imparcial* e ativo antifascista.⁴² Em suas memórias, Wilson Lins acrescenta que, com o torpedeamento de navios brasileiros no litoral baiano, o jornal fortaleceu a campanha antinazista, “vinculando o situacionismo estadual às ações da quintacoluna.” Os protestos populares advindos dos ataques no mar foram interpretados pelo interventor como uma acusação direta, levando-o a apreender edições de *O Imparcial* e intimar os diretores a prestarem depoimento. Nesse processo, ocorreu a prisão de Wilson Lins, que foi relaxada devido à intervenção do comandante da Região. De acordo com o jornalista,

À tarde fui localizado pelo meu irmão Franklin, que, procurado por Pedrinho Gordilho, Delegado Auxiliar, em nome do Secretário de Justiça, acumulando a pasta de Segurança Pública, me convidava para uma conferência. Caí na armadilha, para só sair da cadeia, quatro dias depois, por força de uma visita do comandante da VI Região Militar ao interventor, em nome do Ministro da Guerra, o mesmo que após um ano me colocaria à sua disposição, por um Aviso Privado, para evitar que o jornalista provinciano perdesse a grande oportunidade de sua vida profissional, talvez decisiva para a sua carreira, a viagem aos Estados Unidos.⁴³

⁴⁰ LINS DE ALBUQUERQUE, Franklin [carta], 20 ago, 1942, Bahia [para] ARANHA, Oswaldo. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

⁴¹ LINS DE ALBUQUERQUE, Franklin [carta] Sem data, Bahia [para] ARANHA, Oswaldo. Acervo de Oswaldo Aranha (OA). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

⁴² FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci*, op.cit., p. 206.

⁴³ LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo*: op.cit., p. 82.

A essa altura, o governo de Landulfo Alves já estava com os dias contados, sendo substituído posteriormente pelo coronel Renato Onofre Pinto Aleixo.⁴⁴ Para Jacira Primo, Landulfo sofreu ataques por ter um irmão integralista, o político Isaías Alves, e uma esposa descendente de alemães, ligações bastantes questionáveis num contexto de luta contra o nazifascismo, que forneceram “poderosa munição para seus adversários políticos.”⁴⁵ Segundo Maria Helena Chaves Silva, pouco antes da saída de Landulfo do cargo de interventor, a situação sócio-política e econômica da Bahia foi analisada por um representante do governo federal. O relatório resultante deste estudo aponta que um dos problemas no estado era a presença de integralistas, tais como Isaías Alves. Também foram enumerados a falta de vigilância e punição contra os comunistas existentes na Bahia e os altos impostos cobrados na capital baiana. Consta ainda no relatório que o coronel Pinto Aleixo declarou que “a cidade ficou de pernas para o ar”, por conta das manifestações populares ao torpedeamento dos navios brasileiros, rendendo insultos contra o interventor, seu irmão e sua esposa. O próprio Landulfo Alves remetera a Getúlio Vargas um documento relatando as agitações em Salvador, atribuindo-as a funcionários e assistentes da Faculdade de Medicina, “adeptos do credo comunista.”⁴⁶ Assim, “Alves pediu exoneração do cargo em que ocupava, em 17 de novembro de 1942, alegando motivos de ordem pessoal.”⁴⁷

Conforme já foi adiantado no primeiro capítulo, é preciso destacar que esse apoio do governo e de órgãos de comunicação brasileiros aos Estados Unidos também tinha uma dimensão econômica. Mesmo com eventuais perseguições nos bastidores, a imprensa baiana reproduziu notícias sobre os acordos comerciais realizados entre o Brasil e os Estados Unidos nos anos de participação dos dois países na Segunda Guerra Mundial, repercutindo inclusive os tratados que envolviam especificamente a Bahia.

2.2 As relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos na imprensa baiana

A partir da década de 1930, com a vitória parcial sobre as forças oligárquicas, a economia brasileira passou a se modificar, revelando limites e possibilidades, devido ao “surgimento do setor industrial, a expansão do setor terciário, a urbanização e os progressos da divisão social do trabalho.”⁴⁸ Era um contexto de redefinição das relações com o capitalismo mundial, acarretando a revisão das condições de dependência e o redirecionamento do sistema

⁴⁴ LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo*: op.cit., pp. 67-77.

⁴⁵ PRIMO, Jacira Cristina Santos. Op.cit., p. 165.

⁴⁶ SILVA, Maria Helena Chaves. Op.cit., p. 169.

⁴⁷ PRIMO, Jacira Cristina Santos. Op.cit., p. 165.

⁴⁸ IANNI, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, p. 70.

econômico nacional.⁴⁹ Aproveitando a Política de Boa Vizinhança, o governo brasileiro promoveu, através do rádio e da mídia impressa, uma imagem positiva do Brasil, com o objetivo de aumentar as vendas de café para os Estados Unidos.⁵⁰ Nesse sentido, a formação do capitalismo industrial no Brasil ganhou novas perspectivas devido às rupturas provocadas pela guerra e pela expansão das forças políticas e econômicas na sociedade brasileira.⁵¹

Entretanto, essas transformações não se completaram, levando a acomodações. Segundo Octavio Ianni, “o sistema econômico e político brasileiro estava já bastante comprometido com o capitalismo mundial, numa relação subordinada.”⁵² Assim, embora a guerra tivesse aberto caminhos para o desenvolvimento econômico nacional, por outro lado, também foram criadas certas limitações. O alinhamento do Brasil no conflito mundial garantiu financiamentos à construção da indústria siderúrgica, mas conduziu o país a uma colaboração subjugada aos Estados Unidos. Para Ianni, como consequência, num contexto de consolidação da hegemonia política, militar e cultural norte-americana, houve a organização de um “movimento contrário à ideia de industrializar e emancipar economicamente o País.”⁵³

Já os Estados Unidos planejavam a expansão de seu mercado. Segundo Tania Quintaneiro, entre o século XIX e a Primeira Guerra Mundial, o país norte-americano produzia e exportava bens manufaturados em grande quantidade, porém ainda se restringia aos seus mercados internos, explorando matérias-primas em sua tradicional área de influência (México e Caribe). Em relação à América Latina, o interesse estadunidense aumentou progressivamente ao longo da primeira metade do século XX, pelo que se nota através do esforço do Departamento de Estado, que enviou agentes ao subcontinente, a fim de investigar os “distintos mercados, estudar as técnicas e táticas dos concorrentes europeus, e de detectar demandas para seus empresários.”⁵⁴ Ainda de acordo com a autora, os produtos norte-americanos começaram a penetrar o mercado brasileiro com maior intensidade a partir da Primeira Guerra Mundial, pois o conflito impusera maiores dificuldades às relações comerciais com a Europa. Disposto a manter esse mercado, o governo estadunidense criou mecanismos para conhecer melhor o público consumidor brasileiro. Segundo o relatório de um agente norte-americano enviado ao Brasil, para cultivar o comprador local, era preciso tornar-se seu amigo: “amigo primeiro, sócio

⁴⁹ Id., *ibid.*, p. 71.

⁵⁰ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 108.

⁵¹ IANNI, Octavio, op. cit., p. 70.

⁵² Id., *ibid.*, p. 71.

⁵³ Id., *ibid.*, p. 82.

⁵⁴ QUINTANEIRO, Tania. “A cultura do mercado; visão dos agentes norte-americanos sobre o comércio no Brasil.” *Locus* (Juiz de Fora), Juiz de Fora, v. 13, p. 111-129, 2001.

de negócios mais tarde. Provavelmente, em poucos países a amizade tem um papel tão importante nos negócios como entre o povo brasileiro.”⁵⁵

De acordo com Moniz Bandeira, de 1913 a 1928, o automóvel se tornou a principal mercadoria norte-americana a ser importada pelo Brasil, tornando o país latino-americano o quarto melhor mercado do mundo para os veículos fabricados nos Estados Unidos.⁵⁶ Os consumidores brasileiros eram público-alvo da disseminação, através dos meios de comunicação, do automóvel como um símbolo do *American Way of Life*, associado às ideias de arrojo, independência e charme.⁵⁷ Além disso, “o Brasil adquiria indica, nos Estados Unidos, quantidades crescentes de gasolina, petróleo cru, querosene, material ferroviário, motores e materiais elétricos, máquinas de escrever e de costura, fonógrafos, filmes e frutas, como pera e maçã.”⁵⁸ Nesse período, muitos trustes estadunidenses se fizeram presentes no Brasil, entre as quais Moniz Bandeira cita:

Companhias de cinema, de seguro, frigoríficos, fábricas de pneus, oficinas de montagem de veículos, filiais da indústria farmacêutica americanas, atraídas por vários fatores, mas visando, sobretudo, a garantir, definitivamente, a conquista do mercado brasileiro e de suas fontes de matérias-primas. O monopólio americano ampliava-se por todos os setores da economia brasileira.⁵⁹

Consequentemente, os Estados Unidos se tornaram detentores de cerca de 35% das dívidas externas do Brasil, pois este país tomara todos os seus grandes empréstimos na praça de Nova York.⁶⁰

Antônio Pedro Tota ressalta que também havia um interesse norte-americano pelos produtos do Brasil, já desde a década de 1930. Nelson Rockefeller tinha vindo ao país latino-americano em 1937, acompanhado pelo representante da *Anderson Clayton* do Brasil, a fim de “conhecer plantações de algodão e algumas fábricas de beneficiamento pelo interior de São Paulo”.⁶¹ O interesse era obter informações sobre o algodão brasileiro e a agricultura paulista, mais especificamente acerca da produção do café. De acordo com Tota, Rockefeller percebera o potencial do Brasil enquanto um celeiro de abastecimento para a população local e talvez para os Estados Unidos, em tempos de crise.⁶² A partir de então, começou a se corresponder mais

⁵⁵ RICHARDSON, E.V. A Glance at Conditions in Pernambuco, 8-10-1923. Record Group 59, Central Files. Apud QUINTANEIRO, Tania. “A cultura do mercado; visão dos agentes norte-americanos sobre o comércio no Brasil.”, op.cit.

⁵⁶ BANDEIRA, Moniz. Op.cit., p. 208.

⁵⁷ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., P.153.

⁵⁸ BANDEIRA, Moniz, op.cit., p. 208-9.

⁵⁹ Id., ibid., p. 214.

⁶⁰ Id., ibid., p. 214.

⁶¹ TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano*, op.cit., p. 83.

⁶² Id., ibid., p. 83.

com o presidente Franklin Roosevelt, visando discutir “mais detalhadamente a situação das relações comerciais dos Estados Unidos”. Naturalmente, o multimilionário estadunidense foi convidado para coordenar o relacionamento com a América Latina, sendo nomeado o responsável pelo *Office of Coordinator of Inter-American Affairs*.⁶³

A ação do *Office* era centrada principalmente na situação econômica e financeira do Brasil. Ainda segundo Tota:

Os projetos econômicos passavam pelo crivo de uma comissão de especialistas, que examinava cuidadosamente as condições de desenvolvimento do projeto, avaliava o potencial da nossa grande produção mineral, estudava os problemas de extração de outros ricos materiais estratégicos necessários ao esforço de guerra e ao planejamento de um Brasil mais organizado no pós-guerra. O governo brasileiro, segundo um documento, acompanhava com satisfação os trabalhos da comissão econômica do *Office*.⁶⁴

Ao mesmo tempo em que se estreitavam as relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos, o governo norte-americano buscava liquidar a presença econômica dos países inimigos na América Latina. Em 17 de julho de 1941, os secretários de Estado, Tesouro e Comércio, o procurador-geral, o administrador dos Controles de Exportação e o coordenador de Assuntos Interamericanos, sob o comando do presidente Roosevelt, prepararam uma lista de indivíduos e empresas ligadas aos países do Eixo, “a serem bloqueados em nome dos interesses da defesa nacional: a *Proclaimed List of Blocked Nationals* ou PL, popularmente ‘Lista Negra’”.⁶⁵ O objetivo era desestabilizar a economia das potências totalitárias, comprometendo sua rede de distribuição de produtos e o abastecimento de sua indústria. As companhias estadunidenses estavam proibidas de comercializar com as empresas bloqueadas. Firms total ou parcialmente alemãs, italianas, russas ou espanholas eram denominadas “empresas totalitárias”, ficando submetidas a três tipos de classificação: “sujeitas a liquidação; submetidas a reorganização e supervisão; e a serem fiscalizadas pelas autoridades nacionais dado seu menor destaque e risco.”⁶⁶

As companhias que ofereciam menor risco precisavam se enquadrar em determinadas exigências, como não se comprometer financeira e comercialmente com membros da PL, não agir em nome dos interesses do Eixo, e exonerar empregados suspeitos. Tamanho controle desagradou o governo brasileiro, embora os norte-americanos garantissem que tais condições

⁶³Id., *ibid.*, pp. 93-4.

⁶⁴Id., *ibid.*, p.123.

⁶⁵ QUINTANEIRO, Tânia. “Dilemas da cooperação: conflitos gerados pela política das ‘Listas Negras’ no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.” *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 49, núm. 2, julho-dezembro, 2006, p. 79. <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v49n2/a05v49n2.pdf>. Acessado em 18 de outubro de 2018.

⁶⁶ Id., *ibid.*, p. 79.

eram indispensáveis para que “a economia brasileira importasse insumos, não menos essenciais do que os materiais estratégicos que o Brasil fornecia, e que se converteriam “em aviões, tanques, armas e navios” e precisavam ser barateados.”⁶⁷ Tais circunstâncias levaram Vargas a uma situação ambígua, pois, ao mesmo tempo em que se buscava consolidar o nacionalismo econômico brasileiro, aprofundava-se a dependência do país em relação ao capitalismo estadunidense.⁶⁸

Dessa forma, a partir do ataque japonês a Pearl Harbor e a entrada dos Estados Unidos na conflito mundial, as matérias-primas latino-americanas se tornaram ainda mais apreciadas internacionalmente, com destaque para a borracha e o quartzo, que tinham uma importância fundamental no esforço de guerra.⁶⁹ Já no contexto de rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, a imprensa baiana repercutia a necessidade dos Estados Unidos em adquirir os produtos. No dia 12 de janeiro de 1942, o jornal *Diário de Notícias* publicou uma reprodução de um artigo do *New York Times*, resultante de um estudo sobre o problema dos sucedâneos no programa de defesa dos Estados Unidos. Segundo a análise,

a produção de aço será diminuta, se não atingir, pelo menos, 3000000 de toneladas. Os nossos estoques de borracha importada durarão apenas seis meses. [...] Quase tudo que tocamos e usamos é necessário ao programa de defesa, desde o aço de que é feito um alfinete até a lã que nos agasalha; desde a tinta com que revestimos uma cadeira até o barbante com que amarramos um pacote. Muitas dessas necessidades têm de ser atendidas com importações de outras terras. O óleo de coco das Filipinas e o óleo de babaçu do Brasil para sabões, amianto do Canadá, óleo de tungue da China e óleo de oiticica e de mamona do Brasil para tintas, caroá sul-americano para barbantes, mandioca das Índias Holandesas para colas e grudes, cacau da África para carbono preto. Está reduzido o suprimento de todos esses produtos.⁷⁰

Para Antônio Pedro Tota, os Estados Unidos necessitavam dos produtos brasileiros, bem como o Brasil carecia dos produtos manufaturados norte-americanos.⁷¹ Assim sendo, vários acordos foram firmados entre os dois países, no decorrer da guerra. Em março de 1942, foi definido que os Estados Unidos comprariam do Brasil os excedentes da produção interna e borracha, tungstênio, níquel e cobalto, além dos convênios sobre o algodão e os minérios de ferro e manganês.⁷² A *Tarde* noticiou a realização desses tratados, que também incluíam a Grã-Bretanha. Dentre os assuntos abordados, foram realizados os seguintes acordos envolvendo o Brasil e os Estados Unidos: fornecimento recíproco de materiais de defesa e informações sobre

⁶⁷ Id., *ibid.*, pp. 89-90.

⁶⁸ Id., *ibid.*, p. 96.

⁶⁹ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 53.

⁷⁰ “O PROBLEMA dos sintéticos nos Estados Unidos.” *Diário de Notícias*, 12 de janeiro de 1942.

⁷¹ TOTA, Antônio Pedro, *O imperialismo sedutor*, op. cit., p. 109.

⁷² CORSI, Francisco Luiz. *Op.cit.*, pp. 299-300.

defesa; desenvolvimento da produção de materiais básicos estratégicos e outros recursos naturais; a expansão da produção e compra de borracha; melhoria de ferrovia Vitória-Minas e venda de minério; e saneamento do vale do Amazonas.⁷³

A edição de 30 de junho de 1942 do jornal *O Imparcial* revelou uma intenção em despreocupar os leitores quanto à possibilidade de os recursos naturais brasileiros serem esgotados por conta das necessidades norte-americanas mediante a guerra. Funcionários do Departamento de Estado yanque, de passagem pelo Rio de Janeiro, concederam uma entrevista à Agência Nacional, reproduzida pelo vespertino baiano, na qual declararam “que o governo americano estava decidido a manter o Brasil provido de todas as matérias essenciais suficientes para preservar a economia básica da Nação”. Disseram ainda não pretender que os brasileiros se sacrificassem mais do que os norte-americanos por conta do conflito, reconhecendo a importância da colaboração do Brasil no fornecimento das matérias-primas necessárias e manifestando disposição em contribuir para o abastecimento de produtos norte-americanos, necessários aos vizinhos do sul.⁷⁴

No contexto dos empréstimos para o desenvolvimento da indústria siderúrgica brasileira e aquisição de armamentos, também foram assinados acordos comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos referentes a diversos produtos. Em julho de 1942, foram realizados tratados de exportação de aniagem, mamona, ipecacunha, timbó, babaçu, borracha e algodão. Segundo Francisco Luiz Corsi, esses tratados continham cláusulas que reservavam aos Estados Unidos o controle das exportações e dos preços. Além disso, alguns acordos determinavam as quantidades a serem colocadas no mercado brasileiro, “como no caso do babaçu, cujo o consumo interno não poderia ultrapassar 25% da produção.”⁷⁵

Na sua edição de 3 de agosto de 1942, o jornal *Estado da Bahia* noticiou a presença do embaixador norte-americano Jefferson Caffery no Brasil, para firmar acordos comerciais entre os governos dos dois países. A folha jornalística ressalta que a partida do diplomata de volta a Washington atraiu para o aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, um representante não identificado da Federação dos Estudantes, “o qual salientou os laços que unem o Brasil e os Estados Unidos.” A reportagem é ilustrada com uma fotografia desse membro da Federação dos Estudantes, entregando a Caffery “uma mensagem da juventude carioca ao presidente Roosevelt” (Figura 2.1). Ainda segundo a matéria, os acordos comerciais entre os vizinhos

⁷³“O BRASIL no terreno prático da colaboração aliada – importantes acordos entre nosso país, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.” *A Tarde*, 21 de junho de 1942.

⁷⁴“Os EEUU não desejam o sacrifício extremo dos países da América’ – declarações de altos funcionários yankees, em missão no Rio”. *O Imparcial*, 30 de junho de 1942.

⁷⁵CORSI, Francisco Luiz. *op.cit.*, p. 300.

americanos tinham o objetivo de trazer “enormes benefícios mútuos, de vez que facilitando aos Estados Unidos a aquisição de materiais de que aquele país necessita no momento”, ao mesmo tempo, promoviam “um natural desenvolvimento da vida econômica brasileira”. Caffery declara que tais convênios garantiam para o Brasil um mercado favorável nos Estados Unidos para o óleo e as sementes de babaçu e de mamona, insumos necessários ao esforço de guerra norte-americano. Consta ainda que o comércio da mamona previa a compra de duzentas mil toneladas da semente ou seu equivalente em óleo durante o ano fiscal de 1942-43, beneficiando a Bahia e demais estados, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraíba e Ceará.⁷⁶

No último trimestre de 1942, houve mais uma rodada de acordos entre o Brasil e os Estados Unidos. Desta vez, o assunto era a exportação de alimentos, como café, cacau e castanha do Pará.⁷⁷ De fato, em 3 de setembro, *A Tarde* publicou uma nota anunciando a assinatura de um tratado entre o Brasil e os Estados Unidos, sobre medidas visando o incremento da produção de gêneros alimentícios no norte e nordeste, incluindo a Bahia. Segundo o jornal,

Trata-se da concretização das providências que vinham sendo estudadas pelo Ministério da Agricultura em colaboração com o representante do Comitê Interamericano de Alimentos, do qual é coordenador o sr. Nelson Rockefeller. Assinarão o ato os srs. Oswaldo Aranha, e Apolonio Sales por parte do Brasil e Jefferson Caffery e Nelson Rockefeller, por parte da América do Norte.⁷⁸

Segundo a edição de 9 de setembro de 1942 do jornal *A Tarde*, Nelson Rockefeller veio ao Brasil, a convite do governo brasileiro, tendo sido recebido pelo embaixador estadunidense, Jefferson Caffery, e sua esposa. O periódico deu destaque a declarações do Coordenador dos Assuntos Interamericanos a respeito da convergência de interesses entre os dois países:

Os Estados Unidos podem fornecer ao Brasil o que este necessitar para se armar para esta luta, com o desenvolvimento de suas indústrias de guerra essenciais. O que os Estados Unidos necessitarem para suprir seus recursos locais, o Brasil pode fornecer. Os Estados Unidos possuem capital, perícia técnica, a maior capacidade do mundo para fabricar ferramentas e máquinas, seja para a paz ou para a guerra. O Brasil possui os gigantescos recursos da mão-de-obra, os metais estratégicos, produtos tropicais, como o café ou a borracha, e capacidade industrial que se desenvolve rapidamente a fim de fornecer o que os Estados Unidos não podem produzir dentro do seu território. Não há, certamente, no mundo inteiro, dois grandes mercados que sejam mais destinados a um comércio mutuamente benéfico no seu trabalho conjunto na batalha de produção, do que os Estados Unidos e o Brasil. [...] Em outra parte

⁷⁶ “GRANDES benefícios mútuos trarão os seis novos acordos entre Brasil e EE Unidos.” *Estado da Bahia*, 3 de agosto de 1942.

⁷⁷ CORSI, Francisco Luiz, *op.cit.*, p. 301.

⁷⁸ “SERÃO assinados hoje importantes acordos com a América do Norte – a Bahia figura entre os Estados beneficiados.” *A Tarde*, 3 de setembro de 1942, p. 8.

do mundo poderiam o café, a borracha e os óleos vegetais do Brasil, encontrar um único mercado assim tão propício às trocas? Onde, numa proporção semelhante, é o comércio tão natural entre um país tão altamente produtor da zona temperada e outro país tão altamente produtor vivendo em sua maior parte, nos climas tropical e sub-tropical?⁷⁹

Na imprensa baiana, também apareceram notícias sobre a cooperação entre as forças armadas do Brasil e dos Estados Unidos, com ênfase no fornecimento de matérias-primas, papel que cabia ao país latino-americano. Em 13 de novembro de 1942, *A Tarde* divulgou a realização de um banquete em homenagem aos membros do Exército norte-americano que serviam no Brasil. Segundo o jornal, a celebração se realizou no Aeroporto Santos Dumont, quando falou o tenente-coronel Gayoso Almendra, salientando “a solidariedade existente entre os dois países em prol dos ideais pan-americanos, traduzidos no momento atual na cooperação mútua visando a vitória da civilização americana.” O coronel estadunidense Claude Adams agradeceu a homenagem, ressaltando que o Brasil estava cumprindo a sua função na guerra:

O Brasil já está contribuindo com um quinhão de responsabilidade como companheiro absoluto das Nações Unidas. Uma constante corrente de matérias-primas afluí do Brasil para os Estados Unidos, onde é convertida em implemento de guerra para os homens que combatem na Rússia, China, Austrália, Alasca e África Setentrional.⁸⁰

Além disso, foi ressaltado na reportagem que os aviões da FAB e as unidades navais brasileiras estavam vigilantes, “patrulhando as águas estratégicas do Atlântico Sul. O Exército brasileiro está também de prontidão para levar a luta aonde quer que esteja o inimigo.” Ainda de acordo com o coronel norte-americano, os representantes das Forças Armadas brasileiras e norte-americanas reuniam-se em Washington para resolver problemas de colaboração militar, de forma que o Brasil demonstrava, para além de material e recursos militares, “a boa vontade de um aliado.” Segundo a matéria, “o orador encerrou seu discurso propondo um brinde ao presidente Vargas e à contínua cooperação militar entre o Brasil e os Estados Unidos.”⁸¹

Em agosto de 1943, *O Imparcial* reproduziu uma reportagem do jornal norte-americano *New York Times*, realizada pelo seu correspondente no Rio de Janeiro, Frank Garcia. Segundo a matéria, Garcia teria estudado “demoradamente todas as atividades no Brasil em prol da vitória da causa aliada”. A respeito das relações econômicas entre os dois países, o jornalista afirmou ter identificado a cooperação do Brasil no estabelecimento de campos de pouso no Nordeste e no patrulhamento da área marítima compreendida entre Trinidad, a costa brasileira

⁷⁹ “BRASIL e Estados Unidos completam-se economicamente – novas declarações do Sr. Nelson Rockefeller.” *A Tarde*, 09 de setembro de 1942, p. 2.

⁸⁰ “OS EXÉRCITOS brasileiro e americano unidos pelos mesmos ideais”. *A Tarde*, 13 de novembro de 1942, p. 2.

⁸¹ Idem.

e Dacar. No setor econômico, o Brasil embarcava milhões de toneladas de material bélico, como bauxita para o alumínio, manganês para o aço, cromo, berilo e bismuto para os amálgamas, estanho, ferro, mica, óleos vegetais, couros, fibras e borrachas, todos embarcados para os Estados Unidos “num ritmo crescente.”⁸²

Os diamantes baianos também foram alvos da exploração norte-americana em prol do esforço no conflito mundial. Segundo o jornal *Diário da Bahia*, em 6 de julho de 1943, “o crescente consumo do diamante nas indústrias de guerra” tinha provocado “intensa atividade por parte de nossos garimpeiros.” Os países aliados tinham grande interesse em adquirir o minério, com o objetivo de “fazer face ao fantástico programa de preparação bélica traçado e executado à risca pelo governo dos Estados Unidos.” Ainda segundo o periódico, os diamantes eram utilizados em aviação, e, em conseqüentemente, “a inteira produção do Brasil” estava sendo “vendida aos Estados Unidos”, devido ao crescente consumo interno. e uma parte importante desse material era produzida na Bahia.”⁸³

Havia ainda interesse norte-americano em nosso cristal de rocha. Em 29 de agosto de 1944, *O Imparcial* noticiou a passagem pela Bahia da geóloga estadunidense Alice Penha. Formada da Universidade de Colúmbia e especializada na Europa, ela serviu ao governo norte-americano, trabalhando no setor de minérios da Comissão Brasileiro-Americana de Compras. Suas atividades incluíam a seleção de minérios que interessam à indústria estadunidense, como o cristal de rocha, sendo conhecedora de todo o Brasil, especificamente dos garimpos de Minas e Bahia. Segundo a geóloga, companhias ianques pretendiam inverter capitais no país latino-americano. Embora houvesse dificuldades de transporte, ao fim da guerra, disse ela, os custos ficariam reduzidos e as possibilidades de maior intercâmbio comercial, cultural e político seriam mais viáveis.⁸⁴

2.2.1 Borracha

De acordo com Antônio Pedro Tota, os Estados Unidos eram grandes consumidores de borracha, utilizada na fabricação de automóveis. Porém, tinham ficado dependentes do látex asiático, monopolizado pelo Japão, que não mediria esforços para restringi-lo a seus inimigos americanos. A alternativa seria organizar o mercado produtor sul-americano, principalmente da Amazônia brasileira.⁸⁵ Quando os Estados Unidos entraram em guerra, em dezembro de 1941,

⁸²“QUANTO o Brasil tem concorrido para a vitória da civilização”. *O Imparcial*, 28 de agosto de 1943.

⁸³“DIAMANTES da Bahia para os aviões aliados – toda a produção brasileira é adquirida pelos Estados Unidos”. *Diário da Bahia*, 06 de julho de 1943.

⁸⁴“NA BAHIA, uma geóloga americana”. *O Imparcial*, 29 de agosto de 1944.

⁸⁵TOTA, *O amigo americano*, op.cit., p. 128.

havia vinte técnicos trabalhando no setor de agricultura, dos quais dezessete eram especializados em borracha. Quatorze desses técnicos foram escalados para ir à Amazônia, visando a extração nas seringueiras.⁸⁶ Segundo Francisco Luiz Corsi, a borracha era considerada uma das matérias-primas fundamentais no esforço de guerra, “sendo tema de várias reuniões entre a delegação brasileira e diversos departamentos e organismos do governo dos EUA.”⁸⁷ Ainda no dizer desse autor, Nelson Rockefeller propôs a criação de um organismo dedicado à exploração da região amazônica, que contasse com créditos e auxílio especializado do governo norte-americano.⁸⁸ Assim, foi formada a *Amazon Valley Corporation*, ou Corporação do Brasil para o Desenvolvimento da Bacia Amazônica. A entidade contava com uma maioria de técnicos norte-americanos na sua administração, apesar de sua presidência de honra ter sido dada a brasileiros. Antônio Pedro Tota destaca que “um dos ‘técnicos’ que estavam assessorando Nelson nesse caso era o coronel JC King, vice-presidente da *Johnson & Johnson*, a gigantesca empresa do setor de medicamentos, e futuro dirigente da CIA”⁸⁹.

Em 26 de novembro de 1942, o jornal *A Tarde* anunciou que técnicos norte-americanos, acompanhados de representantes da agência de notícias *Associated Press*, também vieram à Bahia, mais especificamente à cidade de Una, no sul do estado, para analisar a produção da matéria-prima no local. O grupo visitou “as plantações de seringueiras, consideradas iguais ou melhores às do Acre.”⁹⁰ A expectativa era de que a produção de borracha fosse uma das maiores fontes de riqueza da Bahia.

Em julho de 1943, *O Imparcial* publicou uma nota reivindicando a necessidade de borracha para a guerra. De acordo com o texto, o presidente Vargas tornara pública essa urgência:

Repetimos as palavras do nosso presidente: “nenhum brasileiro admitirá a hipótese de ser cedido um palmo desta terra que é o sangue e a carne de seu corpo.”. Amigos da paz e da ordem, fomos arrastados a uma guerra sangrenta pelo desrespeito à nossa liberdade. Os nossos inimigos violaram as águas que fazem parte do nosso território e mataram, criminosamente, os nossos inocentes irmãos. Estamos agora em luta! E para levar os nossos adversários à derrota, precisamos, imediatamente, de mais borracha!⁹¹

⁸⁶TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 81-2.

⁸⁷CORSI, Francisco Luiz, op.cit., p. 303.

⁸⁸Id., *ibid.*, p. 303.

⁸⁹TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 188.

⁹⁰“TÉCNICOS yankees no sul do Estado – visita aos seringais de Una; 600 milhões de Cruzeiros para a exploração do petróleo baiano.” *A Tarde*, 26 de novembro de 1942, p.2.

⁹¹SCHINDLER, Renato S.S. “Na defesa de nossa liberdade, precisamos de mais borracha!” *O Imparcial*, 2 de julho de 1943. Não conseguimos identificar informações sobre o autor esse texto.

Ainda segundo a nota, mediante o comando de Vargas, batalhões foram formados em vários Estados, numa campanha liderada, na Bahia, pelo interventor Renato Onofre Pinto Aleixo: “baianos conscientes dos seus deveres para com a Pátria empenham-se nesta luta de produção: BORRACHA, MAIS BORRACHA PARA A VITÓRIA!”⁹²

Para Francisco Luiz Corsi, o governo Vargas buscava participar da exploração da borracha, aparentemente preocupado com o controle do capital estrangeiro que entrava no Brasil. Entretanto, o programa era coordenado pelos Estados Unidos, com os seguintes objetivos: “garantir o fornecimento de um material estratégico essencial ao esforço de guerra, cercear o desenvolvimento da indústria brasileira e ser um instrumento de pressão sobre os outros países da América Latina.”⁹³ A existência de restrições às importações da borracha do Brasil para a Argentina e o Chile, porque estes países não seguiam o alinhamento político norte-americano, demonstrava a influência estadunidense sobre o governo brasileiro. Vargas conseguiu estabelecer a exportação de certa quantidade de produtos manufaturados e da borracha para os outros países da América Latina, o que sugere haver uma certa resistência brasileira às imposições ianques, embora fosse limitada pelas quotas estabelecidas pelos norte-americanos.⁹⁴

2.2.2 *Petróleo*

Segundo Antônio Pedro Tota, havia em território brasileiro materiais estratégicos fundamentais à indústria estadunidense. Em setembro de 1941, o *Office*, aliado ao *Board of Economic Warfare* (BEW), organismo que coordenava a economia de guerra, sob direção do vice-presidente, levantou “todas as fontes possíveis de materiais considerados vitais para a segurança dos Estados Unidos e do continente.”⁹⁵ Dessa forma, geólogos norte-americanos foram enviados ao Brasil “para prospectar o nosso solo e avaliar as potencialidades dos nossos recursos naturais.”⁹⁶

Para Tota, a presença dos técnicos estrangeiros no Brasil não significava uma renúncia do governo aos interesses nacionais. Em 1938, foi criado o Conselho Nacional do Petróleo e, no ano seguinte, foi encontrado petróleo em Lobato, bairro de Salvador. Então, o Conselho decidiu incluir a participação de grupos privados, tanto nacionais como estrangeiros. Nos dois primeiros anos da década de 1940, tanto a *Standard Oil* quanto os interventores do Rio de

⁹²Idem.

⁹³ CORSI, Francisco Luiz, op.cit., p. 307.

⁹⁴Id., ibid., p. 307-310.

⁹⁵TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 81-2.

⁹⁶Id., ibid., pp. 81-2.

Janeiro e da Bahia propuseram a instalação de companhia de capital misto para pesquisa e extração, com apoio da maior parte do governo varguista. Contudo, a oposição partiu dos militares e setores do Ministério da Fazenda, por motivos de segurança nacional, financeiros e burocráticos. A exploração do petróleo passou a se tornar uma questão de viés nacionalista apenas na década de 1950, com a famosa campanha “O petróleo é nosso”.⁹⁷

Logo, notícias sobre o petróleo nacional apareceram na imprensa baiana. Em 1942, o jornalista brasileiro Samuel Wainer realizou para a sua revista, a *Diretrizes*, uma entrevista com o geólogo norte-americano Glenn Rugby. Em sua autobiografia, Wainer afirma:

No início de 1940, passou pelo Brasil um geólogo americano chamado Glenn Rugby [...]. Ele me contou que, um tempo antes, estivera na Bahia, e fez declarações que tiveram muita ressonância. Afirmou, em tom categórico, que o Brasil era um país petrolífero. Mais: sustentou que havia na Bahia mais petróleo que no Texas. O DIP apressou-se em proibir a publicação de novas declarações de Glenn Rugby.⁹⁸

No entanto, a entrevista com o geólogo estadunidense foi entusiasticamente publicada pelo jornal *O Imparcial*, em 17 de novembro de 1942. De acordo com Glen Ruby⁹⁹, o Brasil tinha petróleo comercialmente explorável, embora não dispusesse dos mecanismos necessários para extraí-lo e industrializá-lo. Questionado por Wainer, o técnico norte-americano afirma ser surpreendente que os brasileiros ainda desconhecessem a existência de petróleo em território nacional, especificamente na Bahia:

Já não é segredo para ninguém que ali foram descobertos alguns campos petrolíferos que, sob um ponto de vista praticamente geológico, podem ser classificados como campos comerciais. O óleo dali extraído é magnífico e em nada difere dos melhores tipos americanos. Os campos descobertos em Candeias, Aratu e na Ilha de Itaparica, para só falar nos principais, podem desde já ser explorados comercialmente. Por outro lado, a Bahia deve considerar-se muito feliz, pois os seus campos petrolíferos estão localizados próximo ao mar e outras vias de comunicação, como estradas de ferro e rodagem em magníficas condições para escoar o produto para o interior. Essa proximidade das vias de comunicação dispensa a necessidade de grandes “pipe-lines”, agora quase impossíveis de construir devido a falta de aço.

De acordo com Glen Ruby, além do petróleo, também foi encontrada imensa quantidade de gás em Aratu, cuja exploração comercial, segundo ele, era fácil e já podia ser utilizada para fornecer energia para as perfurações dos campos petrolíferos. Então, Samuel Wainer indaga sobre as possibilidades do governo norte-americano em cooperar com o Brasil para a obtenção das máquinas necessárias à extração e conversão do petróleo em “gasolina, lubrificantes, óleo

⁹⁷TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano*, op.cit., p. 76.

⁹⁸WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*: memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 1988, p. 62.

⁹⁹A partir daqui, o nome do geólogo norte-americano Glen Ruby será escrito como apareceu nos jornais.

Diesel, combustível, enfim nesses mil derivados que tornam o petróleo um dos produtos mais nobres da economia mundial.” A isso, Glen Ruby responde:

O governo de Washington está seriamente interessado na solução do problema petrolífero dos seus vizinhos latino-americanos. Harold Ickes, secretário do Interior e Coordenador Nacional do Petróleo, está convencido que seria grandemente vantajoso para os Estados Unidos que os países sul-americanos alcançassem sua autossuficiência petrolífera, desde que a sua autarquia não fosse pura matéria de especulação, isto é, não exigisse equipamentos exagerados. O ponto de vista oficial de nosso governo é que alcançado esse objetivo, os países da América Latina poderiam contribuir melhor para o esforço comum de guerra, além de libertarem-nos de um encargo pesado.

Dessa forma, Samuel Wainer conclui que, “com imenso poder de síntese Glen Ruby acabava de definir os verdadeiros fundamentos da política de boa vizinhança em face da guerra”, enfatizando que o governo norte-americano estava “muito mais interessado no fortalecimento econômico e político dos seus aliados do que no enriquecimento de algumas centenas de acionistas de grandes empresas particulares.”¹⁰⁰

Ainda na mesma edição de *O Imparcial*, foram publicados telegramas de algumas entidades estudantis da Bahia, como uma manifestação do “mais vivo interesse no seio da classe estudantil às honestas declarações do geólogo americano Glen Ruby sobre os vastos lençóis petrolíferos da Bahia”. Segundo o jornal, toda a classe estudantil estava engajada na luta contra o fascismo:

Toda a classe, agora, mais do que nunca mobilizada pela Liberdade e Independência da Pátria, acompanha de perto todos os problemas ligados ao aceleração do esforço de guerra do Brasil, ao lado das Nações Unidas, contra o fascismo, tanto mais que a exploração do petróleo baiano, além de constituir uma ajuda inestimável ao esforço de guerra, significa a própria independência do mercado brasileiro, em face das importações de combustíveis.

Em seguida, o periódico reproduziu os telegramas das entidades estudantis, começando pelo da União dos Estudantes da Bahia, destinada ao general Horta Barbosa, responsável pela política petrolífera no Brasil:

União Estudantes Bahia dirige-se vossência continuador obra libertação nacional solicitando seu apoio medidas imediata industrialização petróleo Bahia, provadamente comerciável segundo demonstração grande geólogo americano Glen Ruby através entrevista concedida Diretrizes 12 corrente. Saudações (a.) Álvaro Pinho, presidente.

Os estudantes de Direito também de pronunciaram:

¹⁰⁰ “EXISTE muito petróleo no Brasil!”. *O Imparcial*, 17 de novembro de 1942.

Nome estudantes Faculdades Direito Bahia apelo eminente chefe governo sentido pronta solução problema petróleo Bahia único caminho conduzirá Brasil vitória final nações unidas nossa libertação econômica reforçando termos entrevista concedida “Diretrizes”. Respeitosos cumprimentos. (a.) Campos França, presidente Diretório Acadêmico.

Também foram enviados telegramas para o jornalista Samuel Wainer: “União Estudantes Bahia transmite ilustre jornalista democrata congratulações brilhante entrevista sentido patriótico obtida eminente geólogo Glen Ruby. (a.) Álvaro Pinho, presidente.” Os estudantes da Escola Politécnica e da Faculdade de Direito seguiram o exemplo: “Diretório Acadêmico Politécnica Bahia felicita ‘Diretrizes’ sua patriótica entrevista problema petróleo nacional. (a.) Fernando Sant’Ana, presidente.”; “nome estudantes Direito Bahia congratulo ilustre jornalista magnífica reportagem referente solução problema petróleo Bahia entrevista concedida Glen Ruby. (a.) Campos França, presidente Diretório.”¹⁰¹

Todas essas entidades estudantis contavam com representantes progressistas, antifascistas em geral e comunistas, como Fernando Sant’Ana, presidente do Diretório Acadêmico da Escola Politécnica. Assim, esses telegramas demonstravam a adesão dessas forças políticas ao alinhamento do governo brasileiro na guerra e à utilização do petróleo nacional no esforço contra o nazifascismo. E *O Imparcial* noticiava esse apoio como forma de divulgar que o posicionamento do presidente Vargas mediante o conflito mundial encontrava ressonância junto a grupamentos sociais, como os estudantes.

Em outra edição do jornal da família Lins de Albuquerque, considerava-se que o petróleo de Aratu não só era uma realidade, como era o melhor do mundo, conforme dizia o título de uma reportagem. Duvidar da existência do material orgânico, de acordo com o periódico, significava falta de patriotismo e, inclusive, “caráter pouco nobre de contradizer a evidência dos fatos”. Dessa forma, parecia haver, junto a setores da sociedade, uma descrença quanto à existência ou à qualidade do petróleo encontrado na Bahia, a qual o jornal busca combater:

Quando dezenas de carros do CNP [Conselho Nacional do Petróleo] rodam celeremente pelas nossas ruas, pelos nossos campos, queimando gasolina fabricada em Aratu? Será necessário que se ponha na traseira dos referidos carros: “Esta gasolina é de Aratu”? Enfim, esse pessimismo não é de hoje. Não podemos, porém, deixar de observar que a atitude de descrédito é antipatriótica. E os nossos leitores, que estão habituados a nos ver aparar, sempre, os grandes empreendimentos, estarão do nosso lado.

¹⁰¹ “DESPERTAM grande interesse as declarações de Glen Ruby”. *O Imparcial*, 17 de novembro de 1942.

Entretanto, ao mesmo tempo em que se festejava a descoberta de petróleo na Bahia, revelavam-se indícios de que as perspectivas ainda não eram tão animadoras. Na mesma reportagem, consta que o general Horta Barbosa, presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), os técnicos da referida entidade e o enviado da Missão Técnica Americana, William Kennitzer, visitaram Aratu para examinar o andamento dos trabalhos. Nessa expedição, foi constatado que um dos últimos poços, o B-35, com centenas de metros de profundidade já perfurados, ainda não dera petróleo, embora a expectativa fosse de que desse “dentro em breve”. Segundo a matéria, esta “quase certeza” era consequência “dos acurados estudos na região”, realizados pelo geólogo estadunidense Glen Ruby, que identificara que a zona petrolífera suportaria 100 poços com uma produção mínima, cada um, de 50 barris, sendo, portanto, obtidos 5000 barris diários. No entanto, o próprio texto reconhece a possibilidade de essa estimativa ser superestimada, pois estudos posteriormente empreendidos verificaram serem possíveis cerca de 20 poços em Aratu.

Em contrapartida, houve uma preocupação em não frustrar o entusiasmo do leitor quanto ao potencial de Aratu, pois a reportagem, em seguida, tratou de destacar que a região também era rica em gás, explicando em quais setores da economia o mesmo poderia ser utilizado: “o gás tem enorme aplicação industrial. Nos Estados Unidos, na Argentina, companhias comerciais há que só exploram poços de gás.” A comitiva ainda visitou poços em Candeias e Itaparica, que apresentavam indícios de petróleo, apesar de que, nessas localidades, a matéria-prima não fosse tão abundante quanto em Aratu.

Ainda havia um grande problema: a falta de infraestrutura para a extração do petróleo. Contudo, de acordo com *O Imparcial*, esse empecilho seria vencido devido ao apoio dos Estados Unidos:

O CNP tem feito repetidos pedidos nos Estados Unidos, mas, como trazê-los? Como revestir os poços se falta tubulação? Justamente na hora em que todas as dificuldades naturais foram vencidas e que se encontrou petróleo em abundância; quando somente nos falta material para arrancá-lo das entranhas e enriquecer este torrão sacrossanto, eis que nos falta a maquinaria, por motivo contrário à nossa vontade. Conseguimos dominar a natureza, roubando à terra o petróleo e temos de lutar, presentemente, contra uma dificuldade acidental: a falta de material, em consequência da guerra. Estamos certos, porém, que esta dificuldade será também vencida e confiamos, para tal, nos nossos grandes amigos da América do Norte. Os Estados Unidos se interessam pelos progressos dos países da América, hoje tão irmanados na luta de morte contra o nazismo desumano. Justamente, para que nos seja enviado grande porção de material petrolífero é que veio à Bahia, com o general Horta Barbosa, o Sr. William E. Kennitzer.¹⁰²

¹⁰²“O PETRÓLEO de Aratu é o melhor do mundo”. *O Imparcial*, 21 de novembro de 1942.

Essa ajuda dos Estados Unidos foi reafirmada pelo jornalista Samuel Wainer, em depoimento ao jornal *A Tarde*. Wainer entrevistara o geólogo Glen Ruby e acompanhara os trabalhos de exploração das jazidas de petróleo em andamento no Recôncavo. Assim, diz estar convencido de que o petróleo baiano era uma realidade e procurava persuadir os leitores:

Eu vi, toquei com minhas mãos, cheirei petróleo baiano. Isso, porém, não teria maior significação, pois não sou técnico e sim jornalista. Diante, porém, das afirmações que me fez há duas semanas o famoso geólogo Glen Ruby, e depois de conhecer mais de perto a opinião desse outro notável especialista, Mr. Kennitzer, para aqui enviado diretamente pelo governo norte-americano a fim de estudar o petróleo da Bahia, posso reafirmar tudo o que já tenho dito e escrito e que agora vi com meus próprios olhos.¹⁰³

Diante da falta de combustíveis para a indústria e do querosene para a população, Samuel Wainer afirma que os brasileiros vinham recebendo alguns estoques dos Estados Unidos, mas isso sobrecarregava “os nossos grandes aliados norte-americanos”, além de desviar em parte o auxílio que eles podiam prestar aos fronts das Nações Unidas, necessitados de petróleo. Segundo o jornalista, o Eixo concentrara quase toda a sua capacidade de guerra submarina no ataque aos navios ianques, desorganizando a rede de distribuição de combustíveis entre os países aliados. Por conta desse quadro, o Brasil tinha um papel a cumprir: o de “desobrigar os Estados Unidos dessa gigantesca tarefa que sobre ele caiu, por ser o único distribuidor de petróleo. (...) A nossa melhor maneira de auxiliar o esforço de guerra da América do Norte é pedir-lhe o menos possível.” Nesse sentido, os Estados Unidos estariam dispostos a cooperar com o Brasil, estimulando a extração do material orgânico neste país:

É lógico que em vez de nos mandar navios ianques carregados com o precioso líquido, e expostos aos maiores riscos, ele prefira remeter-nos as máquinas que nos são indispensáveis para o aproveitamento local das nossas riquezas. [...] Ajudando o Brasil a emancipar-se industrialmente estará o governo americano não só consolidando a política de boa vizinhança, como estará contribuindo para aumentar a nossa capacidade aquisitiva. Aliás, homens esclarecidos como Henry Wallace, vice-presidente da grande república de Roosevelt, tem defendido esse ponto de vista, que representa o ponto de vista não só das elites progressistas americanas como das suas grandes massas, cada vez mais politizadas por essa guerra eminentemente política.¹⁰⁴

Em 1945, ao fim da guerra, os Estados Unidos mantinham-se interessados no petróleo baiano. Compondo uma comitiva com técnicos brasileiros e norte-americanos, em visita à Bahia, o coronel João Carlos Barreto, presidente do Conselho Nacional do Petróleo, afirmou ao jornal *A Tarde* que voltara ao estado para uma nova inspeção nos serviços. Segundo ele, os

¹⁰³ “A SORTE da Bahia em matéria de petróleo é excepcional”. *A Tarde*, 27 de novembro de 1942, p. 2.

¹⁰⁴ Idem.

trabalhos estavam um pouco atrasados, devendo-se a isso o convite feito ao técnico estadunidense Lewis Mac Naughton para visitar as zonas de petróleo. O coronel ainda garantiu que o material necessário à atividade viria dos Estados Unidos, embora houvesse certo retardo por conta das dificuldades de transporte. A comitiva ainda iria visitar Aratu e Candeias, para verificar a extração de gás.¹⁰⁵

Na edição do dia seguinte do mesmo periódico, o próprio técnico Mac Naughton deu seu depoimento. De acordo com *A Tarde*, ele afirmou que o petróleo da Bahia era de excelente qualidade, estando os especialistas norte-americanos dispostos “a emprestar o melhor dos nossos conhecimentos esforços no setor da geologia, (...) e nos demais onde pudermos colaborar.” Remetendo à entrevista da véspera com o coronel João Carlos Barreto, *A Tarde* revelou que, após a visita às zonas petrolíferas de Aratu e Candeias, o presidente da CNP não pôde falar com a imprensa, mas se mostrara satisfeito com o que observara. A equipe ainda iria visitar os trabalhos de prospecção realizados na ilha de Itaparica.¹⁰⁶

Portanto, a Bahia achava-se inserida no mercado de exportação de matérias-primas para os Estados Unidos, com a imprensa local estimulando expectativas em relação a diversos produtos, sobretudo o petróleo.

Além da extração de matérias-primas, era preciso vender os produtos norte-americanos ao amplo mercado brasileiro. Para tanto, utilizava-se a publicidade como o veículo através do qual essas mercadorias seriam anunciadas, nos jornais, para o público consumidor baiano.

2.3 O esforço de guerra norte-americano através da imprensa baiana: um olhar sobre a publicidade

Nos periódicos editados em Salvador, durante o período de 1942 a 1945, é possível notar a difusão de peças publicitárias que anunciavam diversos produtos de empresas norte-americanas, de carros a filmes. A busca pela obtenção de espaços econômicos na América Latina, pretendida pelo Departamento de Estado norte-americano, compreendia uma massiva campanha política e ideológica.¹⁰⁷ Para Antônio Pedro Tota, no início da década de 1940, foi desenvolvido um projeto de americanização que aliava iniciativas de cunho educacional e cultural às necessidades da indústria norte-americana. Esse projeto foi posto em prática com a

¹⁰⁵ “OLHOS de técnico sobre o petróleo bahiano – está vindo material dos Estados Unidos.” *A Tarde*, 3 de abril de 1945, p. 2.

¹⁰⁶ “QUERO ver mais petróleo na Bahia” – diz a *A Tarde* o técnico MacNaughton.” *A Tarde*, 4 de abril de 1945, p.2.

¹⁰⁷ QUINTANEIRO, Tânia. “A LATI e o projeto estadunidense de controle do mercado de aviação no Brasil.” *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37, Jan/Jun 2007, P. 224. <http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a13.pdf>. Acessado em 19 de outubro de 2018.

utilização dos meios de comunicação como veículos através dos quais buscava-se americanizar o Brasil.¹⁰⁸ No contexto da Segunda Guerra Mundial, foi desenvolvida uma imagem do Brasil que se relacionava à modernização e à industrialização, incluindo o acesso ao consumo de mercadorias. A criação de novas necessidades foi reforçada por meio de um “poderoso aparato publicitário que, tomou conta do cotidiano ordenando o dia-a-dia, pelas ondas do rádio e nas páginas das revistas ilustradas.”¹⁰⁹

Segundo Gerson Moura, a década de 1940 foi o período a partir do qual os hábitos de consumo no Brasil foram fortemente influenciados pelos Estados Unidos. Para o autor:

Foi nesse contexto que os brasileiros aprenderam a substituir os sucos de frutas tropicais onipresentes à mesa por uma bebida de gosto estranho e artificial chamada coca-cola. Começaram também a trocar os sorvetes feitos em pequenas sorveterias por um sucedâneo industrial chamado Kibon, produzido por uma companhia que se deslocara às pressas da Ásia, por efeito da guerra. Aprenderam a mascar uma goma elástica chamada *chiclets* e começaram a usar palavras novas que foram se incorporando à sua língua falada e escrita. Passaram a ouvir o *fox trot*, o *jazz*, o *boogie-woogie* entre outros ritmos e começaram a ver muitos mais filmes produzidos em Hollywood. Passaram a voar nas asas da Panair (*Pan American*), deixando para trás os “aeroplanos” da Lati e da Condor.¹¹⁰

A publicidade desempenhou o papel de fomentar a difusão de hábitos de consumo, apresentando determinadas mercadorias como indispensáveis, embora a guerra tivesse provocado a escassez de certos produtos.¹¹¹ Segundo Denise Bernuzzi de Sant’Anna, a publicidade visa divulgar uma empresa e/ou produto e destacar suas qualidades para um público consumidor.¹¹² Ana Maria Mauad acrescenta que, no Brasil, o OCIAA era apoiado pela embaixada e por grandes empresas norte-americanas, “tais como a *General Electric*, a *General Motors*, a *Light and Power Co.* e *The National City Bank of NY*, entre outras. Todos empenhados em ampliar os canais de intercâmbio entre o Brasil e os EUA”.¹¹³ A política de boa vizinhança estimulou a criação de costumes no Brasil que se enquadravam nos parâmetros norte-americanos de modernidade. Assim sendo, o desenvolvimento de um mercado latino-

¹⁰⁸ TOTA, Antônio Pedro, *O Imperialismo Sedutor*, op.cit., p. 191.

¹⁰⁹ MAUAD, Ana Maria. “As três Américas de Carmem Miranda: cultura política e cinema no contexto da política da boa-vizinhança.” *Revista Brasileira de Estudos Americanos*, Rio de Janeiro: Contra-Capa/ABEA, vol.1, 2002, p.7.

¹¹⁰ MOURA, Gerson. *O Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Braziliense, 1984, p. 7.

¹¹¹ MAUAD, Ana Maria. A América é aqui: um estudo sobre a influência cultural norte-americana no cotidiano brasileiro (1930-1960)”. In: TORRES, S. (Org.). *Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001, p. 136.

¹¹² SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Propaganda e História: antigos problemas, novas questões.” *Proj. História*. São Paulo (14), fev. 1997, p. 92. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11237/8244>. Acessado em 16 de novembro de 2018.

¹¹³ MAUAD, Ana Maria. “A América é aqui”, op. cit., p. 136.

americano para os produtos estadunidenses era incentivado pelos diretores do OCIAA e pelas agências de publicidade. A autora cita como as agências de maior destaque a S.A. Interamericana de Propaganda, McCann-Erickson, Lincoln, Standard e Continental. Essas firmas realizavam campanhas publicitárias das empresas norte-americanas que adentravam o mercado brasileiro, veiculando propagandas em jornais e revistas, “com o discurso de que a publicidade ajudaria a manutenção dos meios de comunicação, através do pagamento de anúncios.”¹¹⁴

Para Mauad, as mulheres eram alvo preferencial das propagandas, por isso foi construída uma imagem feminina que misturava o glamour das atrizes de Hollywood e a praticidade exigida pelos afazeres domésticos:

A mulher brasileira se equipara culturalmente com a norte-americana, pois como nove entre dez estrelas de cinema, usa sabonete Lever, possui uma Bendiz automática, preserva a saúde da sua família num refrigerador GE, desfruta de horas de lazer com as amigas, acompanhadas de uma Coca-Cola gelada, compra calças *far-west* para seu marido descansar nas férias, juntamente com as alpargatas Roda, garante uma cota de saúde e alegria de seu filho dando-lhe um *Toddy*.¹¹⁵

Assis Chateaubriand, dono da cadeia de veículos de comunicação Diários Associados, teve um importante papel na aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos, junto a empresas de publicidade. Ainda de acordo com Ana Maria Mauad, Chateaubriand “foi diretor da *Foreign Advertising* e da *Service Bureau Incorporated*, a primeira agência norte-americana a estabelecer escritório no Brasil, em janeiro de 1930”, além de fomentar “a Sociedade Anônima Interamericana de Propaganda e organizar o departamento de propaganda da *General Electric* no Brasil.”¹¹⁶ Chateaubriand é apenas um exemplo dentre tantos outros nomes brasileiros da publicidade que se constituíram profissionalmente fora do país, mas fixaram residência no Brasil, procurando traduzir em português os valores defendidos pelo *American Way of Life*.¹¹⁷

De acordo com Mauad, já desde a década de 1930, existia a noção de que o Brasil ocuparia uma nova posição no jogo das relações internacionais, como um mercado consumidor e produtor de matérias-primas necessárias aos norte-americanos. A associação entre a publicidade comercial e o ideário pan-americano foi desenvolvida sobretudo por jornalistas/publicitários nos fóruns internacionais, ao defenderem os benefícios da aproximação

¹¹⁴ MAUAD, Ana Maria. “A América é aqui”, op.cit., p. 136.

¹¹⁵ Id., ibid., p. 143.

¹¹⁶ Id., ibid., p. 137.

¹¹⁷ Id., ibid., p. 138.

entre o Brasil e os Estados Unidos para ambos os países.¹¹⁸ Entretanto, as vozes dissonantes ressaltavam o impacto que esse estreitamento de relações acarretaria para cada nação do hemisfério, pois, “em pleno Estado Novo de Getúlio Vargas, a bandeira do nacionalismo e da valorização das ‘coisas’ brasileiras fazia parte da busca de nossa própria identidade cultural.”¹¹⁹

Todavia, a posição pró-ianque era hegemônica nos meios publicitários, devido à dependência dos investimentos norte-americanos nesse setor.¹²⁰ Segundo Pyr Marcondes, a empresa estadunidense *General Motors* foi pioneira na profissionalização da propaganda feita no Brasil, mantendo um departamento de propaganda desde 1925.¹²¹ Denise Bernuzzi de Sant’Anna confirma essa afirmação, acrescentando que, precedendo o rádio e a televisão, a moderna rede publicitária teve seu desenvolvimento estimulado no Brasil no final da década de 1920, com a “chegada da técnica norte-americana no país, através da empresa *General Motors*.”¹²² As empresas brasileiras adotaram técnicas de publicidade desenvolvidas nos Estados Unidos, fazendo poucas adaptações à realidade nacional. Em resultado disso, os anúncios de firmas estrangeiras não correspondiam necessariamente à cultura brasileira. Somente a partir da década de 1960, as agências de publicidade brasileiras adequaram a propaganda às aspirações e costumes locais.¹²³

Desse modo, as primeiras agências norte-americanas a chegarem ao Brasil foram a *N.W. Ayer & Son*, que tinha como cliente a *Ford*, seguida pela *J.W. Thompson*, que trabalhava para a *General Motors*. Porém, Pyr Marcondes ressalta que ainda não havia uma indústria da propaganda no Brasil, pois o próprio processo de industrialização do país ainda era muito incipiente. O setor da publicidade foi atingido por todas as flutuações econômicas do período, como a crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial, que fez cair o volume de investimentos e de desempenho comercial, ainda que as técnicas na área continuassem sendo aperfeiçoadas, com o advento da fotografia, além das ilustrações a traço, que continuaram sendo muito utilizadas.¹²⁴

De acordo com Antônio de Moraes Sarmiento, um dos pioneiros da propaganda no Brasil e fundador da filial brasileira da *McCann-Erickson*, a *N.W. Ayer & Son* tinha entre seus clientes a *General Electric*. Antes da era do rádio e da TV, os jornais e revistas eram os grandes veículos de publicidade, no que as agências contavam com a experiência e a criatividade de profissionais

¹¹⁸ Id., *ibid.*, p. 140.

¹¹⁹ Id., *ibid.*, pp. 140-1.

¹²⁰ Id., *ibid.*, pp. 140-1.

¹²¹ MARCONDES, Pyr. *Uma História da Propaganda Brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 19.

¹²² SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de, *op. cit.*, p. 93.

¹²³ MARCONDES, Pyr. *Op. cit.*, pp. 19-20.

¹²⁴ Id., *ibid.*, pp. 23-30.

estrangeiros. Relembrando sua época de presidente da *McCann-Erickson* no Brasil, Sarmiento relata ter transferido, por duas vezes, diretores de arte de Nova York para o Rio de Janeiro, numa manobra dispendiosa, mas recompensadora, pois era preciso “valorizar o talento real.”¹²⁵

No final da Segunda Guerra Mundial, as agências internacionais inauguraram no Brasil a prática da pesquisa organizada. A *McCann-Erickson* criou um departamento especializado em pesquisa de mercado, que se separou da agência e se tornou uma empresa voltada para esse fim, a Marplan. Como as firmas passaram a cobrar a existência desse serviço por parte das agências internacionais, estas estabeleceram um critério adotado nos Estados Unidos: a agência era responsável pela criação do anúncio em si; já a pesquisa de mercado, incluindo levantamentos sobre hábitos de consumo e testes de visual e embalagem, seria custeada pelo cliente.¹²⁶

Algumas das firmas estadunidenses, com filiais no Brasil, compravam espaço nas páginas dos jornais baianos para divulgar propagandas, algumas delas tendo como tema o momento político mundial e o seu esforço em prol da vitória aliada. A *Moore-McCormack*, companhia de navegação norte-americana, procurou mostrar colaboração para com o esforço de guerra, através de um anúncio publicado por *A Tarde* em dezembro de 1942:

Os luxuosos vapores da frota da Boa Vizinhança andam hoje ocupados na grave tarefa do transporte de homens e abastecimentos destinados aos campos de batalha da liberdade em terras as mais afastadas. Mas a política da Boa Vizinhança, que pôs a serviço estes grandes navios, floresce animada de um novo vigor. Está tornando mais unidas que nunca as nações do Novo Mundo. No seu flamejante esplendor, irradia a promessa dum grande e glorioso futuro... que proclamará de novo a liberdade nas terras e nos mares. Quando chegar esse dia, os Navios da Boa Vizinhança estarão de novo ao serviço das Américas... pondo em contato ainda mais estreito os povos do hemisfério americano, rasgando novas estradas comerciais, e consolidando novos aços de amizade. E em vista dessa grande ida que nós pensamos... fazemos planos... e trabalhamos.¹²⁷

A Esso, empresa norte-americana derivada da *Standard Oil*, companhia pertencente à família de Nelson Rockefeller, foi mais uma a anunciar seus préstimos no conflito por meio de uma propaganda no jornal *A Tarde*, em dezembro de 1942. Segundo Antônio Pedro Tota, a palavra “Esso” vem da grafia fonética, em inglês, das duas primeiras letras das palavras “Standard” e “oil”: S e O. Tendo chegado ao Brasil em 1912, como *Standard Oil of Brazil*, a

¹²⁵ SARMENTO, Antônio de Moraes. “As agências estrangeiras trouxeram modernidade, as nacionais aprenderam depressa.” CASTELO BRANCO, Renato; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando. *História da propaganda no Brasil*. São Paulo, SP: T. A. Queiroz, 1990, p.21.

¹²⁶ Id., *ibid.*, pp. 22-3.

¹²⁷ “BONS VIZINHOS, ontem hoje amanhã.” *A Tarde*, 23 de dezembro de 1942, p. 6.

Esso se popularizou como uma referência nos derivados do petróleo.¹²⁸ No anúncio do vespertino de Simões Filho, dizia-se:

[...] No céu, no mar e na terra, há homens e máquinas, sangue e petróleo. E com essa massa os nossos heróis estão moldando a liberdade das gerações que hão de vir, pois atacaremos com a mesma resolução com que até agora nos defendemos. [...] Sentimo-nos orgulhosos de vir colaborando nessa tarefa. As pesquisas intermináveis dos tempos de paz, a capacidade industrial de nossa organização e todos os meios possíveis de transporte, permitem-nos hoje dizer com orgulho: a cada instante, em algum lugar, os produtos Esso colaboram na Vitória!¹²⁹

Outros anúncios da Esso, com o mesmo teor, foram publicados em *A Tarde* nos meses seguintes. Em fevereiro de 1943, era possível ver no vespertino um anúncio da empresa, com uma ilustração na qual uma enorme mão segura uma tocha acesa pairando no céu, sobre uma refinaria. O desenho remete à chama, sempre acesa, que é possível verificar em indústrias desse ramo, relacionando-se à disposição da firma em colaborar ao máximo com o esforço de guerra. Além disso, é possível ler no anúncio (Figura 2.2):

Mas, onde houver um núcleo de resistência ou se estabelecer uma base para o ataque, lá está o nosso óleo auxiliando a grande causa e permitindo que o archote da liberdade, cada dia mais luminoso, apresse a vitória final. Como um símbolo, essa chama arde também no coração e todos os que se batem, de todos os que esperam o dia de amanhã. Ela ilumina o presente e iluminará o Futuro. Conservemo-la acesa na guerra como na paz!¹³⁰

Algumas marcas apontaram em suas propagandas que a sua contribuição para a guerra geraria produtos mais aperfeiçoados para uso de todos, em futuros tempos de paz. A *Willys-Overland*, montadora de automóveis norte-americana que se notabilizou por produzir o *Jeep*, famoso tipo de carro utilizado em estradas, abordou essa possibilidade em seu anúncio, publicado no jornal *A Tarde* em março de 1943. Nele, havia o desenho de soldados dentro de *jeeps*, vencendo terrenos hostis como poças e pântanos, demonstrando a capacidade do veículo em ajudar as tropas em deslocamentos difíceis. Havia ainda o seguinte texto (Figura 2.3):

Os engenheiros civis da *Willys-Overland* ajudaram os do exército no traçado e aperfeiçoamento do Jeep adotado pelo Exército Americano. O surpreendente e universalmente conhecido motor que impulsiona o *Jeep* com tanta potência, velocidade e flexibilidade, é uma criação exclusiva da *Willys-Overland*. A popularidade do *Willys-American* durante os anos anteriores à guerra estabeleceu definitivamente a crescente tendência à economia no motorismo. A economia será, mais que nunca, o requisito de maior monta em todo o mundo depois da guerra. Milhares e milhares de pessoas desejarão um

¹²⁸ TOTA, Antônio Pedro. *O amigo americano*, op.cit., p. 32.

¹²⁹ “A CADA instante, em algum lugar, os produtos Esso colaboram com a vitória!” *A Tarde*, 24 de dezembro de 1942, p.4.

¹³⁰ “NOSSA MISSÃO é manter essa chama!” *A Tarde*, 5 de fevereiro de 1943.

automóvel construído pela companhia que tem provado, tanto no *American* como no *Jeep* para o Exército que está construindo, possuir a incontestável habilidade de combinar a resistência com a leveza e a economia de combustível.¹³¹

Em abril de 1943, a *Willys-Overland* reiterou a proposta em nova propaganda, novamente veiculada por *A Tarde*, enfatizando que, depois da guerra, as melhorias obtidas nos veículos, em benefício do desempenho dos soldados na guerra, poderiam ser usufruídas pelos consumidores civis.¹³²

A *General Electric*, empresa norte-americana de energia, também publicou em *A Tarde* um anúncio, demonstrando sua contribuição ao esforço de guerra, ao afirmar que suas fábricas vinham desenvolvendo um grande volume de produção. Embora não fosse possível revelar mais detalhes a respeito, adiantava-se que vinham sendo feitos muitos aperfeiçoamentos na indústria durante os anos de guerra. Além disso, constam no anúncio algumas instruções de como economizar luz no período do conflito. Havia ainda uma ilustração que mostrava um exemplo de como racionar energia: um casal dividia o mesmo abajur, o homem com um jornal em mãos e a mulher fazendo crochê (Figura 2.4).¹³³

A escassez de matérias-primas, em decorrência da guerra, deu o tom de algumas propagandas publicadas nos jornais baianos. Em outubro de 1942, *A Tarde* publicou um anúncio da empresa norte-americana Texaco, do ramo petrolífero, ressaltando o compromisso da companhia em manter a qualidade de seus produtos, mesmo com a falta de matéria-prima. A propaganda procurava, dessa forma, destacar a importância do trabalho fora dos fronts, colocando-se como colaboradora em prol do esforço de guerra.

Os que ficam à retaguarda podem auxiliar na linha de frente, mediante cooperação com as autoridades e produção eficiente e econômica. Texaco está contribuindo com o melhor de seus esforços não só para reduzir ao mínimo os inconvenientes da escassez de petróleo como para assegurar às fábricas e oficinas os mesmos produtos de alta classe.¹³⁴

Em abril de 1943, a norte-americana *Ford* promoveu um anúncio (Figura 2.5), no jornal *Estado da Bahia*, com a ilustração de uma família diante de um carro, contemplando vários aviões cruzando o céu. Havia também um texto justificando a ausência de seus produtos para consumo de civis:

A *Ford* lamenta que as emergências naturais da situação que atravessamos nos privem das facilidades e do conforto que os seus carros sempre nos

¹³¹ “O JEEP luta em todas as frentes”. *A Tarde*, 19 de março de 1943.

¹³² “O SOL nunca se põe onde luta o carro de assalto Jeep.” *A Tarde*, 15 de abril de 1943.

¹³³ “9 SUGESTÕES para iluminação em tempo de guerra.” *A Tarde*, 12 de julho de 1943.

¹³⁴ “AMBOS trabalham para a vitória.” *A Tarde*, 05 de outubro de 1942, p. 7.

asseguraram. Está, porém, convencida de que todos os automobilistas compreendem que a falta de produtos que se faz sentir é resultante da gigantesca tarefa que pesa sobre seus ombros: garantir o transporte aéreo e terrestre das forças das Nações Unidas. Esta colaboração no esforço de todos os povos livres é moral e materialmente tão grande, que absorve integralmente toda nossa capacidade de trabalho.¹³⁵

Assim, provavelmente a família desenhada no anúncio se vira impedida de usar o próprio veículo, fosse por falta de combustível ou de equipamentos necessários à manutenção. No entanto, vários aviões de guerra cruzavam o céu, mostrando que, embora os civis vivessem alguns contratemplos, a *Ford* garantia o transporte necessário à garantia a vitória na guerra, a fim de que os consumidores voltassem a usufruir de seus produtos em tempos de paz.

A empresa norte-americana *Atlantic Oil*, descendente da *Standard Oil*, também elaborou uma propaganda que buscava justificar aos leitores de *A Tarde* e possíveis consumidores a ausência de alguns produtos no mercado. O anúncio era ilustrado por três soldados dentro de um *jeep*, transportando uma arma que parece ser um canhão. Havia na propaganda um texto, destacando a necessidade de transportar com rapidez as munições, sendo indispensáveis enormes quantidades de gasolina e lubrificantes. Por esse motivo, esses produtos, para consumo de civis, encontravam-se escassos. Segundo a propaganda, os laboratórios da *Atlantic* realizavam pesquisas para fins militares, mas que, futuramente, seriam destinadas a aperfeiçoar os serviços a clientes em geral (Figura 2.6).¹³⁶ Em outro anúncio da *Atlantic Oil* publicado por *A Tarde*, ressaltava-se a necessidade de combustível para o transporte de alimentos para soldados.¹³⁷ A *Texaco* seguiu a tendência, publicando em setembro de 1944, um anúncio no qual a empresa garantia que, apesar de contribuir ao máximo para o esforço de guerra, não deixava de atender às necessidades civis. A ilustração reforça o texto, porque mostra trabalhadores retirando caixas de mercadorias de um caminhão, sugerindo que o abastecimento de fábricas não deixou de ser garantido, mesmo com a guerra (Figura 2.7).¹³⁸

De acordo com Ana Maria Mauad, os anúncios destacando os avanços tecnológicos catalisados pelo conflito, que seriam deixados para a posteridade, procuravam denotar que o esforço de guerra haveria de ser compensado.¹³⁹ Antônio Pedro Tota complementa que, a partir de 1942, os anúncios tornaram-se mais raros nos jornais e nas rádios porque já não era possível encontrar no mercado importantes produtos, tais como pneus, geladeiras e automóveis, devido ao empenho das fábricas em produzir materiais bélicos. Coube a Nelson Rockefeller persuadir

¹³⁵“VOCÊ, FORD e a guerra”. *Estado da Bahia*, 13 de abril de 1943.

¹³⁶“MOBILIDADE – fator da vitória.” *A Tarde*, 12 de junho de 1943.

¹³⁷“OS SOLDADOS precisam comer”. *A Tarde*, 26 de junho de 1943.

¹³⁸“EM AÇÃO no front e na retaguarda”. *A Tarde*, 04 de setembro de 1944.

¹³⁹ MAUAD, Ana Maria. “A América é aqui”, op.cit., p. 145.

os administradores “da *Ford*, da *General Electric* e da *General Motors* a continuarem a investir em propaganda mesmo sem ter o que vender. Se no presente não havia bens para consumir, o futuro eletrônico e mecanizado era oferecido como catarse dos tempos difíceis.”¹⁴⁰

Algumas propagandas eram voltadas ao convencimento do leitor/consumidor quanto à necessidade de economizar produtos, pois a maioria das mercadorias estavam sendo destinadas ao suporte das tropas nos teatros de guerra. Em outubro de 1942, *A Tarde* reproduziu outro anúncio da *Ford*. O texto faz uma analogia entre a descoberta da América por Cristóvão Colombo e a responsabilidade do continente em libertar o mundo do jugo nazifascista:

Há quatrocentos e cinquenta anos, neste mesmo mês de outubro, o grito e “Terra!...” do vigia da frota de Colombo, marcou uma era nova na história do mundo... uma era em que pela primeira vez se estabeleceu o direito de cada homem viver a sua própria vida em liberdade. Hoje, esse direito está sendo desafiado. Por isso mesmo, nós da América – berço, símbolo e bastião da liberdade – estamos sentindo a grave ameaça que nos vem dos dois oceanos. Uma ameaça que está sendo feita, diretamente, a cada um de nós.¹⁴¹

A propaganda enfatizava o protagonismo dos Estados Unidos e da própria *Ford* na luta pela aniquilação dos perigos que ameaçavam a liberdade no mundo, mas assegurava que era necessária a participação de todos os países do hemisfério nesse esforço:

O papel que representam neste tremendo drama os Estados Unidos, entre as nações do continente, e a *Ford Motor Company* entre as organizações manufatureiras dos Estados Unidos é, indubitavelmente, e suma importância. Mas, nada lhe deve sugerir que não é vital a ajuda de cada indivíduo, de cada país, desde o Labrador até a Patagônia.

Logo, o texto se dirige diretamente ao leitor, buscando instigar nele um comprometimento diante do momento político:

Ama o senhor a Liberdade? Então trabalhe para ela! Responda à ameaça enquanto ainda é tempo para isso. Acelere a produção de tudo que a guerra exige e que o senhor possa fornecer. Aceite sem queixas os sacrifícios que lhe forem solicitados. Prepare-se para qualquer emergência. [...] Mas a *Ford* não poderá cumprir integralmente o seu dever, se todos os seus clientes, distribuidores e empregados, em todo os Continente, não se unirem para trabalhar – agora – pela família, lar, pátria e liberdade, em defesa do que Colombo descobriu precisamente neste mês de Outubro, há quatro séculos e meio.¹⁴²

¹⁴⁰ TOTA, Antônio Pedro, *O imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 56-7.

¹⁴¹“ELE A descobriu... Guardemo-la!” *A Tarde*, 30 de outubro de 1942, p. 4.

¹⁴²Idem.

A preocupação com a falta de matérias-primas tornou a aparecer num anúncio da Texaco, publicado pelo jornal *A Tarde* em fevereiro de 1943, no qual se reiterava a necessidade de os civis economizarem o que estivesse ao seu alcance (Figura 2.8):

Não há defesa possível sem cautelas preventivas. Colabore com o Governo para que o Brasil não seja apanhado desprevenido, combatendo o desperdício que solapa a defesa. Ajude a economizar os materiais estratégicos – petróleo, aço e borracha. Comece pelo seu automóvel ou caminhão, fazendo-os gastar menos e durar mais. Texaco Motor Oil e Marfak poderão ajudá-lo.¹⁴³

O anúncio ainda contava com duas ilustrações, uma mostrando soldados com máscaras de gás e outra, de um policial abordando um motorista, provavelmente fiscalizando o consumo de combustível e outros materiais que deveriam ser economizados.

Em outra propaganda da Texaco, procurou-se mostrar que havia sido desenvolvida tecnologia visando economizar matérias-primas em prol do conflito, solicitando aos leitores de *A Tarde* a mesma boa vontade em cooperar. Constam ainda duas ilustrações, uma de um soldado apontando uma metralhadora para um alvo distante, e outra retratando uma pistola de lubrificação. O texto diz que ambos os equipamentos eram igualmente necessários ao esforço de guerra (Figura 2.9):

As pistolas de lubrificação – que ajudam a conservar em bom estado os caminhões, ônibus e automóveis – são tão essenciais para a defesa do país quanto as metralhadoras na frente de batalha, visto que ajudam a poupar os materiais essenciais: ferro, aço, metais, borracha, petróleo. Mantendo o seu automóvel em bom estado, mediante revisões mecânicas e lubrificações periódicas, o Sr. estará economizando o seu dinheiro e cooperando para a defesa do País.¹⁴⁴

Em junho de 1943, *A Tarde* publicou um anúncio da *Standard Oil* (Esso) com uma ilustração de homens dentro de um bote, à deriva no mar, acompanhada de um texto segundo o qual aquelas vidas puderam ser salvas graças à “borracha necessária para fabricar um pneu”. Além de conter instruções de como conservar os pneus dos carros, a propaganda enfatizava a responsabilidade dos leitores/consumidores diante do momento crítico (Figura 2.10):

Eis o milagre para o qual o sr. pode contribuir, poupando cada pneu de seu carro, caminhão ou ônibus em tráfego. Pois se o sr. obedecer a todas as regras para poupar pneus, não precisará, tão cedo, comprar novos. [...] Poupe o seu pneu, com a satisfação de quem está fazendo contra o Eixo!¹⁴⁵

¹⁴³ “PRECAUÇÕES contra males maiores.” *A Tarde*, 08 de fevereiro de 1943.

¹⁴⁴ “DEFESA”. *A Tarde*, 03 de maio de 1943.

¹⁴⁵ “SETE HOMENS salvos por um pneu.” *A Tarde*, 21 de junho de 1943.

Em outubro de 1943, por meio de um anúncio publicado o jornal *A Tarde*, a *General Electric* reforçava a necessidade de economia, instruindo os leitores/consumidores de que poupar “materiais indispensáveis à indústria bélica é uma forma de cooperar para a Causa das Nações Unidas, em cuja produção de guerra estão empenhadas as fábricas e os laboratórios da *General Electric*.” A economia de “lâmpadas G.E.” seria, então, uma nova contribuição para a “Grande Causa” (Figura 2.11).¹⁴⁶

Segundo Kathleen German, citada por Pauline Bitzer Rodrigues, o ideal do patriotismo e do cultivo de valores morais vinculava-se ao consumismo.¹⁴⁷ Era preciso abrir um mercado consumidor interno por meio da criação de uma demanda, elaborada culturalmente no imaginário popular, para os produtos derivados do esforço de guerra, que passariam a ser disponibilizados para a população civil após o conflito.¹⁴⁸

Dessa forma, todos tinham uma responsabilidade a assumir diante do momento político, que em breve seria compensada. Embora a guerra tivesse acarretado a carência de certos produtos e matérias-primas, havia um projeto norte-americano que buscava difundir no Brasil novos hábitos de consumo. Através dos anúncios publicitários nos jornais baianos, disseminava-se a ideia de que, apesar de os civis terem sido atingidos pela escassez, o conflito mundial também provocou o desenvolvimento tecnológico, que beneficiaria os consumidores com maior abundância e eficiência, quando começasse o período de paz.

Logo, verificamos que parte do discurso dos jornais baianos em defesa da democracia, da liberdade de imprensa e da realização de eleições presidenciais tinha como parâmetro as instituições políticas norte-americanas. Servem como exemplo os argumentos sobre as eleições para o cargo de principal mandatário dos Estados Unidos, ocorridas em 1944, estimulando a aprovação de intelectuais e políticos entusiastas da causa ianque. Porém, ao se declarar pró-americanista, *O Imparcial* sofreu censura estadual, numa sanha repressiva que dizia respeito não somente à conjuntura da Segunda Guerra, como também se ligava a questões da política local. A imprensa de Salvador repercutia notícias sobre os acordos comerciais realizados entre

¹⁴⁶“ESTA MESMA lâmpada poderá dar mais luz.” *A Tarde*, 25 de outubro de 1943.

¹⁴⁷ GERMAN, Kathleen. “Economic Convergence and the Celebration of Mass Production: The World War II Advertising Campaign to sell Jeeps.” In: HARIDAKIS, Paul M.; HUGENBERG, Barbara S.; WEARDEN, Stanley T. (org) *Essays on News Reporting, Propaganda and Popular Culture*. Carolina do Norte: McFarland & Company, 2009, p. 209. Apud RODRIGUES, Pauline Bitzer. *Propaganda de guerra e publicidade: expectativas para a (re)conversão socioeconômica estadunidense no fim da Segunda Guerra Mundial (1944-1945)*. Dissertação (mestrado em História). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015, p. 59.

¹⁴⁸ RODRIGUES, Pauline Bitzer, op. cit., p. 59.

o Brasil e os Estados Unidos nos anos de participação dos dois países na Segunda Guerra Mundial, divulgando inclusive os tratados que envolviam especificamente a Bahia, relativos à extração de matérias-primas. Além disso, devido à necessidade de vender os produtos manufaturados norte-americanos ao mercado brasileiro, a publicidade era usada como um instrumento de divulgação das mercadorias, nos jornais baianos, para o público consumidor local.

CAPÍTULO 3 — “Pela sobrevivência da civilização”: a impressão de baianos sobre os Estados Unidos na imprensa de Salvador

3.1 A imprensa baiana e o pan-americanismo

Segundo German Kratochwil, o pan-americanismo tem dois significados diferentes, de acordo com o ponto de vista de quem os elabora. Para os idealizadores da política norte-americana em relação à América Latina, o pan-americanismo defende a união das repúblicas americanas, baseada na igualdade política, na colaboração interamericana e no respeito aos interesses de cada república. Porém, segundo a posição latino-americana, o pan-americanismo refere-se a um conjunto de valores criados por setores dos Estados Unidos, a serem cultivados pelos países americanos, “a fim de que o resultado satisfaça os interesses comerciais e militares daquele país.”¹ Ambas as definições foram desenvolvidas nas primeiras décadas do século XIX, quando o processo de independência de vários países latino-americanos levou os Estados Unidos a definir novos objetivos e alinhamentos políticos.²

O projeto pan-americanista foi concebido em duas vertentes distintas, o bolivarianismo e o monroísmo. O primeiro foi idealizado por Simon Bolívar, “venezuelano que dirigiu a luta pela independência da Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia e Equador.”³ Em seus escritos, Bolívar procurou incentivar a união das repúblicas latino-americanas contra possíveis reações espanholas, apoiadas pela Santa Aliança. Para tanto, foi realizada uma série de conferências e congressos entre os países recém-emancipados. Já o monroísmo preconizava a preponderância dos Estados Unidos sobre as demais sociedades do continente, manifestando-se pela primeira vez por meio da Mensagem Presidencial de James Monroe (1823), remetida ao Congresso do país ianque. O objetivo da mensagem era negar aos europeus “o direito de intervenção no continente americano, seja para criar áreas de colonização, seja para suprimir a independência recém-conquistada pela maioria dos Estados americanos.”⁴ Os Estados Unidos opunham-se à Europa por três motivos principais: a preocupação com sua própria segurança, visto que a Santa Aliança buscava a preservação das instituições monárquicas e a liquidação dos regimes republicanos; os anseios expansionistas do país norte-americano, que pretendia estender seu

¹ KRATOCHWIL, German. “Pan-americanismo”. In: SILVA, Benedito; et al (orgs). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 880.

² Id., *ibid.*, p. 880.

³ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *História das sociedades americanas*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 231.

⁴ Id., *ibid.*, p. 235.

território até o litoral do Pacífico; e o interesse estadunidense em assegurar o livre comércio com as nações americanas independentes.⁵

Dessa forma, percebe-se que as tentativas norte-americanas de abranger a América Latina como sua área de influência são muito anteriores à Segunda Guerra Mundial. Criada em 1823, a Doutrina Monroe era vista pela opinião pública brasileira, no início do século XX, como instrumento de defesa da integridade territorial do continente em face das agressões europeias. Entretanto, foi transformada em justificativa para a autorização de intervenções em países latino-americanos abarcados pela ampliação da área de segurança norte-americana. O então presidente Theodore Roosevelt (1901 – 1909) assegurou o afastamento da dominação europeia na América, invocando a doutrina e colocando o subcontinente sob a influência dos Estados Unidos.⁶ Para tanto, o governo norte-americano reformulou o conceito de proteção do hemisfério contra agressões extracontinentais, de maneira que embasasse a política de coerção contra Estados latino-americanos. Em contrapartida, se comprometia com a Europa em cuidar para que as nações latinas da América se mantivessem em ordem e honrassem seus compromissos. Essa nova versão da Doutrina Monroe ficou conhecida como Corolário Roosevelt, segundo o qual os Estados Unidos se arrogavam a função de dirigir os povos “menos competentes”.⁷

No contexto de estreitamento de relações entre o Brasil e os Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, o pan-americanismo voltou à ordem do dia. Assim sendo, os periódicos de maior circulação em Salvador publicaram textos explicativos sobre o assunto, com o objetivo de esclarecer os leitores. Em uma coluna intitulada *Pela ordem*, do jornal *O Imparcial*, foi publicado um artigo do político e intelectual sergipano Luiz Dias Rollemberg, que fazia uma comparação entre o monroísmo, bastante citado à época, e o pan-americanismo. De acordo com o autor, a Doutrina Monroe destinava-se a proteger as novas nacionalidades americanas dos “perigos consequentes ao espírito retardatário que predominou a Conferência de Viena em 1815, logo consolidado no pacto da Santa Aliança”. No entanto, perdeu esse caráter inicial de proteção para tornar-se “uma teoria de colaboração e de cooperação recíproca com os demais povos deste hemisfério”. Dado o desenvolvimento das nações da América, “que hoje constituem todas elas, pelo seu alto padrão de vida cultural e econômica, verdadeiras expressões da mais alta civilização”, não demorou que o monroísmo desse lugar ao pan-

⁵ Id., *ibid.*, pp.235-6.

⁶ BUENO, Clodoaldo. “Rio Branco: prestígio, soberania e definição do território.”. In: CERVO, Amado Luiz e BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 180.

⁷ Id., *ibid.*, pp. 180-1.

americanismo. Segundo Rollemberg, a diferença entre ambos seria a de que, enquanto o monroísmo era uma doutrina protecionista, o pan-americanismo “é essencialmente uma doutrina de irmanização”.⁸ Nesse sentido, a solidariedade hemisférica compreende a cooperação nos setores da vida política, econômica e cultural, visando a defesa do continente.

Em abril de 1942, *A Tarde* procurou recuperar as origens históricas do pan-americanismo, a partir da Doutrina Monroe. Segundo a nota, o pioneirismo na defesa da emancipação americana foi assegurado pelo presidente estadunidense James Monroe, refutando a proposta da Santa Aliança que comprometia a soberania dos países do Novo Mundo. Menciona também que Simon Bolívar convocou as nações americanas, “inclusive os Estados Unidos”, para uma conferência, receando um movimento europeu para restabelecer o status quo de antes das guerras de independência. Depois, de acordo com o texto, o pan-americanismo cresceu com as conferências entre os países do continente, cuja iniciativa cabe, mais uma vez, aos Estados Unidos, recebendo forte impulso a partir de 1941, com a atuação dos presidentes Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas na comemoração da independência do Brasil. Finalmente, a Conferência do Rio de Janeiro foi a ocasião em que o pan-americanismo foi reiterado, “onde a voz das nações latino-americanas se fez ouvir unida à dos Estados Unidos”. Então, apesar de o pan-americanismo constituir “um fruto espontâneo e autóctone do nosso continente”, todas as demonstrações de apreço à liberdade e aos princípios democráticos mencionadas no artigo estavam condicionadas à liderança norte-americana.⁹

Em um artigo assinado por Luiz Viana Filho e publicado em *A Tarde*, consta que o Brasil foi um país “de primeira hora” em prol da causa pan-americana. Na mesma época da nossa independência, Monroe anunciou a decisão dos Estados Unidos de “não permitirem a intervenção da Europa nos negócios das fracas e jovens nações americanas”, tão logo sendo seguidos pelo Brasil, que propôs a formação de uma aliança ofensiva e defensiva na base dos princípios contidos na mensagem. Apesar de a sugestão brasileira não ter sido realizada, para Luiz Viana Filho, demonstrava-se “de maneira categórica a orientação do espírito brasileiro”, do qual “não nos desviamos jamais”. A República consolidou o pan-americanismo, defendido por nomes como Rio Branco, Rodrigues Alves e Joaquim Nabuco.

Há que se contextualizar a atuação das figuras citadas por Luiz Viana Filho como representantes do pensamento pan-americanista. Segundo Clodoaldo Bueno, o barão do Rio Branco, como ministro das Relações Exteriores, teve autonomia de ação na condução da política exterior brasileira, mantendo-a independente das mudanças presidenciais, pois ocupou

⁸ ROLLEMBERG, Luiz Dias. “Na guerra o continente da paz”. *O Imparcial*, 25 de janeiro de 1942.

⁹ “AS AMÉRICAS unidas por um só ideal!” *A Tarde*, 14 de abril de 1942.

o cargo diplomático nos governos de Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca. O barão defendeu o estreitamento das relações com os Estados Unidos. No dizer do autor,

O Brasil, na periferia do sistema capitalista e exportador de produtos tropicais, de acordo com a divisão internacional do trabalho estabelecida em fins do século XIX, tinha naquele país seu mais importante mercado consumidor. Em contrapartida, a amizade do Brasil convinha aos Estados Unidos pela sua posição estratégica, já que a Argentina mantinha vínculos estreitos com a Grã-Bretanha e repelia a aproximação norte-americana, pelo potencial de seu mercado e possibilidades de investimentos.¹⁰

Nesse sentido, Rio Branco via a Doutrina Monroe como elemento de defesa territorial do continente contra possíveis investidas das grandes potências europeias.¹¹ O ministro receava a agressividade do continente do “Velho Mundo” desde a sua missão especial junto ao governo da Suíça para defender a causa brasileira, no litígio com a França, pela posse do Amapá. Por isso, valorizava “o caráter defensivo da Doutrina Monroe e a entendê-la como aplicável às questões de limites entre as nações latino-americanas e as potências europeias que ainda conservavam colônias no continente americano.”¹²

Já Joaquim Nabuco foi o primeiro a chefiar a embaixada brasileira em Washington, criada em 1905. Assim como Rio Branco, Nabuco reconhecia os Estados Unidos “como centro de um subsistema internacional de poder.” Além disso, o embaixador insistia que as repúblicas americanas formavam no mundo uma grande unidade política e considerava o caráter defensivo da Doutrina Monroe, no sentido de afastar cobiças estrangeiras. Portanto, a seu ver, a aliança com os Estados Unidos era totalmente benéfica.¹³

Voltando ao texto publicado no jornal *A Tarde*, Luiz Viana Filho cita Joaquim Nabuco ao dizer que era preciso construir uma opinião pública americana, que começaria com a “inviolável liberdade de imprensa” e, quando esta se consolidasse, fazer parte da União das Repúblicas Americanas significaria imunidade para cada uma delas, “não só de conquistas estrangeiras, mas também de governo de arbítrio e suspensão pública individual”. A essa lição de Joaquim Nabuco, Luiz Viana Filho atribui a certeza da vitória “por que lutam os povos livres da América”.¹⁴ Desse modo, o político baiano foi o primeiro a associar, nos jornais, uma opinião favorável ao pan-americanismo à necessidade de se defender a liberdade de imprensa, que

¹⁰ BUENO, Clodoaldo. “Rio Branco: prestígio, soberania e definição do território”, op. cit., pp. 177-8.

¹¹ Id., *ibid.*, p.178.

¹² Id., *ibid.*, p.181.

¹³ Id., *ibid.*, pp. 184-6.

¹⁴ VIANA FILHO, Luiz. “O Brasil e o pan-americanismo”. *A Tarde*, 14 de abril de 1942.

levaria ao fim dos regimes de exceção e à concretização da democracia. Luiz Viana Filho adianta, assim, uma discussão que estaria em voga nos anos seguintes, estimulada pelo processo de declínio do governo varguista.

Importante teórico do Estado Novo, Azevedo Amaral teve um texto de sua autoria publicado no jornal *Diário de Notícias*. Crítico do liberalismo por considerá-lo uma criação anglo-saxã e, portanto, incompatível com as características do povo brasileiro, Amaral defendia “um Estado autoritário, intermediário entre o Estado liberal e o Estado totalitário, aos quais condenava com veemência.” Exaltava a personalidade de Getúlio Vargas, cujo carisma tinha o papel de unificar a política nacional.¹⁵ Justifica-se, dessa forma, que, no texto publicado no *Diário de Notícias*, Azevedo Amaral ressaltasse o pioneirismo do Brasil na compreensão do sentido do pan-americanismo e no esforço em dar-lhe uma fundamentação teórica.

Para Azevedo Amaral, Getúlio Vargas teria sido o primeiro a definir as bases doutrinárias da solidariedade das nações americanas. Porém, as nações de origem espanhola, herdeiras de um forte antagonismo antissaxônico, encararam o “monroeísmo” como ameaça à sua independência. Menos influenciado por antagonismos raciais e psicológicos, o Brasil foi a única nação das Américas que nunca assumiu uma atitude hostil à fórmula de Monroe. A falta de postulados definidos acerca do pan-americanismo foi remediada primeiro, em nosso país, pelos estadistas Rio Branco e Joaquim Nabuco, que, mesmo antes de Getúlio Vargas, revelaram um entendimento claro do chamado “neomonroeísmo” e das suas possibilidades como instrumento de coordenação continental. Nabuco quis ver na articulação continental um meio de evitar que os povos americanos se envolvessem em guerra de outros continentes. A sua ideia foi aceita como pacífica e, no pressuposto de que ela se tornaria um dos dogmas fundamentais do pan-americanismo, os povos latino-americanos começaram a esquecer suas reservas e suspeitas, para adotarem uma política de maior confiança nos Estados Unidos. Já Rio Branco insistiu no princípio de que o pan-americanismo não afetava a vida interna dos povos americanos, nem a sua liberdade em política externa, desde que os atos diplomáticos não se opusessem aos interesses comuns do continente. Segundo o autor, ao presidente Getúlio Vargas, ficou reservado o papel de criador do pan-americanismo prático. A conjuntura exigia que os demais países do hemisfério também se posicionassem a respeito.¹⁶ Logo, nesse texto, nota-se um esforço de Azevedo Amaral em ressaltar o suposto protagonismo de Getúlio Vargas em relação ao pan-americanismo, outrora atribuído apenas a outros personagens, como os

¹⁵ AMARAL, Azevedo do. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/amaral-azevedo-do>. Acessado em 27 de maio de 2018.

¹⁶ AZEVEDO AMARAL. “Cooperação continental”. *Diário de Notícias*. 08 de agosto de 1942, p.2.

presidentes ianques James Monroe e Franklin Roosevelt e a antigos entusiastas da aproximação do Brasil aos Estados Unidos, como Joaquim Nabuco e Rio Branco.

Em 1944, as reflexões sobre o pan-americanismo, divulgadas pelos jornais baianos, já refletiam uma preocupação com o pós-guerra. Em abril daquele ano, *O Imparcial* publicou um texto em que se avaliava o pan-americanismo de antes da guerra como “um movimento do mais alto sentido para a preservação da paz”. Contudo, com o conflito chegando já à sua reta final, não era mais interessante uma política de boa vizinhança restrita aos limites meramente americanos. Segundo o artigo, a simples aliança entre as repúblicas do hemisfério não seria suficiente para impedir que a Humanidade voltasse a sofrer com regimes totalitários. Em consequência da guerra, o sentimento pan-americano evoluíra para um sentimento de concórdia e solidariedade universais. Naquele contexto, os Estados Unidos não desejavam um isolamento continental, e era necessário que os demais países do hemisfério agissem da mesma forma. Almejava-se, portanto, uma América unida, mas sem se colocar contra os outros continentes.

Essas considerações antecedem uma entrevista com o embaixador do México, José Maria D’Ávila, acerca do pan-americanismo. D’Ávila afirmou que a política de boa vizinhança havia contribuído para liquidar com os sentimentos de rivalidade e desconfiança de seu país em relação aos Estados Unidos, além da oportunidade de os países latino-americanos se conhecerem mutuamente. Para o embaixador, era preciso que os Estados Unidos acabassem com o egoísmo das grandes empresas que ainda subsistiam, pois só assim se daria aos países da América Latina a oportunidade de elevar seu nível econômico e poder aquisitivo de seus cidadãos. D’Ávila não se dizia favorável ao nacionalismo, pois o considerava passível de ser utilizado a fim de submeter e estrangular o ser humano.¹⁷ Dessa forma, pelo que se depreende do texto e da entrevista com o embaixador do México, embora o pan-americanismo fosse necessário, não era desejável que levasse a um isolacionismo em relação às demais partes do mundo, pois poderia incentivar nacionalismos e descambar em regimes totalitários.

3.1.1 *Manifestações de adesão ao pan-americanismo*

As manifestações de adesão ao pan-americanismo se tornaram frequentes nos jornais baianos no contexto da realização da III Conferência dos Chanceleres, no Rio de Janeiro, em janeiro de 1942. Naquele mês, o periódico *Diário de Notícias* publicou matéria segundo a qual havia uma tendência natural dos países americanos à coesão e à unidade. Muito antes do norte-americano James Monroe, George Washington, Simon Bolívar e José Bonifácio já haviam

¹⁷ “BOA Vizinhança com todos os povos da terra”. *O Imparcial*, 19 de abril de 1944.

defendido uma unidade continental. Apesar disso, a vida no hemisfério tinha sido marcada pelo desconhecimento e ignorância em relação aos países vizinhos, pois muito pouco se conhecia, no Brasil, da vida cultural do Peru, Equador ou Paraguai, bem como, nesses países, muito pouco se sabia a respeito do Brasil. Dessa forma, o articulista fez votos de que, passada a guerra, o pan-americanismo persistisse como “um sentimento de alma definitivo e permanente na vida continental”.¹⁸ Nota-se neste artigo que o autor não destacou a preponderância dos Estados Unidos nessa união pan-americana, provavelmente porque, nessa época, ainda não tinha sido oficializado o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, e, conseqüentemente, a aproximação do Brasil aos Aliados. Também há que se considerar que o *Diário de Notícias* ainda não apresentava uma linha editorial abertamente favorável aos Estados Unidos. Contudo, o discurso pró-ianque passaria a se fazer presente com bastante intensidade nos jornais, nos meses seguintes.

Numa edição amplamente dedicada à cobertura da Conferência dos Chanceleres, datada de 15 de janeiro daquele ano, o jornal *A Tarde* publicou uma nota sem assinatura, valorizando a iniciativa por meio da qual “os povos do nosso continente proporcionam um grande exemplo”. O texto considera que a conferência foi um fato único na história da humanidade, pois reuniu vinte e uma nações livres a “congregarem-se porque sobre uma delas recaiu brutal e traiçoeira agressão”. Também pela primeira vez na história, houve a oportunidade “para uma concreta demonstração de que o pan-americanismo, como força, é tão eficiente nas horas tranquilas da paz como nos instantes incertos da guerra”. Segundo a nota, o Brasil teve a honra de sediar tão importante ocasião com todo o direito, por conta de sua tradição diplomática, que “é uma constante demonstração de fé no pan-americanismo, a que sempre fomos fiéis”. Uma prova disso seria o apoio do povo brasileiro à decisão do governo, levando o Brasil a ser o primeiro país a demonstrar solidariedade aos Estados Unidos, mediante a agressão japonesa. Finalizando, o texto diz que “somente a solidariedade dos povos da América poderá assegurar-lhes, no futuro, a sobrevivência dos ideais de paz e de liberdade, que enchem as páginas de sua história”¹⁹. Nesse sentido, percebe-se que, logo quando da realização da Conferência dos Chanceleres, a imprensa baiana já estava bastante alinhada com o discurso antifascista no contexto da guerra, refletindo no pan-americanismo, mais do que uma união entre os países americanos, uma adesão à solidariedade aos Estados Unidos.

¹⁸ SÓ, Bernardo. “Pan-americanismo”. *Diário de Notícias*, 13 de janeiro de 1942, p. 3. Não conseguimos maiores informações sobre o autor do texto.

¹⁹ “A CONFERÊNCIA dos chanceleres no Rio”. *A Tarde*, 15 de janeiro de 1942, p. 1.

Na edição seguinte do jornal *A Tarde*, foi publicado um discurso do delegado norte-americano na Conferência, o chanceler Sumner Welles. De acordo com Welles, “os povos das Américas, neste momento, se encontram diante do maior perigo que jamais defrontaram desde que se tornaram independentes”. Em seguida, o chanceler enumera todas as defesas financeiras e esforços humanos dispensados pelos ianques desde a agressão japonesa e a entrada dos Estados Unidos na guerra, mas ressalta que as autoridades estadunidenses jamais fizeram “nem mesmo uma sugestão sobre a atitude que os governos das outras Repúblicas americanas deveriam assumir após o ataque”. Assim sendo, teriam sido espontâneos a declaração de guerra “contra os inimigos da Humanidade, por parte de nove repúblicas americanas”, o rompimento das relações diplomáticas com o Eixo por parte do México, da Colômbia e da Venezuela e as declarações oficiais de apoio por parte de todos os outros países do continente. Além disso, Sumner Welles enfatiza que as nações americanas solidárias, que não estavam em guerra, jamais permitiriam que o seu território fosse utilizado pelos agentes das potências do Eixo para “conspirações ou planos de ataque contra as Repúblicas que se acham empenhadas na luta para a defesa de sua própria liberdade e da liberdade do continente inteiro.” Essa declaração se torna ainda mais interessante ao lembrarmos que, pouco tempo antes, os Estados Unidos solicitaram a utilização e instalação de bases navais e aéreas para a proteção do Nordeste, a fim de evitar uma possível invasão germânica oriunda da costa ocidental da África, e só o conseguiram depois de longas negociações com o governo brasileiro, catalisadas pelo episódio de Pearl Harbor. Por fim, o delegado norte-americano declara que o povo brasileiro se uniria ao ianque, por compartilharem os seus sofrimentos civis e reconhecerem que “as necessidades militares e de defesa devem ter precedência sobre as necessidades civis”.²⁰ Essa era, na verdade, uma expectativa do governo estadunidense, que esperava uma integração das repúblicas latino-americanas ao esforço de guerra, sobretudo no que dizia respeito ao fornecimento de matérias-primas à indústria norte-americana.²¹

O jornal *Estado da Bahia*, da cadeia dos Diários Associados, foi o primeiro a noticiar a aprovação do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, ao fim da Conferência dos Chanceleres, considerando a decisão como “uma verdadeira apoteose” que “consagrou a vitória do pan-americanismo”.²² Quatro dias depois, quando foi oficializado o

²⁰ “O POVO BRASILEIRO se unirá ao povo dos Estados Unidos”, declara o Sr. Sumner Welles.” *A Tarde*, 16 de janeiro de 1942.

²¹ MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência*, op. cit., p. 162.

²² “VERDADEIRA apoteose consagrou a vitória do pan-americanismo”. *Estado da Bahia*, 24 de janeiro de 1942. BPEB: Setor: Periódicos Raros, Acervo: Jornais.

rompimento, o *Estado da Bahia* procurou passar uma mensagem otimista acerca do estreitamento de ligações entre os países americanos, a exemplo da entusiasmada legenda de uma foto em que aparecem Sumner Welles e Getúlio Vargas (Figura 3.1):

Um dia histórico – o dia que o Brasil vive hoje é de intensa emoção. A atitude do governo, de firme e irrestrita solidariedade com as democracias, atitude de que só pode duvidar uma quintacoluna, como disse o chanceler Oswaldo Aranha, empolga a opinião pública, que lhe empresta inteiro apoio. Hoje é um dia histórico, quando o mostra sua lealdade às boas causas, encarnadas no pan-americanismo. Welles é o representante da grande nação amiga e Vargas o chefe do Estado brasileiro. Brasil e América do Norte estão hoje mais unidas do que nunca.²³

É interessante perceber que a sisudez de Welles e Vargas na foto que ilustra a legenda contraria completamente a euforia do texto.

A edição do dia seguinte do mesmo periódico repete a empolgação com a manchete de capa: “Desde ontem o Brasil já não tem relações diplomáticas com os países do Eixo – a democracia americana marcou ontem sua mais expressiva vitória!”. Abaixo, há outra manchete em destaque, dizendo que estava “o povo brasileiro inteiramente ao lado do governo.” (Figura 3.2).²⁴ Entretanto, não há uma matéria ou reportagem que confirme esse apoio popular, pois as notícias restringem-se apenas aos movimentos diplomáticos dos países americanos e às novidades a respeito da guerra.

Além do esforço despendido pela imprensa baiana, por meio de artigos de opinião, os jornais que circulavam no estado também noticiavam as iniciativas promovidas pelo governo e outras instituições para cativar a população em prol do pan-americanismo. Em abril de 1942, *O Imparcial* reproduziu uma matéria transmitida da capital do país pela Agência Nacional, segundo a qual o aniversário do presidente seria comemorado pela *American Society of Rio de Janeiro*, que se estenderia a todo o Brasil. Essa homenagem consistiu na criação do “Dia do Presidente” pela colônia norte-americana instalada na cidade. De acordo com os representantes da entidade, a ideia era reunir todos os norte-americanos residentes no Brasil para a comemoração do aniversário de Vargas, arrecadando fundos destinados à Cruz Vermelha.²⁵ Antônio Pedro Tota argumenta que essa foi uma ideia inspirada no Dia do Presidente norte-americano, obtendo a aprovação do OCIAA e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Realizada no Cassino da Urca, no Rio de Janeiro, a festa foi transmitida por uma cadeia

²³ “UM DIA histórico”. *Estado da Bahia*. 28 de janeiro de 1942. P. 1.

²⁴ “DESDE ONTEM o Brasil já não tem relações diplomáticas com os países do Eixo”. *Estado da Bahia*. 29 de janeiro de 1942. P.1.

²⁵ ““DIA DO presidente” será comemorado pela colônia norte-americana – deliberações tomadas pela ‘American Society’ of Rio de Janeiro”. *O Imparcial*, 05 de abril de 1942.

de rádio para norte-americanos e brasileiros, com apresentação de Orson Welles, e contou com artistas e orquestras nacionais e internacionais.²⁶

Na mesma semana em que ocorreu o “Dia do Presidente”, foi comemorado o “Dia Pan-Americano”, 14 de abril. De acordo com a matéria de *A Tarde* sobre a data, esta se justifica porque no dia 14 de abril de 1890 foi aprovada a criação da União Internacional das Repúblicas Americanas, tendo sido adotada pelo Brasil através do decreto de 10 de fevereiro de 1931. Afinal, para o periódico, os povos da América achavam-se “entrelaçados nos elos de uma cadeia indissolúvel, arrastando com todas as consequências que lhes possam advir dessa união, frente inquebrantável contra o despotismo e a tirania”. Portanto, era justo que, naquele dia, fossem reverenciadas “as memórias dos americanos que conseguiram a concretização de tão nobre ideal” e fosse exaltada “a união dos povos americanos, exemplo dignificante de desambição e fraternidade”.²⁷

Em celebração ao “Dia Pan-Americano”, estudantes da Bahia realizaram uma manifestação antifascista. Diz o jornal *A Tarde*:

Comemorando o dia de hoje, em que se comemora a data máxima do pan-americanismo os estudantes da Bahia realizaram uma patriótica manifestação antifascista, que teve o apoio de toda a classe. Pouco depois das 10 horas, saiu da Faculdade de Direito, a passeata ostentando os estandartes, dísticos, flâmulas e cartazes, onde se liam frases já consagradas nos meios democráticos, como sejam: “A violência gera violência”, “Getúlio Vargas”, “Liberdade não faz mal”, “O fascismo é contra Deus, contra a pátria, contra a família”, “Ser integralista é ser traidor”. Num dos cartazes aparecia uma interessante caricatura do ditador alemão com a legenda “O monstro”.²⁸

Chegando ao monumento do barão do Rio Branco, foram colocadas em seu pedestal “flores e as bandeiras brasileira e dos Estados Unidos”, numa demonstração de que, embora a proposta fosse celebrar a união entre todos os países do continente americano, na prática expressava-se solidariedade apenas à nação estadunidense, no seu esforço de guerra contra o Eixo.

Nessa ocasião, falaram vários oradores, entre os quais foram citados José Correa Costa e Fernando Sant’Ana, da Escola Politécnica, e Jorge Fialho e Jacob Gorender, da Faculdade de Direito, sendo Sant’Ana e Gorender estudantes ligados ao Partido Comunista do Brasil (PCB). O jornal também anunciou uma sessão solene a ser realizada no Instituto Histórico, na qual o interventor Landulfo Alves falaria a respeito das relações entre o Brasil e os Estados Unidos, bem como o secretário de Educação e Saúde e os cônsules dos Estados Unidos e da Argentina.

²⁶ TOTA, *O amigo americano*, op. cit., p. 140.

²⁷ “O DIA da união pan-americana”. *A Tarde*, 14 de abril de 1942.

²⁸ Idem.

E, por iniciativa do Departamento de Imprensa e Propaganda, aviões do Aeroclubes lançariam sobre a cidade 200 mil folhetos com as cores da bandeira brasileira, “exaltando os sentimentos de solidariedade americana e a confiança do povo na vitória da América”.²⁹

Aparentemente, esses eventos comemorativos não eram tão espontâneos como os jornais procuravam descrever. Em abril de 1943, o *Diário de Notícias* publicou um comunicado da União Pan-Americana em Nova York, solicitando a interrupção das atividades nas Repúblicas americanas, na data de 14 de abril, para homenagear “o espírito de amizade e de cooperação que anima as nações do Novo Mundo.” Segundo a nota, o Dia Pan-americano era um feriado continental, dedicado à unidade popular para a celebração anual, em todo o hemisfério, dessa “mesma unidade política, econômica e espiritual que tem contribuído para a formação americana de nações”. O texto também revela que a data foi oficializada no seio do Conselho Diretor da União Pan-americana, composto por representantes diplomáticos de cada uma das repúblicas do continente, sob a presidência dos Estados Unidos.

De acordo com o texto, a comemoração dessa data ia se tornando mais necessária e assumia maior significação, devido “a forças hostis estarem ameaçando a segurança e unidade das Repúblicas americanas.” Nesse sentido, esperava-se que, “a começar pelos chefes de governo até o mais modesto escolar, todos prestarão homenagens ao Dia Pan-americano, em 1943, ao sacrifício e cooperação” que estavam “alicerçando ainda mais a solidariedade pan-americana”. Para tanto, a União Pan-americana em Washington, D.C., preparou um folheto intitulado “As Américas – 1943”, retratando o papel que as Repúblicas vinham desempenhando “num mundo assolado pela guerra”. O *Diário de Notícias* não reproduziu *ipsis litteris* o conteúdo do folheto, fazendo apenas referências ao seu teor:

A série de artigos, sob o título “Conheça seu vizinho”, oferece um panorama da geografia, da história e dos principais recursos naturais das Repúblicas do hemisfério, enquanto que “As Américas em um Mundo em guerra”, revela a relação de cada uma dessas Repúblicas com a guerra, desde o seu início, em 1939, e as fases sucessivas que levaram ao alastramento do cataclisma às Américas. O papel vital que cada uma das nações americanas desempenha é localizado em um outro artigo no folheto: “Materiais estratégicos das Américas”. Termina o folheto com as expressões das opiniões emitidas pelas mais salientes estadistas contemporâneas das Américas. “As Américas - 1943” foi amplamente distribuído em todos os países americanos, e mais exemplares poderão ser obtidos, escrevendo-se à União Pan-americana, em Washington, D.C., EUA.³⁰

²⁹ “O DIA da união pan-americana”. *A Tarde*, 14 de abril de 1942.

³⁰ “O DIA pan-americano”. *Diário de Notícias*. 09 de abril de 1943.

Provavelmente havia muita espontaneidade popular nas manifestações comemorativas do Dia Pan-americano. Afinal de contas, o contexto era de guerra e navios brasileiros já tinham sido torpedeados por submarinos alemães. Contudo, pelo que se nota do comunicado acima, as homenagens ao 14 de abril eram coordenadas e fomentadas por uma entidade com sede nos Estados Unidos, denotando que até mesmo essas celebrações ocorriam sob a supervisão norte-americana.

Bem como ocorrera no ano anterior, em 1943 os jornais continuaram noticiando as comemorações do Dia Pan-Americano na capital baiana. O *Estado da Bahia* demonstrou seguir as orientações da União Pan-americana, anunciando os eventos com bastante furor:

A data pan-americana, outrora uma data de paz, será amanhã uma nova concitação guerreira. Todo o legado cultural e material do continente se encontra ameaçado pelo mais cruel inimigo da Humanidade civilizada. A própria sobrevivência dos povos do Novo Mundo se acha ameaçada de implacável escravização pelo banditismo germano-fascista. Nada mais necessário, por conseguinte, do que a União indissolúvel de todas as repúblicas americanas, identificadas pelos mesmos sentimentos numa luta contra um poderoso inimigo comum. As festividades do dia pan-americano se revestirão, por todo o território nacional, de excepcional brilhantismo. Também na Bahia, foi organizado vasto programa de comemorações, em estabelecimentos de ensino e entidades outras.³¹

Devido à ocasião, o diretor do Departamento de Educação, Álvaro Silva, baixou uma portaria, recomendando a todos os estabelecimentos de ensino secundário a realização de sessões cívicas sobre a data pan-americana. Seguindo a determinação, no auditório do Instituto Normal, estava programa para o dia seguinte uma solenidade precedida pelo desfile das bandeiras nacionais de todos os países do continente. Após a execução do hino dos Estados Unidos, a professora Gabriela Sá Pereira faria uma saudação em língua inglesa. Em seguida, seria tocado o hino argentino, com o prof. Nestor Távora fazendo uma saudação em língua castelhana. Finalmente, após a execução do hino Pan-americano, o prof. Alberto de Assis faria uma alocução às Américas. Também haveria festividades na União dos Estudantes da Bahia e no Colégio da Bahia, além do cancelamento das atividades da Faculdade de Direito.³²

Atividades semelhantes, com o objetivo de celebrar o pan-americanismo, continuaram sendo realizadas e divulgadas pelos jornais baianos durante todo o período em que durou a guerra. Em 1944, as comemorações da data pan-americana incluíram sessões nos estabelecimentos públicos de ensino, com palestras sobre a solidariedade continental. A

³¹ “GRANDES comemorações assinalarão a passagem do dia pan-americano na Bahia”. *Estado da Bahia*, 13 de abril de 1943.

³² Idem.

Associação Cultural Brasil – Estados Unidos se encarregou de realizar um concerto com oração oficial de Luiz Viana Filho. Segundo *A Tarde*, houve a instalação, no Clube Ipiranga, da Liga Pan-Americana, com sede em Miami. Além disso, o Comitê de Coordenação na Bahia, filial do OCIAA no estado, iria promover uma exibição cinematográfica, pela primeira vez, “numa tela de grandes dimensões, o que constituirá novidade.”³³ O jornal *O Imparcial* também noticiou os mesmos eventos.³⁴

Além do discurso e das datas comemorativas, foram criados símbolos para fomentar um sentimento de união entre as nações americanas. Em julho de 1942, *A Tarde* estampou numa de suas páginas a foto de uma moça hasteando aquela que seria a “Bandeira do Novo Mundo”, com a seguinte legenda:

A linda Frances Merron examina a “Bandeira do Novo Mundo”, que simboliza o pan-americanismo e será usada pelos 22 países da América. Pela primeira vez, a nova bandeira foi hasteada em Nova York, no dia 24 de julho, quando se comemorou o aniversário de nascimento de Simon Bolívar. As cores das bandeiras de todas as nações americanas e as suas estrelas, inclusive a do Canadá, estão nela incluídas, representando assim este novo pavilhão a América cada vez mais unida num dos momentos principais da sua história.³⁵

Apesar de o local escolhido para o hasteamento da bandeira ter sido a cidade de Nova York, a data da ocasião denota o objetivo de realizar uma aproximação com os países latino-americanos, por homenagear o nascimento de um herói venezuelano, Simon Bolívar.

Também se procurou valorizar a imagem de um forte sentimento de amizade a unir os dois países. Em julho de 1943, *O Imparcial* noticiou que o escultor norte-americano Davidson fundira um busto de Getúlio Vargas, com base num modelo em gesso que elaborara quando de sua passagem pelo Brasil, no ano anterior. Num gesto de afabilidade diplomática, Franklin Roosevelt remeteu a escultura ao presidente brasileiro, encaminhando-o por intermédio do embaixador Caffery, com a seguinte declaração:

Em nome do governo e do povo dos Estados Unidos tenho grande prazer em oferecer ao governo brasileiro o busto de v. excia. que foi esculpido pelo meu compatriota J.O. Davidson, por ocasião da sua visita ao Brasil, no ano passado. Os estreitos laços de amizade que com tanta felicidade unem os nossos países, são, na verdade, uma inspiradora expressão do princípio de paz internacional e de boa vizinhança por cuja preservação lutam, hoje, em dia as nações democráticas do mundo. Estou certo de que vossa excelência o aceitará como símbolo da nossa mútua amizade. Aproveito a oportunidade para enviar

³³“A DATA pan-americana – diversas solenidades comemorativas do dia de hoje.” *A Tarde*, 14 de abril de 1944.

³⁴“O ‘DIA da América’ na Bahia”. *O Imparcial*, 15 de abril de 1944.

³⁵“UMA bandeira para toda a América”. *A Tarde*. 29 de julho de 1942, p.2.

a vossa excelência os meus votos de felicidade e reafirmar a minha elevada consideração pessoal. (a). FRANKLIN ROOSEVELT.³⁶

Depreende-se disso que o jornal buscou conferir uma feição bastante cortês ao presidente norte-americano, enfatizando que ele enviara o mimo ao mandatário brasileiro como forma de demonstrar a sua consideração e respeito pelo país vizinho.

3.1.2 *América, um continente excepcional*

Com o passar dos dias, foi se desenhando nos jornais baianos um discurso que buscava caracterizar a América como um continente privilegiado em vários aspectos, valorizando seu papel como o bastião fundamental da liberdade no mundo, mediante as agressões sofridas na Europa. Num texto publicado em *O Imparcial*, o autor descreve o velho continente como devastado pela guerra, a exemplo da França, que, apesar de ter lançado ao mundo as ideias de expoentes do pensamento libertário como Rousseau e Montesquieu, apresentava-se naquele contexto incapaz de reagir ao invasor brutal. Assim, cabia à América mostrar ao mundo a força da união para transformar “povos pacíficos em guerreiros inconquistáveis”. As agressões haver-se-iam de se esbarrar na aliança entre os países do hemisfério, “desmoronando como folhas soltas que o vento leva, a sede de rapina, a fome de conquista.” Desse modo, a América iria concretizar no presente a lição do passado, da Doutrina Monroe, “fundamentando no princípio da união o emblema da vitória”.³⁷

Na sessão *Pela ordem* do jornal *O Imparcial*, o escritor Melquíades Picanço relata que, diferente da Europa, que padecia com reivindicações territoriais, divergências religiosas e ambições ultrasseculares, a América desconhecia tais conflitos.³⁸ Segundo o autor, “o ambiente americano é de vida, de pureza, de harmonia, de idealismo sadio”. Desse modo, os resultados da consulta dos ministros das Relações Exteriores dos países americanos iriam mostrar “o bom senso, a sinceridade, a clarividência, a segurança no modo de proceder dos estadistas do continente”. Sua convicção na sensatez dos mandatários do hemisfério levou o autor a crer que a América nunca promoveria guerra a outra região do mundo, embora não pudesse impedir que ela viesse de fora, comprometendo a ordem, o trabalho e a paz. Consequentemente, seria justificável a iniciativa de congregar os países americanos a defender o sistema de vida do continente, sempre propenso “à concórdia, ao progresso, à luz da razão, ao respeito do direito,

³⁶“SÍMBOLO da amizade Brasil – Estados Unidos – O Busto do presidente Vargas esculpido por um americano”. *O Imparcial*, 31 de julho de 1943.

³⁷ BARROS, B. “A união americana”. *O Imparcial*, 23 de maio de 1942.

³⁸ PICANÇO, Melquíades. “O momento americano”. *O Imparcial*, 18 de janeiro de 1942. Não conseguimos maiores informações sobre o autor do texto.

à manutenção e aplicação dos princípios de civilização e humanidade”, sendo os Estados Unidos os pioneiros na defesa da liberdade na América, com a doutrina Monroe.³⁹ Certamente, isso dava ao país estadunidense a prerrogativa de liderar as demais nações americanas nessa batalha contra “o fim da civilização ocidental”.

Redator-chefe, repórter e filho do proprietário de *O Imparcial*, Wilson Lins era um articulista assíduo da folha e escreveu vários textos enaltecendo a aproximação entre as nações do continente. No primeiro deles, o jornalista explica o conceito de americanismo como sendo a “união de pontos de vistas, (...) perfeito entendimento de aspirações e acomodamento de interesses” entre os países da América, demonstrando “ao mundo uma grande confiança nos seus próprios destinos”.⁴⁰ Convém observar que essa ideia de americanismo sugere uma paridade entre as nações americanas, e ignora que, na realidade, há a preponderância dos Estados Unidos sobre os seus vizinhos, impondo a todos demais países do hemisfério valores que são característicos da cultura, modelo econômico e modo de vida norte-americanos.

Segundo Wilson Lins, diferente das demais nações do mundo, todas as regiões do nosso continente viviam “na mais completa harmonia de sentimentos, sob a mesma forma de governo, sofrendo quase que os mesmos sofrimentos, as mesmas inquietações e alegrias”. Assim, essa seria a razão pela qual nenhum país americano deveria tomar uma decisão sem consultar os seus pares, bem como nenhuma potência estrangeira poderia ferir uma nação americana sem atingir as demais. Acrescentamos o adendo de que, quando o país agredido são os Estados Unidos, a solidariedade de seus vizinhos mais pobres e vulneráveis torna-se muito mais impositiva a nível do discurso.

No entanto, para o autor, essa comunhão intercontinental não seria uma realidade se não fosse a união interna existente em cada país da América. Por conta disso, fazia-se urgente uma campanha no sentido de acabar com quaisquer divergências que houvesse entre os brasileiros, em torno do apoio ao presidente Vargas. Em nome da união nacional, deveriam desaparecer “os rancores de ordem partidária” e constituir “uma grande milícia onde a unidade de pensamento seja a ordem de todos os dias”. Falando em nome do governo brasileiro, Wilson Lins garante que o mesmo se achava “de braços abertos, disposto a perdoar todos que, embaídos pelo canto das sereias totalitárias, deixaram as hostes da democracia”. O texto termina com um apelo aos “democratas sinceros”, que viriam ao encontro do governo, o qual, por sua vez, não hesitaria em “passar uma esponja sobre velhas rixas e desavenças de ordem partidária, porque, democratas também, os membros do governo brasileiro têm bem alto e muito em conta a sua

³⁹ PIKANÇO, Melquíades. “O momento americano”. *O Imparcial*, 18 de janeiro de 1942.

⁴⁰ LINS, Wilson. “Americanismo e união nacional”. *O Imparcial*, 08 de fevereiro de 1942.

fidelidade à democracia e à americanidade.” Lembramos que Wilson Lins fala em democracia e tolerância num momento em que o Brasil vivia a ditadura do Estado Novo, com intensa perseguição a comunistas e adversários políticos. Contudo, como vimos no capítulo 2, Wilson Lins e seu pai, o coronel Franklin Lins de Albuquerque, mantinham-se fiéis ao presidente Vargas, no contexto de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Nem só de Estados Unidos vivia o pan-americanismo do jornal *O Imparcial*. Em uma edição de maio de 1942, Wilson Lins escreveu um artigo elogiando a obra do poeta nicaraguense Ruben Dario. De acordo com o redator-chefe, viajando toda a América, “pôde Dario apreender, como poucos, a necessidade de uma política de cooperação entre as nações americanas, que nos nossos dias tem no presidente Roosevelt um esteio, um estimulador e um grande líder”. Mesmo quando a proposta é exaltar um poeta latino, sempre sobram ovações ao presidente estadunidense.

Para o autor do texto, a poesia do nicaraguense é “uma aula das mais eficientes de Americanidade e Democracia.” Tal como os também poetas Walt Whitman e Castro Alves, “Ruben Dario viveu com os olhos para a América, pensando na América e com a América.” O que há de político e social na poesia de Ruben Dario é o mais importante na sua obra, naqueles dias. Devido ao avanço do fascismo e as conspirações da quintacoluna, “é consoladora a poesia americana de Ruben Dario, onde a América é uma musa eterna e a Liberdade perene inspiração”. Segundo o artigo, novamente comparado ao poeta norte-americano e ao baiano, Ruben Dario é uma expressão da fusão de almas e de civilizações que caracteriza a América. Para Wilson Lins, o europeu, ao chegar às Américas, “foi penetrado pelo mistério telúrico das selvas virgens e um novo homem nasceu dentro de si (...) para colonizar as terras do Novo Mundo”. Um novo Homem nasceu no Novo Hemisfério, com alma e sentimentos próprios. A cultura europeia era naturalizada, realizando-se num “matrimônio cósmico das raças”.⁴¹ Temos aqui uma provável referência ao ensaio do filósofo, educador e homem público mexicano José Vasconcelos, *A raça cósmica*, de 1925. Segundo Vasconcelos, a “raça cósmica” seria resultante de um processo de mestiçagem entre quatro raças: a negra africana, a vermelha americana, a amarela asiática e a branca europeia. Além de ser biológico, esse seria um processo espiritual, havendo a fusão de características sutis entre as raças, e não apenas físicas. Com a mestiçagem, a nova raça em formação receberia as melhores características de cada povo original e os traços negativos tenderiam a desaparecer. Porém, essa mistura racial deveria ocorrer num ambiente propício, a América Latina, por ser um local “historicamente afeito à mestiçagem e cosmopolita

⁴¹ LINS, Wilson. “Ruben Dario e o pan-americanismo”. *O Imparcial*, 17 de maio de 1942.

por natureza, a ele caberia a missão de servir de berço para o nascimento e uma nova humanidade.”⁴²

Em agosto de 1942, o *Diário de Notícias* publicou um texto do advogado, jornalista e político cearense Monte Arrais, atribuindo a promulgação das liberdades individuais aos povos da América. Segundo o autor, excluído o Império Britânico, não se pode afirmar que qualquer outro povo organizado em Estado nacional, na Europa, tenha conhecido, como prerrogativa orgânica, permanente e duradoura, a união entre o poder do Estado e a liberdade individual. Nem mesmo a França possuía, após a queda do absolutismo, qualquer constituição política na qual as garantias à liberdade fossem impostas como dever essencial aos poderes do Estado. A “Declaração dos Direitos do Homem”, para o autor, era mais uma definição filosófica e sentimental. Não houve, naquele país, um documento com caráter obrigatório, juridicamente competente, que outorgasse aos franceses um regime de liberdade, a ser assegurado pelos seus poderes institucionais. De acordo com Monte Arrais, a liberdade individual, encarada como um poder reconhecido ao homem de orientar-se pela sua própria inspiração, é fruto do nativismo americano, afirmando-se “desde quando a sabedoria dos patriarcas americanos logrou assegurar, pela primeira vez, as duas esferas de ação reservadas às atividades humanas: a coletiva e a individual.” O texto termina com um elogio ao Estado Novo, segundo o autor, um regime compatível, ao mesmo tempo, “com nossas tendências nativistas para a vida livre e com os imperativos da ordem, que constitui a essência mesma de qualquer estado realmente organizado.”⁴³ O louvor ao governo se justifica pelo fato de que Raimundo Monte Arrais colaborou com o Estado Novo por meio de seu jornal, *A Manhã*, do Rio de Janeiro, além de ter sido chefe de censura do DIP.⁴⁴

Mais de um ano depois, em outubro de 1943, ainda foi possível encontrar na imprensa textos descrevendo a América de forma extremamente ufanista. *O Imparcial* publicou um artigo em comemoração ao aniversário da descoberta do continente:

[...] No dia 12 de outubro de 1492, foi, indiscutivelmente, enriquecido o mundo de um tesouro inestimável. A América, essa região imensa onde se desenvolve uma nova e pujante civilização, trazia um destino inconfundível. Era o prolongamento das grandes conquistas de que a humanidade se vinha orgulhando através dos séculos. Era um horizonte virgem onde as forças do progresso iriam retemperar-se para mais decisivas vitórias. Era a esperança do mundo, que via naquelas plagas virginais o celeiro do futuro. [...] Em cada ano

⁴²ASCENSO, João Gabriel da Silva. “A redenção cósmica do mestiço: inversão semântica do conceito de raça na *Raza cósmica* de José Vasconcelos.” *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 26, n° 52, julho-dezembro de 2013, p. 303-4. <http://www.scielo.br/pdf/eh/v26n52/03.pdf>. Acessado em 25 de agosto de 2018.

⁴³ MONTE ARRAES. “A liberdade nasceu na América”. *Diário de Notícias*. 03 de agosto de 1942, p.2.

⁴⁴ARRAIS, Raimundo Monte. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/raimundo-monte-arrais>. Acessado em 29 de maio de 2018.

que passa novas conquistas aureolam a sua existência, cheia de promessas. Nas ciências e nas artes, na literatura e na política, a América é o tesouro do futuro. Muito realizou, realizará ainda. Terra das possibilidades gigantescas, o Novo Mundo ditará a lição da humanidade que vem.⁴⁵

Por fim, seguem referências ao empenho dos países americanos, com exceção da Argentina, na “luta das democracias contra o nazifascismo”; uns rompendo relações diplomáticas com os agressores totalitários, outros, além disso, declarando guerra à Alemanha e Itália, como foi o caso do Brasil, “num movimento unânime de solidariedade democrática”. Muitos dos prognósticos acima em relação às Américas só se confirmaram para os Estados Unidos, sobretudo no que diz respeito a “ditar a lição da humanidade”. Afinal, o discurso favorável à solidariedade continental, por mais que laureasse as qualidades do hemisfério ocidental como um todo, sempre apontavam que os Estados Unidos eram os verdadeiros protagonistas do pan-americanismo e que cabiam às demais nações colaborar com o líder, ou seja, fornecer matérias-primas e bases estratégicas em prol do desempenho dos ianques na guerra. Mas essa sugestão é sutil, pois os argumentos da imprensa baiana indicavam que a cooperação entre os países americanos era fruto da solidariedade e do apreço à liberdade que seriam comuns a todas as nações do continente.

3.1.3 Resistência ao pan-americanismo

Antônio Pedro Tota encontrou documentos enviados aos escritórios do OCIAA, nos quais constam indicações de que os nacionalistas brasileiros, não identificados pelo autor, eram contrários ao posicionamento de Vargas quanto ao alinhamento aos Estados Unidos. Segundo Tota, para alguns brasileiros, o presidente tinha ficado excessivamente dependente do país norte-americano. Dessa forma, havia um temor de que os setores nacionalistas brasileiros se aliarem à Argentina, que não rompera com a Alemanha, formando um bloco antiamericano.⁴⁶ Moniz Bandeira também aponta certa resistência à aproximação norte-americana da parte de alguns intelectuais, como Agripino Grieco e Alceu de Amoroso Lima. Grieco declarara terem sido as únicas contribuições estadunidenses para o direito penal os linchamentos, as garruchas e os punhais, as únicas leis e decretos presentes no *far-west*. Já Amoroso Lima entendia o papel do automóvel e do cinema como veículos de penetração cultural norte-americana, sendo a sétima arte “duas horas contínuas de hipnotização sobre a massa passiva”.⁴⁷

⁴⁵ “O DIA DA América – comemorações nesta capital”. *O Imparcial*, 13 de outubro de 1943.

⁴⁶ TOTA, *O amigo americano*, op.cit., p. 145.

⁴⁷ BANDEIRA, Moniz. Op.cit., p. 210.

Em todo caso, nos jornais baianos, foi possível verificar certo esforço em dirimir opiniões contrárias ao pan-americanismo. Em 17 de janeiro de 1942, na sessão *Pela ordem*, o jornal *O Imparcial* publicou um texto escrito pelo político, advogado e jornalista baiano Hermes Lima, provavelmente movido pela necessidade de convencer os leitores da importância de apoiar o pan-americanismo.⁴⁸ O autor inicia o artigo relatando que “compatriotas de boa fé”, ao serem perguntados acerca de suas simpatias na guerra, respondiam: “o que eu sou é brasileiro.” Hermes Lima admite a necessidade de sermos patriotas, porém se mostra incomodado com uma provável tendência ao isolamento e a “desconhecer as consequências que as decisões obtidas no cenário internacional determinarão”. Para o autor, a soberania do Estado não ofuscava o senso de interdependência entre as nações. Essa ligação entre os países não existia apenas no campo econômico e comercial, mas também no político. À luz dessa realidade, a solidariedade continental devia ser considerada, pois, além de militar, o ataque sofrido pelos Estados Unidos foi uma agressão de uma filosofia que pressupõe a superioridade de raça e o princípio do direito do mais forte. Dessa forma, de acordo com Hermes Lima, a solidariedade das nações americanas aos Estados Unidos “não decorre do simples fato de, sendo eles uma nação americana, se acharem em guerra com a Alemanha e o Japão, mas do fato de estarem defendendo uma causa comum à América”. Logo, o fato de sermos todos brasileiros não deveria nos impedir de participar dessa causa, pois, justamente por sermos patriotas “é que estamos obrigados a esse ato de fidelidade à concepção de vida democrática e americana, de que é antítese a concepção de vida totalitária e nazista”.⁴⁹

A preocupação de Hermes Lima com uma dita inclinação ao isolamento sugere que havia uma resistência junto a frações da população baiana (e brasileira) ao discurso de adesão à solidariedade continental. É compreensível que, naquele momento, a agressão sofrida pelos norte-americanos na distante base de Pearl Harbor soasse como uma motivação muito fraca para que os brasileiros se solidarizassem com os Estados Unidos e os apoiassem sob a bandeira do pan-americanismo. Era preciso haver um evento que afetasse diretamente aos brasileiros, a fim de que a opinião pública nacional fosse incitada o suficiente para reconhecer a importância

⁴⁸ Hermes Lima era um advogado, político e jornalista baiano que colaborou com *A Manhã*, um jornal porta-voz da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Com a repressão à ANL, foi afastado da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, da qual era professor, permanecendo preso por 13 meses. Por ter seus artigos para a imprensa sistematicamente censurados, passou a se dedicar à advocacia. Contudo, como este artigo para *O Imparcial* data de 1943, depreende-se que Hermes Lima se manteve ligado à imprensa nos anos finais do Estado Novo, encontrando espaço para expor suas ideias no periódico da família Lins de Albuquerque. Com a desintegração do Estado Novo, em 1945, participou da fundação da União Democrática Nacional (UDN) e da Esquerda Democrática (ED), e foi eleito deputado por esta legenda. Nota-se, pela sua trajetória, que Hermes Lima era ligado à oposição a Getúlio Vargas. http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/hermes_lima. Acessado em 29 de maio de 2018.

⁴⁹ LIMA, Hermes. “Brasileiros e americanos”. *O Imparcial*, 17 de janeiro de 1942.

de se combater o totalitarismo, em defesa da liberdade e dos princípios democráticos. Enquanto essa comoção coletiva não ocorresse, a imprensa cumpria o seu papel no sentido de procurar convencer os leitores da relevância do pan-americanismo. Somente no mês seguinte, com o ataque aos navios brasileiros pelos submarinos alemães, é que houve um contexto de comoção coletiva, atraindo a atenção dos baianos para o conflito mundial.

Havia críticos à solidariedade continental, que são rebatidos por Hermes Lima em *O Imparcial*. Segundo o autor, o pan-americanismo não é uma invenção, mas uma vocação da América, tendo como um dos pontos mais altos a Doutrina Monroe. No Brasil, o pan-americanismo se assentava em “bases reais, espontâneas e profundas” e, para atestar tal afirmação, o autor menciona o movimento da Propaganda Nativista de 1919, em cujo programa, em seu terceiro número, declarava a importância de despertar “no espírito do povo brasileiro o sentimento e as ideias de solidariedade entre as nações americanas, combatendo, conseqüentemente, a influência da moderna civilização europeia”, além de “desdobrar ao ideal político das Américas o grandioso objetivo consubstanciado na Doutrina de Monroe”. Ocasionalmente, levantavam-se suspeitas de que o pan-americanismo era um instrumento nas mãos dos Estados Unidos, sobretudo em relação à Doutrina Monroe. Contudo, o autor refuta essa ideia, afirmando que as circunstâncias históricas do nascimento do “monroísmo” “não deixavam a menor dúvida sobre o idealismo e a generosidade que o inspiraram.” De acordo com o autor,

Embora a política norte-americana houvesse, em certo período, revelado particularmente no México e na América Central propósitos reprováveis de domínio e influência, é de justiça reconhecer o mérito de havê-la corrigido cabe em grandíssima parte aos próprios Estados Unidos. Hoje, o México é mais que um amigo dos Estados Unidos, porque já é um aliado; e quanto às Repúblicas centro-americanas nada temem, antes tudo confiam do seu poderoso vizinho. Aliás, a evolução da moderna política dos Estados Unidos nas suas reações com os demais Estados americanos comprova de modo irrefutável, que a vocação da solidariedade continental em termos de um pacto para a comum colaboração entre nações independentes e soberanas, acabou vencendo desconfianças e veleidades, e superando erros e mal-entendidos.⁵⁰

Nesse sentido, o autor considera os Estados Unidos como uma das nações mais generosas e idealistas do mundo. Afinal, num contexto em que necessitava da cooperação dos países latino-americanos, o governo ianque procurava escamotear as suas práticas imperialistas por meio de uma imagem que ressaltasse seu apreço à liberdade e o respeito à soberania das nações vizinhas.

⁵⁰ LIMA, Hermes. “A propósito do pan-americanismo”. *O Imparcial*, 05 de junho de 1942.

Havia grupos dominantes desses países que acharam vantajoso reproduzir esse discurso, conforme podemos verificar no texto citado acima. De acordo com Francisco Luiz Corsi, a ideia de o Brasil ocupar um lugar de destaque no cenário internacional esteve presente em setores das classes dirigentes brasileiras, pelo que se pode constatar através de uma declaração de João Daudt d'Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro e da Federação das Associações Comerciais do Brasil:

A cooperação permanente, integral, sem reservas mentais com os Estados Unidos deve ser, agora e no futuro, uma preocupação constante dos brasileiros. Por meio dela estaremos habilitados, material e espiritualmente, a participar dos trabalhos de reconstrução mundial e assumir o posto que nos compete como a maior nação latina da atualidade.⁵¹

Dessa forma, para setores do governo e das classes dominantes, abriam-se novas possibilidades de o Brasil alcançar um papel de destaque, pelo menos na América do Sul, aprofundando o processo de industrialização.⁵² E o desenvolvimento da industrialização seria possível atrelando-se inevitavelmente ao investimento de capitais norte-americanos. Consequentemente, fazia-se necessário refutar qualquer resistência ou oposição que houvesse em relação à aproximação com os vizinhos do Norte, fosse no interior do governo ou na população comum, que conhecia a grandiosidade do país ianque através do rádio e das páginas dos jornais de maior circulação.

Outra linha de oposição ao pan-americanismo se acentuou no final da guerra e vinculava-se a uma preocupação europeia com a política de união entre os países americanos. Em abril de 1945, o *Diário de Notícias* publicou um artigo acerca de um suposto caráter imperialista da Doutrina Monroe. Quem o assinou foi o político alagoano Costa Rego, que participara da VII Conferência Pan-Americana, realizada em Lima, em 1944. De acordo com o autor, a crença numa possível aspiração imperialista da Doutrina Monroe era de origem europeia e foi habilmente explorada e incutida no imaginário dos povos latino-americanos.⁵³ Além disso, difundiu-se uma distinção de raças na América entre os povos de origem anglo-saxã e os de origem latina. Essa ideia teria sido disseminada com o intuito de dividir a América, pois, segundo o autor, o que se transportou da Europa para a América não foram estritamente

⁵¹I CONGRESSO Brasileiro de Economia, 1944, v.1, p. 76. *Apud*: CORSI, Francisco Luiz, op.cit., p. 338.

⁵² CORSI, Francisco Luiz, op.cit., p. 338.

⁵³ Pedro da Costa Rego era ex-governador e ex-senador de Alagoas. O Dicionário Biográfico do CPDOC/FGV traz as seguintes informações sobre ele: “Durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) integrou o conselho consultivo da Coordenação da Mobilização Econômica, órgão criado em setembro de 1942 com o objetivo de orientar a economia de guerra, e extinto em dezembro de 1945. Em dezembro de 1944, integrou a delegação brasileira à VII Conferência Pan-Americana, realizada em Lima.” <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/regocosta>. Acessado em 29 de maio de 2018.

raças, mas correntes humanas destinadas ao trabalho e à formação de núcleos autônomos. Assim, a exortação de Monroe, “América para os americanos”, não se referia apenas aos descendentes de anglo-saxões, mas à identificação de todos os americanos enquanto nativos do novo continente, defendendo seu posto na sociedade internacional e rompendo os últimos elos com seus colonizadores. Dessa forma, se explica que a Europa rejeitasse a doutrina, atribuindo a Monroe intuítos imperialistas.⁵⁴

No mês seguinte, *A Tarde* reproduziu um artigo apontando que essas críticas provavelmente partiam de setores da diplomacia europeia, que julgavam o pan-americanismo incompatível com a segurança coletiva. De acordo com a nota, o pan-americanismo causava estranheza aos russos e aos ingleses, por não compreenderem a união de um continente, além da “antiga prevenção europeia a tudo que cheire a monroísmo, a América para os americanos, e outros slogans cá desta banda do Atlântico”. Na verdade, o objetivo do pan-americanismo das Conferências de Buenos Aires, Lima, Rio de Janeiro e, sobretudo, do México, realizada em março, seria mostrar ao resto do planeta que era possível resolver problemas internacionais sem derramamento de sangue e violência, o que inclusive servia de exemplo para os países europeus. De acordo com o texto, o nazismo só aconteceu porque foi provocado pelo caos internacional. A única política externa interessante ao Brasil, naquele momento, seria a política de boa vizinhança já ensaiada e defendida por nomes como Rio Branco e Joaquim Nabuco.⁵⁵

Esse receio europeu em relação ao pan-americanismo está ligado à realização da Conferência de Chapultepec, no México, em março de 1945. Houve uma série de conferências realizadas entre 1943 e 1945, nas quais as potências aliadas (Estados Unidos, União Soviética e Grã-Bretanha) se reuniram para definir os limites de suas áreas de influência: em Teerã, em 1943; em Moscou, no outono de 1944; em Yalta, Criméia, no início de 1945; e em Potsdam, na Alemanha ocupada, em agosto de 1945.⁵⁶ Já Chapultepec foi uma reunião de caráter interamericano na qual se discutiu a proposta da formação de um bloco de países, visando o desenvolvimento econômico e social das repúblicas latino-americanas e, sobretudo, garantir um sistema de defesa mútua.⁵⁷ Essa conferência acabou apresentando um dilema aos Estados Unidos, pois os governos latino-americanos defendiam uma abordagem regional para as questões de segurança internacional, ao passo que os chamados Três Grandes enfatizavam o caráter mundial da futura organização encarregada de garantir a paz, sem levar em consideração

⁵⁴ REGO, Costa. “Não é só econômico o pan-americanismo”. *Diário de Notícias*, 18 de abril de 1945.

⁵⁵ “A AMÉRICA e o mundo – o pan-americanismo em sua hora crítica”. *A Tarde*, 25 de maio de 1945, p.3.

⁵⁶ HOBBSBAM, Eric, op.cit., p. 50.

⁵⁷ TOTA, Antônio Pedro, *O amigo americano*, op.cit., 147.

a opinião das potências menores. Na visão da Rússia e da Inglaterra, o fortalecimento de uma organização regional significaria enfraquecer a organização mundial, além de encorajar outros a criar sistemas concorrentes semelhantes.⁵⁸ Segundo Antônio Pedro Tota, Chapultepec tinha um objetivo implícito de assegurar a união das nações americanas para barrar a expansão do comunismo no Ocidente.⁵⁹

Portanto, a imprensa baiana procurou conquistar os leitores para o ideal do pan-americanismo, tanto difundindo datas comemorativas, como reivindicando a Doutrina Monroe e evocando uma união dos países americanos, sob a liderança estadunidense, pela defesa da liberdade contra os perigos que vinham da Europa.

3.2 Impressões sobre os Estados Unidos na imprensa baiana

Desde o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, a imprensa de Salvador procurou difundir um discurso reforçando a impressão de que baianos e estadunidenses possuíam inúmeras afinidades e que o momento era propício para consolidá-las. Com o fim da Conferência dos Chanceleres, os jornais da capital baiana procuraram divulgar a ideia de que eram extremamente amistosas as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Tornaram-se frequentes nos jornais demonstrações de que ambos os países eram parceiros e estavam dispostos a cooperar um com o outro. Além disso, havia um interesse em publicar matérias mostrando as interações diplomáticas dos estadunidenses com os baianos, ressaltando que a Bahia, em particular, tinha vários pontos em comum com o país norte-americano.

Em junho de 1942, *A Tarde* noticiou a realização de uma sessão no Rotary Clube, em Salvador, em homenagem à bandeira norte-americana. Estavam presentes os cônsules dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Bélgica e Holanda, o observador naval norte-americano, o presidente da Associação Baiana de Imprensa, diretores dos jornais da capital baiana e outros jornalistas. Na ocasião, o cônsul dos Estados Unidos, Reginald Castleman, agradeceu em seu próprio nome e no do cônsul da Inglaterra e exaltou a união entre os países americanos.⁶⁰

Em julho de 1942, *O Imparcial* publicou a solenidade no Palace Hotel, em Salvador, em comemoração ao *Independence Day*, data que significava “uma das mais formosas páginas da

⁵⁸ MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil*, op. cit., pp. 158-9.

⁵⁹ TOTA, *O amigo americano*, op.cit., p. 150.

⁶⁰“HOMENAGEM à bandeira norte-americana – a sessão de ontem do Rotary Clube”. *A Tarde*, 21 de junho de 1942.

democracia já escritas por um povo. E honra a civilização da América”.⁶¹ Compareceram à reunião o cônsul Reginald Castleman, além do delegado de Vichy e o representante do General De Gaulle, em nome da França. Castleman realizou os cumprimentos de praxe:

Disse dos laços de boa amizade e recíprocos entendimentos, que sempre uniram brasileiros e norte-americanos, a trabalharem pela maior grandeza de suas pátrias, mostrou com essa útil camaradagem, a que se quis muito bem chamar de “política da boa vizinhança”, se desenvolveu, de um modo notavelmente auspicioso, de dez anos a esta data, como ele próprio oferecia testemunho, pois é esse, precisamente, o tempo que vem servindo numa terra, que é a mais hospitaleira e amiga do mundo: a Bahia.⁶²

Em seguida, segundo o jornal, foram erguidos vivas à democracia e à liberdade, com a execução do hino dos Estados Unidos e os cumprimentos de *O Imparcial* ao país, dirigidos ao cônsul Castleman.⁶³ Dias depois, em reunião da Associação Cultural Brasil – Estados Unidos, o presidente da instituição, o engenheiro Arquimedes Guimarães, propôs a elevação do cônsul estadunidense de sócio fundador a sócio honorário. Pelo que aparece numa edição de *A Tarde*, Reginald Castleman mostrou-se sensibilizado, mas tinha que deixar a Bahia em breve para abrir um consulado em Belo Horizonte.⁶⁴ O diploma de sócio honorário foi entregue na sessão solene que comemorava o primeiro aniversário de fundação da Associação Brasil – Estados Unidos. Na ocasião, o secretário de Educação e Saúde, Isaías Alves, teceu elogios para o trabalho da associação em favor “do afeto entre as duas repúblicas continentais e disse da sua esperança no completo êxito da ação entre nós desenvolvida nesse alto sentido”. O vice-presidente da instituição, o dr. Colombo Spínola, exaltou as lições dadas aos brasileiros pela civilização norte-americana e salientou “o proveito que com relação aos Estados Unidos, poderá decorrer de um melhor conhecimento do nosso país, suas coisas, seu povo, as perspectivas do seu futuro fulgurante”. Houve ainda o depoimento do agrônomo Orlando Gonçalves Teixeira, que, recém-chegado de uma especialização nos Estados Unidos, relatou suas impressões daquele país, ressaltando “o dever moral de retribuirmos o bom tratamento sempre dispensado ali aos brasileiros que visitam a grande nação amiga”.⁶⁵

Em março de 1943, foi publicado no *Diário de Notícias* um artigo enaltecendo a amizade entre a Bahia e os Estados Unidos, valorizando as afinidades e as coincidências

⁶¹“A BAHIA aos Estados Unidos – foi uma festa de fraternidade a recepção oficial oferecida pelo consulado americano”. *O Imparcial*, 05 de julho de 1942.

⁶²Idem.

⁶³ Idem.

⁶⁴“UMA assembleia na Associação Brasil – Estados Unidos”. *A Tarde*, 25 de julho de 1942, p.2.

⁶⁵ “BRASIL e Estados Unidos fundidos num bloco de mútuos sentimentos e interesses – festa de amizade continental, a comemoração aniversária da ACBEU”. *A Tarde*, 3 de agosto de 1942, p. 2.

existentes em ambos os lugares. Citando o presidente Roosevelt, que declarou ter os americanos um encontro com o destino, o autor explica que o mandatário ianque estava se referindo a todos deste hemisfério, incluindo brasileiros, chilenos, mexicanos e demais nações.⁶⁶ À maneira dos guias de povos, Roosevelt estaria atribuindo à solidariedade continental um sentido prático. Nesse sentido, o autor menciona a Agência do Coordenador dos Assuntos Interamericanos:

E pretende realizá-lo, através de um mecanismo engenhoso, sediado nos Estados Unidos, com irradiações em todos os centros de cultura e economia das Américas. Incumbiu da direção desse plano ao jovem Nelson Rockefeller, e sub-comissionou no mesmo, residentes norte-americanos, identificados com os países ligados a essa grande corrente de ideais e interesses.⁶⁷

Nessa iniciativa a Bahia era destacada como parte incluída. Para o autor, o estado era dotado de “enormes possibilidades e tradições no mundo da inteligência, nessa organização singular e importantíssima”.⁶⁸ Assim, os baianos estavam tendo a oportunidade de usufruir de um contato mais direto e constante com homens e coisas estadunidenses, por intermédio de livros, filmes, visitas de sumidades, conferências e associações, de forma que também remetíamos para os Estados Unidos, que o autor chama de “aquela incomparável oficina industrial, educativa e democrática”, algo que ali nos fizesse presentes e conhecidos. Era preciso nos unirmos e trocarmos entre nós as utilidades de que necessitávamos. Novamente citando Roosevelt, o autor transcreve as palavras do governante sobre colaboração hemisférica:

Não é somente uma escolha entre o governo do povo e a ditadura. Não é somente uma escolha entre a liberdade e a escravidão. Não é somente uma escolha entre avançar ou retroceder. São todas estas escolhas reunidas numa só. É a religião contra o ateísmo, o ideal de justiça contra a prática da força; a decência moral contra o pelotão de fuzilamento; a coragem de falar e agir abertamente contra o nefasto recurso dos apaziguamentos.⁶⁹

De acordo com o autor, essas palavras foram postas em prática pelo presidente norte-americano e, logo depois, por Getúlio Vargas, pois ambos viram suas pátrias serem agredidas pelo inimigo comum.⁷⁰ Dessa maneira, o texto buscava justificar a solidariedade continental pelas afinidades e pelos interesses que eram compartilhados por baianos e ianques.

⁶⁶ MATTOS FILHO. “Temos um encontro com o destino”. *Diário de Notícias*, 20 de março de 1943, p. 3. Segundo consta, Mattos Filho era um jornalista de O Imparcial, afeito à acusa americanista, conforme demonstra a sua participação no coquetel em homenagem à imprensa, oferecido pelos membros do Comitê Interamericano na Bahia, D. E. Goodrich e W. H. Denning, noticiado pelo matutino em 28 de julho de 1943.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

Para além da amizade e de possíveis afinidades, era preciso estreitar ainda mais as relações entre os dois países. Nesse sentido, durante os anos de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o governo norte-americano financiou a viagem de intelectuais, cientistas e jornalistas brasileiros aos Estados Unidos. Segundo Antônio Pedro Tota, Nelson Rockefeller solicitou ao Conselho de Defesa Nacional a criação de um Comitê Interamericano de Viagens (*Inter-American Travel Committee*), a fim de disseminar, “por meio de anúncios em 350 dos maiores jornais de todas as Américas, ‘convites’ para que os povos do continente fossem aos Estados Unidos”.⁷¹ O objetivo disso seria proporcionar aos visitantes a oportunidade de observar pessoalmente o modo de vida dos norte-americanos, a qualidade de suas instituições e a sua capacidade de manter o funcionamento do enorme país.⁷²

Mesmo na condição de exilado, Otávio Mangabeira registrou em suas correspondências para amigos as suas impressões sobre os Estados Unidos. Em carta destinada a Armando Sales, Mangabeira descreve com encantamento a cidade de Nova York, comparando-a a lugares da Europa e do Brasil:

A cidade, formidável. Tudo tão bem organizado, [...] de tal modo, que não há confusão ou atropelo, e todos podem viver, [...] Agora, o conjunto dos edifícios do Rockefeller Center, por exemplo, ou a ponte George Washington, sobre o Hudson, são construções portentosas, que não têm rivais, no seu gênero. Percorrer, nestes dias de dezembro, (O Natal aqui é o maior dia) as ruas centrais do comércio, os magazines, etc, é assistir a um verdadeiro espetáculo: a quinta avenida de Nova York, está para as ruas de Paris, como exposições, vitrines, etc, na proporção, mais ou menos, em que aquele trecho do Rio, Avenida, Ouvidor, Uruguaiana, etc, estará para a rua Chile. [...] Aliás, os americanos consideram Nova York cidade cosmopolita, e o é de fato: [...] O ambiente de liberdade, a impressão de juventude e bom humor, a afinação com a Inglaterra, a ausência quase completa, de cachorros pelas mãos ou no colo das damas, são outros tantos motivos de satisfação e bem-estar. Em suma, não me arrependo de ter vindo.⁷³

Contudo, devido à sua insatisfação com o fato de ter sido banido de sua terra natal, Mangabeira revela ter saudade da Bahia e desejo de voltar, inclusive devido ao custo de vida:

Já quanto a museus, igrejas, etc, nada se compara com a Bahia. [...] Acabei, aqui, de convencer-me que o país de mulheres mais bonitas (que sei que haverá quem discorde) é o nosso caro Brasil, e, no Brasil, a Bahia, ao menos foi assim em certa forma. Quanto ao nosso deslumbramento, são mais as vozes que as nozes. Para viver com o orçamento, a que temos que [ilegível], não podemos levar a vida a que nos habituamos, no Rio e na Bahia. [...] Como quer que seja, trocaria, e

⁷¹ TOTA, *O amigo americano*, op.cit., p. 120.

⁷² Id., *ibid.*, p. 120.

⁷³ MANGABEIRA, Otávio. [carta] Sem data [para] Armando Sales, 11p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

certo do melhor grado, todo esse deslumbramento, pelo nosso Brasil da Bahia, ou pelo Alto do Bonfim.

Devido à sua natureza íntima, percebe-se nas cartas um tom mais franco do que aquele que geralmente é encontrado nos jornais. Embora elogie a hospitalidade local, Mangabeira relata não ter se adaptado à culinária e aos hábitos alimentares norte-americanos:

A 5ª Avenida, de Nova York, não se faz de rogada, a quem os tem. É de uma hospitalidade incomparável, que deixa longe, sob tal aspecto, a dos boulevards de Paris. [...] Pena é que não possa trazer uma dessas boas pretas que, no meio de tantas desgraças, têm sabido guardar as tradições da velha cozinha baiana, que, ao menos nesse terreno, ao que respondo, “a Bahia ainda é a Bahia”. De fato, para o nosso paladar [...] com os quitutes e os acarajés da nossa terra, a comida americana, benza a Deus, não faz graça pra ninguém ver. São os tais paradoxos econômicos, com que a Providência corrige as iniquidades da sorte: os portugueses, paupérrimos, a comerem farto e bem; os americanos, riquíssimos, a comerem pouco... e péssimo. O que se conveio a chamar, em outras latitudes – a velha França à frente – o “prazer da mesa”, é de todos desconhecido neste planeta. Tenho visto cidadãos qualificados almoçar [...], dois sanduíches, suco de tomate, e um bruto copo de leite. Não há tão pouco o ambiente dos “cafês”. Haverá o dos bares, pois, se não toma vinho após as refeições – apenas água gelada, faça o frio que fizer – em compensação, bebe-se muito, no intervalo entre as mesmas, bem como depois e antes. Whiskies e cocktails. Uma droga.⁷⁴

Apesar desses contratempos alimentares, para Otávio Mangabeira, o sentimento democrático era muito presente no cotidiano estadunidense:

Justiça, porém, se faça. Se se fizesse um concurso, para o fim de apurar quais as palavras que mais se ouvem por essas paragens, não haja dúvida de que serão essas três as que assentam raízes mais profundas no coração do povo americano: God, Freedom, Democracy. Deus, Liberdade, Democracia.⁷⁵

Como consequências desse clima, Mangabeira cita a liberação feminina, a pluralidade religiosa e a liberdade de opinião, lamentando que esta última não pudesse ser exercida no Brasil:

Não sei também de país, onde as mulheres exerçam tão relevante papel, não só nas letras, inclusive o jornalismo, sem exclusão do político, mas nos debates mais [ilegível] da vida política. Há muitas seitas, as religiões, predominando naturalmente o protestantismo, todas, porém, em grande atividade. Agora os comícios como o que me referi no princípio desta carta, fala-se aqui muito nas igrejas (nas diferentes igrejas) como também pelo rádio, e em almoços e jantares. [...] Não sei de país no mundo onde esteja tão arraigada, nos hábitos do povo, a pública manifestação de opinião. Só se for... no Brasil do “Estado Novo”. Quando lastimo que, nas atuais circunstâncias, não possa haver

⁷⁴MANGABEIRA, Otávio. [carta] Sem data [para] Armando Sales, 11p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

⁷⁵ Idem.

mais artigos que, publicados ao mesmo tempo em alguns jornais brasileiros, me dessem, por outro lado, uma receita oportuna.⁷⁶

Na imprensa, foram publicados outros relatos de brasileiros nos Estados Unidos. Em janeiro de 1942, o *Diário de Notícias* reproduziu as declarações, feitas no Rio de Janeiro, do general Newton Cavalcanti, que estivera recentemente na nação norte-americana.⁷⁷ Como parte do esforço de guerra contra o nazifascismo, foi criado um Comando Militar conjunto do Exército, Marinha e Aeronáutica no Nordeste, com sede em Recife e liderado por Newton Cavalcanti, que, além disso, era diretor da Moto-Mecanização do Exército.⁷⁸ Ao jornal, o general afirmou estar redigindo um relatório a ser submetido à apreciação do ministro da Guerra. No entanto, se dispunha a satisfazer a curiosidade dos jornalistas e adiantar algo dessas impressões.

Segundo Cavalcanti, nos Estados Unidos, os brasileiros eram recebidos com “afeição e dentro dos princípios de fraternidade e boa vizinhança”, encontrando “na pátria irmã um ambiente de carinho, de conforto e intensa simpatia para o trato de todos os problemas”. Além disso, afirmava ter conhecido

A extensão do trabalho estadunidense, com a sua magistral organização social, econômica e industrial; vi os centros de sua dinâmica vitalidade; a grandeza de seus parques de mecânica básica; conheci de perto os traços de sua singular psicologia, os métodos educacionais e a segurança na execução dos problemas que interessam à juventude. Convivi com seus grandes chefes militares e pude avaliar a notável cultura de seus quadros, todos capacitados de sua obra, identificados com as altas questões que preocupam o mundo, e sobretudo integrados com a técnica.⁷⁹

Bem como ele conhecera melhor os Estados Unidos, constata que o Brasil também se fazia cada vez mais conhecido pelos vizinhos do Norte. Os problemas brasileiros, as realizações efetivadas pelo Estado Novo, o conceito firmado em torno da figura de Getúlio Vargas criaram “um clima admirável e altamente promissor às relações entre os nossos povos”. Os norte-americanos se achavam cientes “das reformas que o nosso regime construiu e das leis que presidem a nossa vida no continente”, e do estreitamento e da união dos brasileiros, reconhecendo “o ambiente de tranquilidade social em que vivemos e as linhas mestras que

⁷⁶ MANGABEIRA, Otávio. [carta] Sem data [para] Armando Sales, 11p. Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM). Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória da Bahia (CMB/FPC).

⁷⁷ “FALA o General Newton Cavalcanti – transmitindo à imprensa suas impressões a respeito dos Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 09 de janeiro de 1942.

⁷⁸ LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo*, op. cit., p. 69.

⁷⁹ “FALA o General Newton Cavalcanti – transmitindo à imprensa suas impressões a respeito dos Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 09 de janeiro de 1942.

norteiam a solução dos altos problemas do Estado, todos encarados com firmeza, patriotismo e devotamento.”⁸⁰

Voltando a falar sobre os Estados Unidos, o general Cavalcanti define aquela nação como uma “portentosa usina de trabalho”, que era a “grande nobreza e a única razão de ser da vida”. A assistência médica era garantida e a alimentação assegurada, nada faltando “ao bem-estar de todas as classes”. Segue então uma longa descrição do sistema educacional estadunidense, classificado como um dos “mais eficientes e notáveis do globo, exemplar como organização, edificante em sua pedagogia, racional e lógica em seus processos, frutífera em seus resultados”. Cavalcanti também elogia a capacidade industrial e militar do país, pois “a preparação de seus quadros oficiais é das mais excelentes, não só na ativa, como em suas reservas, estando todos absolutamente em dia com os problemas técnicos, suficientemente capazes e compenetrados de sua missão”.⁸¹ Portanto, apesar de ter sido publicado no *Diário de Notícias*, que, nos primeiros meses de 1942, ainda apresentava um discurso reticente em relação aos aliados, este foi um dos primeiros textos publicados na imprensa baiana, no contexto do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo, que buscava apresentar uma imagem extremamente positiva dos Estados Unidos. Esse discurso contribuía para justificar a necessidade de os brasileiros se solidarizarem com o vizinho norte-americano, posição que seria oficializada pelo governo do Brasil no final daquele mês.

Além disso, o *Diário de Notícias* estampou em suas páginas uma matéria versando sobre o cotidiano dos norte-americanos na guerra.⁸² Descreve os marinheiros estadunidenses como inexperientes, pois não eram profissionais, entre voluntários e convocados, que tinham realizado cursos intensivos e atuavam “na luta contra as potências do mal”. Embora bravos na batalha, eram “ótimas criaturas nos ambientes pacíficos, camaradas, alegres, sinceros.” A guerra também havia modificado a rotina nas universidades, pois estava havendo aulas regulares no período do verão em cerca de seiscentos colégios e universidades em toda a união. Dessa forma, afirma o texto que o conflito havia alterado todos os aspectos da vida da nação norte-americana, desde os centros de ensino, passando pelo comércio até a agricultura. A Universidade de Virgínia, por exemplo, acelera o programa normal de ensino, com o fim de facilitar sua conclusão em três anos, além de manter um curso para preparação de oficiais da

⁸⁰ “FALA o General Newton Cavalcanti – transmitindo à imprensa suas impressões a respeito dos Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 09 de janeiro de 1942.

⁸¹ *Idem*.

⁸² “MOCIDADE de Tio Sam – cooperação na guerra dos jovens universitários, comerciários e industriários dos Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 10 de março de 1943.

reserva naval, um preparatório preliminar para a marinha e infantaria e outro para o exército, e um programa de treinamento aéreo. Todos aqueles formados nesses cursos se comprometiam a servir nas forças armadas da nação, depois de concluir os estudos universitários. Esses jovens preparados pela Universidade seriam oficiais de elite. Os demais que ainda não adquiriram oficialato, rapazes do comércio, dos ginásios e indústrias norte-americanas estavam no mar, “defendendo dos piratas e corsários as águas do Atlântico e Pacífico, na guerra pela sobrevivência da civilização”.⁸³ Isto é, havia uma divisão entre os soldados preparados no círculo universitário, os mais bem preparados, e os demais que eram simples trabalhadores, arriscando-se sem muito traquejo nos fronts da guerra.

As viagens de baianos aos Estados Unidos, patrocinadas pelo governo norte-americano, foram intensificadas a partir do ano de 1943. Foram convidados profissionais de várias áreas, da medicina ao jornalismo. Segundo Gerson Moura, essas viagens eram intermediadas pela Divisão de Ciência e Educação do OCIAA, que desenvolveu atividades no Brasil a partir de 1940. O principal objetivo desse departamento era realizar contribuições à comunidade científica e educacional brasileira com métodos e modelos norte-americanos. Isso era feito por meio de financiamento de intercâmbio de cientistas e professores brasileiros aos Estados Unidos e de especialistas estadunidenses ao Brasil a fim de auxiliar na fundação de escolas e cursos especiais, além do fornecimento de recursos para incentivar a colaboração entre instituições educacionais das duas nações. Também eram distribuídos no Brasil livros descrevendo a vida nos Estados Unidos e de literatura técnica.⁸⁴

Essa interação científica com o Brasil pareceu atrair muitos norte-americanos. De acordo com a documentação do ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, consultada por Gerson Moura, foram expedidos centenas de comunicados de instituições e indivíduos estadunidenses solicitando participar de intercâmbios culturais, científicos e econômicos com os vizinhos do sul. Entre as entidades, constam: universidades, jornais, estações de rádio, fundações culturais e científicas, editoras, associações profissionais e empresas; entre os indivíduos, jornalistas, artistas, diretores de cinema, escritores, professores, cientistas e empresários. Entretanto, o OCIAA “preferia enviar brasileiros aos Estados Unidos para que eles ‘tivessem uma impressão favorável dos Estados Unidos, voltando a seus países com uma sensação de amizade e boa vontade’”.⁸⁵ Para Gerson Moura,

⁸³ “MOCIDADE de Tio Sam – cooperação na guerra dos jovens universitários, comerciários e industriários dos Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 10 de março de 1943.

⁸⁴ MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p. 77.

⁸⁵ Id., *ibid.*, pp. 77-8.

Todas essas iniciativas variadas visavam apresentar aspectos positivos das instituições estadunidenses, assim como do poder militar. Até o intercâmbio de visitantes, que aparentemente envolvia a troca de experiências baseadas no “respeito mútuo” eram, na verdade, parte de uma estratégia de “mão única”: brasileiros viajavam aos Estados Unidos para adquirir um melhor conhecimento da vida estadunidense e especialistas estadunidenses vinham ao Brasil ensinar métodos e técnicas estadunidenses.⁸⁶

Nesse sentido, a imprensa baiana passou a noticiar as viagens de profissionais brasileiros aos Estados Unidos. Em julho de 1943, o *Diário da Bahia* divulgou a viagem de intercâmbio cultural no país norte-americano do dr. Heitor Frois, professor da Faculdade de Medicina da Bahia.⁸⁷ Em depoimento a esse jornal, Frois declara que a ideia da sua visita ao país norte-americano surgira como um convite do professor Peter Baker, para uma estadia de algumas semanas entre os vizinhos do Norte. Mais tarde, ele recebeu o convite oficial do *Department of State*, de Washington, para uma viagem de três meses aos Estados Unidos, em carta que lhe teria sido entregue pelo cônsul do país norte-americano na Bahia, Jay Walker. O objetivo do intercâmbio seria visitar as principais instituições estadunidenses, para as quais preparara uma série de conferências, palestras e comunicações científicas, visando apresentar aos estadunidenses alguns aspectos da nossa patologia e interessar os letrados do país pelo conhecimento da vida e da obra de alguns de nossos maiores poetas e escritores.⁸⁸

Dentre as suas contribuições científicas, o dr. Heitor Frois afirma que iria tratar com os colegas norte-americanos especificamente da febre amarela. Já na parte literária, o professor faria uma conferência a respeito da obra de Castro Alves e de Xavier Marques.⁸⁹ Por fim, Frois mostra-se lisonjeado com o convite, que lhe permitia servir à Pátria e corresponder à confiança que lhe foi depositada, e acentua “as atenções que me tem sido dispensadas pelo Consul Jay Walker, vice-consules Jackes, Phillips e Raineri e funcionários do consulado americano em geral”.⁹⁰

⁸⁶ Id., *ibid.*, p. 78.

⁸⁷ “EM VIAGEM de intercâmbio cultural – seguirá sábado para os Estados Unidos o prof. Heitor Fróes”. *Diário da Bahia*, 01 de julho de 1943, p. 3.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Xavier Marques era um jornalista e romancista baiano de considerável prestígio no estado, quando em vida. De acordo com o site da Academia Brasileira de Letras: “Ao mesmo tempo que escrevia seus artigos, ia criando romances. Ao romance de estreia *Boto e companhia* (1897), seguiu-se a novela *Jana e Joel* (1899), considerada a sua melhor obra. Sua ficção é das mais representativas na área regionalista e praieira baiana, a cujos valores permaneceu sempre fiel. Publicou também volumes de poesia, de linguagem parnasiana, coletâneas de contos e ensaios. Alcançou vários prêmios literários em sua longa vida de escritor, entre os quais um prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1910, pelo romance *Sargento Pedro*. Gozou sempre de grande prestígio na Bahia, onde vivia como um patriarca literário, cercado de consideração, respeito e amor de todos.” <http://www.academia.org.br/academicos/xavier-marques/biografia>. Acessado em 14 de novembro de 2018.

⁹⁰ “EM VIAGEM de intercâmbio cultural – seguirá sábado para os Estados Unidos o prof. Heitor Fróes”. *Diário da Bahia*, 01 de julho de 1943, p. 3.

Em outubro, *O Imparcial* estampou uma fotografia do dr. Heitor Froes ao lado do dr. Marcos Henrietti, diretor do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas de Curitiba (Figura 3.3). Segundo a legenda da fotografia, ambos cederam conjuntamente uma entrevista à imprensa, no escritório do Coordenador dos Assuntos Interamericanos. Ressaltava-se que Froes era um especialista brasileiro em moléstias tropicais, que recentemente visitara os principais centros médicos e culturais dos Estados Unidos, a convite do governo norte-americano.⁹¹

No final de julho de 1943, o *Diário da Bahia* noticiou o retorno do professor baiano Manoel Peixoto, que estivera nos Estados Unidos. De acordo com o que declarou à imprensa, o educador fora designado pelo governo de Landolfo Alves, na qualidade de catedrático de inglês, para fazer um curso de aperfeiçoamento na América do Norte. No *Peabody College*, o maior colégio de professores no sul dos Estados Unidos, Manoel Peixoto realizou um curso de sociologia, literatura e pedagogia. Segundo ele, lá havia outros brasileiros e sul-americanos fazendo diversos cursos. Meses depois, o professor baiano foi convidado para continuar seus estudos e lecionar português na Universidade da Carolina do Norte, “sem dúvida uma das mais famosas dos Estados Unidos e que está dispensando as maiores atenções ao estudo da língua portuguesa e ao intercâmbio cultural com a América Latina”.⁹²

Em seguida, o jornal reproduziu o depoimento de Manoel Peixoto acerca da preparação norte-americana para a guerra.⁹³ O professor afirma que as universidades ianques mantinham escolas de aviação e do exército anexas a elas, nas quais os alunos se comprometiam a estudar quando convocados para o serviço ativo. Em seguida, elogia a disciplina do povo norte-americano, pois o povo vinha sendo educado através de diversos Departamentos Públicos, no sentido de cooperar com o esforço do país no conflito, de modo que toda a população estadunidense constituía “um exército de 135 milhões de soldados, desenvolvendo atividades em todos os setores”. Sobre a imagem do Brasil nos Estados Unidos, o professor afirma que a entrada dos vizinhos do Sul na guerra foi recebida pelos norte-americanos com entusiasmo, pois a colaboração brasileira se refletia no fornecimento de matérias-primas e de conjugação de esforços para a vitória final.⁹⁴

Outro médico, o dr. Fernando Nova, também esteve nos Estados Unidos, tendo retornado à Bahia com muitos elogios ao país norte-americano, devidamente publicados em A

⁹¹“COOPERAÇÃO interamericana”. *O Imparcial*, 29 de outubro de 1943.

⁹²“TODO o povo americano é o exército de Tio Sam – regressa dos Estados Unidos o professor Manoel Peixoto”. *Diário da Bahia*, 28 de julho de 1943.

⁹³Idem.

⁹⁴Idem.

Tarde. Segundo o clínico, Chicago possuía grande número de hospitais, formando “uma surpreendente cidade de arranha-céus com instalações tanto para o multimilionário quanto para o proletário, que lá tem ótimo padrão de vida”.⁹⁵ Além de hospitais, nesses prédios havia barbearias, lojas e outros centros de entretenimento. O entrevistado também discorre sobre outros atributos da cidade:

Em complemento sábio do que fica e fazendo a saúde pública preventiva a Prefeitura de Chicago mantém em todos os seus grandes parques, ao lado de uma Biblioteca Pública, de divulgação popular de conhecimentos, piscinas, campos de jogos que são frequentadíssimos. Nos “*week-ends*” eles se povoam de jovens e velhos. Refazem-se todas as energias da semana trabalhosa. Fazem *pic-nics*”. Passam o dia ao sol. É evidente a influência dessa prática na preservação da saúde e do tipo americano — uma mocidade forte e alegre, talvez o melhor índice de robustez no mundo. Joga-se principalmente o “*base-ball*”, que é o esporte nacional, logo seguido pelo violento “*rugby*”, “*tennis*”, “*golf*”. Há parques que dispõem de 30 quadras de “*tennis*”!⁹⁶

Quando questionado sobre a guerra, Nova responde: “Fala-se pouco em guerra. A turma lê jornais e trabalha, dia e noite, pela vitória. É um esforço fantástico daquele povo!”⁹⁷

O diretor do Museu da Bahia, José Antônio do Prado Valadares, foi mais um a realizar uma prolongada estadia nos Estados Unidos. Segundo *A Tarde*, ele fez um curso na seção de Humanidades da Fundação Rockefeller e um estágio no *Brooklin Museum*. Findo o período de estudos, conheceu “os museus mais importantes e as casas históricas da região”, além de também ter visitado o México e o Peru.⁹⁸ Valadares não dá maiores detalhes, pois “isso é objeto de relatórios que tenho o compromisso de dirigir às autoridades do país e de uma conferência que espero ter a possibilidade de realizar”. Porém, logo depois de voltar de lugares “onde o trabalho dos museus atingiu grande nível”, revela sentir-se orgulhoso por verificar que “pessoas responsáveis da Bahia pensam em dotar o Estado de um museu que seja o lugar onde possa ou o que foi o passado histórico e artisticamente opulento de nossa terra”. A compra da Coleção Góis Calmon para o Museu da Bahia, segundo o entrevistado, era um excelente ponto de partida. Finalizando a reportagem, frisava-se que Valadares mencionou “o bom conceito que o nosso país desfruta naquela grande nação e o acatamento e o prestígio que gozam os brasileiros ali”.⁹⁹

⁹⁵ “A VIDA americana deslumbrou – impressões de um médico baiano que volta dos Estados Unidos.” *A Tarde*, 15 de setembro de 1944, p. 2.

⁹⁶ *Idem*.

⁹⁷ *Idem*.

⁹⁸ “ESTUDO a organização de museus norte-americanos – aplicará na Bahia o que observou nos grandes centros”. *A Tarde*, 10 de outubro de 1944, p. 2.

⁹⁹ *Idem*.

Os jornais em circulação em Salvador mostravam uma imagem esplendorosa dos Estados Unidos, o que poderia incitar nos leitores o desejo de visitar o país. Contudo, como essa era uma possibilidade remota para a maioria, *A Tarde* apresentava uma maneira de vislumbrar a América do Norte sem deslocamento e grandes despesas: através de livros. Em setembro de 1944, o vespertino de Simões Filho publicou uma resenha de um livro de Pedro Calmon, assinada pelo professor Beni Carvalho.¹⁰⁰ Intitulada *Estados Unidos de leste a oeste*, a obra, segundo o autor da crítica, era uma boa alternativa para aqueles que gostariam de conhecer o país norte-americano sem passar por percalços como “complicações aduaneiras, compressões nas gares e nos cais, precedidas daquela ‘ocasião sempre triste e confusa de arrumar as malas’”.¹⁰¹ Através de *Estados Unidos de leste a oeste*, de acordo com o crítico, éramos conduzidos “por um cicerone sui-generis, pois, sendo ele historiador, jurista, orador, conferencista, professor de direito, a todos esses títulos reúne, ainda, o de verdadeiro poeta [...]”. Beni Carvalho segue elogiando a obra de Pedro Calmon, apontando a precisão de suas descrições:

[...] o certo, porém, é que tão grande é o seu poder pictórico, que nos dá a ilusão de ver, e interpretar, assim as paisagens físicas, como as imateriais, desde a aquarela de Trinidad — “o paraíso das colored women” — cujo leit-motiv, na indumentária, é a orgia de chapéus, emoldurando rostos de ébano, até o perfil de Hans Kelsen e a “Alma” de Lincoln; desde o instantâneo de Walt Street até a fisionomia da “rua americana”, assim fixada. Uma rua “yankee” é igual a outra rua “yankee”, pela arrumação simétrica, pela exposição agradável das mesmas utilidades, pelo estilo igual das construções, dos anúncios, das lojas, pelo asfalto, pelo balcão branco da “cafeteria”, pelo toldo alegre que dá sombra ao armazém de gêneros, asseado e espaçoso como um “lobby”, pelo jeito elegante do “drug store”, onde se dissimula, com a exibição de quinquilharias, o insípido mercado dos remédios; pela garagem, pelo inspetor de trânsito, pela igreja neo-gótica, pela escola, pela multidão... Não é, em verdade, uma pintura? Eis uma ligeiríssima amostra do que é, como estilo, movimento, observação, colorido, penetração psicológica o livro do Sr. Pedro Calmon, — um mágico da palavra, esteta que se faz cicerone, nessas páginas em que ele julga ter posto apenas, o “impressionismo dum diário”, quando, ao contrário, pôs toda a vida do grande país.¹⁰²

¹⁰⁰ Benedito Augusto Carvalho dos Santos foi deputado pelo estado do Ceará, advogado, professor e jornalista. O Dicionário Biográfico do CPDOC/FGV traz as seguintes informações: “Após a vitória do movimento revolucionário de outubro de 1930, ao qual se opôs, teve seu mandato interrompido em consequência do fechamento de todos os órgãos legislativos do país. Retornou então às suas atividades no magistério. Em 1936 foi nomeado pelo ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, membro do Conselho Nacional de Educação, com sede no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, sendo transferido no ano seguinte para o Colégio Militar, na mesma cidade.” <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/santos-benedito-augusto-carvalho-dos>. Acessado em 30 de maio de 2018.

¹⁰¹ CARVALHO, Beni. “Estados Unidos de leste a oeste”. *A Tarde*, 25 de setembro de 1944, p. 3.

¹⁰² Idem.

Em fevereiro de 1945, *A Tarde* publicou mais uma resenha, desta vez sobre um livro intitulado *Terra da Liberdade*, que versava sobre os Estados Unidos.¹⁰³ Segundo o crítico, o brasileiro era conhecido como um povo que não viajava, provavelmente como reflexo “dos muitos anos em que vivemos trancados a qualquer contato com o resto do mundo, sob a vigilância férrea do colonizador luso”. A falta de meios de transporte e o vigente estado de guerra agravavam esse problema. Por causa de tal isolamento, no Brasil não se conhecia outros povos e civilizações “para estudá-los e deles tirarmos lições mais ou menos proveitosas”. Há aqui uma crítica interessante à imprensa: “o que sabemos é de oitava, por ouvir dizer ou visto através do cinema e lido nos jornais, veículos nem sempre fiéis e muito menos verdadeiramente instrutivos nesse particular”. Entretanto, o governo norte-americano vinha contribuindo para remediar esse atraso:

[...] o governo norte-americano vêm instituindo bolsas de estudos destinadas a intensificar o intercâmbio cultural com os povos da América Latina, selecionando jovens que possam tirar proveito de um estágio nas suas Universidades, que são inúmeras, para voltarem aos seus países com uma soma maior e mais valiosa de conhecimentos especializados e com capacidade de aplicá-los em benefício da coletividade a que tenham de servir. Além dessas bolsas, isso em plena guerra, tem havido um sem número de convidados, pelos méritos próprios, para percorrerem toda a América do Norte, às expensas do governo americano, aos quais se facilita tudo quanto aquela grande nação pode apresentar de notável e de instrutivo.¹⁰⁴

Teria sido numa dessas viagens que o autor da obra, o professor e historiador catarinense Oswaldo R. Cabral, colheu dados para escrever *Terra da Liberdade*. Segundo o crítico, “o Sr. Cabral não fez como certos viajantes que, ao saírem do Brasil, procuram deslumbrar-se com os cabarés e com a vida artificial e trepidante das grandes cidades que percorrem, desprezando tudo mais.” Foram ressaltadas passagens da obra com traços triviais da cultura norte-americana, mas que, nessa resenha, soavam como demonstrações da honestidade e retidão de caráter daquele povo, qualidades as quais seriam escassas entre os brasileiros:

No livro há detalhes de observação muito interessante, parecendo, à primeira vista, banais, mas que revelam o grau de educação do povo, manifestando-se nas coisas mínimas. Ora, diz ele que ‘nos bairros residenciais, nas cidades americanas, o gramado da frente das casas não é cercado — e cada qual zela o seu pedaço e respeita o do vizinho’. Entre nós, algum que por acaso exista, fica longe transformado em campo de bola ou coisa pior... Causou-lhe também espanto, como autêntico brasileiro, a confiança que ali se deposita no próximo e na

¹⁰³ GOMES, Antônio Osmar. “Terra da Liberdade”. *A Tarde*, 02 de fevereiro de 1945. Não conseguimos obter maiores informações sobre o autor do texto.

¹⁰⁴ Idem.

palavra alheia, a ponto dos vendedores de jornais saírem dos seus postos, deixando a pilha de gazetas e uma caixinha para as moedas, e ao regressar encontram tudo em ordem sem faltar nem um jornal, nem um níquel. Para nós, que, ao arredarmos o pé daqui para ali, temos que apresentar a nossa prova de identidade uma porção de vezes, é de causar assombro o Sr. Cabral dizer que, estrangeiro, atravessou tantas cidades norte-americanas, agora, em tempo de guerra, e a exibição do seu passaporte só foi pedida ao entrar no país e quando dele saiu.¹⁰⁵

Além disso, chamava a atenção do crítico e do próprio autor do livro o desenvolvimento cultural do país:

Mas, tais observações são de passagem, porque o que mais lhe interessou, constituindo o depoimento principal do seu livro, foram os centros culturais, museus, universidades, etc., que bem valem ser conhecidos. E tudo, ali, afinal se acha impregnado do puro espírito da democracia, que é o sentido da vida e da grandeza daquele povo naquela terra, perfeitamente compreendida como TERRA DA LIBERDADE.¹⁰⁶

Desse modo, além de entrevistas e depoimentos de profissionais que visitaram os Estados Unidos, resenhas de livros sobre o país também eram formas de expor para os leitores as qualidades dos vizinhos do norte, que certas vezes eram mostradas como superiores às características culturais brasileiras.

3.2.1 Intercâmbio de estudantes baianos nos Estados Unidos

Além de profissionais em pleno exercício de sua carreira, como médicos e jornalistas, também estudantes foram convidados a passar temporadas nos Estados Unidos. Segundo Antônio Pedro Tota, o intercâmbio de estudantes e profissionais brasileiros aos Estados Unidos visava “melhorar a experiência e a capacidade de conhecimento em diferentes áreas”. Para participar dessa viagem de estudos, era necessário “ter noções da língua inglesa e ser engenheiros, técnicos em comércio internacional ou estudantes de áreas técnicas, como construção naval, metalurgia e siderurgia.”¹⁰⁷

Em reportagem de um jornalista da *Associated Press*, publicada em *O Imparcial*, sobre jovens latino-americanos em intercâmbio nos Estados Unidos, consta que não se tratava de uma experiência nova, pois há tempos havia se realizando sob o patrocínio de instituições privadas.¹⁰⁸ A novidade era o apoio do governo à iniciativa, como um anteparo à propaganda nazista nos países latino-americanos. Segundo o texto, os alemães e italianos haviam

¹⁰⁵ GOMES, Antônio Osmar. “Terra da Liberdade”. *A Tarde*, 02 de fevereiro de 1945.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ TOTA, *O amigo americano*, op.cit., pp. 123-4.

¹⁰⁸ “JOVENS Latino-americanos aprendem técnica nos Estados Unidos”. *O Imparcial*, 16 de maio de 1942.

conquistado a simpatia de núcleos no subcontinente, mediante a oferta de viagens para estudantes, com destino a esses dois países. O autor do texto diz que a organização nazifascista encobria assim seus objetivos políticos sob a capa de intercâmbio cultural, como se o governo norte-americano também não tivesse desígnios políticos e ideológicos sobre os vizinhos do sul. Mas o jornalista da *Associated Press* afirma que o fito da administração yanque era ministrar “os maiores conhecimentos aos estudantes e trabalhadores estrangeiros, os quais, aplicados em seus países de origem, serão de benefícios gerais para a comunidade de nações do Hemisfério Ocidental”. Aos jovens que chegavam aos Estados Unidos em busca de ensinamentos, por conta deste programa de intercâmbio, permitia-se que trabalhassem em fábricas estadunidenses, sob o mesmo salário que os funcionários nativos. Encerrando a reportagem, buscou-se colher o depoimento de alguns desses jovens recém-chegados, dentre os quais um brasileiro, que trabalhava na *Standard Oil Company*, em New Jersey, estudava técnica de refinaria de petróleo e anteriormente cursou inglês em Maryland. Porém, não há no texto nenhuma opinião desse ou de outros estudantes, aparecendo somente seus nomes e as atividades que estavam desenvolvendo nos Estados Unidos.¹⁰⁹

Em novembro de 1942, foi anunciado por *A Tarde* que vários estudantes brasileiros, entre 289 latino-americanos, receberam bolsas de estudos para instituições norte-americanas, durante o ano universitário de 1942 a 1943. Dentre esses jovens, encontravam-se dois baianos, uma moça que já estava frequentando as aulas do Colégio de Mulheres da Universidade da Carolina do Norte, e um rapaz, um engenheiro, matriculado no curso de graduados, para obter o título de “*Master of Science*” em Engenharia Sanitária, no *Agricultural and Mechanical College* do Texas.¹¹⁰ Em um dos seus dois livros de memórias acerca das suas viagens aos Estados Unidos, Érico Veríssimo relata que, por volta de 1941, enquanto se deslocava de navio para o país norte-americano, certa feita, dividiu sua mesa na sala de refeições com “três ótimos companheiros. Um rapaz e duas lindas moças da Bahia, que fazem parte do grupo de estudantes brasileiros que vão passar uma temporada na Universidade de Chapel Hill, na Carolina do Norte”.¹¹¹

Resta saber de que forma eram pagas as despesas dos estudantes contemplados com bolsas de estudos nos Estados Unidos. Uma edição do jornal *O Imparcial*, de março de 1944, fornece um indício. Nela, consta que o embaixador do país norte-americano, em nota ao

¹⁰⁹ “JOVENS Latino-americanos aprendem técnica nos Estados Unidos”. *O Imparcial*, 16 de maio de 1942.

¹¹⁰ “BAHIANOS contemplados com bolsas nos Estados Unidos”. *A Tarde*, 14 de novembro de 1942, p.2.

¹¹¹ VERÍSSIMO, Érico. *Gato preto em campo de neve*, op.cit., p. 9.

ministro do Exterior, solicitava que o governo do Brasil submetesse ao governo estadunidense uma lista com cinco nomes de estudantes graduados, para que fossem selecionados dois deles a cursarem as universidades estadunidenses. De acordo com a nota, o governo dos Estados Unidos garantia uma pensão de 135 dólares por mês para pagamento da estadia e 150 para livros e despesas ocasionais, ficando os gastos da viagem por conta do governo brasileiro.¹¹²

No final de 1945, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos ainda selecionava pessoas para intercâmbio no país ianque. Em setembro, o *Diário de Notícias* salienta como uma das características da política de boa vizinhança, tornando “mais fortes os laços de entendimentos entre brasileiros e americanos”, a concessão de bolsas de estudos, por parte dos Estados Unidos, aos latino-americanos. O jornal afirma que, da Bahia, havia saído vários jovens que cursaram universidades estadunidenses, em estudos de especialização em matérias técnicas. Assim, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos anunciava a abertura de um novo concurso de bolsas de estudo. Para maiores informações, o periódico entrevistou Raul da Costa Lino, presidente do *Scholarship Selection Committee*, ligado em Salvador à ACBEU, por sua vez filiada ao Instituto Brasil – Estados Unidos. De acordo com Costa Lino, através do Instituto de Educação Internacional, em cooperação com as universidades, grupos cívicos e o governo norte-americano, era concedido um número de bolsas a estudantes brasileiros. No entanto, seu valor era variável: algumas incluíam todas as despesas, outras, apenas as matrículas e o custo de vida, exceto as passagens, e outras ainda, que supriam somente as passagens e as matrículas. Dos candidatos, eram exigidos: “educação profissional ou universitária (ou equivalente), cidadania brasileira, idoneidade moral, boa saúde, capacidade intelectual, além do conhecimento prático e seguro do inglês.”¹¹³ No mês seguinte, *A Tarde* reiterou que a entidade abrisse inscrições para um concurso de bolsas de estudos disponibilizadas pelo *Institute International Education*, em Nova York. Segundo o jornal, no ano anterior, foram concedidas vinte e cinco bolsas a brasileiros, entre os quais estavam incluídos dois baianos.¹¹⁴

3.2.2 Dois jornalistas baianos nos Estados Unidos

A imprensa brasileira mantinha uma relação com os Estados Unidos que antecedia ao período da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Carlos Eduardo Lins da Silva, a primeira fonte de influência da atividade de imprensa realizada em solo estadunidense sobre aquela empreendida no Brasil são os profissionais que viajavam para a nação norte-americana,

¹¹² “BOLSA de estudos para cursos nos Estados Unidos”. *O Imparcial*, 4 de março de 1944.

¹¹³ “BOLSAS de estudos para o Brasil”. *Diário de Notícias*, 15 de setembro de 1945, p.8.

¹¹⁴ “CONCURSO de bolsas de estudos nos Estados Unidos. *A Tarde*, 8 de outubro de 1945, p. 3.

estudavam a imprensa local e, “conscientemente ou não, ao retornarem ao seu país, começam a usar as técnicas e os conceitos que aprenderam ali”.¹¹⁵ No século XIX, poucos jornalistas brasileiros estiveram nos Estados Unidos, incorporando ideias políticas e técnicas jornalísticas, a exemplo de Ruy Barbosa, que demonstrou ser influenciado pelos norte-americanos em sua carreira na imprensa, no final do Império. A partir da Primeira Guerra Mundial, haveria um incremento da inspiração norte-americana sobre o fazer jornalístico, como foi o caso de Gilberto Freyre, que passou quatro anos (entre 1918 e 1922) estudando na Universidade de Baylor, no Texas, e na Universidade de Columbia, em Nova York. Voltando ao Brasil, liderou o jornal *A Província*. Outros intelectuais foram aos Estados Unidos a partir da década de 1920, visando incorporar modificações em suas atividades a partir da observação da imprensa norte-americana. Carlos Eduardo Lins da Silva cita o exemplo de Anísio Teixeira, influenciado pela obra de John Dewey.¹¹⁶

Certamente tendo em vista o interesse crescente de latino-americanos pela imprensa estadunidense, empresários norte-americanos propuseram a realização de um congresso pan-americano de jornalistas, que se concretizou em 1926, na cidade de Washington. Segundo o autor, nesse evento

[...] seriam lançadas as bases para a formação da Sociedade Interamericana de Imprensa, que através de bolsas de estudos, contatos entre jornais, intercâmbios de pessoas e material, estimulou muito ao longo das décadas seguintes os contatos entre os jornalistas americanos e dos países da América Latina, inclusive o Brasil, para o bem e para o mal.¹¹⁷

Desse Congresso, participaram 14 representantes brasileiros, como Gilberto Freyre, Edgard Leuenroth, Nestor Rangel Pestana e Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Porém, embora contasse com a defesa inflamada de Monteiro Lobato, a influência norte-americana no jornalismo ainda sofria forte resistência.¹¹⁸

Na década de 1940, dois jornalistas brasileiros retornaram dos Estados Unidos com novas ideias para a imprensa:

Um deles é Pompeu de Souza, que entre 1941 e 1943 trabalha no serviço brasileiro da “Voz da América”. Como chefe de redação do Diário Carioca, a partir de 1951, Pompeu de Souza, ao lado de Danton Jobim (diretor de redação) e Luís Paulistano (chefe de reportagem), realiza

¹¹⁵ SILVA, Carlos Eduardo Lins da, op.cit., p. 71.

¹¹⁶ Id., ibid., pp. 72-5.

¹¹⁷ Id., ibid., p. 75.

¹¹⁸ Id., ibid., p. 76.

uma das mais importantes transformações do jornalismo contemporâneo no Brasil, implantando a lide como norma.¹¹⁹

Dentre as ideias captadas do jornalismo norte-americano, constavam:

[...] notícias escritas no modo indicativo, em ordem direta, na fórmula da pirâmide invertida (o mais importante no começo, os detalhes em seguida), a resposta às seis perguntas fundamentais (quem, que, quando, onde, como e por que) nos dois primeiros parágrafos, frases curtas, vocabulário simples. Para os textos especiais (ou *features*), essas regras podem não se aplicar. Mas para o noticiário, são sagradas.¹²⁰

A aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos, ocorrida a partir da década de 1940, também condicionou os jornais baianos, sobretudo no que se refere ao conteúdo. A presença de membros do Comitê da Coordenação Interamericana da Bahia era frequente entre os jornalistas locais, sobretudo nas reuniões da Associação Baiana de Imprensa (ABI). Em junho de 1943, a Associação realizou uma sessão conjunta com o Comitê da Coordenação Interamericana da Bahia, quando o presidente da ABI manifestou “grande satisfação dos jornalistas baianos de receberem a visita dos representantes da nação amiga e aliada, dizendo que esses contatos eram necessários à causa pela qual todos trabalhavam”. Além disso, expressou-se agradecimento pelo modo como vinham sendo tratados os jornalistas brasileiros em visita aos Estados Unidos, dentre os quais constavam dois baianos: Simões Filho, diretor de *A Tarde*, e Wilson Lins, redator-chefe de *O Imparcial*.¹²¹

Convidados pelo Clube de Imprensa de Washington para visitar os Estados Unidos e conhecer o esforço de guerra do país, junto com outros jornalistas brasileiros, Wilson Lins e Simões Filho viajaram em maio de 1943.¹²² Wilson Lins relata que o convite lhe chegara em outubro do ano anterior.¹²³

O Imparcial publicou um texto do jornalista Samuel Wainer, versando sobre o que Wilson Lins encontraria ao chegar à terra do Tio Sam. Para Wainer, o baiano iria aos Estados Unidos “num momento em que qualquer indivíduo inteligente gostaria de ir”.¹²⁴ Afinal, segundo o autor, ele poderia conferir o esforço da população norte-americana em seu engajamento na guerra, comprometida com a democracia e a liberdade, que eram fundamentais para o progresso dos homens. Diz Wainer:

¹¹⁹ Id., *ibid.*, p. 77.

¹²⁰ Id., *ibid.*, p. 108.

¹²¹ Ata da 401ª sessão ordinária da diretoria da Associação Baiana de Imprensa. 30 de junho de 1943, pp. 95-6. Biblioteca da Associação Baiana de Imprensa (ABI).

¹²² LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo*, op. cit., p. 77.

¹²³ Id., *ibid.*, p. 79.

¹²⁴ WAINER, Samuel. “O que Wilson Lins vai ver nos EE. Unidos”. *O Imparcial*, 22 de novembro de 1942, p. 3.

Wilson vai ver o que significa a democracia em marcha, a democracia mobilizada a serviço da vida e não da morte, a serviço da liberdade e não da opressão, a serviço da cultura e não da intolerância. Mas Wilson vai ver outras coisas mais, outras coisas que nós todos amamos e respeitamos. Ele verá que um povo só consegue sua independência lutando por ela, não se submetendo ao terror, não temendo a responsabilidade. Ele verá que a grandeza material dos Estados Unidos de nada valeria se sua gente não estivesse inspirada pelos mais sublimes ideais de solidariedade humana, pois a outras nações, não menos poderosas que a América, de nada serviu sua força material, porque nelas se achava adormecido pelo comodismo o amor à liberdade.¹²⁵

Além disso, de acordo com Samuel Wainer, Wilson Lins teria a oportunidade de verificar a pujança econômica da nação norte-americana, com suas grandes usinas e diques, laboratórios sofisticados, universidades sortidas, exército bem equipado, marinha bem armada, aviação avançada. Diante de toda essa magnitude científica e industrial, Hitler e os nazistas de todo o mundo seriam golpeados graças aos inesgotáveis recursos naturais dos Estados Unidos, usados “a serviço do bem e da verdade”.¹²⁶ Wainer também mostra como a nação norte-americana poderia servir de exemplo para o Brasil:

Porque Wilson, quando voltar, contará a todos nós que a grandeza americana não foi construída pela graça dos deuses, mas pelos punhos e alma de seus filhos. Ele nos contará que tudo que a América tem nós também temos e por isso nos animará mais ainda a continuar lutando pela definitiva emancipação econômica da nossa terra. Ele nos contará que um povo essencialmente agrícola não pode ser um povo livre, que a América só é forte e grande porque soube criar condições para transformar as riquezas de seu subsolo em produtos manufaturados, porque soube colocar a serviço de seus filhos, sua formidável potência hidroelétrica, seus enormes campos petrolíferos, suas gigantescas montanhas de ferro, suas profundas minas de carvão. Ele nos contará que três quartos dos produtos consumidos por um homem civilizado são matéria-prima transformada pela máquina. E ele nos fará ver assim melhor que esta é a hora que o Brasil deve aproveitar para realizar o seu destino industrial, para deixar de ser um simples “exportador de produtos de sobremesa”, segundo a clarividente definição do presidente Vargas, e transformar-se na potência que a riqueza de seu solo e a energia de seus filhos exigem que seja.¹²⁷

Finalmente, Samuel Wainer assegura a veracidade dos valores pan-americanos para a nação estadunidense:

Wilson verá, por fim, que a política de boa vizinhança é uma realidade, que o povo e o governo americano querem, sabem que nós também temos o direito a usufruir a tranquilidade e a prosperidade que a civilização assegura àqueles que, como nós, têm todos elementos para construí-la. E é com esses elementos que o Brasil poderá ser um melhor

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Idem.

aliado dos seus amigos, um mais decisivo fator para a derrota definitiva do nazi-nipo-fascismo e para a construção de um **mundo livre e bom para homens livres e bons [grifo nosso]**.¹²⁸

“Mundo livre” é um conceito que se consolidou após a Segunda Guerra Mundial, vinculado ao esforço da política cultural norte-americana em difundir os valores do liberalismo. Antônio Pedro Tota argumenta que, de acordo com o ideal do “mundo livre”, a civilização estava sendo ameaçada por forças destruidoras, as quais, segundo Nelson Rockefeller, só poderiam ser vencidas por meio da união de norte-americanos e brasileiros, numa profunda amizade. No entanto, se, durante a Segunda Guerra, o inimigo comum era o nazifascismo, na guerra fria, o agente ameaçador da liberdade mundial era o comunismo. Dessa forma, o conceito de “mundo livre” designava os países do bloco ocidental, com a liderança norte-americana, distinguindo-os daqueles sob influência da União Soviética.¹²⁹ O fato de Samuel Wainer ter mencionado o termo “mundo livre” em seu texto é interessante, embora não possamos afirmar com certeza se o jornalista antecipara um conceito que se consolidaria nos anos seguintes.

De todo modo, Samuel Wainer era um homem de concepções democráticas, diretor da revista *Diretrizes*, que refletia esse posicionamento. Naturalmente, ele defendia o *American Way of Life* naquele contexto de grande acirramento ideológico. Contudo, apesar de falar sobre os Estados Unidos com tanta convicção, ele mesmo ainda não visitara o país. Suas impressões sobre a América do Norte certamente foram entusiasmadas pelas suas conversas com Nelson Rockefeller, a quem chamava de “bom amigo”, quando o coordenador do OCIAA estivera no Rio de Janeiro, convivendo amigavelmente com os funcionários de *Diretrizes*.¹³⁰ Wainer iria aos Estados Unidos somente em 1944, ao ser exilado após o fechamento da sua revista, devido à publicação de uma entrevista com o general Miguel Costa, líder da Coluna Prestes-Miguel Costa, a qual o capitão Milton Menezes, do DIP, considerou ofensiva.¹³¹ Em suas memórias, o jornalista afirma sempre ter sido fascinado pela sociedade estadunidense, cuja imprensa considerava ser a melhor do mundo:

[...] eu passava horas, às vezes dias inteiros, examinando a forma e o conteúdo dos jornais locais. Fascinava-me também a figura mítica do jornalista americano, cujo estereótipo é o herói que costuma aparecer nos filmes de Hollywood. Aprendi a avaliar, em meus tempos de Estados Unidos, a força da imprensa.¹³²

¹²⁸ WAINER, Samuel. “O que Wilson Lins vai ver nos EE. Unidos”. *O Imparcial*, 22 de novembro de 1942, p. 3.

¹²⁹ TOTA, Antônio Pedro. “Cultura e dominação: relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Guerra Fria.” *Perspectivas*. São Paulo, 27: 111-122, 2005.

<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/24/17>. Acessado em 5 de setembro de 2018.

¹³⁰ WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*, op.cit., p. 69.

¹³¹ Id., ibid., p. 67.

¹³² Id., ibid., p. 80.

Assim, naquele contexto, os jornalistas brasileiros pareciam bastante vulneráveis à sedução dos atrativos norte-americanos, os quais, não por acaso, incluíam viagens patrocinadas e apoio em caso de exílio.

Com a viagem de Simões Filho e Wilson Lins, *A Tarde* e *O Imparcial* relataram, ao longo do mês de julho de 1943, todas as atividades dos profissionais de imprensa em intercâmbio nos Estados Unidos. Por meio de uma análise dessas matérias, percebe-se que os jornalistas brasileiros tinham uma agenda oficial a cumprir, com breves folgas para a resolução de assuntos pessoais e passeios turísticos. Em alguns momentos, fica evidente o envolvimento dos representantes das folhas no esforço de guerra imposto pela participação do Brasil no conflito mundial. Na edição de 4 de julho de 1943 do jornal *O Imparcial*, consta uma nota relatando o almoço oferecido em Boston aos jornalistas do Brasil. De acordo com o texto, esses representantes da imprensa brasileira “reafirmaram as intenções de seu país de enviar tropas além do mar, afim de prestar sua colaboração aos exércitos aliados, logo que nesse sentido receba ordens do alto comando”.¹³³ Dois dias depois, o referido periódico noticiou um almoço oferecido em Nova York pelo coordenador dos negócios interamericanos, ao qual compareceram não apenas os jornalistas brasileiros, mas também profissionais de imprensa norte-americanos e “pessoas de destaque social”. Segundo a matéria, os jornalistas brasileiros estariam impressionados com a maneira “cavalheiresca com que têm sido tratados no meio de todos, bem como a vontade de ganhar a guerra, reinante não só nos meios oficiais, como também nos meios operários, homens e mulheres”.¹³⁴ Consta ainda que os profissionais de imprensa do Brasil seguiriam depois para Washington, onde permaneceriam cinco dias em visita aos líderes governamentais norte-americanos. Esse encontro sugere que a viagem ao país de Roosevelt se tratava não somente de um intercâmbio para aperfeiçoamento das técnicas do jornalismo brasileiro, mas inclusive uma iniciativa com objetivos políticos de estreitamento das relações entre os países americanos, no contexto da guerra.

Em 8 de julho de 1943, *O Imparcial* divulgou o comparecimento dos jornalistas brasileiros à *National Broadcasting Company*. A reportagem não deixa de relatar o ligeiro e curioso contratempo pelo qual os convidados passaram: os empregados dos elevadores declararam greve, forçando os brasileiros a descer algumas escadas. Contudo, para que a impressão de harmonia e superioridade norte-americana, tão propagada pela imprensa à época, não fosse comprometida, a matéria destaca que a inconveniente paralisação durou “menos de meia hora”. Depois da visita, os jornalistas falaram ao Brasil em ondas curtas da NBC, sendo

¹³³ “OS JORNALISTAS brasileiros na América do Norte.” *O Imparcial*, 04 de julho de 1943, p. 2.

¹³⁴ “OS JORNALISTAS brasileiros na América do Norte.” *O Imparcial*, 06 de julho de 1943.

apresentados por Carlos Cavalcanti, da divisão brasileira daquela emissora. No seu momento de usar a palavra, Wilson Lins declara que, “nas fisionomias dos soldados norte-americanos, vê-se estampada a convicção de que estão lutando numa guerra gloriosa, em caminho da vitória”. Os demais jornalistas brasileiros presentes reiteraram a importância de reforçar o pan-americanismo, restaurando e garantindo a paz mundial, cabendo à imprensa e aos governos guiar as nações no sentido de formar a unidade moral dos países americanos.¹³⁵

A edição do dia 9 de julho de 1943 de *O Imparcial* noticiou uma visita dos jornalistas brasileiros ao jornal *New York Times*, seguida de um almoço no qual foram lidas mensagens do ministro das Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha, do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Jefferson Caffery, assim como do presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses. Aproveitando o ensejo, Simões Filho agradeceu pela hospitalidade, declarando esperar que os brasileiros formassem uma ideia de americanismo, pois, “se há alguém no Brasil que ainda nutre suspeitas a respeito da amizade entre os Estados Unidos e o nosso país, está errado. Podemos dar nosso testemunho contrário. Os Estados Unidos são muito sinceros amigos nossos”.¹³⁶ Caso ainda houvesse quem suspeitasse da aproximação entre os dois países americanos, a imprensa baiana parecia firme no propósito de dirimir as reservas, sendo para tanto subsidiada por órgãos governamentais estadunidenses, conforme se depreende dessas reportagens.

Em 14 de julho, foi divulgada em *O Imparcial* a chegada do grupo de jornalistas brasileiros a Washington, onde foram informados que tomariam parte na entrevista coletiva a ser concedida à imprensa pelo presidente Roosevelt, como fazia habitualmente às sextas-feiras. Mais tarde, de acordo com o jornal, foram recebidos por Nelson Rockefeller em sua residência particular. Novamente reforçando a participação do jornalismo nacional no combate ao Eixo, a reportagem é encerrada com a informação de que outras homenagens ainda seriam prestadas aos representantes da imprensa brasileira, “que muito tem contribuído para o esforço de guerra das Nações Unidas, sentinela avançada na luta pela democracia”.¹³⁷ Na edição do dia 17 de julho da mesma folha, consta que a entrevista com Roosevelt encerraria o programa oficial da visita dos representantes da imprensa brasileira à América do Norte, durante o qual, segundo *O Imparcial*, eles “tiveram a oportunidade de observar a assombrosa produção bélica da América,

¹³⁵ “OS JORNALISTAS brasileiros na América do Norte.” *O Imparcial*, 08 de julho de 1943.

¹³⁶ “OS JORNALISTAS brasileiros na América do Norte.” *O Imparcial*, 09 de julho de 1943.

¹³⁷ “OS JORNALISTAS brasileiros na América do Norte.” *O Imparcial*, 14 de julho de 1943.

bem como a vida militar e civil do povo americano, observação que lhes proporcionou uma ótima impressão”.¹³⁸

Com o retorno dos jornalistas brasileiros à sua terra-natal, foi divulgado no jornal *A Tarde* um anúncio da Associação Baiana de Imprensa, em que os membros do Comitê Interamericano na Bahia, D. E. Goodrich e W. H. Denning, ofereciam um coquetel em homenagem à imprensa, a ser celebrado no Hiate Clube. Deveriam comparecer ao evento jornalistas e intelectuais baianos, numa “confraternização a unir ainda mais os dois países”.¹³⁹ Dessa forma, há indícios de que a aproximação entre a imprensa baiana e as instituições governamentais norte-americanas não se resumia à realização do intercâmbio, mas demonstrava ser uma iniciativa que perduraria enquanto se impusessem as necessidades dos grupos cujos interesses estavam em jogo no contexto da guerra.

De acordo com a edição de 28 de julho de *O Imparcial*, compareceram ao evento os membros da Comissão de Coordenação Interamericana, representantes dos jornais baianos, o diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) e correspondentes telegráficos. Na ocasião, foram exibidos filmes de guerra, uma película de músicas clássicas executadas por uma grande orquestra juvenil de Nova York e aspectos de novos métodos de fotografia já adotados no conflito corrente pelas forças armadas dos Estados Unidos. Em seguida, foi transcrita uma longa declaração do jornalista dr. Matos Filho, de *O Imparcial*, a respeito do esforço de guerra no qual todos os presentes se achavam engajados, “inspirados por altos sentimentos com o propósito de realizar a tarefa que nos incumbe, pela ‘sobrevivência da civilização’”.¹⁴⁰ Noticiando a mesma ocasião, segundo o jornal *A Tarde*, o Sr. D. E. Goodrich lembrou que a primeira reunião em conjunto, na sede da DEIP, foi marcada pelo aniquilamento das forças eixistas na campanha da Tunísia e agora, naquele dia, o evento importante foi a queda do ditador italiano Benito Mussolini. Após desejar que dali por diante todos os encontros tivessem novos acontecimentos a festejar, o membro do Comitê de Coordenação parabenizou a imprensa baiana pela sua obra em prol do “estreitamento, cada vez maior, dos laços de amizade interamericana”.¹⁴¹

No dia 10 de agosto, de acordo com *O Imparcial*, foi realizada uma reunião da Associação Baiana de Imprensa na qual, entre outros assuntos, foi celebrado o retorno dos jornalistas baianos Wilson Lins e Simões Filho da caravana rumo aos Estados Unidos. Para

¹³⁸ “OS JORNALISTAS brasileiros na América do Norte.” *O Imparcial*, 17 de julho de 1943.

¹³⁹ “UM COCK-TAIL em homenagem à imprensa”. *A Tarde*, 23 de julho de 1943.

¹⁴⁰ “UMA FESTA Pan-americana”. *O Imparcial*, 28 de julho de 1943.

¹⁴¹ “FESTA DE confraternização americana”. *A Tarde*, 28 de julho de 1943.

reiterar novamente o compromisso da imprensa no andamento do conflito, o Comitê dos Assuntos Interamericanos ofereceu uma exibição de filmes recém-chegados sobre o esforço de guerra das Nações Unidas.¹⁴²

Ainda foi possível encontrar uma notícia sobre o intercâmbio dos jornalistas brasileiros nos Estados Unidos numa edição de setembro de 1943 do jornal *A Tarde*. Nela, foi divulgada uma recepção oferecida aos profissionais de imprensa que participaram da caravana a caminho do país norte-americano. O evento ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, na sede do Instituto Brasil-Estados Unidos, tendo o diretor de *A Tarde*, Simões Filho, respondido em nome de seus colegas “num discurso de entusiasmo pelo progresso e pela cultura da nação amiga”. Representando o governo ianque, estava presente o conselheiro da Embaixada, John Simmons.¹⁴³ Outra notícia tardia a respeito da viagem foi publicada em novembro daquele ano, em forma de breve entrevista com Harry W. Frantz, co-diretor, em Washington, da Divisão de Imprensa do Coordenador de Assuntos Interamericanos. Para ele, a visita “teve a virtude de intensificar ainda mais o sempre crescente interesse dos jornais norte-americanos pelas notícias procedentes do Brasil e factos da vida brasileira”.¹⁴⁴

Portanto, pelo que se depreende das notícias e reportagens acerca da viagem dos jornalistas brasileiros aos Estados Unidos em 1943, esse intercâmbio foi patrocinado por uma instituição governamental norte-americana com o objetivo de promover o estreitamento das relações entre os dois países. Essa iniciativa pode ser considerada como parte do esforço de guerra no setor ideológico, contando com a participação de profissionais de imprensa baianos.

3.2.3 *As crônicas de Wilson Lins em O Imparcial*

Em suas memórias, Wilson Lins relata que, em 1941, seu pai, o coronel Franklin Lins de Albuquerque, comprou *O Imparcial* com o objetivo de combater o interventor Landolfo Alves.¹⁴⁵ A venda foi realizada pela empresa Companhia Editora Mercantil S/A, após uma fase do jornal considerada ruim por Wilson, devido ao comprometimento da folha com o integralismo. Essa etapa chegou ao fim com a tentativa de golpe integralista e a saída de Victor Hugo Aranha da direção do periódico, em 1938, substituído pelo proprietário Álvaro Catharino, “além da redução do formato de standard para de tabloide”, indicando “um momento de crise

¹⁴² “REUNIDA, ontem, a ABI”. *O Imparcial*, 11 de agosto de 1943.

¹⁴³ “HOMENAGEADOS os jornalistas brasileiros que visitaram os Estados Unidos”. *A Tarde*, 27 de setembro de 1943.

¹⁴⁴ “DECLARAÇÕES de um diretor da coordenação americana”. *A Tarde*, 24 de novembro de 1943.

¹⁴⁵ LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo*, op.cit., p. 66.

financeira do jornal”.¹⁴⁶ Tendo sido nomeado por seu pai o redator-chefe de *O Imparcial* aos vinte e um anos, Wilson vinha da experiência adquirida anteriormente no *Diário de Notícias*, para o qual escrevia crônicas de humor e críticas literárias.¹⁴⁷

Convidado em outubro de 1942, Wilson Lins só pôde viajar aos Estados Unidos em maio do ano seguinte, depois de ser convocado para o serviço militar. Por servir no gabinete do ministro da Guerra, recebeu autorização para usar traje civil e ausentar-se do país, possibilitando a viagem:

De posse de um passaporte especial expedido a 27 de maio de 1943, pude embarcar para a América do Norte no dia seguinte ao da expedição do passaporte azul. A 31 do mesmo mês desci em Miami, em companhia de Simões Filho e mais onze diretores de jornais do Rio, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. De trinta e um de maio a vinte e quatro de junho, cumprimos a primeira parte do programa organizado pelo Departamento de Estado, e atravessamos a fronteira para o Canadá, onde passaríamos uma semana, havendo retornado aos Estados Unidos, para concluir a excursão que não era turística, mas de intenso esforço destinado a conhecermos o que o país estava fazendo para ajudar o mundo a se livrar do nazifascismo.¹⁴⁸

Tendo retornado ao Brasil em junho de 1943, no mês seguinte, *O Imparcial* publicou algumas crônicas com as impressões de Wilson Lins a respeito de sua viagem aos Estados Unidos, resultantes de notas que tomara em seu caderno de observação, além das que remetiera pelo correio aéreo.¹⁴⁹ Em um texto publicado em 4 de julho, ao observar a paisagem a bordo de um trem, o autor considera a aparência do estado de Texas semelhante à do Nordeste brasileiro e da Bahia em particular:

esse Texas que tenho diante de mim, na aspereza da sua terra encarquilhada e na escassez da sua vegetação quase anulada pelo oceano de areia e cascalho, tem muito do Brasil do nordeste sinapismado de sol e na solidão dos seus ermos lembra a Baía das terras do massapé.¹⁵⁰

Como a Bahia era o seu referencial mais familiar de território, seria natural que Wilson Lins realizasse comparações entre sua terra natal e a paisagem de Texas, que se lhe descortinava pela primeira vez. Porém, é possível notar que o esforço em traçar paralelos entre o Nordeste brasileiro e os Estados Unidos é bastante presente nesse texto do redator-chefe de *O Imparcial*.

¹⁴⁶ FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O Imparcial (1933-1937)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2006, p. 58.

¹⁴⁷ LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo*, op. cit., p. 48.

¹⁴⁸ Id., *ibid.*, p. 80.

¹⁴⁹ “REGRESSA ao Brasil o jornalista Wilson Lins”. *O Imparcial*, 23 de julho de 1943.

¹⁵⁰ LINS, Wilson. “Isto é a América!”. *O Imparcial*, 04 de julho de 1943.

Ainda na mesma crônica citada acima, o autor continua se lembrando do sertão nordestino, ao contemplar o panorama texano:

Diante dos fotogênicos desertos do Texas e do Arizona, o nordeste brasileiro perdeu inteiramente o seu cartaz de flagelo e sofrimento. Os desertos do Texas e do Arizona, desfizeram em mim, no meu espírito, toda a impressão dramática que o nordeste brasileiro deixara. O nordeste brasileiro não é deserto, diante do Arizona. Diante do espetáculo que é o Texas com as suas vastas faixas de terras totalmente nuas e que é o Arizona com as suas sonolentas e trágicas florestas petrificadas, o drama do nosso nordeste, para mim, deixou de ser drama, para ser apenas um simples ato variado, sem grande interesse, capaz de impressionar apenas os próprios atores que o representam. Não digo isto com o intuito de menosprezar o sofrimento do heroico caboclo nordestino, mas visando apenas concluir que se o problema do nordeste não for resolvido, não foi por ser insolúvel, pois desertos mil vezes maiores os nossos irmãos americanos venceram e sem gastar lá esses rios de dinheiro. No nordeste brasileiro, o deserto é mais um exagero de literatos.¹⁵¹

Segundo Antônio Pedro Tota, o componente ideológico mais importante do americanismo é o progressivismo. Associado ao racionalismo e à capacidade criativa do homem norte-americano, o progressivismo valorizava a capacidade humana de transformar o mundo natural. Tinha um caráter simples e direto, pois pressupunha trabalhar, produzir, ganhar dinheiro e consumir.¹⁵² Assim sendo, não seria a existência de desertos que iria impedir os norte-americanos de transformar essas paisagens a seu favor. Portanto, de acordo com o texto, constatar a maneira pela qual os estadunidenses administraram a existência de seus territórios áridos provocou em Wilson Lins uma reflexão acerca de um problema análogo ocorrido no seu país, o da seca no Nordeste, levando o autor a considerar os Estados Unidos como um exemplo a ser seguido pelo Brasil:

O que é de espantar o mais frio dos homens, não é propriamente o deserto, mas, o milagre operado pelo homem no deserto, fazendo florescer daqueles chapadões estéreis, a mais rica e luxuriante das civilizações da terra. Esse país é um milagre, camarada. Só de gigantes poderia sair uma obra como esta. Só músculos e almas de gigantes construiriam um mundo como este. É de admirar que de desertos como os de Texas e Arizona, os americanos tiram todas as riquezas possíveis e admirar como da Califórnia, que também já visitei, eles fizeram um paraíso, um mundo de realidades deslumbradoras.¹⁵³

Em 20 de julho, foi publicada em *O Imparcial* uma crônica em que Lins mostra todo o seu deslumbramento ao relatar suas experiências em solo estadunidense:

Senhores, parece mentira, mas é verdade na batata. Estou em Nova York! Já estive em cento e muitas cidades americanas, cortei mais de vinte dos quarenta e oito Estados dos Estados Unidos; passei dias em Los Angeles; dancei nos

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² TOTA, Antônio Pedro, *O imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 19-22.

¹⁵³ LINS, Wilson. "Isto é a América!". *O Imparcial*, 04 de julho de 1943.

cabarés de Hollywood; tirei retrato com Grace Moore, Hady Lamar, King Vitor, Margaret Sullivan, bebi e comi na mesma mesa que Robert Taylor; namorei uma chinesa em São Francisco da Califórnia; viajei no bonde aéreo de Chicago.¹⁵⁴

Seu encantamento pelos Estados Unidos e, especialmente, por Nova York, pareceu tamanho a ponto de o autor recorrer a neologismos e superlativos a fim de narrar suas vivências, além de deixar transparecer certo provincianismo:

Nova York é um mundo, com os seus arranhaceíssimos altíssimos e o seu movimentismo louquíssimo e o caboclo vindo das bandas da terra onde canta o sabiá, que não tiver boas pernas, pernas firmes, está perdido nela. [...] Eu estou é em Nova York e já andei de “subway”. Vocês podem pensar que estou com a cabeça virada com a viagem, que estou ficando cretino e cheio de dedos. Pois estou mesmo. E “não haverá” de estar! Se estou em Nova York e viajei no “subway”. Eu trazia as malas cheias de lembranças de Chicago, Boston, Detroit, New Orleans, Los Angeles, Montreal, Quebec, Ottawa. Joguei tudo fora. Agora eu sou novaiorquino. Néris de províncias. O que eu quero é arranhaceíssimos e “subway”, muito “subway”, porque meus amigos, no Brasil, com a falta de gasolina o bonde é uma fatalidade irremediável e eu estou por aqui, de bonde. Não digo com soberba; mas, pelo meu gosto, bonde nunca mais me verá. Afinal de contas, e repito para melhor efeito: afinal de contas, eu estou é em Nova York e já viajei de “subway”. E isto para um brasileiro, vocês sabem muito bem o que significa.¹⁵⁵

Conforme é possível depreender do texto acima, outro meio de transporte novaiorquino, o metrô, impressionou enormemente Wilson Lins. O viajante repetiu diversas vezes que estava em Nova York e que andara de “*subway*”, como um modo de enfatizar e transmitir ao leitor todo o seu arrebatamento por aquele território norte-americano e os seus maravilhosos atrativos. T tamanha fascinação expunha também certo desprezo pelos recursos nacionais, o que ficou evidente quando o autor descarta a possibilidade de tornar a andar de bonde. Pelo que ficou demonstrado através do texto, Lins tentava se fazer parecer superior por estar em Nova York, assim como a própria nação norte-americana era avançada no seu alto nível de civilização e desenvolvimento. E a última frase do excerto acima reforça ainda mais a ideia de quanto o Brasil estava aquém daquela nação tão vigorosa, a qual deveria ser tomada como um exemplo a ser seguido.

Em outra crônica, publicada em 23 de julho, o redator-chefe de *O Imparcial* novamente sugere que o Brasil ainda patinava no atraso, ao relatar a pequenez das metrópoles brasileiras se comparadas ao cotidiano frenético de Nova York. Reportando uma lenda segundo a qual a

¹⁵⁴ LINS, Wilson. “Estou em Nova York e já andei de Subway”. *O Imparcial*, 20 de julho de 1943.

¹⁵⁵ Idem.

Broadway teria sido construída a partir de um caminho aberto numa clareira por uma vaca, Wilson Lins ressalta que a famosa rua novaiorquina era “cem vezes mais movimentada que a Avenida Rio Branco, do Rio, no último dia do Carnaval carioca”, além de se espantar com *Coney Island*, por ser uma praia com mais de dois milhões de banhistas. A cidade lhe revelava muitas atrações, como a Quinta Avenida, o *Madison Square*, o *Central Park* e o *Harlem*, causando no autor uma admiração ainda mais profunda por se reconhecer um “botocudo, vindo dos confins das caatingas de São Francisco”.¹⁵⁶

Segundo Marshall Berman, a grandiosidade da cidade estadunidense não foi obra do acaso:

tudo foi concebido e executado não apenas para atender às necessidades econômicas e políticas imediatas, mas, pelo menos com igual importância, para demonstrar ao mundo todo o que os homens modernos podem realizar e como a existência moderna pode ser imaginada e vivida. Muitas de suas estruturas urbanas mais marcantes foram planejadas especificamente como expressões simbólicas da modernidade: o *Central Park*, a ponte do *Brooklyn*, a estátua da Liberdade, *Coney Island*, diversos arranha-céus de Manhattan, o *Rockefeller Center* e outras mais. Áreas da cidade, como o porto, *Wall Street*, a *Broadway*, o *273 Bowery*, a parte baixa do *East Side*, *Greenwich Village*, o *Harlem*, *Times Square*, *Madison Avenue*, ganharam força e peso simbólicos com o passar do tempo.¹⁵⁷

Diante de tudo isso, Wilson Lins expõe nos seus textos um provincianismo, potencializado pela sua fascinação diante da magnitude de Nova York. Como um jovem, à época com 23 anos, filho de coronel, nascido na pequena cidade de Pilão Arcado e crescido entre a capital e o interior da Bahia, Wilson Lins apresenta um deslumbramento compreensível com os encantos dos Estados Unidos e de Nova York em particular. Todavia, não se deve perder de vista a intenção do autor em compartilhar seu fascínio com os leitores, tentando convencê-los de que o país era, de fato, excepcional.

Em 24 de julho, *O Imparcial* publicou novamente as impressões de Wilson Lins, mas agora em forma de reportagem. Aqui, o autor reforça todo o encantamento proporcionado pela cidade estadunidense:

Das coisas fantásticas dos Estados Unidos, Nova York é sem dúvida a mais fantástica das coisas. A *Broadway* com as suas centenas de teatros. *Music Halls* com as suas centenas de milhares de espectadores, constituem fenômenos típicos de Nova York, contudo, não se pode dizer que Nova York seja apenas a *Broadway* com os seus teatros ou *Music Halls* com as suas multidões e espectadores. Nova York são os grandes jornais sem opinião que formam a opinião pública e os grandes

¹⁵⁶ LINS, Wilson. “O caminho da vaca”. *O Imparcial*, 23 de julho de 1943.

¹⁵⁷ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982, pp. 272-273.

escritores sem público que fazem os jornais. Nova York, em síntese, é um vasto mundo de contrastes e desarmonias, que deslumbra e entontece.¹⁵⁸

Note-se que, no excerto acima, Wilson Lins menciona pela primeira vez os jornais nova-iorquinos, destacando a sua suposta imparcialidade. Assim, não somente o modelo de desenvolvimento norte-americano deveria ser seguido pelo Brasil, mas até mesmo a imprensa nacional deveria estar à altura desse novo tipo de civilização e imitar os padrões norte-americanos, formando opiniões sob uma aura de neutralidade.

Em seguida, o redator-chefe narra o seu encontro com o escritor John dos Passos, mencionando a ascendência portuguesa do autor de livros como *Paralelo 42*. Wilson Lins conta que dos Passos lhe revelara ser, na verdade, brasileiro de Diamantina, em Minas Gerais. Nesse momento, Lins diz ter imaginado que John dos Passos estava apenas brincando com ele ao assumir sua dita brasilidade. Afinal, o viajante baiano se reconhece como um “pacato fazedor de jornal no interior do Brasil” e que, “como bom tabaréu desconfiando das laranjas maduras encontradas na estrada, fico até com medo de fazer pública declaração”.¹⁵⁹ Mas, por via das dúvidas, iria publicar a controversa informação.

De fato, não há indícios de que John dos Passos fosse brasileiro. O que se sabe da sua biografia é que ele nasceu em Chicago, Illinois, descendente de portugueses originários da ilha da Madeira. Sua ligação com o Brasil ocorreu em viagens que passou a fazer pelo país no final dos anos 1940 e nas décadas de 1950 e 1960, ou seja, num período posterior à sua conversa com Wilson Lins.¹⁶⁰ Assim, se considerarmos como verídico o fato de o escritor declarar ter nascido em Minas Gerais, foi mesmo apenas uma brincadeira à qual o redator-chefe de *O Imparcial* resolveu dar publicidade para reforçar a impressão de que o Brasil e os Estados Unidos tinham vários vínculos, inclusive do ponto de vista cultural.

Essa suposta ligação entre os dois países é retomada mais adiante na reportagem, quando o jornalista tenta convencer o leitor de que “o Brasil está francamente na moda nos Estados Unidos e principalmente em Nova York.” Para tanto, cita um filme da *Disney* em que Zé Carioca levava o Pato Donald à Bahia e um espetáculo da *Broadway* chamado *Music Box*, com composições de Dorival Caymmi e Ary Barroso. Wilson Lins busca dar credibilidade às suas informações mencionando sua visita a 26 Estados da Federação e a quatro províncias do Canadá, onde afirma ter ouvido em todos os lugares as músicas “Aquarela do Brasil”, de

¹⁵⁸ LINS, Wilson. “Nova York não é apenas a *Broadway*”. *O Imparcial*, 24 de julho de 1943.

¹⁵⁹ *Idem*.

¹⁶⁰ VICTOR, Fábio. “Livro em que John dos Passos narra viagens ao Brasil ganha nova edição após 50 anos.” Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1213447-livro-em-que-john-dos-passos-narra-viagens-ao-brasil-ganha-nova-edicao-apos-50-anos.shtml>. Acessado em 21 de janeiro de 2015.

Barroso, e “O que é que a Baiana Tem”, de Caymmi.¹⁶¹ De fato, Ary Barroso se tornou bastante popular nos Estados Unidos, após a inclusão de “Aquarela do Brasil” no filme *Alô, Amigos*, de Walt Disney. Visitando os Estados Unidos, em 1944, o compositor remeteu cartas a familiares relatando que, “em diferentes bares e nightclubs a que ia, logo o reconheciam e pediam que tocasse ‘Aquarela do Brasil’”.¹⁶² É interessante notar que tanto a composição de Barroso quanto a de Caymmi eram extremamente ufanistas, não sendo à toa que tocassem como propaganda do Brasil em outros países.

Em setembro de 1943, depois de já ter voltado à Bahia, Wilson Lins ainda publicava textos em *O Imparcial* sobre a sua viagem.¹⁶³ A melancolia que o autor deixa transparecer por ter deixado a América do Norte é de fato impactante:

Procuo fora de mim, algo que substitua em minha alma, o encanto dos meus 56 dias de Estados Unidos e por mais que busque não encontro. A América revolucionou os meus sentidos, dando à minha sensibilidade novos sabores da vida, imprimindo no meu espírito novas maneiras de sentir. Por isto é que busco fora de mim algo que substitua a lembrança encantada dos meus dias de América e nada encontro capaz de preencher o vazio que me vai na alma. Daí as minhas fugas introspectivas, as minhas fugas em pensamento para a América longínqua. Não é que meu país já não me agradou muito. Daí eu não querer tomar conhecimento de que a minha viagem aos Estados Unidos já terminou e continuar, em pensamento, viajando através das maravilhas daquela nação grandiosa e exuberante. [...] A viagem à América, para mim, foi um grande acontecimento da minha vida, do qual resultou a redescoberta, o redescobrimto de mim por mim mesmo. Eu era um e vivia o papel de outro bem diferente do que realmente sou e a América operou o milagre de me fazer conhecido por mim mesmo, talvez a única pessoa que realmente, menos me conhecesse. Hoje sei quem eu sou, sei o que sou e o que quero. E tudo devo à revolução que a América produziu no meu modo de ver e de sentir a realidade. Daí, a minha insistência em continuar vivendo a América no Brasil e não querer acreditar que a viagem aos Estados Unidos já acabou.¹⁶⁴

Wilson Lins pinta saudosamente a vida noturna norte-americana, em meio à guerra:

Amanhã, eles estarão em ação contra os inimigos das liberdades populares, amanhã eles estarão lutando pela Democracia, o que muito lhes agrada. Mas hoje, nesta noite de “blue” e de “black-out” o que eles querem é dançar, sorrir, cantar. De u’a mesa perto da orquestra, uma voz começa a cantar o “blue” que os outros dançam. Dentro em pouco,

¹⁶¹ LINS, Wilson. “Nova York...”. *O Imparcial*, 24 de julho de 1943.

¹⁶² TOTA, *O Imperialismo sedutor*, op.cit., p. 103.

¹⁶³ LINS, Wilson. “America, I Love you!” *O Imparcial*, 23 de setembro de 1943.

¹⁶⁴ Idem.

toda a terrasse canta. Até eu estou cantando, contagiado pelo romantismo ameno, desta noite.¹⁶⁵

Nas suas reminiscências românticas, Wilson Lins não deixa de traçar um paralelo entre os Estados Unidos e a Bahia:

“*Remember is the my heart*”, canção que lembra a doce Nova Orleans, canção que traz em si toda a poesia da Luiziana, essa Bahia de Todos os Santos, do sul dos Estados Unidos. O mar está gemendo lá em baixo na areia da praia. O mar geme assim em todas as terras, do meu silêncio, no noturno de Miami, me transporto a outras noites iguais a esta, vividas porém em meu país. Dentro das sombras de Miami-Beach, sinto o noturno de Salvador, em noites memoráveis de música e de amor. E percebo que estou reconciliado com a minha terra. Só no estrangeiro, a gente pode saber quanto é grande o amor da Pátria, o amor da terra e da gente que nos viram nascer. Neste noturno da *Miami-Beach*, estou me sentindo reconciliado com o meu Brasil; uma bruta saudade, muito mansa e leve, invade meu coração, ajudada pela dolência romântica do “*blue*” que meus irmãos ianques estão cantando.¹⁶⁶

A normalidade do cotidiano norte-americano também é pauta de Wilson Lins, que discorre sobre os casais apaixonados de Chicago:

Quatro horas da manhã em Chicago é como se fosse meio-dia em Nova York. Caminhando pelas ruas de Chicago vivi momentos inesquecíveis de poesia. A cidade é entrecortada por vários canais e sobre os canais pontes enormes foram construídas. Em noites [ilegível], quando a neve não afugenta os homens, as pontes de Chicago ficam cheias de casais amorosos, passeando sobre as dormentes ou debruçados sobre as muralhas. Frases amorosas entrecortadas de estalidos surdos de beijos apressados, enchem de suave poesia a paisagem noturna da cidade. E ninguém se lembra de estranhar os modos liberais dos namorados e até hoje nenhum dos grandes jornais de Chicago pensou em chamar sobre os amorosos a atenção da polícia de costumes. É que em Chicago, como em toda a América do Norte, a pessoa humana é livre e pode fazer o que bem entende, conquanto que não prejudique a ninguém.¹⁶⁷

Assim, segundo o autor, a democracia norte-americana não era apenas uma tradição política, pois se fazia presente na rotina do todo o povo, estendendo-se à liberdade dos costumes locais:

A Democracia na América, não é criação de Ministério da Propaganda, como acontece na Alemanha e sim uma realidade viva, uma verdade real, que não necessita de propagandas. Só quem vai aos Estados Unidos, pode constatar até que ponto chega a liberdade de viver do povo americano. Qualquer americano faz o que quer, diz o que pensa da maneira que quiser, sem correr nenhum risco. A liberdade de palavra não conhece limites. Um homem do povo, pode chegar em qualquer

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Idem.

parte de uma cidade, subir num caixote e fazer um discurso contra ou a favor de quem ele quiser, sem receio de nada. O pior que pode lhe acontecer é não encontrar ouvintes. Fora disto, nada mais pode vir contra qualquer americano que use da palavra em praça pública a hora que quiser, de dia ou de noite. Esta foi a Chicago que vi, na América que me encantou.¹⁶⁸

Wilson Lins tenta comover os leitores com relatos de despedidas de casais enamorados, afastados por força da guerra. É perceptível o esforço do autor em conferir à narrativa um tom épico, denotando que o povo norte-americano empreendia um enorme sacrifício por conta do conflito:

[...] Um ou outro ainda parte tristonho por deixar a bem amada. Nesta noite na Estação ferroviária de New Orleans, a luz do sol e das lâmpadas elétricas, assisto uma despedida a antiga, entre um rapaz da *Army* e a sua amada chorosa. [...] os dois amantes eram dois corações insulados num mundo diferente, num mundo sem zoadas e sem gritaria, perdidos um no outro, na tristeza da partida. Nos olhos da moça loira uma grande dor, explodia em lágrima que deixavam o jovem soldado inteiramente confuso e fora de si. E quanto mais os minutos passavam, quanto mais se aproximavam a hora decisiva, os dois corpos se uniam, num amplexo angustiante enquanto suas mãos premiam apertadas umas às outras, num delírio louco, numa aflição sem nome.¹⁶⁹

Além disso, havia no texto mais uma declaração derramada por Nova York:

Nova York é a grande América, a América numa síntese grandiosa, a América que eu amo, a América que me conquistou e fez de mim um cantor entusiasta de sua grandeza incomparável, de suas belezas sem par por toda a terra. Revivendo na minha saudade, os dias inesquecíveis que passeio na grande Pátria do grande Michael Gold, é de Nova York de que mais me lembro. E das coisas de Nova York que mais me recordo, é *Coney Island* a que mais viva está em meu pensamento. Com as suas enormes rodas-gigantes e montanhas russas, com centenas de variedades de brinquedos divertidos e perigosos, é *Coney Island*, sem dúvida, o maior parque de diversões do mundo.¹⁷⁰

Wilson Lins conclui seu depoimento sintetizando todo o seu arrebatamento pelo país estrangeiro:

Aliás, em matéria de dinheiro, nos Estados Unidos, tudo é assim espetacularmente grande e desmedido. No setor econômico de suas atividades, os Estados Unidos são um caso de gigantismo impressionante. Por menos vibrátil que seja o estrangeiro em visita aos Estados Unidos, não poderá conter o entusiasmo ante a grandeza de tão forte povo e o progresso de tão grande nação. Por tudo isso, me

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Idem.

apaixonei pela América, por tudo isto não me cansarei de repetir: — América, *I love you!*¹⁷¹

Em outubro de 1943, o jornal publicou mais uma reportagem que tratava do cotidiano dos norte-americanos. Constava apenas que a matéria era creditada “ao enviado de *O Imparcial* aos Estados Unidos”, sem citar nomes, mas é de se supor que era um texto do jornalista Wilson Lins sobre suas impressões acerca do país. Retornando ao Brasil, o filho do coronel Franklin Lins de Albuquerque não pôde se dedicar totalmente ao jornal, por ter sido convocado para o Exército, servindo no gabinete do ministro da Guerra, no Rio de Janeiro. Devido a essa situação, passou a publicar seus artigos sob os mais diversos nomes e pseudônimos, dividindo-se entre Salvador e a Capital da República. Em suas memórias, o então redator-chefe de *O Imparcial* relata ter sofrido ataques de recrus insatisfeitos com sua condição privilegiada, reforçados pelos interesses contrariados pelo jornal, “que iam dos rancorosos ex-companheiros integralistas, inconformados com a campanha de que eram alvo, aos dos elementos prejudicados com a queda de Landulfo, sem esquecer os dos comunistas mais radicais, aliados temporários na jornada antifascista”.¹⁷² Provavelmente por essa razão, o autor da reportagem não foi identificado.

Dessa vez, a matéria era dividida em “quadros”, nos quais o autor narra situações diferentes e pitorescas, que ilustra as singularidades culturais dos estadunidenses.¹⁷³ No primeiro quadro, o correspondente mostra que até mesmo os hábitos de higiene dos norte-americanos lhe são dignos de nota. Ele conta, embasbacado, que, enquanto aguardava sua vez de usar o lavatório para molhar o rosto, observou que os vizinhos do Norte tinham como costume enxugar a pia após utilizá-la. Quando teve a oportunidade, lavou o rosto e enxugou a pia, algo que ele dizia fazer pela primeira vez em sua vida. O repórter então explica o porquê de seu espanto:

Que alguém lave a pia antes de lavar o rosto, não significava nada de mais para mim, que conheço os maus hábitos humanos, mas que se lave e enxugue um lavatório para que outro o encontre limpo, era coisa absolutamente desconhecida para os meus olhos. Era a primeira vez que eu presenciava tal novidade. Desse dia em diante, observei o mesmo costume de lavar a pia após servir-se dela, em todos os trens e lugares que estive nos Estados Unidos. Nas barbearias e clubes, em todas as cidades e Estados, notei o mesmo hábito coletivo, que testemunha a preparação moral do povo americano para a vida em comum.¹⁷⁴

¹⁷¹ LINS, Wilson. “America, I Love you!” *O Imparcial*, 23 de setembro de 1943.

¹⁷² LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo*, op. cit., p. 77.

¹⁷³ “THIS is América!” *O Imparcial*, 06 de outubro de 1943.

¹⁷⁴ Idem.

Então, vemos que, para o autor, até mesmo um ato de limpeza dos norte-americanos demonstrava a sua superioridade ética e moral, mais uma característica que certamente deveria ser copiada pelos brasileiros.

Nos quadros dois e três, foi enaltecida a honestidade dos estadunidenses. No segundo, o repórter narra que nas chamadas *drugstores*, era possível encontrar serviços variados, de remédios a almoços e lanches, devendo a conta ser liquidada no caixa.¹⁷⁵ O autor se admira pela falta de vigilância nesses estabelecimentos:

Também, em caso de limpeza ou falta de caráter, o consumidor pode dar o fora sem passar pelo “caixa”, que ninguém o segurará pelos cós das calças. Sem vigias, o “drugstore” está absolutamente à mercê do estado de espírito dos seus frequentadores. No entanto, por menos rigorosa que seja a vigilância do “drugstore”, ninguém deixa de passar pelo “caixa” e pagar a sua despesa. Como no “drugstore”, em centenas de lugares dos Estados Unidos, a boa fé e o crédito mútuo, podem ser observados, como prova de uma perfeita compreensão da vida em comum. A presença do Estado muito pouco é reclamada para a boa marcha dos negócios e normalidade da vida cotidiana.¹⁷⁶

Logo, para o autor, a ausência de segurança nas *drugstores* era uma prova cabal da retidão de caráter dos norte-americanos.

O terceiro quadro tratava da existência de pilhas de jornais e revistas empilhadas nas esquinas, bancas, passeios e portas de hotéis. Ao lado das pilhas de periódicos, achava-se uma pequena bandeja de flandres, onde o leitor que quisesse comprar um deles jogava uma moeda, tendo também a liberdade de trocar sua cédula caso não tivesse dinheiro miúdo. O repórter diz ter visto centenas desses pontos de venda de jornais, todos entregues “à própria dignidade pública”, ou seja, ninguém se esquecia de deixar seu níquel ao adquirir um periódico.¹⁷⁷ Mas o autor da matéria não foi o único a se espantar com esse hábito norte-americano. Em seu livro *Gato preto em campo de neve*, no qual escreveu sobre a sua viagem aos Estados Unidos, em 1941, como parte do programa de Boa Vizinhança instituído pelo governo do país do norte, Érico Veríssimo relata:

Paro à primeira esquina para comprar um jornal. Não sei aonde terá ido o jornaleiro descuidado que deixa aqui ao abandono não somente a pilha de periódicos como também o pires com o dinheiro. Olho em torno, procurando. Um transeunte estaca a meu lado, apanha um jornal, atira no pires uma moeda de cinco centavos e continua o seu caminho. Compreendo. O jornaleiro confia no público: entrega-lhe a mercadoria e a caixa. Cada freguês sente-se à vontade e o vendedor de jornais —

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ Idem.

que graças a esse sistema pode multiplicar os seus postos de venda — vem no fim do dia recolher a fêria, na certeza de que ninguém o lesou.¹⁷⁸

Para o repórter de *O Imparcial*, essas situações corriqueiras demonstravam o arrojo da sociedade estadunidense: “tudo isso é América, a América democrática, que na sua maneira de vida, nas suas instituições e entidades públicas, constitui uma das mais ousadas experiências sociais de todos os tempos.”¹⁷⁹ Em seguida, ele faz uma menção inusitada a antigos líderes soviéticos:

Razão bastante teve Lenine, quando lutando para arrancar seu país do atraso em que o czarismo o deixara, afirmou a necessidade de americanizar a Rússia. Da mesma forma, toda razão teve o grande e contraditório Leon Trotsky, quando, depois de viver longo tempo nos Estados Unidos (antes de subir ao poder com os soviets), proclamou que na América do Norte estava sendo forjado o futuro da humanidade.¹⁸⁰

Para reforçar a magnitude norte-americana, era válido inclusive resgatar as figuras de próceres da experiência socialista mais bem-sucedida até então. Segundo o autor, até mesmo Lênin e Trotsky se renderam aos encantos da civilização estadunidense, como não poderia deixar de ser, pois

A América é um maravilhoso espetáculo, o esplendoroso espetáculo de um sonho feito realidade pela vontade de um povo jovem e forte na sua mocidade sadia e construtiva. No corpo de aço de suas enormes fábricas, estão sendo construídas as armas que defendem as liberdades públicas, enquanto na alma livre do seu povo estão sendo forjadas as grandes ideias que regerão os destinos do mundo do futuro. “O Novo Mundo nos músculos sente a seiva do porvir”, proclamou na lira libertária de gênio, o poeta máximo da América, Castro Alves. E os Estados Unidos aí estão, como uma prova indiscutível de que ele não se enganou.¹⁸¹

Na edição do dia seguinte do mesmo jornal, outra reportagem do “enviado de *O Imparcial* aos Estados Unidos” tratava das inúmeras qualidades que faziam daquele um país tão especial, na opinião de seu autor. Depois de abordar o cosmopolitismo de Nova York e a existência de um “Zaratustra negro”, temas que serão expostos no quinto capítulo¹⁸², o repórter faz uma comparação entre os rituais funerários do seu local de origem e os dos Estados Unidos, destacando os dos vizinhos do Norte como muito superiores e mais civilizados.¹⁸³ Ao fornecer

¹⁷⁸ VERÍSSIMO, Érico. *Gato preto em campo de neve*, op. cit., p. 34.

¹⁷⁹ “THIS is América!” *O Imparcial*, 06 de outubro de 1943.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Ver Capítulo 5, tópico Os Estados Unidos e o racismo.

¹⁸³ “DOIS mundos se defrontam em Nova York”. *O Imparcial*, 07 de outubro de 1943.

características de sua terra natal, é reforçada a hipótese de que esse “enviado” era mesmo Wilson Lins. E suas reminiscências são carregadas de um desprezo por sua própria procedência:

Para um brasileiro do nordeste, acostumado aos velórios lamurientos e aos enterros cheios de choro de homens e ataques de mulheres, desconsoladas, a cena em que vivos se desprende de um morto querido, constitui um quadro inteiramente novo, inteiramente inédito. Homem do sertão, desde menino eu me acostumava às sentinelas alegres dos terreiros enluarados, quando a “pinga” corre por entre os assistentes acorados, que cantam anedotas em português. As sentinelas do sertão brasileiro, são menos funerais que os velórios choraminguentos do litoral, todavia, muito ficam a dever às despedidas dos americanos de Nova York e outros centros ultracivilizados, aos mortos queridos.¹⁸⁴

O autor descreve os ritos fúnebres nos Estados Unidos como eventos sociais comuns, como quaisquer outros.¹⁸⁵ Segundo ele, em vez de ser colocado num caixão, o cadáver era vestido com roupas claras e sentado numa poltrona, ou recostado num divã. Conservado por processos químicos, ali ele permanece, “à espera” dos amigos, para os quais são servidos doces e bebidas. Fatos da vida do falecido eram lembrados pelos entes queridos, mas de forma muito asséptica, sem lágrimas e as cenas dramáticas que tanto incomodam o repórter. Antes de ficarem entediados, os convidados se retiravam e, no mesmo dia ou no seguinte, o cadáver era levado ao túmulo ou cremado. Desse modo, os norte-americanos se despediam do morto como se ele estivesse partindo para uma viagem. Pondo de lado os sentimentalismos latinos, o autor acredita que essa filosofia tinha fundamento, pois a morte “não passa de uma longa viagem. Uma passagem sem passagem de volta, mas uma viagem”. Para ele, os estadunidenses elaboraram um jeito pragmático de lidar com a morte, já que ela é inevitável.¹⁸⁶ Logo, o nosso “sentimentalismo latino”, ou seja, a nossa maneira de lidar com o desaparecimento dos entes queridos, também estava aquém dos padrões norte-americanos: estes deveriam ser um modelo nos quais devíamos espelhar até a nossa forma de encarar questões existenciais.

Em 1945, Wilson Lins revela ter chegado de sua segunda viagem aos Estados Unidos, apesar de ainda guardar vívidas recordações da primeira:

Os surpreendentes encantos da minha primeira viagem não perderam em nada o sabor da novidade, nesta segunda viagem que acabo de fazer. Tanto na primeira, como na segunda, foi meu companheiro de viagem, o jornalista Arlindo Pasqualini. Belos instantes vivemos, eu e Pasqualini, no país das quatro liberdades. Belos momentos, inesquecíveis momentos. Na primeira viagem gastei dois meses

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ Idem.

percorrendo o país e até pensei em escrever um livro, que a danada da autocrítica não deixou. Na segunda viagem gastei apenas duas horas e não saí do meu gabinete de trabalho.¹⁸⁷

Notamos, assim, que Wilson Lins pregava uma peça no leitor, pois a sua segunda viagem não foi um passeio propriamente dito, mas a leitura de um livro, assinado por seu conhecido, o jornalista gaúcho Arlindo Pasqualini:

Durante a primeira viagem, percorri milhares de quilômetros de trem, automóvel, avião e até em tanque. Na segunda, me limitei a abrir um livro. O livro mágico que me transportou de novo a Nova York, Washington, Chicago, New Orleans, Boston, San Francisco, Detroit, etc. etc., chama-se *Os sobrinhos de Tio Sam* e é de autoria do meu amigo Arlindo Pasqualini, o gaúcho calado que até parece inglês.¹⁸⁸

Wilson Lins elogia a obra do colega, garantindo a sua autenticidade, porque ele podia “falar com autoridade quanto à fidelidade do livro enquanto documento”, já que, durante dois meses, viajara “com o autor através do gigante do Norte”. Mais uma vez, o redator-chefe de *O Imparcial* lamenta ter deixado a América do Norte, novamente revelando um desprezo por sua experiência local:

Lendo agora o livro de Pasqualini tenho saudades dos Estados Unidos e do Canadá e do tempo em que fui sobrinho de Tio Sam, velho hospitaleiro e bom, que, durante bons meses me obsequiou como nunca fui obsequiado. Através das páginas de *Os sobrinhos de Tio Sam*, fiz uma segunda viagem pelo país do ice-cream, do swing e da liberdade. Mas, concluída a leitura, fui devolvido sem pára-quadras, à realidade. E que realidade...¹⁸⁹

No caso específico deste matutino, salta aos olhos o esforço de Wilson Lins em transmitir uma imagem extremamente positiva e até exagerada dos Estados Unidos. Devido à ausência de fontes nesse sentido, não foi possível verificar se *O Imparcial* recebeu investimentos diretos de capitais norte-americanos que justificassem uma propaganda tão exaltada, além do próprio alinhamento da imprensa ao discurso pró-americanista e o intercâmbio de jornalistas brasileiros aos Estados Unidos via OCIAA. O que se pode perceber é que, por meio de suas impressões, o redator-chefe de *O Imparcial* busca conferir uma aparência mais pessoal às apreciações e argumentos que os jornais baianos deveriam adotar a respeito do padrão de vida norte-americano, condizentes com o esforço de guerra no setor ideológico patrocinado via *Office*. O provincianismo eventualmente revelado pelo autor perante o nível de civilização norte-americano denota que o Brasil e, especificamente, a Bahia,

¹⁸⁷ LINS, Wilson. “Os sobrinhos de Tio Sam.” *O Imparcial*, 10 de janeiro de 1945, p. 3.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Idem.

padeciam de um atraso que poderia ser solucionado caso tomassem os Estados Unidos como exemplo de superação e desenvolvimento.

CAPÍTULO 4 — Educação e cultura: intercâmbios entre a Bahia e os Estados Unidos

4.1 Professores e pesquisadores norte-americanos na Bahia

Os Estados Unidos elaboraram um projeto de aproximação com a América Latina também do ponto de vista cultural e intelectual. Alguns autores teorizaram a respeito da utilização de recursos ideológicos para a construção de hegemonia. De acordo com Joseph Nye, o poder tem duas faces. Existe o poder duro (*hard power*), que se baseia em estímulos ou ameaças, e o poder suave (*soft power*), que consiste em induzir os outros países a almejar os resultados na política mundial ambicionados pela nação que exerce o poder.¹ Para o autor, “a prosperidade material torna uma cultura e uma ideologia atrativas e diminuições no sucesso econômico e militar conduzem à dúvida e a crises de identidade.”² É possível que o poder duro leve ao poder suave, como, por exemplo, utilizando a força para controlar uma estação de rádio ou TV.³ Entretanto, embora estejam relacionados, o poder suave não encontra embasamento somente no poder duro, pois as formas de poder não são estanques, podendo mudar conforme a conjuntura. Nesse sentido, Nye ressalta a importância da informação para o exercício do poder, tornando-o menos transferível, tangível e coercivo.⁴

Teresa La Porte também traz contribuições a esse respeito. Segundo a autora, a diplomacia cultural é “o intercâmbio de ideias, informação, arte e outros aspectos da cultura entre as nações e seus cidadãos, para fomentar uma compreensão mútua.”⁵ A partir do convencimento de que o que melhor representa uma nação são suas manifestações culturais, a diplomacia cultural se coaduna a um projeto de ações diplomáticas a longo prazo, porque busca a construção de relações estáveis e duradouras entre os países.⁶ Ela inclusive auxilia a concretização de um intercâmbio científico e educacional entre os povos.

¹ NYE, Joseph. *Compreender os conflitos internacionais: uma introdução à teoria e à história*. Lisboa: Gradiva, 2002, p.72.

² Id., *ibid.*, p. 73.

³ Id., *ibid.*, p. 254.

⁴ Id., *ibid.*, p.74.

⁵ LA PORTE, Teresa. “La diplomacia cultural americana: una apuesta por el recurso al poder blando.” https://www.researchgate.net/publication/28128877_La_diplomacia_cultural_americana_una_apuesta_por_el_recurso_al_poder_blando. Acessado em 25 de maio de 2018.

⁶ Id., *ibid.*

Já Edgar Telles Ribeiro argumenta que a cooperação técnica de uma nação pode ser melhor assimilada “se estiver amparada por uma projeção dos valores culturais desse país.”⁷ Para tanto, as afinidades entre os países envolvidos precisam ser divulgadas por meio de um trabalho de difusão cultural. Nesse sentido, a diplomacia cultural não se atém a resultados apenas no âmbito artístico ou educacional, mas tem o papel de promover a realização “de objetivos políticos, comerciais, econômicos e quaisquer outros a que a política externa de um país se proponha.”⁸

Até a Primeira Guerra Mundial, a formação cultural do Brasil era sobretudo europeia.⁹ Entretanto, ao longo do século XX, a influência norte-americana tornou-se mais presente. Para Antônio Pedro Tota, como o Brasil era o país mais rico do continente americano, depois dos Estados Unidos, era interessante para o governo norte-americano manter relações amistosas com os vizinhos do sul, objetivando a solidariedade continental.¹⁰ Assim, através do OCIAA, o governo norte-americano promoveu medidas que buscavam uma aproximação cultural com o Brasil e a Bahia especificamente. De acordo com Tota, a União Cultural Brasil – Estados Unidos, criada em 1938, cooperou com o *Office* nas atividades relacionadas ao intercâmbio cultural entre as ambas as nações, incluindo a implantação de escolas de inglês. O objetivo era combater a presença do italiano e do alemão, sobretudo nos estados do Sul.¹¹ Nessa época, várias entidades binacionais foram criadas por todo o Brasil: em São Paulo em 1938, em Salvador em 1941¹², em Fortaleza em 1943, e assim por diante, como objetivo de difundir o ensino da língua inglesa.¹³ Segundo Maria Margarida Nepomuceno, o intercâmbio cultural do Brasil com outras nações foi uma prática adotada pelo governo Getúlio Vargas, que também estimulou a interação do país com a América Latina, especialmente a Região do Prata. Em 1940, foi fundado o Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro, com o objetivo de estreitar as relações culturais entre os dois países, com o intercâmbio de artistas e intelectuais brasileiros

⁷ RIBEIRO, Edgard Telles. *Diplomacia cultural: seu papel na política externa brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, pp. 41-3.

⁸ Id., *ibid.*, pp. 41-3.

⁹ BANDEIRA, Moniz. *Op.cit.*, p. 207.

¹⁰ TOTA, *O amigo americano*, *op.cit.*, p. 146.

¹¹ TOTA, *O imperialismo sedutor*, *op.cit.*, p. 81.

¹² Segundo consta, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos foi fundada em 1 de agosto de 1941 e ainda se encontra em funcionamento, na cidade de Salvador. <http://www.ablaonline.org/bnc/89>. Acessado em 24 de setembro de 2016.

¹³ NOGUEIRA, Margarete. “Os centros binacionais Brasil – Estados Unidos: sua importância na história do ensino de línguas no Brasil.” http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=138:os-centros-binacionais-brasil-estados-unidos-sua-importancia-na-historia-do-ensino-de-linguas-no-brasil&catid=1095:ano-4-no-04-12010&Itemid=13. Acessado em 24 de setembro de 2016.

para a realização de cursos, mostras e palestras em terras platinas.¹⁴ Contudo, devido aos propósitos desta pesquisa, enfocaremos na interação cultural do Brasil com os Estados Unidos, através dos jornais editados em Salvador.

A imprensa baiana conferiu publicidade à chegada de professores e pesquisadores norte-americanos à Bahia. Em 1942, por intermédio da Associação Cultural Brasil – Estados Unidos, o sanitarista americano dr. H. Hanson, inspetor da Oficina Sanitária Pan-Americana, esteve em contato com um grupo de jovens médicos baianos, interessados em cursos de aperfeiçoamento em hospitais e universidades “da grande nação amiga”.¹⁵

Em setembro do mesmo ano, os jornais propagaram a vinda do professor William Berrien, diretor-assistente da Seção de Humanidades de *Rockefeller Foundation*. Em suas memórias, Érico Veríssimo conta que o conheceu numa conferência que realizou na sede da União Pan-americana sobre a situação do intelectual no Brasil, comparada com a de colegas norte-americanos e ingleses. O romancista descreve o professor como um “americano amigo do Brasil, que conhece admiravelmente a nossa língua, ama o nosso povo e ensina literatura numa universidade de Washington”.¹⁶ Segundo *A Tarde*, Berrien era “um campeão da língua portuguesa”, pela sua divulgação do idioma entre os universitários americanos, através de cursos de férias.¹⁷ Desse modo, diz o vespertino que o professor empreendia uma “cruzada em favor da difusão da nossa língua, num esforço que lhe assegura a gratidão de quantos a usam como meio de expressão”. William Berrien ficaria sete dias na Bahia, a fim de visitar museus, bibliotecas, estabelecimentos de ensino, inteirando-se das atividades culturais e buscando informações mais completas sobre as características sociais e intelectuais do estado. Além disso, o periódico endossa a aparente receptividade do pesquisador estrangeiro para com a Bahia, comunicando ser a data corrente o dia do aniversário do visitante, que declarou: “por coincidência, começo a viver na Bahia, esta terra tão linda e onde já conto com bons amigos”.¹⁸

O Estado da Bahia noticiou a chegada de William Berrien relacionando-a com a visita de outros intelectuais norte-americanos, que estiveram recentemente em Salvador.¹⁹ O jornal considerava que a atenção, manifestada pelos Estados Unidos, pelas possibilidades da economia

¹⁴ NEPOMUCENO, Maria Margarida C. “O papel de Getúlio Vargas na elaboração de uma Diplomacia Cultural para a América Latina, após os anos 30”. *Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina*. https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/Margarida_Nepomuceno_II-Simposio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-America-Latina.pdf. Acessado em 25 de maio de 2018.

¹⁵ “MAIORES facilidades para ida de estudantes bahianos à América”. *Estado da Bahia*, 01 de abril de 1942.

¹⁶ VERÍSSIMO, Érico. *Gato preto em campo de neve...*, op.cit., p. 52.

¹⁷ “APRENDEU português para falar bem do Brasil — o prof. William Berrien veio agora conhecer a Bahia”. *A Tarde*, 22 de setembro de 1942, p. 8.

¹⁸ Idem.

¹⁹ “UM grande amigo do Brasil”. *Estado da Bahia*, 23 de setembro de 1942, p. 2.

brasileira, não era em nada superior ao interesse ianque pelos problemas de ordem cultural do vizinho do Sul. Dessa forma, os norte-americanos que vinham visitando a Bahia não eram, de acordo com o jornal, simples turistas ou homens que “vinham conhecer coisas exóticas”. O que existia de fato era “muita simpatia, muita compreensão pelo que se chama hoje a literatura brasileira”. Como a capital baiana era “um dos centros espirituais de maior relevo do país, e pela sua privilegiada posição de uma das mais encantadoras e mais originais cidades do continente”, nada mais compreensível que tivesse a “oportunidade de conhecer estes irmãos de boa vontade”. Havia pouco tempo, estivera na Bahia o antropólogo social Melville Herltovits, cuja visita foi valorizada pela folha, ressaltando que sua importância era devida às “pesquisas e material abundante recolhidos por aquele eminente professor”. Na semana anterior, fora a vez do escritor novaiorquino Waldo Frank, a quem *Estado da Bahia* imputa expressões de encantamento pela cidade e a promessa de um dos mais importantes capítulos do livro que estava escrevendo sobre o Brasil, o Peru e a Argentina. Desta vez, era a época de acolher William Berrien, cujo nome, segundo o periódico, era obrigatório quando se falava em relações culturais pan-americanas. É óbvio o empenho do jornal em mostrar toda a disposição do professor para com as nossas peculiaridades:

Todo este último período de mestre das novas gerações yankees têm sido todo ele dedicado a fazer conhecida e amada a nossa literatura e o nosso país. É mais do que um apaixonado pelos nossos problemas culturais. É um profundo conhecedor dos nossos artistas, nossos poetas, nossos romancistas, nossos historiadores e sociólogos. Não há segredo na nossa língua e na nossa literatura para esta magnífica personalidade de mestre. E a sua forte simpatia humana é um elo permanente de aproximação entre as culturas brasileira e americana. Está presente o professor William Berrien desde ontem, na Bahia, e já integrado com os nossos escritores, com a nossa história, o nosso passado. E folgamos de vê-lo tão amigo nosso, inteirando-se cada vez mais dos nossos problemas culturais.²⁰

A Tarde e *Estado da Bahia* publicaram no mesmo dia, 23 de setembro, a entrevista que fizeram com o professor Berrien. O vespertino de Simões Filho introduz a entrevista feita pelo periódico com o pesquisador em tom de crônica:

O homem é corado e cheio de corpo. Levanta-se solícito, pondo o jornal de lado, mal o visitante lhe pronuncia o nome. Confirma ser o professor Berrien. E um caloroso aperto de mão convida o jornalista a se sentir como defronte de um amigo.²¹

²⁰ “UM grande amigo do Brasil”. *Estado da Bahia*, 23 de setembro de 1942, p. 2.

²¹ “REVELOU aos Estados Unidos a riqueza literária do Brasil”. *A Tarde*, 23 de setembro de 1942, p. 2.

Já *Estado da Bahia* inicia a reportagem procurando mostrar a simpatia do professor estrangeiro para com os brasileiros, através dessa afirmação: “Tenho amigos em todas as classes sociais e dos meus melhores amigos posso lhe dizer que estão os do Brasil”. O jornal acrescenta que Berrien era “uma das mais fortes personalidades e uma perfeita organização de humanista, espontaneamente, a serviço de melhores relações culturais brasileiro-norte-americanas”.²² A matéria de *A Tarde* também ressalta a simplicidade do entrevistado, assegurando ser Berrien “um brasileiro 100%”, por falar fluentemente o português, apesar de ter aprendido a língua há apenas alguns anos e só ter estado no Brasil quatro vezes. Além disso, há elogios aos trejeitos do norte-americano, por serem, segundo o vespertino, semelhantes aos dos brasileiros:

jovial, expansivo não guarda reservas para ninguém. Confia logo e logo transborda em camaradagem, sorrindo, pilheriando. Parece querer tornar sempre maior o seu número de amigos, em amigos transformando quantos dele se aproximem. Mesmo como um brasileiro.²³

O *Estado da Bahia* reforça a naturalidade com que o pesquisador se comportava:

apesar de ser um dos homens mais cultos de sua terra, não tem “poses”, nem afeta ares de pedanteria. A “prima dona” que vamos encontrar em tantos medalhões e tantas figuras internacionais que passam nos olhando com ares simples curiosos, ou muitas vezes simpáticos e atraentes, para agradar, não existe no professor da Califórnia. A sua extraordinária simpatia pessoal torna-o imediatamente amigo e dos mais íntimos daqueles que os procuram. E o repórter vai tomando conhecimento pessoal daquela extraordinária organização intelectual, através de uma prosa magnífica, espontânea, onde as perguntas e as respostas se sucedem, num ambiente de mais ampla camaradagem.²⁴

A Tarde e o *Estado da Bahia* reproduziram a entrevista com William Berrien sem muitas diferenças na abordagem. Diz o jornal *A Tarde* que Berrien declarou ter aprendido português depois de visitar o Brasil em 1935, despertando aí seu interesse pela literatura nacional.²⁵ Não teria tido grande dificuldade, pois o fato de ter sido professor de literatura espanhola na Universidade da Califórnia o deixara familiarizado às letras latinas. Adquirira fluência no português com o escritor Gilberto Freyre, professor de história geral do Brasil na Universidade de Michigan, onde Berrien organizou um curso de literatura brasileira, como fizera em outros estabelecimentos de ensino, sendo cerca de cinquenta os que ministravam cursos de literatura

²² “A LITERATURA brasileira é uma das maiores do continente americano”. *Estado da Bahia*, 23 de setembro de 1942, p.3.

²³ “REVELOU aos Estados Unidos a riqueza literária do Brasil”. *A Tarde*, 23 de setembro de 1942, p. 2.

²⁴ “A LITERATURA brasileira é uma das maiores do continente americano”. *Estado da Bahia*, 23 de setembro de 1942, p.3.

²⁵ “REVELOU aos Estados Unidos a riqueza literária do Brasil”. *A Tarde*, 23 de setembro de 1942, p. 2.

brasileira.²⁶ O *Estado da Bahia* publicou que, de acordo com Berrien, tratavam-se de cursos intensivos, nos quais os alunos aprendiam simultaneamente a língua e a literatura brasileiras, analisando e interpretando os autores e despertando grande interesse entre os universitários norte-americanos.²⁷

Questionado sobre os livros brasileiros mais lidos pelos estudantes norte-americanos, o professor responde que os favoritos eram Machado de Assis e Aluísio Azevedo.²⁸ Apreciavam também Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos e outros romancistas da corrente regionalista. Segundo o jornal *A Tarde*, William Berrien declara que a poesia brasileira tinha grande aceitação entre a juventude norte-americana que sabia ler o português. Porém, o professor acredita que, na literatura brasileira, a poesia havia se adiantado em relação à prosa, embora o romance também fosse muito bom, sobretudo os do século XX, quando, para ele, houve uma afirmação das características da inteligência do nosso país. Por fim, o pesquisador diz admirar as letras baianas:

Cita os nossos principais poetas, a começar de Castro Alves, por ele considerado um dos maiores vates da América. Cita Ruy Barbosa, autor de uma obra de tamanha importância que ocupa um vasto capítulo no ideário do continente. Distingue, referindo-se aos estudos históricos, Pedro Calmon e Luiz Viana Filho, cuja biografia de Ruy comenta com agrado.²⁹

Nota-se que os jornais procuraram destacar a espontaneidade do professor como uma maneira de atribuir aos norte-americanos uma considerável amabilidade para com os brasileiros, além de mostrar que a literatura nacional despertava grande interesse entre os estadunidenses. Assim, sugeria-se que os vizinhos do Norte levavam a sério a ideia de amizade e solidariedade continental, ao manifestarem um real interesse por tudo que dizia respeito ao Brasil.

Em setembro de 1942, estive em visita à Secretaria de Educação e Saúde o pedagogo Carleton Washburne, diretor de ensino em Winnetka, Illinois, Estados Unidos. De acordo com o jornal *Diário da Bahia*, ciceroneado pelo titular do departamento, Isaiás Alves, Washburne observou os serviços da Secretaria, demorando-se na Seção de Programas e Classificação de Alunos, onde pôde ver o serviço de testes e os resultados obtidos nas escolas de 1941 e 1942 comparativamente, “tendo, ainda, ocasião de observar a colocação de várias escolas da capital

²⁶ “REVELOU aos Estados Unidos a riqueza literária do Brasil”. *A Tarde*, 23 de setembro de 1942, p. 2.

²⁷ “A LITERATURA brasileira é uma das maiores do continente americano”. *Estado da Bahia*, 23 de setembro de 1942, p.3.

²⁸ “REVELOU aos Estados Unidos a riqueza literária do Brasil”. *A Tarde*, 23 de setembro de 1942, p. 2.

²⁹ Idem.

em relação à porcentagem dos alunos promovidos”. Carleton Washburne também apresentou uma palestra no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, com o título “Que é Educação Nova?”. Além disso, teve a oportunidade de percorrer diversos estabelecimentos de ensino em Salvador.³⁰

A Associação Cultural Brasil – Estados Unidos recebeu uma série de pesquisadores norte-americanos e brasileiros para palestras que envolviam a interação entre os dois países. Em agosto de 1943, a instituição convidou o escritor e jornalista norte-americano Lewis Freeman para uma conferência.³¹ O presidente interino da ACBEU, o professor Leonard Ross Klein, abriu a sessão, presidida pelo professor Barros Barreto. Para uma plateia formada por autoridades federais, estaduais e municipais, Mr. Lewis Freeman realizou uma palestra sobre as possibilidades econômicas do Brasil. De fato, era um assunto que interessava bastante aos norte-americanos, pois um representante estadunidense sabia tanto a respeito das riquezas do Brasil a ponto de sentir-se apto a falar para espectadores brasileiros. Como era de praxe, enalteceu as figuras dos líderes norte-americanos Franklin Roosevelt e Cordell Hull e dos brasileiros Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha. Por fim, o professor Barros Barreto saudou, em inglês, o conferencista, “fazendo ressaltar a satisfação de todos os presentes, reafirmando, naquela oportunidade, o grau de amizade que liga as duas grandes nações americanas”.³²

Também em 1944, a convite da Associação Cultural Brasil – Estados Unidos, veio à Bahia o historiador norte-americano Charles Lyon Chandler. Segundo *O Imparcial*, tratava-se de um membro do Comitê de Coordenação Americana no Brasil e especialista em história da América. Afirmava o jornal que “o Sr. Charles Lyon Chandler é um dos mais entendidos da União Pan-americana e em história brasileira.”³³ Grande conhecedor da língua portuguesa, fora estimulado por sua tia a estudar Camões e Gonçalves Dias, desenvolvendo aí um interesse pelo idioma dos dois poetas. Depois de se graduar em *Harvard*, passou a servir à embaixada de seu país em Lisboa. Começou a visitar o Brasil na década de 1910, desempenhando a função de agente sul-americano da *Southern Railways System* dos Estados Unidos. Em 1944, estava atuando como consultor dos escritórios do Coordenador dos Assuntos Interamericanos, já tendo

³⁰ “VISITA de um técnico americano à Secretaria de Educação”. *Diário da Bahia*, 01 de setembro de 1942, p.3.

³¹ “A CONFERÊNCIA do Sr. Lewis Freeman – na Associação Cultural Brasil - Estados Unidos.” *O Imparcial*, 13 de agosto de 1943.

³² *Idem*.

³³ “VELHO conhecedor dos problemas brasileiros – chega hoje à Bahia grande historiador norte-americano”. *O Imparcial*, 30 de maio de 1944.

percorrido todo o sul do país para fazer conferências, semelhante àquela que faria em Salvador e era anunciada por *O Imparcial*.³⁴

O *Estado da Bahia* noticiou, em junho de 1944, a conferência do Sr. Oto Luiz Hiltner sobre a vida militar norte-americana, na Associação Cultural Bahia – Estados Unidos.³⁵ Segundo o jornal, o Sr. Hiltner estivera nos Estados Unidos por três meses. Contudo, como não fora enviado pelo governo brasileiro e não estava ali apenas para estudar, foi convocado para servir no Exército ianque, na qualidade de residente naquele país. Em resultado disso, ele acabara de

[...] observar de perto a vida militar naquela grande Democracia, justamente quando todas as forças do país estão empenhadas na luta contra a opressão e o obscurantismo pela vitória dos mais altos princípios de Liberdade, de Justiça, de Direito, terá por certo, interessantes revelações que trarão, por força das circunstâncias, a marca de evolução, de grandeza, de heroísmo que caracteriza todas as realizações da grande nação americana.³⁶

Assim, notamos que era frequente que, na Associação Cultural Brasil – Estados Unidos, norte-americanos falassem sobre o Brasil e brasileiros discorressem sobre a nação ianque. Intencional ou não, também era uma forma de fazer parecer que os laços entre ambos os países estavam, de fato, estreitados.

Já em 1945, o *Diário de Notícias* anunciou a chegada a Salvador do professor William (Rex) Crawford, um sociólogo norte-americano. Segundo o jornal, ele vinha à Bahia pela terceira vez, com o objetivo de “intensificar o intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos através de palestras e conferências sobre os diversos assuntos de sua especialidade”. O periódico ressalta o êxito de um dito “entendimento cultural entre os dois grandes povos da América”, e destaca algumas declarações do professor a respeito:

Dessa vez, declara-nos, venho mais interessado pela realização de um intercâmbio direto, através de livros, e pretendo visitar as bibliotecas locais para, observando as suas necessidades em livros americanos, providenciar no sentido de que elas os recebam mais constantemente. Por outro lado estamos interessados na tradução de livros brasileiros para os Estados Unidos.³⁷

Rex Crawford ainda teria comunicado ao *Diário de Notícias* que era intenso o intercâmbio entre professores de ambos os países, e afirmado que, com a paz, o Brasil seria,

³⁴ “VELHO conhecedor dos problemas brasileiros – chega hoje à Bahia grande historiador norte-americano”. *O Imparcial*, 30 de maio de 1944.

³⁵ “OBSERVOU, de perto, a vida militar americana – Conferência do Sr. Oto Hiltner na Associação Brasil-Estados Unidos”. *Estado da Bahia*, 02 de junho de 1944.

³⁶ *Idem*.

³⁷ “INTERCÂMBIO direto ianque-brasileiro – nesta capital o prof. Rex Crawford – Visita às bibliotecas baianas”. *Diário de Notícias*, 29 de abril de 1945, p. 3.

por sua situação geográfica de nação vizinha, alvo de todos aqueles que se interessavam pelo português, que viriam para cá em vez de irem a Portugal. Garante ainda que o embaixador Adolf Berle, que era professor nos Estados Unidos, dedicava “especial carinho a esta parte do programa de intercâmbio cultural”.³⁸

Em maio de 1945, *A Tarde* e o *Diário de Notícias* anunciaram a chegada à Bahia do professor Charles Stewart, pertencente à *Division of Corporate Education* da *United States Office of Education*, sediada na capital norte-americana. Segundo a folha de Simões Filho, ele viera ao Brasil em missão daquele departamento, visando observar os métodos educacionais locais para a elaboração de um livro, em que seriam mostradas as várias modalidades de ensino no Brasil. Por conta disso, Stewart vinha visitando os vários estados do país, observando os métodos educacionais aí aplicados.³⁹ Já o *Diário de Notícias* enfatizou a preocupação norte-americana com a educação no pós-guerra, “interessados que são pelo maior estreitamento das relações entre os povos de todo o mundo”. Os Estados Unidos mostravam-se dispostos a cooperar com a educação tanto nos países assolados pelo conflito, quanto na América Latina. Assim, por intermédio da Divisão de Educação Comparada, em Washington, o governo ianque realizava um estudo dos sistemas educacionais de todas as repúblicas latino-americanas, para a elaboração de livros que servissem de orientação a todas as instituições de ensino.⁴⁰

Ambos os periódicos realizaram entrevistas com Charles Stewart, revelando que ele era genro de um gramático brasileiro e que tinha dois filhos no front de guerra, ambos feridos, porém sem gravidade. *A Tarde* destaca que o professor falava português fluente, mas aborda apenas declarações superficiais acerca dos estados brasileiros que visitou e aspectos levantados nos locais que visitara até então.⁴¹ No *Diário de Notícias*, foram valorizadas as considerações de Stewart que comparavam o sistema de ensino do Brasil e dos Estados Unidos. Segundo o jornal, o pesquisador teria afirmado que em nosso país a educação era centralizada, por intermédio do Ministério da Educação, que traçava as normas de ensino a serem seguidas. Já entre os vizinhos do Norte, a educação era descentralizada, sendo muito reduzida a atuação do governo federal. Assim, a cada estado era atribuída a responsabilidade do ensino. O *Diário de*

³⁸ “INTERCÂMBIO direto ianque-brasileiro – nesta capital o prof. Rex Crawford – Visita às bibliotecas bahianas”. *Diário de Notícias*, 29 de abril de 1945, p. 3.

³⁹ “O ENSINO brasileiro visto por um técnico americano”. *A Tarde*, 12 de maio de 1945, p. 2.

⁴⁰ “OBSERVA os métodos de ensino no Brasil – Centralizada a educação no Brasil, o que não sucede nos Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 10 de maio de 1945, p. 3.

⁴¹ “O ENSINO brasileiro visto por um técnico americano”. *A Tarde*, 12 de maio de 1945, p. 2.

Notícias ainda acrescentou que, para o professor, depois da guerra, o Brasil teria um maior desenvolvimento educacional, sobretudo no nível superior e profissional.⁴²

Após o fim da guerra, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos manteve a realização de palestras sobre os vizinhos do Norte. Em agosto de 1945, *O Imparcial* divulgou a conferência com o engenheiro Jorge da Costa Lino, que fizera um curso no *Pensylvania State Steel College* como bolsista do *Institute of International Education*, e depois trabalhou no *United State Steel Corporation*, vindo ao Brasil para aceitar um cargo na usina de Volta Redonda. Sua palestra desenvolveria o tema “A Vida de Brasileiro entre Americanos”, versando sobre diversos aspectos da vida estadunidense e os desdobramentos da guerra.⁴³

4.2 A *United Service Organization* (USO) e os marinheiros norte-americanos

O acolhimento de norte-americanos na Bahia incluía a organização de um centro de lazer preparado para o usufruto dos estrangeiros. Em julho de 1943, *O Imparcial* estampou em suas páginas uma reportagem sobre a inauguração de um prédio destinado à diversão dos marinheiros da armada norte-americana, então presentes na capital baiana.⁴⁴ Segundo o periódico, um organismo chamado *United Service Organization* (USO) havia adquirido, para esse fim, o antigo edifício do jornal *Diário da Bahia*, e outros menores, na vizinhança, onde os estadunidenses em Salvador “encontrariam aqueles momentos alegres a diminuir-lhes a preocupação da tarefa que lhes pesa os ombros...”. Haveria salas de fumar, de leitura, de jogos, além de um salão de festas e uma cantina. Engenheiros norte-americanos trabalhariam nas obras do prédio, cuja inauguração estava prevista para o mês seguinte. Porém, para a construção, foi escolhida a proposta do engenheiro baiano Oswaldo G. Martins. Diz o jornal que seria “o construtor do ‘Cassino’ dos nossos irmãos da Norte América um patricio nosso, de reconhecida idoneidade profissional”.⁴⁵ Sugere assim que o edifício seria um presente da Bahia para os ilustres ianques.

De acordo com o *Diário da Bahia*, a USO desempenhava uma obra de assistência social, incluindo a instalação de clubes de lazer destinados aos combatentes norte-americanos.⁴⁶ Consta no jornal que o supervisor da USO no Brasil, o Mr. Henry Sims, era “um velho amigo” do nosso país, onde ele vivera uma parte da sua vida. O periódico ainda atribuía a Sims a

⁴² “OBSERVA os métodos de ensino no Brasil – Centralizada a educação no Brasil, o que não sucede nos Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 10 de maio de 1945, p. 3.

⁴³ “A VIDA de brasileiros entre americanos”. *O Imparcial*, 22 de agosto de 1945.

⁴⁴ “DIVERSÕES para os marujos de Tio Sam...”. *O Imparcial*, 02 de julho de 1943.

⁴⁵ *Idem*.

⁴⁶ “MÚSICOS famosos divertirão os marujos ianques na Bahia”. *Diário da Bahia*, 28 de julho de 1943.

introdução, no continente sul-americano, dos jogos de basquete e vôlei. Por conta disso, e “dadas as suas numerosas amizades do Brasil e ao seu conhecimento aprimorado da língua portuguesa, o governo dos Estados Unidos achou por bem convocar-lhes os serviços, designando-o, então, para superintender os trabalhos da USO”. À época, Henry Sims encontrava-se em Salvador para acompanhar a construção do clube na cidade, declarando ao *Diário da Bahia* que ficaria pronto em sessenta dias, para receber centenas de marujos e aviadores norte-americanos. Segundo o supervisor da USO, também estava prevista a chegada à capital baiana de uma orquestra composta, em sua totalidade, por “55 festejados músicos americanos, os quais foram incorporados à US Navy, afim de prestar serviço militar”. Tudo isso visava, para Sims, “proporcionar alegria aos defensores das Américas, fazendo-os esquecer, por alguns instantes, os horrores da guerra e amenizando-lhes as saudades das famílias distantes”.⁴⁷

Em março de 1944, *A Tarde* divulgou a ocorrência do primeiro jantar da USO para os marinheiros norte-americanos, ao fim do qual o sr. R.W. Sherry discursou sobre as possibilidades do Brasil no desenvolvimento da borracha.⁴⁸ De acordo com a folha, o interesse demonstrado pelos marujos foi intenso. Assim, para satisfazer a curiosidade dos marinheiros ianques, todas as quintas-feiras, após o jantar, um conferencista escolhido falaria sobre a história e os costumes do Brasil. Diz *A Tarde* que, desse modo, os marujos teriam “fácil oportunidade para se familiarizarem com a nossa história, o nosso progresso, a nossa arte e a nossa cultura”. Segundo o jornal, “prosseguindo neste excelente programa de amizade e interesse continental”, a direção da USO proporcionaria aulas de português aos marujos ianques. Além disso, o Comitê de Coordenação na Bahia iria exhibir filmes de guerra para os marinheiros.⁴⁹

Em julho de 1944, *O Imparcial* noticiou mais um evento que contemplava os soldados estadunidenses, na capital baiana. Segundo o jornal, a festa prometia “ser interessantíssima, porque tipicamente norte-americana”. O Comandante Harry Leventen teria declarado à imprensa que os marujos já estavam perfeitamente adaptados à Bahia:

Acha-se já familiarizada, disse-nos, com a sociedade baiana, numa como que ampliação da política de boa vizinhança a marujada dos Estados Unidos. Oficiais e marinheiros têm participado de muitas festas sociais, quer nos elegantes clubes sociais, quer na USO. Agora, e pela primeira vez, os

⁴⁷ “MÚSICOS famosos divertirão os marujos ianques na Bahia”. *Diário da Bahia*, 28 de julho de 1943.

⁴⁸ “O INTERESSE do marinheiro norte-americano pelas cousas do Brasil”. *A Tarde*, 25 de março de 1944.

⁴⁹ Idem.

marinheiros da guarnição, graças à iniciativa da Cantina Americana, terão uma festa na Base Baker.⁵⁰

A recepção incluiria duas orquestras, uma brasileira e uma norte-americana, tocando canções dos dois países, “realizando-se um intercâmbio cultural dos dois ‘folk-lore’”, além de variados concursos de dança e de beleza. O comandante Harry Leventen ainda teria feito um gentil convite aos baianos: “Esperamos, assim, a honra e o prazer da presença da sociedade baiana, essa brilhante sociedade que conhecemos nos clubes elegantes da cidade.” A reportagem é finalizada com considerações do próprio jornal sobre a gravidade da conjuntura vigente e o caráter afável dos militares norte-americanos:

Servidos café e cigarros aos jornalistas, agradeceu-lhes esse distinto oficial americano a presença, trocando-se impressões lisonjeiras, sobre o caráter dessa política de boa vizinhança, já hoje vitoriosa em todo o continente, e em feliz hora preconizada pelo grande Presidente Roosevelt. E é bem sintomática a circunstância, quando periclita o nazismo, que todos combatemos, de sabermos lutar, em prol de uma vitória que se aproxima, sem perder essa alegria da vida, que é um apanágio dos povos democratas, sociáveis e bravos, povos tão cavalheiros nos salões sociais quanto duros e capazes nas frentes de guerra. E os marinheiros de Tio Sam, à noite do dia 1º, reviverão, como no seio de suas próprias famílias, momentos felizes, dentro destes dias angustiosos, em que se vibra na barbaria tedesca os últimos golpes de misericórdia.⁵¹

Segundo *A Tarde*, a USO patrocinou espetáculos para os soldados aquartelados na Bahia, sendo os artistas envolvidos: Ray Mayer, arranjador musical; Judy Lane, dançarina dos nightclubs novaiorquinos; e Charles Garvey, prestidigitador. De acordo com Ray Mayer, a equipe já estivera na África, no Oriente Médio [sic] e na Austrália, “divertindo os soldados de Montgomery, Eisenhower e MacArthur, manifestando desejo de atuar, desta vez, na Itália, para os soldados brasileiros que lá se encontravam integrando o 5º exército.” A dançarina Judy Lane também presta seu depoimento ao *A Tarde*:

eu vivia doida para cantar o samba. Miss Miranda, a “brazilian bombshell,” virou-me a cabeça. Ao chegar à terra brasileira, senti uma vontade cada vez mais forte de cantar a música dessa boa gente e dançar também. Fiz força e aprendi. Está no mundo, pois, uma sambista a mais.⁵²

⁵⁰ “UMA FESTA à americana – promove-a a cantina dos EE. Unidos na base Baker”. *O Imparcial*, 30 de julho de 1944, p. 4.

⁵¹ Idem.

⁵² “DERAM a volta ao mundo, cantando para os soldados da liberdade – três espetáculos na Bahia”. *A Tarde*, 25 de setembro de 1944, p. 2.

Assim, as declarações desses artistas demonstram que, segundo o que foi reproduzido pelo jornal, os norte-americanos eram bastante receptivos à cultura brasileira, estando dispostos a aprender alguns de seus elementos e incorporá-los às suas próprias performances.

Segundo *O Imparcial*, em novembro de 1944, chegou a Salvador “mais uma trupe de artistas brasileiros e americanos contratados pela USO”. Eles dariam espetáculos dedicados aos soldados das Nações Unidas, então na capital baiana. Faziam parte da equipe Geraldine Pecker, bailarina acrobática “de renome internacional”; Carmen Costa, sambista; Bob Brouley, Paschoal Carlo Allievi e Hemi Salvador. A primeira exibição seria à tarde, para soldados brasileiros e, à noite, para os norte-americanos.⁵³

A *Tarde* noticiou a chegada à Bahia de mais artistas norte-americanos, enfatizando o empenho despendido pelos artistas ianques a favor do esforço de guerra:

Antigamente, a passagem de um artista de cinema, pela Bahia, despertava a atenção geral. Quase sempre, os jornais, avisados com antecedência, publicavam a notícia e a legião de “fans” se movimentava para ver de perto e pedir autógrafo ao “astro” ou estrela preferidos. A guerra, entretanto, veio modificar também esse costume. De um momento para outro, o “repórter” se vê em contato com os “heróis” de Hollywood, integrantes de show, trabalhando no mister patriótico de divertir os soldados e marinheiros de Tio Sam.⁵⁴

O jornal destacava, dessa forma, que, mesmo sendo menos prestigiados que outrora, os artistas norte-americanos não titubeavam em prestar seu apoio à causa aliada. Um dos atores da trupe, chamada *Nothing but the Truth*, teria declarado ao *A Tarde* que desejava “fazer conhecidos os aspectos e costumes do Brasil, dando o seu quinhão à ‘boa vizinhança’ que se vem mantendo entre brasileiros e americanos.” De acordo com o periódico, todos os artistas aguardariam ordens em Santa Cruz Cabrália, para uma viagem à Europa, África ou à zona do Pacífico, “sempre na missão de confortar os soldados da liberdade”.⁵⁵

Em agosto de 1945, já finda a guerra, o *Diário de Notícias* ainda mostrava o esforço de guerra voltado para entreter soldados, através da USO. O jornal comunicava que essa entidade enviara a um hotel chamado Quintandinha os seus agradecimentos pela cooperação no conflito:

[...] cooperação do nosso país na luta pela vitória. Essa cooperação estendeu-se a todos os setores necessários à boa marcha da guerra, destinada a manter sempre elevado o moral da tropa. Nesse sentido vem a direção do Hotel Quintandinha de receber uma honrosa carta da United Service Organizations (USO) a grande organização que tem à sua frente as mais altas personalidades

⁵³ “CANTARÃO para os soldados das Nações Unidas da Bahia – novos artistas brasileiros e americanos chegaram ontem a esta capital.” *O Imparcial*, 09 de novembro de 1944.

⁵⁴ “SAÍRAM de Hollywood para divertir os soldados do Tio Sam”. *A Tarde*, 20 de novembro de 1944, p. 2.

⁵⁵ Idem.

dos EEUU, entre as quais o Sr. John Rockefeller Jr., agradecendo a cooperação que os artistas de Quintandinha deram durante os longos e sombrios dias da guerra aos bravos que integravam as bases aliadas no Brasil.⁵⁶

Diz o periódico que, quinzenalmente, o Quintandinha enviava seus shows, assistidos por centenas de milhares de soldados, entre brasileiros e norte-americanos. Além disso, informa que a imprensa ianque destacara o esforço dos artistas do hotel como um dos “mais eficientes desta guerra, pois ousou trazer sempre em alta o bom humor da tropa”⁵⁷.

4.3 A Associação Cultural Brasil – Estados Unidos e os cursos de inglês

Um dos canais utilizados para aproximar a Bahia aos Estados Unidos foi a educação. Nesse sentido, os jornais locais procuraram divulgar as iniciativas de estreitamento de relações entre o estado nordestino e o país norte-americano. A Associação Cultural Brasil – Estados Unidos desempenhava um importante papel na difusão da solidariedade entre ambos os países. Em abril de 1942, o *Estado da Bahia* noticiou que a entidade estava promovendo um curso de inglês na Biblioteca Pública. Segundo o jornal, o curso estava sendo um sucesso, e as inscrições se avolumaram de tal maneira “que a direção da referida sociedade se viu obrigada a suspendê-las”.⁵⁸ As bolsas de estudo concedidas pelas instituições americanas, de acordo com o periódico, também vinham despertando a atenção de muitos estudantes. Na maioria dos casos, essas oportunidades eram concedidas por intermédio do Instituto Brasil – Estados Unidos. Porém, esta instituição localizava-se no Rio de Janeiro, dificultando o acesso às pessoas dos outros estados. Com a fundação, na Bahia, da Associação Brasil – Estados Unidos, em 1 de agosto de 1941, pelo menos uma dessas bolsas seria confiada a um estudante baiano. Diz o *Estado da Bahia* que o número dessas bolsas foi extraordinariamente aumentado através da verba que o governo norte-americano destinou para a sua concessão, estando a escolha dos alunos a cargo do OCIAA. E a agência deliberara que não somente as grandes capitais, mas também os estudantes de cidades pequenas fossem contemplados.⁵⁹

Em fevereiro de 1943, *A Tarde* divulgou que a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos recebera uma notificação da *American Council for Learned Societies*, de Washington, de que lhe fora concedido o auxílio de mil e quinhentos dólares pelo trabalho desenvolvido no segundo semestre do ano anterior, “em benefício da expansão das relações culturais” entre os

⁵⁶ “COMO ERAM feitas as diversões para as forças americanas e brasileiras, nas bases aliadas em nosso país”. *Diário de Notícias*, 1 de agosto de 1945.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ “MAIORES facilidades para ida de estudantes baianos à América”. *Estado da Bahia*, 1 de abril de 1942.

⁵⁹ Idem.

dois países.⁶⁰ Nesse sentido, o cônsul dos Estados Unidos na Bahia, Jay Walker, comunicou ao presidente da entidade situada em Salvador que a mesma precisava alcançar a plena objetivação do esforço por ela empreendido, a fim de garantir a continuidade desse subsídio. Para tanto, conforme consta no vespertino, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos acabara de alugar duas amplas salas para leitura, biblioteca e reuniões da Diretoria e para o curso de inglês. O presidente da Associação, o engenheiro Arquimedes Pereira Guimarães, estava selecionando candidatos a bolsas de estudos. Além disso, a entidade exibia gratuitamente filmes educacionais sonoros, em português, além de jornais falados com notícias a respeito do andamento da guerra e assuntos relacionados às Américas.⁶¹ Percebe-se, dessa forma, que o governo norte-americano não só concedia verba à Associação Cultural Brasil - Estados Unidos a fim de contribuir para a aproximação entre o país norte-americano e a Bahia, como também cobrava da instituição que apresentasse um desempenho satisfatório nessa tarefa.

Em abril de 1943, através de *A Tarde*, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos fazia uma promessa pretensiosa: “dentro de 25 anos, os brasileiros falarão as duas línguas corretamente”⁶². A ambiguidade dessa chamada sugere, intencionalmente ou não, que os norte-americanos estavam dispostos a nos ensinar não somente o inglês, como até mesmo o nosso próprio idioma. Esse título dúbio introduz uma entrevista com o professor estadunidense Leonard Ross Klien, que fora convidado a ministrar um curso na Associação Cultural Brasil – Estados Unidos. Segundo o jornal, a solidariedade brasileiro-norte-americana crescia cada vez mais, aumentando a necessidade de um conhecimento mútuo das línguas das duas nações. Para tanto, dizia-se que nos Estados Unidos estavam sendo dados cursos de português a todos quantos “desejam vir para a nossa pátria ou tenham interesse de aprender a língua que falamos”. E aqui também se buscava aprender o inglês. Nesse sentido,

O Instituto Brasil – Estados Unidos, no Rio e a Associação Cultural que tem nome também dos dois países e funciona nesta capital mantêm um curso para os seus associados. Entre nós agora por diante irá ser ministrado pelo prof. Leonard Ross Klien, diplomado pela Universidade de Yale convidado especialmente pela ACBEU. Já os professores Peter Baker e senhora estão dando igual curso, tendo aumentado tanto o número de alunos, que há necessidade de mais professores.⁶³

⁶⁰ “ASSOCIAÇÃO Cultural Brasil – Estados Unidos”. *A Tarde*, 10 de fevereiro de 1943.

⁶¹ *Idem*.

⁶² “DENTRO de 25 anos os brasileiros falarão as duas línguas corretamente”. *A Tarde*, 8 de abril de 1943.

⁶³ *Idem*.

Em depoimento ao *A Tarde*, o Mr. Klien teria declarado que as suas aulas eram frequentadas, no Rio de Janeiro, por mais de seiscentos alunos, elogiando

[...] a extraordinária facilidade do brasileiro para aprender o inglês, assim como o seu interesse. Finalizou dizendo que podia afirmar estarem os nossos patrícios habilitados a falar corretamente o idioma de Roosevelt, após seis meses de estudos. E concluiu: ‘acredito que dentro de 25 anos, o Brasil falará o inglês tão bem quanto o português’.⁶⁴

Dias depois, o *Estado da Bahia* também publicou uma matéria a respeito do curso de inglês ministrado pela Associação Cultural Brasil – Estados Unidos. Segundo o jornal, o interesse pelo estudo da língua inglesa vinha “se tornando corrente em todo o Brasil”. Na Bahia, os cursos abertos pela Associação “alcançaram êxito incomum, elevando-se as inscrições a cerca de três centenas de sócios”.⁶⁵ De acordo com *Estado da Bahia*, o número de inscrições foi tão grande, que se tornou necessária a vinda, do Rio de Janeiro, de um professor para satisfazer o número de alunos, o estadunidense Ross Klein (e não Klien, como tinha sido anunciado no *A Tarde*). A propósito da chegada desse norte-americano à Bahia, expressamente para dar aulas de inglês na Associação Cultural, o periódico reproduziu a carta recebida pela entidade e assinada pelo Sr. Frank E. Nattier Jr., coordenador interino dos negócios entre as Américas, no Rio de Janeiro. De acordo com a missiva, interessado em estudar no estrangeiro, o Mr. Klein fizera cursos de literatura, história e língua espanhola no Chile. Chegando ao Brasil, estudou português, literatura, antropologia e história do Brasil. Uma parte de seu tempo foi dedicada ao ensino de inglês no Instituto Brasil – Estados Unidos, onde seria “muito sentida a sua falta”. Na ACBEU, em Salvador, para a qual fora transferido, o sr. Klein seria “um devotado amigo e sincero colaborador”.⁶⁶ Percebe-se que esse professor estava a serviço de um órgão ligado à coordenação das relações entre as Américas, podendo ser remanejado para diferentes regiões do Brasil, conforme a necessidade.

Porém, não somente a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos coordenava cursos gratuitos de inglês para a população baiana. Segundo consta no jornal *A Tarde*, em dezembro de 1943, um anúncio da Escola Gutenberg e do Instituto de Preparo Comercial que garantia aulas grátis do idioma de Shakespeare.⁶⁷ O *Estado da Bahia*, no ano de 1944, também publicou algumas lições de inglês destinadas a seus leitores, elaboradas pelo prof. Klein.⁶⁸

⁶⁴ “DENTRO de 25 anos os brasileiros falarão as duas línguas corretamente”. *A Tarde*, 08 de abril de 1943.

⁶⁵ “ENTUSIASMO crescente pelo estudo de inglês na Bahia”. *Estado da Bahia*, 19 de abril de 1943, p. 3.

⁶⁶ *Idem*.

⁶⁷ “CURSO grátis de inglês”. *A Tarde*, 31 de dezembro de 1943.

⁶⁸ KLEIN, Leonard Ross. “Lições de inglês.” *Estado da Bahia*, 20 de setembro de 1944.

Em julho de 1945, o *Diário da Bahia* divulgou a reabertura dos cursos da Associação Brasil – Estados Unidos. Não foram encontradas na imprensa notícias sobre a interrupção das atividades da entidade, portanto não foi possível identificar quando ocorreu essa suspensão. Porém, esse texto do *Diário da Bahia*, comunicando o retorno das aulas da Associação, apresenta detalhes acerca do funcionamento dos cursos. Segundo o jornal, desde a sua fundação, esse instituto vinha “prestando os melhores serviços na aproximação dos dois povos amigos, difundindo entre eles os idiomas falados nos seus países, fazendo nascer daí esse interesse crescente que é o principal veículo de um perfeito conhecimento”.⁶⁹ Além disso,

Funcionando dentro de métodos e professores de ensino os mais eficientes adiantados, possuindo material adequado e moderno que está continuamente chegando dos Estados Unidos, estão esses cursos de natureza intensiva a cargo de professores de reconhecidos méritos. Todas as classes de inglês estão sendo ministradas por professores americanos possuidores de longo tirocínio, havendo professores brasileiros para o ensino de português aos alunos americanos. Deste modo, compõe-se o corpo docente da Associação de dois professores de tempo efetivo além de seis professores contratados.⁷⁰

Nota-se então que o governo norte-americano enviava ao Brasil, além de professores, o material didático e o método usados nas lições. O texto é encerrado com a informação de que os cursos eram bastante procurados, o que provocou a necessidade de aumentar o número de classes, visando atender a um número maior de alunos, “oferecendo-lhes, deste modo, a oportunidade e os mais convenientes meios de aprendizagem de uma língua que vem sendo não somente uma necessidade no trato social, e também um urgente imperativo na vida cotidiana”.⁷¹

4.4 Relações culturais Bahia – Estados Unidos

Além das palestras e os cursos de inglês, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos, vinculada ao Instituto Brasil – Estados Unidos, sediado no Rio de Janeiro, desempenhou um papel importante no estreitamento das relações entre os dois países, através de outros meios, como a música e as artes plásticas. Além disso, a entidade organizou concursos para familiarizar estudantes das escolas de Salvador ao tema do pan-americanismo:

A Associação Cultural Brasil - Estados Unidos, pretende realizar um concurso entre os alunos dos diversos Colégios da Bahia. Esse concurso consistirá numa dissertação sobre assunto pan-americano escolhido, no momento e na

⁶⁹ “REABRIRAM-SE os cursos da Ass. Brasil – Estados Unidos”. *Diário da Bahia*, 4 de julho de 1945, p. 7.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem.

resposta, dez perguntas sobre a Geografia, a História e a Economia dos países do continente, formulados pela comissão julgadora do concurso.⁷²

A imprensa também publicava artigos defendendo a aproximação cultural entre os dois países. Em março de 1943, Afrânio Coutinho teve um texto publicado no *Diário de Notícias*, com copyright da Interamericana, especial para aquele jornal. À época, ele ocupava o cargo de secretário da revista *Seleções*, do *Reader's Digest*, e escreveu acerca da vida editorial norte-americana. Dentre as suas peculiaridades “mais simpáticas e dignas de ser imitadas”, havia que se destacar o culto do livro, “sob todos os seus aspectos”.⁷³ Como uma civilização que amava o livro, um dos aspectos desse apreço se demonstrava pelo sistema editorial. Segundo o autor,

Chega a ser sem dúvida uma verdadeira arte, depois de ser uma técnica perfeita. O livro, só pelo ponto de vista tipográfico, é uma obra de arte na América. Cuida-se de todos os detalhes, desde a escolha do tipo, até a capa, da revisão perfeita, podendo-se desafiar os pesquisadores de galhas, até o título. Uma casa editorial é coisa seríssima, mobilizando os exércitos de operários e técnicos, além do escritório editorial, composto de escritores de grande responsabilidade, encarregado de toda a polícia editorial, da seleção de volumes, dos programas editoriais, das iniciativas, prêmios etc. Esse corpo editorial não tem existência puramente responsável, trabalhando com tempo integral e com ordenado suficiente para viver. O escritor que trabalha para uma editora não precisa ser funcionário público ou jornalista. Exerce na empresa a sua profissão de escritor, e ainda resguardando tempo para fazer sua obra própria.⁷⁴

Afrânio Coutinho acrescenta que as editoras tinham a prerrogativa de encomendar trabalhos e examinar, ler e rever todo o material a ser publicado pela revista, com ou sem a aquiescência do autor, que perdia a propriedade do trabalho desde que o vendesse a um órgão de publicidade. Porém, geralmente era ouvido e aprovava ou não as sugestões, muitas vezes ele mesmo fazendo as modificações necessárias. Era essa técnica, para Coutinho “em certos aspectos apreciável”, que dava identidade às revistas norte-americanas.⁷⁵ De acordo com o autor, essa especificidade da imprensa ianque devia ser verificada pelos brasileiros:

Qualquer revista americana possui uma maneira que lhe é própria, até mesmo um estilo, uma filosofia, ou ao menos, uma atitude geral que a identifica facilmente entre as outras. Isto é uma coisa que precisa ser dita no Brasil, para que se compreenda bem um dos mais típicos hábitos da publicidade americana, inteiramente diverso do sistema em voga no Brasil. É possível referirmo-nos à maneira da *Saturday Evening Post*, que é bem diferente da do *Atlantic Monthly* ou *Harper's Magazine*. Um artigo que estivesse apropriado para uma, não o seria necessariamente para a outra, bem como um conto ou

⁷² “DIA pan-americano – concurso entre alunos”. *A Tarde*, 3 de abril de 1943, p. 3.

⁷³ COUTINHO, Afrânio. “Segredos da vida editorial americana”. *Diário de Notícias*, 22 de março de 1943, p. 7.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

uma reportagem. Cada uma tem a sua orientação que fornece o seu público contra a quebra de linha. Tem também o seu corpo selecionado de colaboradores, já habituado ao seu tom, e pronto para fornecer os trabalhos quando se oferecer oportunidade.⁷⁶

Por fim, Coutinho conclui que o trabalho editorial nos Estados Unidos era uma obra anônima e coletiva, visando apenas dar perfeição e uniformidade às publicações.⁷⁷

Em abril de 1943, o vespertino de Simões Filho publicou um texto assinado por Thales de Azevedo, no qual sustentava que o que se tinha feito “para a compreensão dos Estados Unidos pela nossa gente” era muito pouco, e que “os universitários, os estudiosos de toda ordem” mantinham um contato precário “e de segunda mão com a vibrante atividade norte-americana”. Portanto, era preciso considerar “a conveniência de uma aproximação intelectual com os Estados Unidos”, tendo em vista “o muito que podemos lucrar nesse intercâmbio com a pujante civilização cis-Atlântica do Norte”. No entanto, segundo o autor, os livros e as revistas norte-americanos estavam fora do alcance de nossos intelectuais devido à diferença de valor entre as moedas dos dois países. Para tanto, já se havia aventado a possibilidade de instituir-se uma moeda interamericana destinada ao intercâmbio de livros e periódicos. Além disso, tudo o que as nossas livrarias importavam e expunham à venda eram, para Thales de Azevedo, publicações noticiosas ou sensacionalistas que davam uma imagem completamente deturpada dos Estados Unidos. Nas suas palavras, “isso é de uma gravidade tão grande que custa a crer não tenha sido ainda percebido pelos responsáveis pelas nossas relações”. Inclusive, o autor disse ter sugerido a Afrânio Coutinho, “que foi quem levantou entre nós essa questão das relações espirituais entre o Novo e o Velho Mundo”, que estudasse uma maneira de permitir no Brasil a publicação de revistas norte-americanas. Meses depois, William Berrien teria anotado a sugestão para discuti-la com Afrânio. Desse modo, para Thales de Azevedo, os norte-americanos compreenderiam que às viagens e cursos de aperfeiçoamento oferecidos a intelectuais brasileiros, poderia ser acrescido um plano de difusão das suas melhores revistas de estudos; reciprocamente, haveria uma disseminação, nos Estados Unidos, dos periódicos brasileiros “entre os intelectuais conhecedores do nosso idioma e desejosos de um contato direto com a nossa vida intelectual”.⁷⁸

Em *A Tarde*, foi reproduzido um texto com copyright da Interamericana, assinado pelo escritor e jornalista Luís Martins, defendendo que era comum alguns intelectuais se inspirarem nos exemplos ingleses para aspirar um modelo mais evoluído de civilização. Segundo o autor,

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ AZEVEDO, Thales de. “Relações intelectuais do Brasil com os Estados Unidos”. *A Tarde*, 10 de abril de 1943.

Eça de Queiroz nunca escondeu uma irresistível atração pelos britânicos, tendo sido os heróis de seus romances educados na Inglaterra. Entre os brasileiros, Martins cita Ruy Barbosa e Machado de Assis como admiradores de certos aspectos culturais do país europeu. O autor diz rejeitar o antipatriotismo e a tendência de depreciar os bens nacionais em nome de uma suposta superioridade estrangeira:

Compreendo que com todas as deficiências naturais da nossa jovem civilização, somos um povo que se forma e que experimenta uma nova modalidade de cultura. Com os nossos defeitos, nossas insuficiências, nossos fracassos, nós constituímos uma tentativa inédita de dar à civilização ocidental um novo caráter e uma nova fisionomia. Não temos portanto que nos envergonhar por sermos diferentes dos europeus — pois não somos europeus.⁷⁹

Entretanto, para o autor, era preciso assimilar “dos povos de maior experiência” as suas qualidades e seus bons hábitos: “Sem abdicar de nosso caráter, podemos aprender do estrangeiro muita coisa. E nesse sentido tinha razão Eça de Queiroz, tinham razão Machado de Assis e Ruy Barbosa em apontar a Inglaterra como modelo”. Ultimamente, eram os Estados Unidos o nosso exemplo, sobretudo no setor da técnica, porque eles se achavam “infinitamente melhor aparelhados do que nós”. Afinal, se era “inevitável que em muitas coisas temos que aprender de fora, que aprendamos ao menos de uma nação americana”.

Como apenas “um ou dois países” resistiriam vitoriosamente à guerra, estávamos às vésperas de assistir ao encerramento do ciclo de domínio europeu, precedendo o clímax da cultura americana. Os líderes dessa cultura, segundo o autor, eram, indiscutivelmente, os Estados Unidos: “no momento são eles que marcham à frente de seus companheiros continentais. Mas o Brasil pode e deve esforçar-se para marchar a seu lado, como um dos expoentes da nova civilização que se aproxima.”⁸⁰

Esse texto revela certa preocupação com o recrudescimento de um nacionalismo no Brasil. O autor diz não ser conveniente renegar as características positivas do país, mas admitia que era preciso mirar-se em certos exemplos, o que parecia bastante oportuno porque, diferentemente de outrora, o atual modelo era um país americano. O artigo parece tentar passar a impressão de que o padrão ianque era mais apropriado porque se tratava de uma nação do mesmo continente, “menos estrangeira” do que a Europa. Essa sugestão encontrava respaldo no fato de que o chamado Velho Continente se encontrava em declínio e os Estados Unidos, cada vez mais avançados em termos técnicos e econômicos. Portanto, adotar a civilização norte-

⁷⁹ AZEVEDO, Thales de. “Relações intelectuais do Brasil com os Estados Unidos”. *A Tarde*, 10 de abril de 1943.

⁸⁰ MARTINS, Luís. “Nacionalismo e bom senso”. *A Tarde*, 06 de maio de 1943.

americana como parâmetro de desenvolvimento não devia desagradar completamente os partidários de uma postura mais nacionalista, pois, afinal, tratava-se de um país amigo, ao qual estávamos unidos pelos laços da solidariedade continental.

Em outubro de 1943, *A Tarde* publicou um artigo relacionando as obras de dois poetas que, segundo o texto, aproximavam-se por suas tendências libertárias: o norte-americano Walt Whitman e o baiano Castro Alves. Diz o autor que, naquela “hora sombria do mundo contemporâneo, vultos como os de Whitman e Castro Alves levantam-se como uma torre branca e intemerata mostrando o caminho seguro ao viajor perdido em meio da tormenta.” Após uma longa reflexão estética sobre a obra dos dois autores, o artigo salienta que eles pareciam haver previsto o tumulto daquela época de guerra mundial, e por isso teriam legado, “para nosso consolo e nossa salvação, as suas mensagens de fé no destino último do homem, mensagens que são uma clareira aberta na noite que nos cerca.” Apesar de a todo tempo exaltar a obra de ambos os poetas, o texto é encerrado com uma exaltação a Walt Whitman e o valor que ele atribuía à democracia americana:

Whitman [...] tinha consciência de ser intérprete de seu povo quando nos diz: ‘*I sing America and her athletic Democracy*’ (eu canto a América e a sua Democracia atlética). De fato, entre as várias definições que se lhe ajustam [...], a que melhor lhe cabe é a de cantor, vate ou profeta da Democracia. Diríamos melhor, da democracia americana, que ele também cantou e exaltou nos seus versos de ritmo livre e dissoluto.⁸¹

Segundo Moniz Bandeira, Castro Alves não conhecia Walt Whitman, se inspirando no francês Victor Hugo.⁸² Contudo, a comparação entre o poeta baiano e o norte-americano provavelmente tinha a intenção de sugerir que as ideias democráticas eram inerentes e comuns a ambos os povos.

4.4.1 *Comemoração de datas norte-americanas na Bahia*

A coincidência de datas entre a Independência da Bahia e a dos Estados Unidos, a 2 e 4 de julho, respectivamente, também serviu como um argumento para alegar afinidades entre os povos de ambos os lugares. Foi dessa forma que *A Tarde* anunciou a comemoração dos dois eventos em Salvador, em 1943:

Coincidindo com o término das comemorações do 2 de julho, a grande data norte-americana, o “*Independence Day*”, será festejada amanhã com os mesmos júbilos populares que assinalaram o dia de ontem. As duas datas,

⁸¹ ROLLEMBERG, Manuel. “Walt Whitman e Castro Alves – cantores das Américas.” *A Tarde*, 02 de outubro de 1943, p.6. Não conseguimos informações sobre o autor do texto.

⁸² BANDEIRA, Moniz. Op.cit., p. 207.

aliás, se confundem, pois ambas marcam gloriosas etapas políticas da vida das duas nações irmãs.⁸³

O *Diário da Bahia* também publicou um texto bastante inflamado acerca da Independência norte-americana. Segundo o jornal, o 4 de julho não significava apenas a emancipação nacional da confederação norte-americana, mas seria “o marco fundamental da liberdade de todo o continente americano”.⁸⁴ Logo, não era uma data que dizia respeito somente aos estadunidenses, porque era o símbolo da liberdade americana:

A festa magna do povo ianque tem neste passo da vida universal, expressão maior, mais vívida porque nas suas solenidades ecoa o ruído das armas americanas manejadas em céus, terras e mares para defesa da integridade estadunidense; porque elas têm a vibração de todas as múltiplas fábricas em contínuo trabalhar para a restauração da liberdade na vida mundial, para que a vida americana continue sendo um perene dia de independência.⁸⁵

A Tarde, o *Diário de Notícias* e o *Diário da Bahia* noticiaram os eventos que celebravam as duas datas. Foi marcado um desfile pré-militar, em homenagem ao dia da Independência da América. Depois, partiriam da Praça Dois de Julho bandas de música, contingentes de “batalhões patrióticos” e do povo, levando os carros dos Caboclos até a Lapinha. Percebe-se que a intenção era festejar as duas datas, como se fossem uma só. Entretanto, o 4 de julho mereceria mais comemorações. O Clube Baiano de Tênis planejava um jantar dedicado aos soldados e marinheiros norte-americanos. Além disso, a família Oliveira, proprietária do cinema Jandaia, em colaboração com o Sr. Pritchard Dias, do Comitê Interamericano da Bahia, ofereceria em sua residência uma reunião para a qual estavam convidados famílias baianas e marinheiros da armada norte-americana, presentes na capital.⁸⁶ No bojo dessas celebrações, *A Tarde* também publicou um texto do norte-americano Richard Lewinson, com copyright da Interamericana, explicando aos leitores baianos como ocorreu a independência dos Estados Unidos.⁸⁷

⁸³ “O DIA da Independência dos Estados Unidos – será festivo e comemorado com uma parada e desfile amanhã, nesta capital”. *A Tarde*, 03 de julho de 1943, p. 2.

⁸⁴ “OS ESTADOS Unidos festejam, hoje, o dia da independência – as comemorações nesta capital”. *Diário da Bahia*, 04 de julho de 1943, p. 3.

⁸⁵ *Idem*.

⁸⁶ “O DIA da Independência dos Estados Unidos – será festivo e comemorado com uma parada e desfile amanhã, nesta capital”. *A Tarde*, 03 de julho de 1943, p. 2; “OS ESTADOS Unidos festejam, hoje, o dia da independência – as comemorações nesta capital”. *Diário da Bahia*, 04 de julho de 1943, p. 3.

⁸⁷ “ASSIM nasceu a declaração da independência: os três grandes documentos da democracia”. *A Tarde*, 03 de julho de 1943.

Segundo o *Diário de Notícias*, todas as emissoras norte-americanas dedicariam seus programas às comemorações do *Independence Day*, bem como as emissoras do Brasil e “dos países irmãos do continente, ocupar-se-ão desta data, de uma profunda significação para as Américas e para o mundo”. Além disso, dentre as manifestações a serem realizadas, haveria aquela promovida pelo Círculo Militar da Guarnição do Salvador, sob a direção do general Dermeval Peixoto. Seria uma recepção aos oficiais norte-americanos, como forma de homenagear as forças militares daquele país. Diz o jornal que isso demonstrava “claramente, os laços de amizade e simpatia que unem os soldados do Brasil e os soldados dos Estados Unidos, todos eles empenhados numa luta comum, contra um inimigo comum, pela liberdade e pela democracia”.⁸⁸

O *Diário da Bahia* divulgou que um representante seu estivera no Consulado Americano para levar seus cumprimentos ao Sr. Jay Walker, cônsul dos Estados Unidos, pela passagem da data especial.⁸⁹ O tom dado ao encontro é extremamente elogioso com o funcionário do governo norte-americano:

Mr. Jay Walker já se encontra radicado na sociedade baiana, não só pelos seus dotes de cavalheirismo, como, igualmente, por ser um sincero amigo da nossa terra. Essa amizade, que nos honra sobremodo, ele deixou transparecer no decorrer de sua conversação conosco. As suas expressões muito nos desvaneceram. Nesta fase de guerra, quando o Brasil e os Estados Unidos estreitam uma colaboração mútua e desinteressada, mais do que em qualquer época, sentimo-nos orgulhosos em cooperar com a grande nação do norte. As duas pátrias se irmanam no desejo comum de alcançar o mesmo objetivo: a vitória dos seus princípios de civilização, de solidariedade humana, de compreensão do bem.⁹⁰

O cônsul também deixou seu recado aos baianos:

Comemorando o dia da Independência dos Estados Unidos, a colônia americana neste Estado deseja expressar aos baianos amigos, os mais calorosos agradecimentos pela grande e verdadeira amizade e espontânea camaradagem existentes, agora e sempre pelo ideal de Liberdade que nos levará à vitória final.⁹¹

Nessa mesma edição, o *Diário da Bahia* publicou uma entrevista que procurava mostrar uma imagem dos soldados norte-americanos como bastante dedicados à política de boa

⁸⁸ “O DIA da Independência norte-americana – comemorações, na Bahia, do Independence Day”. *Diário de Notícias*, 04 de julho de 1943, p. 3.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ “VERDADEIRA amizade e espontânea camaradagem – palavras do cônsul americano, na Bahia, sobre a grande data de hoje”. *Diário da Bahia*, 04 de julho de 1943, p. 3.

vizinhança. A matéria era com um jovem marujo norte-americano, sobre o Independence Day.⁹² De acordo com a folha, John De Sanctis estava há alguns meses servindo na Bahia, apreciando as “cousas de nossa terra e de nossa gente”. Além disso, empregava seu tempo “em tudo quanto possa ser útil a si próprio e às relações de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos”. Por conta disso, procurava aprender o português e ensinava o inglês. Segundo a matéria, o repórter do *Diário da Bahia* fora convidado a assistir a uma aula do marujo, que providencialmente falou sobre as comemorações da Independência dos Estados Unidos, lembrando que a guerra impossibilitou os festejos tradicionalmente realizados na data, pois a prioridade era derrotar o inimigo. Sobre o Brasil, De Sanctis teria dito que era um país “de gente boa, que sabe cativar”. Como era o seu primeiro aniversário de ingresso na Marinha dos Estados Unidos, um de seus amigos na Bahia lhe ofereceu um presente, ao que John agradeceu dizendo apenas “viva a América, viva o Brasil!”.⁹³

O *Diário da Bahia* também estampou em suas páginas dois textos dedicados a discorrer sobre a importância da data de 4 de julho, ambos com títulos em inglês. Um deles era assinado por L. Ferreira Reis, membro da Associação Cultural Brasil – Estados Unidos. Intitulado “*Fourth of July*”, dizia o artigo que, assim como a queda da Bastilha marcara o fim do regime feudal, a independência norte-americana inaugurara “a era da democracia que se instalava em terras virgens onde jamais existira a opressão medieval”.⁹⁴ O espírito democrático de George Washington inspirara os proclamadores das repúblicas norte-americanas, como Pedro I no Brasil e Simon Bolívar nos países vizinhos. E não por acaso, essas nações tornaram-se “grandes Estados, afirmando-se pelo progresso das cidades, pela inteligência dos seus filhos e pela bravura dos seus soldados na defesa da soberania nacional.”⁹⁵ Expunha, dessa maneira, que as boas qualidades dos países americanos eram herdadas dos Estados Unidos, que, segundo o texto, foram a ponta de lança do sentimento democrático no continente.

No outro texto publicado nessa mesma edição do *Diário da Bahia*, em homenagem à data estadunidense, seu autor, Fernando Hupsel de Oliveira, afirmava que a ocasião não era somente ianque, mas de todo o continente, pois se comemorava o desenvolvimento de uma nação cujo progresso e grandeza não seriam atingidos por qualquer outro país, no mesmo

⁹² O “INDEPENDENCE Day” é um símbolo da liberdade do continente. *Diário da Bahia*, 04 de julho de 1943.

⁹³ Idem.

⁹⁴ REIS, L. Ferreira. “Fourth of July”. *Diário da Bahia*, 04 de julho de 1943.

⁹⁵ Idem.

período de tempo.⁹⁶ Segue então uma romantizada narrativa a respeito da participação norte-americana na guerra:

Em todas as frentes, onde há luta, tremula orgulhosa a bandeira das quarenta e oito estrelas. Soldados, marinheiros e aviadores de Tio Sam escrevem, hoje, páginas épicas de bravura e heroísmo. A guerra no Pacífico tem sido uma campanha, sem precedentes, de denodo e sacrifício. Na África, a guerra contra o eixo, foi uma repetição de expressivos triunfos, um legítimo cartel de glórias. Pilotos americanos têm ferido, com as suas bombas, o coração do Reich. Eles estão ajudando — ajudaram muito — a exterminar a praga do nazismo da face da terra. Em todas as partes, onde se luta pelos ideais da justiça e do bem, forças dos Estados Unidos estão presentes. Tudo isso vale lembrar, hoje, para não ser esquecido amanhã.⁹⁷

O autor também reforça a ideia de que os Estados Unidos eram um farol a guiar a América:

Mais do que uma potência de primeira grandeza, entretanto, os Estados Unidos constituem um centro de irradiação de cultura, uma colmeia maravilhosa de trabalho organizado, uma fonte profícua de solidariedade humana. Para os outros povos da América, que se emanciparam depois deles e o seu exemplo, a existência dos Estados Unidos é mais que o orgulho de todos, porque representa a garantia de uma tranquilizadora solidariedade e de um benéfico espírito de cooperação. Este sentido nobre da sua política mais se aprimorou ainda nos últimos tempos, sob a inspiração desse nobre estadista que é o presidente Franklin Roosevelt, patrono da política de boa vizinhança, que é o fator principal da unidade moral do Continente, da boa compreensão comum dos seus problemas e do fecundo entendimento das suas relações e interesses. À grande nação, orgulho do mundo civilizado, glória de toda a América, os brasileiros saúdam no dia histórico da sua independência.⁹⁸

O Imparcial foi outro periódico que rendeu homenagens aos Estados Unidos quando do aniversário de sua independência. Segundo o jornal, depois de independente, o país realizou “um exemplo de progresso, de grandeza, de democracia”. Naquele momento em que o mundo se via ameaçado pela agressão nazista, a nação norte-americana se mostrara amiga “dos povos livres e daqueles que caíram sob o jugo hitlerista”. Após o ataque japonês, depois do qual a América entrou na guerra, o Brasil compunha o bloco democrático, marchando “a lado com os Estados Unidos” para um mundo livre. O jornal manifesta todo o seu apoio a Roosevelt e saúda “o nosso grande aliado do norte, ao qual nos ligam todos os laços de solidariedade e de amizade.”⁹⁹

⁹⁶ OLIVEIRA, Fernando Hupsel de. “Independence Day”. *Diário da Bahia*, 04 de julho de 1943, p. 4.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ “HOJE, como ontem, os Estados Unidos lutam pela democracia”. *O Imparcial*, 04 de julho de 1943.

Nos dois anos seguintes, as comemorações da Independência dos Estados Unidos foram repetidas e novamente noticiadas pelos jornais editados em Salvador. Em 1944, depois de uma pequena introdução versando sobre a história da emancipação norte-americana, *A Tarde* anunciou, “no transcurso da grande data dos Estados Unidos e de toda a América”, um encontro, no consulado dos Estados Unidos, entre o representante do interventor federal, o comandante da 6ª Região, Dermeval Peixoto, o diretor da DEIP, entre outras autoridades locais, mais os cônsules da Inglaterra, Argentina, Portugal, Peru e Bélgica. O Sr. George Philips, vice-cônsul, falou sobre o significado da data, naquele contexto de luta contra o totalitarismo, seguido de brindes em honra do povo estadunidense e dos presidentes Vargas e Roosevelt. O periódico também conferiu publicidade à sessão solene da Associação dos Estudantes Secundários (AESB), com a inauguração de um retrato de George Washington e um discurso do vice-cônsul norte-americano. Além disso, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos promoveria um concerto com a participação de músicos brasileiros e um tenor estadunidense. No Círculo Militar, o general Dermeval Peixoto ofereceria uma festa dançante, que significaria “o regozijo dos meios militares pelo transcurso da data”. Por fim, o Comitê de Coordenação na Bahia exibiria três filmes na Praça da Sé.¹⁰⁰ Dessa forma, pelo que se nota no jornal, havia uma intensa mobilização, em vários meios sociais, pela comemoração do *Independence Day*, desde os ambientes militares e diplomáticos, até as camadas populares, que a filial do OCIAA no estado buscava atrair por meio da apresentação cinematográfica.

O Imparcial conferiu publicidade ao evento comemorativo da Associação Brasil – Estados Unidos, além de apresentar um resumo histórico do processo de independência norte-americano, encerrando com ovações à nação:

Grande povo, enquanto ele existir, a humanidade há de ter assegurado o respeito à civilização e impossibilitados estarão todos os déspotas de expandir, pelo mundo, os princípios escravagistas. A data de hoje, o chamado Independence Day, por isso mesmo, desperta em todos os corações democratas entusiasmo e admiração. Nem lhe falta, para exaltar essa invencível liberdade, o gênio e o pulso de um Roosevelt, o George Washington da atualidade. Nós brasileiros, vizinhos e amigos dos americanos, hoje que de perto os conhecemos e queremos, lhes apertamos, efusivamente, as mãos, na gloriosa efeméride de 4 de julho, dizendo-lhes o “Deus salve a América!”¹⁰¹

Nesse mesmo contexto, *A Tarde* publicou um texto assinado por um certo Charles Burns, versando sobre as possíveis comunicações entre o Brasil e os Estados Unidos, quando

¹⁰⁰ “DATA dos Estados Unidos e de toda a América também”. *A Tarde*, 04 de julho de 1944, p. 2.

¹⁰¹ “DEUS salve a América” – quatro de julho, dia da independência dos Estados Unidos – as comemorações nesta capital.” *O Imparcial*, 04 de julho de 1944, p. 2.

da independência deste país. O autor menciona correspondências entre autoridades portuguesas como provas de que os lusitanos não desejavam que entrassem no Brasil notícias sobre a independência norte-americana. Além disso, Burns cita o escritor inglês Robert Southey, que associava a Inconfidência Mineira à emancipação estadunidense:

Estes acontecimentos em Mato Grosso e Goiás ocorreram durante o vice-reinado de Luiz de Vasconcelos e Souza que sucedeu ao Marquês de Lavradio em 1778, e governou dez anos. O governo de seu antecessor, o Conde de Rezende, D. José de Castro, se fez memorável pela primeira aparição dos princípios e prática revolucionárias no Brasil, que teve lugar em Minas Gerais. Um oficial de cavalaria desta província, inflamado com o exemplo dos Estados Unidos, julgou ser fácil aos seus compatriotas derrubar a autoridade da mãe pátria, e estabelecer uma república independente. Não atendendo à diferença dos americanos e brasileiros em todas as suas circunstâncias, hábitos, instituições e sentimentos hereditários, costumava dizer que — as nações estrangeiras se maravilhavam da paciência do Brasil em não fazer o que a América Inglesa havia feito.¹⁰²

Dessa forma, Charles Burns afirma que os Estados Unidos exerceram forte influência sobre o Brasil, chegando a este país, por muitas fontes, “a notícia de que existia então no Norte uma nação sem Rei — uma república.” O autor conta também sobre a existência, na Biblioteca Pública de Florianópolis, de um livro publicado em Genebra, na Suíça, de 1778, contendo informações diversas relacionadas à Independência norte-americana, como as constituições de alguns estados e informações sobre as novas formas de administração. Para o autor, “nesse livro se concretiza uma das primeiras vinculações da amizade de mais de três séculos, existente entre os Estados Unidos e o Brasil”.¹⁰³ Portanto, o texto procura convencer os leitores de que a influência norte-americana sobre o Brasil antecedia muito o período da Segunda Guerra Mundial, remontando ao século XVIII, quando da Independência do país ianque. Buscava-se, então, conferir legitimidade histórica a uma “amizade” interamericana que durava mais de trezentos anos.

Em 1945, os jornais *A Tarde*, *Diário de Notícias* e *O Imparcial* anunciaram as atividades comemorativas do 4 de julho, realizadas por várias entidades em Salvador. O Consulado dos Estados Unidos promoveu uma recepção, com a participação de membros da colônia estadunidenses, jornalistas e autoridades como o general Cândido Caldas, o prefeito Aristides Milton e Maswell Lahen, encarregado dos assuntos navais norte-americanos.¹⁰⁴ A Associação

¹⁰² BURNS, Charles. “Repercussões da independência americana no Brasil”. *A Tarde*, 04 de julho de 1944.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ “A DATA da independência dos Estados Unidos – recepção no consulado americano e outros atos comemorativos”. *A Tarde*, 04 de julho de 1945, p. 2.

Cultural Brasil – Estados Unidos e a União dos Estudantes da Bahia organizaram um festival de música e a Associação dos Estudantes Secundaristas da Bahia havia marcado a inauguração de um retrato do presidente Franklin Roosevelt, falecido há três meses.¹⁰⁵ Além de noticiar essas atividades, *O Imparcial* reforça que se tratava de uma data de grande significação “na história, não só desse grande país, como de todos os povos que amam a liberdade e se batem por ela”. Também acrescenta, numa mistura insólita do português com o inglês, que o “*Comitê de Coordinator of Inter American Affairs*” ofereceu aos chamados “amigos da América” três vitrines com motivos relacionados à data norte-americana, nas casas Suerdieck e Cia, no Comércio, Casas Slopár, na Rua Chile e outra na Avenida Sete.¹⁰⁶ O erro no nome do OCIAA provavelmente foi um deslize do digitador, mas se pode supor que ele também estivesse imbuído pela atmosfera de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos, a ponto de misturar as línguas dos dois países.

Outra data, a do aniversário de descobrimento da América, foi usada como mais um ensejo para promover a suposta amizade entre baianos e ianques. A fim de celebrar a ocasião, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos anunciou um concerto de gala, no qual se apresentariam apenas compositores estadunidenses e brasileiros. Segundo *A Tarde*, a iniciativa era “original e empolgante no momento atual, destacando assim, de uma maneira inédita, a grande aproximação entre as duas grandes nações amigas”.¹⁰⁷ A fraternidade de ambos os povos ficava então expressa pela união de suas músicas.

A Associação Cultural Brasil – Estados Unidos festejou mais uma data típica da tradição estadunidense. Em 1944, a entidade comemorou o *Thanksgiving*, ou Dia de Ação de Graças. Como o feriado não tem nenhum paralelo na cultura brasileira, o jornal *A Tarde* explicou do que se tratava a celebração especial:

O “Dia das Graças” é uma tradicional festividade que nos Estados Unidos data de 1620, tendo sido iniciada na colônia Massachusetts com os primeiros colonizadores dessa região. Assim é que, após um inverno de grandes atribulações — de muitas mortes e grandes sofrimentos — ainda sobreviveu gente cuja resistência pôde vencer todas as intempéries e lutas e que achou, por isso mesmo, de dever, dar graças ao senhor por ter sido preservada das passadas aflições. O governador dessa colônia, posteriormente, decretou que

¹⁰⁵ “INDEPENDENCE Day” — As comemorações nesta capital, no dia da Independência norte-americana”. *Diário de Notícias*, 04 de julho de 1945, p. 3.

¹⁰⁶ “FESTIVAMENTE comemorado na Bahia o Independence Day”. *O Imparcial*, 05 de julho de 1945.

¹⁰⁷ “ASSOCIAÇÃO Cultural Brasil - Estados Unidos – concerto de gala no Dia da América”. *A Tarde*, 02 de outubro de 1943.

anualmente de fizesses essa comemoração o que vem sendo observado até os nossos dias [...]¹⁰⁸

Por conta disso, a Associação cultural Brasil – Estados Unidos comemorava o *Thanksgiving Day* com uma festa em homenagem às marinhas brasileira e norte-americana.¹⁰⁹

4.4.2 A música

A música norte-americana também foi apontada como um parâmetro a ser adotado pelos brasileiros. Em agosto de 1944, *A Tarde* reproduziu um texto assinado pela escritora e pesquisadora de música Carlota Xavier, em que se remetia à conferência do Sr. William Rex Crawford, na embaixada cultural dos Estados Unidos, no Rio de Janeiro.¹¹⁰ Segundo a autora, Crawford se expressou perfeitamente em língua portuguesa, revelando que, embora a preferência dos norte-americanos fosse pela música dos séculos anteriores, os compositores atuais vinham alcançando destaque. A discoteca e o rádio desempenhavam um importante papel na cultura musical, através dos quais se escutava concertos de Beethoven, Chopin, entre outros. Havia programas destinados a apresentar a música aos que ainda não a conheciam. De acordo com a autora:

Entre eles existe o programa intitulado “Então, você pensa que sabe música?”. Este foi inventado para a milésima parte do povo norte-americano que desconhece música. Ele tem por fim despertar nessa parte ínfima dos ignorantes musicais, o sentimento verdadeiro da arte, aliás, o número é ínfimo. O Sr. Crawford afirmou, na sua interessante palestra, que ela se compõe quase tão somente de estudantes de outros países que para lá se transferem, pois a fração de americanos é bem diminuta.¹¹¹

Nota-se aqui a preocupação da autora em destacar o quanto era baixa a quantidade de estadunidenses que desconheciam música, reduzindo-se ainda mais por meio dos programas de rádios voltados para esse fim. Ela afirma, inclusive, que essas atrações radiofônicas contemplavam em maior parte os estudantes estrangeiros, certamente carentes de uma cultura que, como a norte-americana, valorizava a educação musical.

Segundo Carlota Xavier, a música se fazia presente nos lares estadunidenses, por meio da vitrola elétrica, para os mais abastados, e à manivela, para os mais pobres. Havia os colecionadores, que organizavam sessões de audição de compositores nacionais e estrangeiros.

¹⁰⁸ “O THANKSGIVING Day – Velha tradição norte-americana será festejada na Bahia”. *A Tarde*, 30 de novembro de 1944, p. 2.

¹⁰⁹ “O THANKSGIVING Day – Velha tradição norte-americana será festejada na Bahia”. *A Tarde*, 30 de novembro de 1944, p. 2.

¹¹⁰XAVIER, Carlota. “Música – arte superior nos Estados Unidos”. *A Tarde*, 26 de agosto de 1944.

¹¹¹ Idem.

Existiam até concursos para escolher quem tinha a discoteca mais organizada. Além disso, a crítica especializada realizava um estudo minucioso dos discos que eram lançados, contribuindo para o gosto dos colecionadores. Ainda remetendo à palestra do Sr. Crawford, Carlota Xavier lembrava que havia, nos Estados Unidos, 16 orquestras com orçamento superior a cem mil dólares, deixando a autora embasbacada:

O engrandecimento musical nos Estados Unidos é simplesmente fantástico, imagine-se que em Michigan, numa cidadezinha de apenas 150000 habitantes, existem dezoito orquestras sinfônicas, onde tomam parte alunos de escolas primárias!¹¹²

Assim, a autora conclui o texto dizendo expressamente que se deveria seguir o exemplo norte-americano: “É simplesmente invejável o movimento musical na América do Norte e seria belo imitarmos, na Bahia, (de modo relativo) os moldes de propagação e elevação da Arte Musical.”¹¹³

Moniz Bandeira argumenta que o jazz foi introduzido na sociedade brasileira através do gramofone e do rádio, bem como o charleston passara a integrar o repertório nos bailes, ao lado do tango, ocupando o espaço da quadrilha e da valsa vienense.¹¹⁴ Estabelecimentos comerciais também queriam aproveitar o contexto de aproximação entre a Bahia e os Estados Unidos para atrair clientela. Em agosto de 1943, *O Imparcial* publicou o anúncio de um certo Restaurante Pan-Americano, que prometia juntar “o prazer de um bom jantar ao de ouvir uma boa música”. Estava prevista a estreia do “magnífico jazz Almirante Jonas”, com um repertório de rumbas, *foxes* e *swings* (Figura 4.1).¹¹⁵

Conforme já foi adiantado no capítulo 3, a música brasileira também encontrou significativa popularidade nos Estados Unidos, através de Carmem Miranda, que levou para o exterior as composições de Dorival Caymmi e Ary Barroso. Isso viabilizou a realização de acordos entre os músicos brasileiros e norte-americanos. Em junho de 1945, *O Imparcial* noticiou o que seria a confirmação do “crescente sucesso da música popular brasileira nos Estados Unidos”: o contrato entre a União Brasileira de Compositores e a Sociedade Americana de Compositores, Autores e Empresários, firmado em Nova York. A matéria explica que esse contrato previa, por três anos, a “garantia mínima para a música brasileira de sete mil e

¹¹² XAVIER, Carlota. “Música – arte superior nos Estados Unidos”. *A Tarde*, 26 de agosto de 1944.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ BANDEIRA, Moniz. *Op.cit.*, p. 208.

¹¹⁵ “RESTAURANTE Pan-Americano”. *O Imparcial*, 27 de agosto de 1943.

quinhentos dólares anuais, somente na parte dos direitos de execução pública em rádio, cabaré, etc., sem contar os direitos de inclusão em discos e impressão em partituras.”¹¹⁶

4.3.3 As artes plásticas

O OCIAA promoveu o intercâmbio cultural por meio de acordos com instituições como o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), que, assim como o *Office*, era dirigido por Nelson Rockefeller. Segundo Ana Maria Mauad, eram realizados incentivos como “bolsas de estudo para artistas latino-americanos irem aos Estados Unidos estudar, exposições arqueológicas, de pintura moderna, de arquitetura, além dos festivais de música latino-americana, todos realizados dentro do MoMA”.¹¹⁷ Para a autora, priorizava-se nas salas do MoMA a exposição de “um Brasil culto e moderno, em consonância com os projetos das frações da classe dominante, detentoras do poder político e econômico.”¹¹⁸ Assim, a fotografia e a pintura de artistas como Cândido Portinari representavam uma imagem do Brasil até então desconhecida pelos norte-americanos, exposta no MOMA.¹¹⁹

No que dependia do Comitê de Coordenação local, além da música, os baianos apreciariam também os cartazes produzidos para um concurso realizado pelo *Museum of Modern Art* de Nova York, através de um livreto intitulado *Um Hemisfério Unido*, distribuído pela filial do OCIAA na cidade. Segundo o jornal *A Tarde*, participaram do certame cidadãos de todos os países do continente americano, todos eles expressando “o nosso sentimento de união que domina o nosso hemisfério e o espírito de defesa comum contra qualquer agressão”.¹²⁰

Segundo *O Imparcial*, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos anunciava a abertura do 1º salão de arte da série de exposições de arte americana que seriam realizadas dali por diante. A primeira mostra seria exclusivamente de artistas baianos; as subsequentes incluiriam os demais países americanos, inclusive os Estados Unidos. De acordo com o jornal,

¹¹⁶ “CONFIRMANDO o sucesso da música brasileira nos EEUU”. *O Imparcial*, 13 de junho de 1945.

¹¹⁷ MAUAD, Ana Maria. “Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942).” *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n° 49, p. 43-75 – 2005, p. 6.

<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a04v2549.pdf>. Acessado em 27 de maio de 2018.

¹¹⁸ Id., *ibid.*, p. 6.

¹¹⁹ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 106.

¹²⁰ “UM HEMISFÉRIO unido” – o concurso de cartazes de *Museum of Modern Age*”. *A Tarde*, 18 de maio de 1944.

“sobre isto já foi feito um pedido através da Embaixada norte-americana, no sentido de trazer aqui as obras mais expressivas dos artistas daquele país”.¹²¹

Já em maio de 1945, o *Diário de Notícias* anunciou a inauguração de uma galeria de arte norte-americana, na sede da Associação Cultural Brasil – Estados Unidos, com organização do Comitê de Coordenação na Bahia. De acordo com o periódico, a galeria foi preparada pela seção de artes dos escritórios do Coordenador de Negócios Interamericanos e era “mais uma oportunidade que dá o governo estadunidense ao povo da Bahia para apreciar a sua arte, em todos os aspectos”. A exposição era dividida em três séries: “O Homem e a Terra”— “uma coleção de fotografias raras e artísticas, preparada pelo *Art. Project of the Office of the Coordinator of Inter American Affairs*”; “Arte para o Povo” — “o desenvolvimento da arte para o povo dos Estados Unidos mostra-nos como se transforma de uma tradição aristocrática européia numa tradição puramente democrática”; e “Para um Mundo Novo” — “a história da arte americana nos seus primeiros passos, sob a influência climática, e do temperamento puramente americano”.¹²²

Além disso, segundo o jornal *Diário de Notícias*, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos inaugurou uma exposição de desenhos de crianças baianas e norte-americanas. De acordo com o periódico, meninos estadunidenses de diversas partes do país fizeram os trabalhos, representando diversos aspectos da cultura ianque. Já os desenhos das crianças baianas foram escolhidos num concurso em todas as escolas primárias de Salvador.¹²³

4.4.4 Cinema - O Pato Donald na Bahia

Segundo Antônio Pedro Tota, o cinema foi o canal mais utilizado para divulgar o *American way of life*, “americanizando, primeiro os Estados Unidos, depois o resto da América”.¹²⁴ Antes da criação do OCIAA, já havia um intercâmbio cultural entre os Estados Unidos e o Brasil. Oficialmente, essa política de aproximação era coordenada pela Divisão Cultural do Departamento de Estado. No plano da iniciativa privada, isso foi feito pelos grandes estúdios cinematográficos.¹²⁵ Com a guerra, os filmes alemães já não alcançavam o nosso continente, devido ao bloqueio britânico. Em resultado disso, o cinema norte-americano ficou

¹²¹“O 1º Salão de Arte Americana – A iniciativa da Associação Cultural Brasil – Estados Unidos.” *O Imparcial*, 02 de novembro de 1944.

¹²² “UMA GALERIA de arte dos Estados Unidos – inaugurado, ontem, na Associação Cultural Brasil – Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 13 de maio de 1945, p. 3.

¹²³ “DESENHOS de crianças baianas e ianques – inaugurada a interessante exposição, na A. Cultural Brasil – Estados Unidos”. *Diário de Notícias*, 06 de julho de 1945.

¹²⁴ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 21.

¹²⁵ Id., *ibid.*, p. 130.

livre de concorrência, levando o OCIAA a buscar consolidar o papel dos meios audiovisuais enquanto canais de propagação da causa aliada.¹²⁶

Num artigo publicado em *O Imparcial* em maio de 1942, o romancista paraense Dalcídio Jurandir admite que o cinema norte-americano passara a ter objetivos condizentes com o contexto histórico.¹²⁷ Para o autor, a chamada sétima arte não deveria apenas divertir, mas educar o público ideologicamente:

O cinema é o instrumento vital para a grande campanha histórica da democracia em luta com o Eixo. Sua posição é a de uma permanente e lúcida acusação aos processos de cinismo e ferocidade que o nipo-nazifascismo vem usando para massacrar os povos e aniquilar as conquistas da nossa civilização.¹²⁸

Para o autor, o cinema era o meio mais adequado para orientar o público sobre os inimigos contra os quais era necessário lutar:

O povo quer saber, de verdade, o que é a essência do fascismo, quais as causas que o produziram. O cinema pelas suas qualidades de comunicação e de sentido realmente popular é a arte preferida para ir até o coração e a consciência dos povos e a explicar quem é Hitler, quem é Mussolini.¹²⁹

De fato, dentre os inúmeros filmes anunciados pelos jornais de Salvador, é possível encontrar propagandas de películas explicitamente voltadas para o antifascismo, como é o caso de *Os Filhos de Hitler*, nas páginas de *A Tarde* numa edição de julho de 1943 (Figura 4.2), e de *Essa terra é minha*, também no vespertino mencionado, em dezembro do mesmo ano (Figura 4.3).

Nesse período, houve uma intensa produção cinematográfica retratando o modo de vida norte-americano, com dramas e histórias de amor interpretados por artistas mundialmente famosos, cujas vidas e carreiras eram exploradas pela mídia da época.¹³⁰ Dentre as temáticas mais abordadas pelo cinema norte-americano, podemos citar “noções de justiça, do valor do

¹²⁶ Id., *ibid.*, p. 62.

¹²⁷ Segundo o site da Enciclopédia Itaú Cultural, Dalcídio Jurandir era um romancista, jornalista e professor, nascido no Pará: “Comunista declarado, participante ativo da Aliança Libertadora Nacional - ALN, na década de 1930, enfrenta perseguições políticas, é preso duas vezes. (...) Em 1952, viaja para a União Soviética e, apresentado e promovido pelo romancista Jorge Amado (1912 - 2001), tem uma de suas obras traduzidas para o russo. (...) Embora citado entre autores de tendência regionalista, essa é certamente uma das características de sua obra, focada na Região Norte do Brasil, Dalcídio se destaca pela complexa construção interior de seus personagens, individualizando a trama e valorizando as transformações pessoais em seus romances.” <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19092/dalcidio-jurandir>. Acessado em 09 de setembro de 2018.

¹²⁸ JURANDIR, Dalcídio. “Um filme e a emboscada fascista.” *O Imparcial*, 20 de maio de 1942.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ MENEGUELLO, Cristina. *Poeira nas estrelas: o cinema Hollywoodiano na mídia brasileira nas décadas de 40 e 50*. Campinas: Unicamp, 1996, pp. 12-3.

esforço e da determinação e do papel social da mulher”.¹³¹ Mostrava-se também que os valores da liberdade e da democracia eram extremamente caros ao povo norte-americano, “sendo a guerra e a ameaça do nazismo considerados como impulsos à preservação desse estilo de vida.”¹³² Porém, é preciso destacar que esses valores não estavam apenas nos filmes, mas em diversos canais midiáticos, como jornais e revistas. Segundo Cristina Meneguello,

O *american way of life* é assim uma composição que atua de maneiras diversas, seja nos Estados unidos ou nos países latinos. Evitando-se assim a noção de negatividade que informa a penetração de valores estrangeiros, abre-se espaço para a circulação de um falar, de um agir, enfim, a construção de uma positividade – o discurso entendido enquanto prática que efetivamente produz os sujeitos do cinema. Os temas comumente associados aos americanos, como o ideal democrático, o esforço e o otimismo não apenas embasam grande parte da cinematografia hollywoodiana como transformam-se em valores morais fortes, indicativos de uma sociedade desejável.¹³³

Ana Maria Mauad ressalta a eficiência do cinema como um dos canais através dos quais se reforçou a ideia de que “o que é bom para os EUA é bom para o Brasil”.¹³⁴ A divisão de cinema do *Office* era coordenada pelo milionário John Hay Whitney, amigo de Nelson Rockefeller. Whitney era um produtor de sucesso, tendo no currículo filmes como *E o vento levou*. A parceria com Rockefeller foi bem-sucedida, como demonstra a conquista da adesão de Walt Disney e Carmem Miranda à causa aliada, resultando na produção de películas que buscavam promover uma ideia de integração pan-americana.¹³⁵

Ainda segundo a autora, “todos os estereótipos e clichês empregados por Hollywood para figurar seus Outros foram resultado de um constante diálogo entre os três principais agentes da política da boa vizinhança.”¹³⁶ O primeiro deles seriam os grandes estúdios de Hollywood, trabalhando em conjunto com o segundo agente, as agências governamentais norte-americanas. Estas buscavam se adequar às diretrizes da política internacional, dentre as quais é possível citar:

A PCA (*Production Code Administration*) sob a direção de Addison Durland, responsável por censurar aspectos que depreciassem a América Latina, garantindo um padrão de representação social adequado às diretrizes da política da boa vizinhança implementada pelo *Office of the Coordinator of Interamerican Affairs* (OCIAA). Para tanto contavam com assessoria de diplomatas e jornalistas brasileiros sediados nos EUA, bem como o

¹³¹ Id., *ibid.*, p. 69.

¹³² Id., *ibid.*, p. 73.

¹³³ Id., *ibid.*, p. 79.

¹³⁴ MAUAD, Ana Maria. “As três Américas...”, *op. cit.*, p.3.

¹³⁵ Id., *ibid.*, p.3.

¹³⁶ Id., *ibid.*, p. 13.

aconselhamento da editoria da Revista NATIONAL GEOGRAPHIC. Todo voltados para compor uma imagem o mais fiel possível da América Latina.¹³⁷

O último elemento a ser destacado são as classes dominantes latino-americanas, que haviam elaborado um projeto político visando escamotear o passado escravocrata e se enquadrar no conjunto das nações modernas. Para tanto, era preciso redefinir “os símbolos de sua cultura política, associando ao nacional o elemento popular, embranquecido pelos refletores da internacionalização cultural, e definindo seu alinhamento pela democracia liberal.”¹³⁸

A ligação entre o OCIAA e os industriais de Hollywood era feita através da *Motion Picture for the America* (MPSA), uma corporação com sede na Califórnia. Segundo Érica Monteiro, o governo norte-americano buscava, com a MPSA, “apaziguar antigas desavenças surgidas entre o governo e a indústria cinematográfica, sobretudo em relação aos monopólios, e, ao mesmo tempo, esperava seduzir mais membros desse ramo para trabalharem em prol da boa vizinhança.”¹³⁹ A MPSA nomeou um comitê, *Studio Foreign Managers Committee* (Comitê de Gestores Estrangeiros dos Estúdios), que incluía representantes de grandes estúdios, como a Paramount, a Universal, a Warner Bros., 20th Century Fox, RKO, entre outros. Nas reuniões semanais desse comitê, se debatiam questões acerca da América Latina, “além das referentes às produções individuais dos estúdios, o que permitia que os seus membros, ao regressarem aos seus locais de trabalho, sugerissem ideias para as histórias, antes de os estúdios iniciarem suas produções.”¹⁴⁰

Era fundamental conquistar os públicos brasileiro e estadunidense para o sucesso na tentativa de angariar adesões ao esforço de guerra. Com esse objetivo, o *Office* coordenou a produção de diversos “curtas educacionais e filmes de propaganda a serem distribuídos por todo o hemisfério.”¹⁴¹

Alexandre Busko Valim classifica essas películas em três blocos. Um deles tinha como alvo os espectadores estadunidenses. Tratavam-se de filmes focados nas aproximações e distanciamentos entre os Estados Unidos e os países latino-americanos, valorizando “aspectos como modernidade, urbanização e industrialização; sinônimos do progresso das nações latino-

¹³⁷ Id., *ibid.*, p. 13.

¹³⁸ Id., *ibid.*, p. 13.

¹³⁹ MONTEIRO, Érica Gomes Daniel. “Diplomacia Hollywoodiana: Estado, indústria cinematográfica e as relações interamericanas durante a II Guerra Mundial”. *História Social*, UNICAMP, Campinas, n. 20, 2011, p. 48. <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/417/471>. Acessado em 29 de maio de 2018.

¹⁴⁰ Id., *ibid.*, p. 57.

¹⁴¹ VALIM, Alexandre Busko. “Cinema, propaganda e integração hemisférica: os filmes do *Office of Interamerican Affairs*.” Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011, p. 6. http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300845758_ARQUIVO_anpuh2011.pdf. Acessado em 29 de maio de 2018.

americanas, o que as aproximariam dos EUA, justificando os esforços do governo estadunidense para construir as bases de uma proteção pan-americana”.¹⁴²

Outro bloco de filmes aborda os problemas de saúde pública no Brasil, motivados pelo receio de que prováveis doenças espalhadas pelo país latino-americano pudessem atingir as tropas que tinham a Europa e a Ásia como destinos, ou comprometer o fornecimento de matérias-primas aos Estados Unidos.¹⁴³

E o último bloco de filmes era destinado ao público brasileiro, a fim de divulgar o *American Way of Life*. O objetivo desses filmes era mostrar diferenças e, sobretudo, complementaridades, sendo o pan-americanismo o elemento a realizar a integração entre as Américas. Segundo o autor, “estes filmes reforçam o exotismo das práticas alimentares, do vestuário e principalmente da paisagem natural. Fica clara a projeção de uma imagem idealizada dos EUA e dos países latino-americanos, para consumo das nações latino-americanas.”¹⁴⁴ Para esses filmes, foram criados personagens “que concentrassem os traços característicos do que se pensava como uma identidade latino-americana”. Entretanto, dado o desconhecimento dos povos e das culturas do subcontinente, o resultado foi o reforço de uma série de estereótipos.¹⁴⁵

Muitos filmes foram produzidos pela indústria de Hollywood, dentro da filosofia da Política de Boa Vizinhança.¹⁴⁶ Em fevereiro de 1944, *A Tarde* reproduziu um artigo do cineasta norte-americano Walter Wanger sobre a produção cinematográfica de Hollywood no contexto da guerra. Segundo ele, distribuía-se, além dos próprios filmes, as películas produzidas pelo governo, que também eram exibidas nos cinemas. Mais de 300 filmes tinham para o Departamento de Estado ianque tinham sido feitos até então, voltados à propaganda entre civis e uso do Exército.¹⁴⁷

Wanger destaca a importância dos estúdios Disney nesse trabalho. De acordo com o cineasta, técnicos, cientistas e artistas se dedicavam a um esforço conjunto de elaborar filmes

¹⁴² O autor cita como exemplos desse tipo de filme os seguintes títulos: *Americans all*, 1941; *Belo Horizonte: a planned city with a plan*, 1949; *Brazil at War*, 1943; *Brazil Gets the News*, 1943; *Brazil - National Geographic Society Brazil*, 1948; *Roads South*, 1943; *São Paulo*, 1943 e *Southern Brazil*, 1942. VALIM, Alexandre Busko, op.cit., p. 7.

¹⁴³ O autor cita como exemplos: *Defense against invasion*, 1943; *Water – Friend or enemy*, 1943; *Cleanliness brings health*, 1944; *What is disease - The unseen enemy*, 1944; *How disease spreads*, 1944; *Tuberculosis*, 1944; *Insects that transmit diseases*, 1945; *Hookworm*, 1945; *Planning for good eating*, 1945. VALIM, Alexandre Busko. Op. cit., p. 7.

¹⁴⁴ VALIM, Alexandre Busko. Op.cit., pp. 6-7.

¹⁴⁵ ZAGNI, Rodrigo Medina. “‘Imagens Projetadas do Império’ O Cinema Hollywoodiano e a Construção de uma Identidade Americana para a Política da Boa Vizinhança”. *Cadernos PROLAM/USP* (ano 8 - vol. 1 - 2008), p. 79. <http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82311/85282>. Acessado em 17 de novembro de 2018.

¹⁴⁶ TOTA, *O imperialismo sedutor* op.cit., p. 119.

¹⁴⁷ WANGER, Walter. “O cinema norte-americano e a guerra”. *A Tarde*, 12 de fevereiro de 1944.

sobre meteorologia, assuntos militares, prevenção e cura da malária e outros temas importantes num contexto de guerra.¹⁴⁸ Podemos concluir que houve grande participação do *Office* nessas atividades. Segundo Gerson Moura, o OCIAA era ativo em Hollywood e negociou a produção, pelos estúdios Walt Disney, de desenhos animados que apresentavam personagens latino-americanos típicos. Nesse contexto, foi criado o papagaio brasileiro Zé Carioca.¹⁴⁹

Rodrigo Medina Zagni acrescenta que Walt Disney veio ao Brasil em missão patrocinada pelo *Office*. De acordo com o autor,

Sua vinda para o Brasil em junho de 1941, como agente do OCIAA com a missão de expandir e consolidar a política da boa vizinhança, marcou um momento decisivo para a expansão de seus estúdios. Tendo enfrentado problemas econômicos e inclusive uma greve de funcionários, Disney se via ainda em meio a acusações da imprensa que o relacionavam ao nazismo. A aliança com Rockefeller, nesse contexto, lhe era extremamente favorável. Acabava de receber do governo Roosevelt mais de 100 mil dólares para que produzisse duas peças de propaganda política, dois desenhos com um tema demarcado: a solidariedade entre as Américas; o que resolvia tanto os problemas econômicos quanto apaziguaria as notícias de que seria um colaborador do nazismo dentro dos EUA. Todas as despesas de sua viagem, bem como de toda a equipe, foram pagas pelo governo Roosevelt. O pretexto para a viagem era a busca de novos talentos e inspiração para novas obras, além da premiação que a crítica brasileira daria ao desenho animado “A Branca de Neve e os Sete Anões” e a divulgação de sua nova obra, “Fantasia”. Mas a agenda de Disney revela encontros com autoridades governamentais, como o próprio presidente Getúlio Vargas, e declarações à imprensa, promovendo a integração continental sob a política da boa vizinhança, sob a liderança dos EUA.¹⁵⁰

Disney também teve encontros com o diretor do DIP, Lourival Fontes, denotando a tentativa de alinhamento da propaganda pan-americanista norte-americana aos aparelhos de censura do Estado Novo.¹⁵¹

De acordo com Antônio Pedro Tota, a divisão de cinema do OCIAA contratou Walt Disney para fazer os filmes *Alô, Amigos* e *Os três cavalheiros*, cujo objetivo era serem exibidos não apenas no circuito comercial, mas também em universidades, escolas e instituições culturais da América Latina.¹⁵² Além disso, a agência de Rockefeller procurou evitar a distribuição de filmes que ridicularizavam instituições norte-americanas ou transmitiam imagens ofensivas aos latino-americanos. Assim, filmes foram alterados, com mudanças de roteiro e supressão de cenas tidas como inconvenientes. Gerson Moura acrescenta que foi nesse período que os

¹⁴⁸ WANGER, Walter. “O cinema norte-americano e a guerra”. *A Tarde*, 12 de fevereiro de 1944.

¹⁴⁹ MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p. 77.

¹⁵⁰ ZAGNI, Rodrigo Medina. op.cit., p. 79.

¹⁵¹ Id., *ibid.*, p. 80.

¹⁵² TOTA, *O amigo americano*, op.cit., p. 120.

bandidos mexicanos foram banidos das películas de banguê-banguê hollywoodianas. Para o autor, o OCIAA se configurava, dessa forma, como um órgão de censura para a América Latina.¹⁵³

Com a eleição de Roosevelt à presidência dos Estados Unidos, foi consolidada a infraestrutura do cinema hollywoodiano, que, na década de 1930, era orientado por um código de autocensura chamado Código Hays, que “controlava a discussão de assuntos polêmicos ou geradores de atritos com alguns setores da sociedade.”¹⁵⁴ A partir da Segunda Guerra Mundial, a indústria cinematográfica foi modificada, com a orientação do governo para que Hollywood contribuísse para uma formação de consciência em torno do esforço de guerra e o perigo da “ameaça totalitária”.¹⁵⁵

Em julho de 1943, o jornal *Estado da Bahia* noticiou a produção, pelos estúdios Disney, do filme que teria a Bahia como cenário. Segundo o periódico, Disney teria encontrado no estado nordestino o elemento mais característico do Brasil, cabendo ao DIP a incumbência de levantar material sobre a figura da baiana e seus apetrechos culinários e religiosos. Cerca de 115 fotografias de Voltaire Fraga, com essa temática, foram enviadas a Hollywood para a produção da obra.¹⁵⁶ Nota-se dessa forma a cooperação entre o governo brasileiro e os estúdios Disney para a realização do filme.

Já pronta, a animação foi intitulada *Os Três Cavalheiros (The Three Caballeros)*, ficando conhecida no Brasil com o nome de *Você já foi à Bahia?*. O jornal *A Tarde* procurou mostrar que o filme de Walt Disney não serviu para atrair apenas norte-americanos para o estado nordestino. Em maio de 1945, o vespertino noticiou a chegada ao Rio de Janeiro de representantes do governo mexicano para a Conferência de Rádio e Telecomunicações, que se realizaria no mês seguinte, na então capital do país. Porém, estava incluída no roteiro de viagem dos delegados mexicanos uma passagem pela Bahia, pois teriam declarado:

Assistimos o seu filme *Os Três Cavalheiros*, que constitui uma grande propaganda do Brasil e teve larga exibição. Podemos asseverar que ele é um verdadeiro convite a visitar esta terra. Por mais que pareça exagero, acredite que o nome da Bahia ficou popular, não só no México como em toda a América do Norte. É comum a frase: “Já estive na Bahia?”. Por isso, resolvemos vir à primeira capital do Brasil. Confessamos sem lisonja que

¹⁵³ MOURA, Gerson. *Relações exteriores...*, op.cit., p. 77.

¹⁵⁴ PEREIRA, Wagner Pinheiro. “O poder das imagens: cinema e propaganda política nos governos de Hitler e Roosevelt (1933 - 1945).” Anpuh – XXIII Simpósio Nacional De História – Londrina, 2005, p. 6. http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300881347_ARQUIVO_TEXTODEWAGNERPINHEIROPEREIRAANPUH2011.pdf. Acessado em 30 de maio de 2018.

¹⁵⁵ Id., ibid., p.7.

¹⁵⁶ “VOCÊ já foi à Bahia? Pronto o magnífico material que será mandado a Disney – Aurora Miranda, a estrela.” *Estado da Bahia*, 09 de julho de 1943.

todas as Capitais têm o seu lado feio; na Bahia, entretanto, por mais que se procurem coisas feias para estabelecimento de contraste com a beleza que divisamos, vemos que elas não existem. É um primor de cidade e dentro em pouco o turismo vai mostrar que digo a verdade.¹⁵⁷

A propaganda da Bahia para países estrangeiros, incluindo uma conexão com os personagens de Walt Disney, também era exibida para baianos. O filme *Você já foi à Bahia?* era constantemente anunciado pelos jornais locais, no ano de 1945 (Figura 4.4). Essa animação tinha como personagens, além do Pato Donald, o Zé Carioca, o galo mexicano Panchito e as cantoras Aurora Miranda, Dora Luz e Carmen Molina, contando com uma trilha sonora composta por Ary Barroso e Dorival Caymi.¹⁵⁸ Segundo Rodrigo Medina Zagni, a presença de um personagem brasileiro e um mexicano não era gratuita, pois

O “recorte” sobre essas repúblicas é outro denotador importante para vincular o desenho como peça de propaganda do OCIAA, que privilegiava em suas políticas de aproximação o contato com Brasil, Argentina e México, países que aspiravam à liderança regional e exerciam enorme influência, como pólos irradiadores de cultura, em relação às demais repúblicas latino-americanas.¹⁵⁹

Ainda de acordo com o autor, esse filme demonstra os novos alinhamentos políticos na América Latina nos momentos finais da Segunda Guerra:

Já Brasil e México, cujos personagens simbolizavam a fidelidade aos EUA, recebiam de volta sua amizade no plano simbólico no mesmo ano em que, no plano real, os dois países reconheciam oficialmente a hegemonia estadunidense e sua liderança hemisférica, consolidando o modelo do moderno sistema pan-americano vigente do pós-guerra até pelo menos a Guerra das Malvinas, em 1982.¹⁶⁰

Em julho, o vespertino de Simões Filho publicou uma resenha entusiasmada do filme:

Walt Disney — o feiticeiro cartunista de Hollywood — manda-nos de seus “ateliers” um presente fino: manda-o à Bahia. É o delicioso filme, *Você já foi à Bahia*, em que há mais colorido do que numa manhã de Copacabana, mais bichos do que numa fábula de La Fontaine, mais diplomacia do que num baile do Quai d’Orsay e mais riso do que numa roda de marinheiros azuis da US Navy.¹⁶¹

Diz o texto que o filme era uma prova da fidelidade de Walt Disney à boa vizinhança e do seu interesse pelo Brasil e pelo México, representados, respectivamente, pelo Zé Carioca e

¹⁵⁷ “O FILME de Walt Disney foi o convite para a visita à Bahia – dois delegados mexicanos”. *A Tarde*, 15 de maio de 1945, p. 2.

¹⁵⁸ “VOCÊ já foi à Bahia?”. *A Tarde*, 26 de junho de 1945, p. 4.

¹⁵⁹ ZAGNI, Rodrigo Medina, op. cit., p. 80.

¹⁶⁰ Id., ibid., p. 81.

¹⁶¹ “JÁ FOI à Bahia? – Um filme prodigioso – boa vizinhança em desenho animado – sinfonias da terra morena”. *A Tarde*, 02 de julho de 1945, p. 3.

pelo galo Panchito, além do Pato Donald como o norte-americano presente na obra. A própria resenha admite que *The Three Caballeros* expunha uma Bahia estereotipada, mas não vê nisso um problema:

A “fita” desenvolve-se numa geografia sugestiva e o seu cenário brasileiro é preferentemente uma Bahia de ladeiras de presepe, de música de segunda-feira de Bonfim e de dança de reisados da Lapinha, cousa de bolir com a vaidade da gente, recordando-nos, o que de ordinário não soubemos, e é o alcance mundial da arte popular que daí vem, ou se formou em torno da Bahia festiva. [...] Walt Disney imaginou, para ambientá-lo, uma Bahia de opereta, que não é bem a nossa, porém constitui, de verdade, a melhor propaganda que dela se poderia fazer. Vemos essa aventura do desenho animado principalmente do seu ângulo regional: como um “cartaz”. É a propaganda mais simpática que ainda no exterior, se fez da Bahia sonora, policrômica e coreográfica, da Bahia que solfeja, tamborila e brinca, da Bahia que bate num pandeiro, soluça a modinha, graceja [ilegível] — como se convencionou retratá-la nas ribaltas cosmopolitas. Não procuremos autenticidade; contentemo-nos com a “Réclame” [ilegível].¹⁶²

Se o autor da resenha sentiu necessidade de explicar que não precisávamos ser rigorosos com a fidedignidade da animação, há de se supor que, provavelmente, o filme deve ter suscitado algumas críticas. Porém, o texto ressalta que não era o momento de se cobrar verossimilhança, pois a obra desempenhava um importante papel:

Hollywood achou a Bahia. *Você já foi à Bahia?* Então vá [ilegível]. Excelente política de boa vizinhança, oferece-nos esse mimo de gênio cinematográfico, em que se concilia o milagre da técnica com a beleza do assunto: e corresponde a uma homenagem à mais brasileira das nossas cidades — elevada à glória da publicidade mundial nesse “film” incomparável! Todos os baianos devemos querer bem a Walt Disney.¹⁶³

4.5 Artistas e intelectuais norte-americanos na Bahia

Com o intuito de reforçar a ideia de amizade que unia baianos e ianques, os jornais locais procuraram divulgar a visita de artistas e intelectuais norte-americanos. A Política de Boa Vizinhança tinha a função de enaltecer os valores do progresso ianque, mas de forma que fosse combatida uma possível aparência arrogante que os norte-americanos poderiam ter.¹⁶⁴

Nesse sentido, vários artistas e intelectuais norte-americanos foram enviados ao Brasil, com o objetivo de aproveitar “a influência que esses agentes exerciam sobre a mídia e entre

¹⁶² “JÁ FOI à Bahia? – Um filme prodigioso – boa vizinhança em desenho animado – sinfonias da terra morena”. *A Tarde*, 02 de julho de 1945, p. 3.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 180.

espectadores latino-americanos”, podendo “ser utilizada para a promoção dos valores estadunidenses e para a ampliação de seu poder e influência na América Latina.”¹⁶⁵

Ao que parece, esses artistas e intelectuais já vinham ao Brasil treinados a agir de uma determinada maneira, condizente com a Política de Boa Vizinhança. Antônio Pedro Tota identificou que um órgão do governo norte-americano chamado *Office of Strategic Service – State Department Intelligence and Research Reports* (OSS) elaborou um documento oficial, datado de setembro de 1942. Intitulado *Short guide to Brazil – Report n. 60 – Restricted*, o guia apresentava instruções de como usar e pronunciar as palavras certas em português. Além disso, “os americanos que aqui chegassem deveriam sempre dizer que adoravam o Brasil, e que os Estados Unidos não eram exatamente como eles viam nos filmes de Hollywood: lá também havia pobres e pessoas simples”.¹⁶⁶ Percebe-se que havia um intercâmbio entre o OSS e o OCIAA, embora a América Latina fosse área exclusiva da agência de Rockefeller.¹⁶⁷

Orson Welles foi um dos artistas norte-americanos que tiveram uma ligação estreita com o projeto do *Office*. De acordo com Rodrigo Medina Zagni,

Praticamente todos os dias Welles se encontrava, oficialmente ou não, com jornalistas dos mais expressivos periódicos brasileiros e de jornais de outras repúblicas latino-americanas, além de empresários, banqueiros, literatos, acadêmicos, intelectuais, artistas de teatro, personalidades do rádio e políticos ligados ao governo brasileiro. Tornou-se ainda íntimo da família Vargas e de Oswaldo Aranha, além de amigo pessoal do interventor de Minas Gerais, Benedito Valladares. Welles ainda viajou a Buenos Aires, onde foi recebido por membros do governo e das artes, além de conceder inúmeras entrevistas à imprensa.¹⁶⁸

Segundo a publicação do jornal *A Tarde*, em julho de 1942, Orson Welles esteve na Bahia, filmando uma parte de sua película *All True*¹⁶⁹, sobre os jangadeiros. Consta que Welles era um “apaixonado dos apimentados quitutes baianos, achando a pimenta o espírito alegre do prato, o qual, sem ela, não há paladar”.¹⁷⁰ O ator e cineasta também foi convidado pela Associação Cultural Brasil – Estados Unidos para realizar uma palestra acerca dos argumentos sul-americanos aproveitáveis na cinematografia moderna.¹⁷¹ Porém, quatro dias depois, o jornal noticiou a súbita partida do autor de *Cidadão Kane* para o Rio de Janeiro, motivada pela ruptura de seu contrato com a empresa cinematográfica que o tinha como diretor e para a qual estava

¹⁶⁵ ZAGNI, Rodrigo Medina. op.cit., p. 78.

¹⁶⁶ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 112.

¹⁶⁷ Id., ibid., pp. 112-3.

¹⁶⁸ ZAGNI, Rodrigo Medina. op.cit., p. 85.

¹⁶⁹ Também conhecido como *It's all true*.

¹⁷⁰ “VISITA de Orson Welles à Bahia”. *A Tarde*, 17 de julho de 1942, p.2.

¹⁷¹ “UMA conferência de Orson Welles à Bahia”. *A Tarde*, 20 de julho de 1942, p.2.

realizando o filme sobre os jangadeiros. Apesar disso, as cenas continuariam a ser filmadas na Bahia.¹⁷²

O jornal *A Tarde* não entrou em detalhes, mas, de acordo com Antônio Pedro Tota, a filmagem de *It's all true* foi cercada por polêmicas. Orson Welles já era conhecido pelo filme *Cidadão Kane* e, como a Divisão de Cinema pretendia fazer um longa metragem sobre a América Latina, o OCIAA o convidou a desenvolver a película, com o apoio de Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de censura do Estado Novo. No entanto, já havia uma tensão entre Welles e a RKO, a produtora de cinema da qual Nelson Rockefeller possuía ações. Além disso, uma tragédia marcou a produção da fita: a morte de Jacaré, líder dos jangadeiros, que desapareceu nas águas do mar durante a filmagem de sua chegada ao Rio de Janeiro. A indenização paga à família do pescador aumentou os custos já elevados da elaboração do filme. A mudança da direção da RKO, o fracasso de um dos seus filmes e seu comportamento arrogante e irascível comprometeram a estadia de Orson Welles no Brasil.¹⁷³ Rodrigo Medina Zagni acrescenta que

Welles e mais 5 ou 6 homens viajariam para Salvador para terminar a polêmica sequência do “Jangadeiro”, para a qual seriam necessárias de 4 a 7 semanas. Nisso consistia o problema. A sequência é decorrente da tomada inusitada, feita no Rio de Janeiro, de um jangadeiro que viajava em protesto à capital da República, morto por afogamento quando já estava próximo à praia. A insistência de Welles em criar uma sequência que não estava prevista no projeto inicial para a morte do jangadeiro, e sua relutância em desistir dela, iniciavam uma crise que culminaria na demissão de Welles.¹⁷⁴

De *It's all true*, hoje são conhecidos apenas fragmentos do filme, que nunca foi lançado. Welles continuou cooperando com o esforço de guerra num programa de rádio chamado *Alô, América*, mas sua contribuição cinematográfica não se realizou.¹⁷⁵ Entretanto, segundo Antônio Pedro Tota, *It's All True* “teve o mérito de mostrar um Brasil que até então era ofuscado pela produção da indústria cinematográfica pasteurizada de Hollywood”, pois retratou o povo e as paisagens brasileiras de forma que evitasse os estereótipos da época, além de mostrar talentos locais e “artistas já populares, como Pixinguinha e Grande Otelo.”¹⁷⁶ Na imprensa baiana, não foram encontrados grandes pormenores acerca da controversa estadia de Orson Welles no Brasil, provavelmente porque esta fora patrocinada pelo OCIAA e envolvia a morte de um jangadeiro, não sendo desejável que tantos percalços se tornassem públicos naquele momento.

¹⁷² “ORSON Welles não virá mais à Bahia”. *A Tarde*, 24 de julho de 1942, p. 2.

¹⁷³ TOTA, *O amigo americano*, op.cit., p. 140.

¹⁷⁴ ZAGNI, Rodrigo Medina. op.cit., p. 86.

¹⁷⁵ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 71-2.

¹⁷⁶ TOTA, *O amigo americano*, op.cit., p. 140.

Além do cineasta Orson Welles, o escritor estadunidense Waldo Frank também visitou o Brasil no ano de 1942. Segundo o jornal *Estado da Bahia*, depois de ter passado pelo Rio de Janeiro, ele se demoraria em Salvador por dois dias e viajaria acompanhado do poeta Vinícius de Moraes.¹⁷⁷ De acordo com *O Imparcial*, Waldo Frank era um grande pensador e escritor norte-americano, além de “um dos maiores democratas do continente”.¹⁷⁸ Ele vinha ao Brasil para realizar um intercâmbio cultural, dentro dos padrões da Política de Boa Vizinhança. O jornal da família Lins de Albuquerque transmite empolgação com a visita do ilustre amigo americano:

A Bahia hospedará, com simpatia, essa figura de intelectual vibrante, e fará mesmo questão de lhe demonstrar a repulsa, de que se achou possuída, pelo atentado do grupo fásccio-nazista de Buenos Aires, de que foi vítima Waldo Frank, com a indignação e reação da nobre nação amiga. *O Imparcial* recepcionará este legítimo representante das letras e do pensamento moderno americanos, em dia e hora que serão divulgados, oferecendo-lhe um banquete, para o qual reuniu personalidades de nosso ambiente jornalístico e literário, que é o ambiente mesmo de vida e atuação de Waldo Frank.¹⁷⁹

O jornal se esforça em definir Waldo Frank como um destacado arauto da liberdade contra o jugo totalitário:

Combatente destemido do nazismo, indo até a realização de um inquérito nos seus focos de infecção; por outro lado, propugnador incansável dos benefícios dos regimes livres, onde o homem sente a dignidade da espécie, o vitorioso publicista faz jus às nossas manifestações de fraternidade mental, de unidade das Américas, em sua luta de vida e morte às teorias da força e da fraude, em um mundo assaltado pelo gênio da destruição e da ignorância.¹⁸⁰

Esses elogios não apareciam na imprensa baiana de forma gratuita. Segundo Antônio Pedro Tota, Nelson Rockefeller recorria a intelectuais ideologicamente próximos à geração dos anos 1920, que tinham uma visão crítica da sociedade norte-americana. Com uma perspectiva utópica e humanitária, esses letrados propunham relações mais sinceras entre os Estados Unidos e a América Latina. Apesar de não compartilhar, por motivos óbvios, das proposições críticas desses intelectuais, Rockefeller utilizou alguns aspectos desse posicionamento na sua concepção de relações com a América Latina. Waldo Frank foi um desses intelectuais independentes, que participou da Política de Boa vizinhança sem fazer parte oficialmente do OCIAA.¹⁸¹ Logo, percebe-se o esforço retórico de *O Imparcial* em convencer os leitores que

¹⁷⁷ “WALDO Frank chegará à Bahia, no dia 16”. *Estado da Bahia*, 12 de setembro de 1942, p. 3.

¹⁷⁸ “WALDO Frank – na Bahia, será festejado esse líder democrático”. *O Imparcial*, 15 de setembro de 1942.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 158.

não conheciam Waldo Frank de que o escritor era um autêntico representante da democracia norte-americana, que viria à Bahia numa demonstração de fraternidade e união entre os povos americanos.

O *Diário da Bahia* noticiou que, ao chegar a Salvador, Waldo Frank seria recebido pela Associação Cultural Brasil – Estados Unidos, que o levaria para visitar os “pontos pitorescos e históricos da cidade”. Para o dia seguinte, estava programada uma conferência de Frank no Instituto Histórico, sendo apresentado ao público por Luiz Viana Filho.¹⁸²

A *Tarde* e *O Imparcial* reportaram no mesmo dia, 17 de setembro, a entrevista realizada com Waldo Frank quando de sua chegada à capital baiana. No caso da folha de Simões Filho, por não terem sido transcritas literalmente, mas num discurso indireto, as declarações do escritor ficaram um pouco destituídas de sentido, embora tenha sido possível destacar algumas ideias levantadas pelo entrevistado e publicadas pelo periódico.¹⁸³ Uma das questões feitas ao visitante e reproduzidas pelo vespertino refere-se à necessidade de uma propaganda da democracia, com o fim de anular os efeitos da infiltração das ideias fascistas. Waldo Frank respondeu que o fascismo era fruto da impaciência na evolução normal da democracia, a qual não podia ser, ainda, seguida na sua pureza. A democracia do futuro seria, assim, cada vez melhor. Na entrevista, Waldo Frank se declarou um homem de esquerda, que, no entanto, combatia o comunismo, na sua forma bolchevique. Para ele, a revolução moscovita, produto do pensamento eslavo, não podia ser aceita, como era, pelos latinos, apesar de ter trazido benefícios, pois toda revolução ideológica trazia benefício maior ou menor para a humanidade. O escritor também declarou ter um desejo de conhecer a literatura brasileira, e manifestou a crença de que o Brasil estava a caminho de um estágio maior de desenvolvimento econômico e cultural, devido à aproximação com os Estados Unidos. Por fim, defendeu o uso de métodos violentos para a defesa da democracia e a ideia de que o capitalismo, em sua forma clássica, estava morrendo.¹⁸⁴

O Imparcial gastou mais verve e espaço em suas páginas para relatar a chegada de Waldo Frank à Bahia e sua primeira entrevista aos jornalistas locais. Descrito como um “vigoroso pensador norte-americano”, Frank foi enquadrado pelo jornal como “uma das figuras

¹⁸² “WALDO Frank na Bahia – o escritor “yankee” fará uma palestra no Instituto Histórico”. *Diário da Bahia*, 16 de setembro de 1942, p. 3.

¹⁸³ “WALDO Frank conversa com os jornalistas”. *A Tarde*, 17 de setembro de 1942, p.2.

¹⁸⁴ Idem.

mais representativas da cultura e da inteligência em nosso Continente”.¹⁸⁵ Diz o texto que a sua contribuição era necessária para a vitória das forças democráticas no mundo:

Consciência livre, espírito consciencioso, as suas observações sobre os problemas políticos contemporâneos, são recebidos com o máximo respeito e acatamento, por todo o continente. Cioso de conhecer o mundo e os homens, muitas viagens tem realizado Waldo Frank e os seus livros estão cheios de impressões dessas viagens. Continuando o seu roteiro pelas Américas, o grande escritor que é também uma das mais fortes afirmações de amor à Liberdade e confiança na vitória da Democracia, veio ao Brasil. E como para conhecer o Brasil, é indispensável conhecer a Bahia, Waldo Frank veio até nós, onde confundido com o povo, caminhando pelas ruas, vendo com os seus próprios olhos as coisas da terra e as almas dos homens, pretende realizar uma obra sincera de redescobrimto da Bahia.¹⁸⁶

Após todos esses elogios, *O Imparcial* noticiou que o visitante se reuniu no Palace Hotel, onde estava hospedado, para prestar suas declarações à imprensa baiana. Nessa entrevista, Vinícius de Moraes fez as vezes de intérprete. Diferentemente de *A Tarde*, *O Imparcial* optou por transcrever literalmente algumas respostas dadas na entrevista. Sobre a democracia, Waldo Frank afirmou que esta era uma aspiração, que superaria as forças da reação e venceria os inimigos. Já o fascismo, para ele, era “covardia moral e falta de esperança.”¹⁸⁷ Segundo o escritor norte-americano, o fascista era um homem sem esperança, por isso agia com violência: “Porque não tem esperança que o mundo melhore, é que o fascismo oprime os homens, convencido de que é impossível um progresso moral sem chicote.” Quando questionado sobre a brutalidade dos ataques fascistas, o entrevistado replicou que tais agressões também deveriam ser revidadas com violência, sob pena de favorecer os próprios inimigos. Por fim, ao ser indagado sobre o futuro do mundo capitalista, Waldo Frank disse crer que o capitalismo estava morrendo e que, portanto, não se deveria mais falar dele, pois era preciso deixar os mortos em paz.¹⁸⁸ Desse modo, nota-se que, em relação a *A Tarde*, *O Imparcial* se dedicou mais a enaltecer a figura do visitante ianque, dando maior enfoque às suas declarações, sobretudo no que dizia respeito ao combate ao fascismo. Por outro lado, o jornal da família Lins de Albuquerque ocultou a afirmação de Waldo Frank segundo a qual o escritor dizia ter certa simpatia pela esquerda, o que foi salientado por *A Tarde*. De fato, Waldo Frank era definido como um intelectual cuja formação remontava a um racionalismo socialista e humanista, que o levava a

¹⁸⁵ “‘A DEMOCRACIA é um destino da humanidade’ – na Baía o democrata Waldo Frank”. *O Imparcial*, 17 de setembro de 1942, p.1.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Idem, p. 8.

ter uma postura crítica diante da sociedade norte-americana.¹⁸⁹ Daí a sua inclinação pela esquerda e sua crença no fim do capitalismo.

O Imparcial publicou, no dia 19 de setembro, um texto reiterando a declaração de Waldo Frank acerca do fascismo.¹⁹⁰ Assinada por um certo João Maurício, dizia a nota que o escritor norte-americano tinha razão, pois qualquer benevolência para com os agentes provocadores do Eixo constituíam uma cooperação com a quintacoluna. Tolerância, naquele momento, “além de ser uma demonstração de fraqueza, era um crime contra a Pátria e um desrespeito à política de colaboração do Brasil às nações antifascistas.” Citando o general Góis Monteiro, para quem os integralistas deveriam ser excluídos da vida pública, e Virgílio de Melo Franco, segundo o qual o integralismo era a espinha dorsal da quintacoluna, era preciso abolir a piedade no tratamento aos simpáticos ao Eixo, no Brasil. O texto é encerrado com palavras de ordem em apoio à postura oficial do governo na sua adesão aos aliados: “Brasileiros! Com Getúlio Vargas, pelo Brasil e pela Democracia, guerra ao integralismo e à quintacoluna!”. Dessa forma, a palavra de Waldo Frank, enquanto um representante do país norte-americano e entusiasta da democracia, era usada como um respaldo confiável para a defesa de uma postura combativa em relação aos simpáticos ao nazifascismo e ao integralismo, propagada pelos jornais baianos.¹⁹¹

As edições do dia seguinte de *A Tarde e Estado da Bahia*, em 18 de setembro, relataram as atividades turísticas de Waldo Frank em Salvador. Sempre procurando enfatizar a simplicidade do estrangeiro, que andava “entre populares, sem casaco e, geralmente, sem chapéu”, diz o jornal de Simões Filho que o visitante vinha apreciando “os bairros proletários, o movimento das feiras e mercados, os hábitos da gente humilde, os aspectos pitorescos da cidade e dos seus recantos mais distantes”.¹⁹² Segundo *A Tarde*, despertaram a curiosidade de Waldo Frank a cozinha baiana e o candomblé, além de ter conhecido o Mercado Modelo, os largos da Sé e do Terreiro, o Pelourinho e a Baixa dos Sapateiros.¹⁹³ *O Estado da Bahia* também noticiou os passeios do escritor ianque, sempre em companhia de Vinícius de Moraes, mas destacou o jantar que ambos tiveram com Odorico Tavares, diretor do referido periódico.¹⁹⁴

A Tarde noticiou a partida de Waldo Frank rumo a Recife no dia 19. Segundo o jornal, o escritor permaneceu três dias em Salvador, a qual procurou conhecer, nas suas características,

¹⁸⁹ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 158.

¹⁹⁰ JOÃO MAURÍCIO. “Nada de benevolências”. *O Imparcial*, 19 de setembro de 1942, p. 3.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² “WALDO Frank quer saber o que é que a Bahia tem – hoje mesmo vai ouvir a batida de um candomblé”. *A Tarde*, 18 de setembro de 1942.

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ “WALDO Frank deixará, amanhã, a Bahia”. *Estado da Bahia*, 18 de setembro de 1942, p.3.

“como núcleo da civilização colonial brasileira e ponto de convergência da imigração de várias raças, que aqui se confundiram, misturaram-se, entrando cada qual com sua contribuição de sangue e cultural”.¹⁹⁵

A visita de Waldo Frank a Salvador continuou sendo explorada pelos jornais após a sua partida. Reproduzido no *Estado da Bahia*, o texto assinado por um certo Eustáquio Duarte enaltecia “os grandes homens americanos de pensamento”, que tinham “notáveis cabeças inclinadas para os problemas novos da cultura humana”.¹⁹⁶ Segundo o autor, a guerra fazia desabar convicções e preconceitos, levando aqueles homens a acreditarem que o caminho ficaria livre para a reconstrução de um mundo “sob fundamentos em equilíbrio com certos princípios vitais do nosso americanismo”. A derrota dos totalitarismos do Eixo deixaria a Europa sem forças para cuidar dessa tarefa de reconstrução, cabendo à América decidir o resultado da guerra e a forma da paz. Logo, com clarividência e entusiasmo, “os homens de inteligência das Américas vão assim abrindo os olhos ante as dificuldades que acaso possam bloquear o nosso caminho a um futuro mais feliz do mundo”. Para o autor, Waldo Frank estava entre esses homens, engajados na luta intelectual em defesa “de nossa ameaçada estrutura”, que se recusavam a compactuar com o “isolacionismo intelectual criminoso, ou à acomodação fácil e torpe dos que, no peso morto das consciências, esperam que a coisa passe, para a muda aceitação do que ‘terá de vir’”.¹⁹⁷

Nos três dias que passou no estado, Waldo Frank teria feito uma grande amizade com o poeta Odorico Tavares, não por acaso o diretor do *Estado da Bahia*, jornal que publicou este artigo. De acordo com o texto, o escritor estadunidense declarou confiar no mundo latino-americano:

Meus amigos, as jovens culturas ibero-americanas já vão dando margem a uma serena confiança na vitória final das forças da Verdade. Eu, como humilde soldado da Verdade, não tenho dúvidas de que amanhã teremos a vitória.¹⁹⁸

Além da confiança no subcontinente, o autor do texto também atribui a Waldo Frank muitas expectativas em relação a nosso país: “vejam o Brasil. Que grande mundo aqui se forja e que material de primeira ordem há nesse imenso país! Procurarei demonstrar tudo isso em

¹⁹⁵ “WALDO Frank partiu – empolgou-o a exibição da batucada.” *A Tarde*, 19 de setembro de 1942, p. 2.

¹⁹⁶ DUARTE, Eustáquio. “Três dias com Waldo Frank na Bahia”. *Estado da Bahia*, 26 de setembro de 1942, p. 2.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Idem.

meu próximo livro.” Por fim, há mais uma citação do intelectual ianque, na qual reforça a importância da colaboração de todos os países americanos na construção do mundo futuro:

[...] guardando as suas culturas distintas, as suas diferentes características de povo e as suas soberanias. Este vasto complexo orgânico plasmado será a grande unidade. Estão aí os imperativos para a realização do destino americano, e com ele o destino da humanidade.¹⁹⁹

Segundo esse intelectual, a América do Norte e a América Latina eram complementares, com importantes contribuições para trocarem entre si. Waldo Frank acreditava que os Estados Unidos eram vistos como a parte masculina e os povos latinos, como a parte feminina das Américas. Nesse sentido, devia haver uma união entre as porções masculina e feminina da América, sem que uma fosse subjugada pela outra.²⁰⁰ Além disso, Frank considerava que o desenvolvimento histórico estadunidense produzira uma sociedade extremamente materialista. Desse modo, considerava importante valorizar as culturas locais da América Latina, cujos intelectuais deveriam aprofundar “a sensibilidade mística e com isso ajudar os norte-americanos a recuperar a espiritualidade perdida, o passado pioneiro”.²⁰¹ Assim, apesar de adotar uma postura crítica em relação à sociedade ianque, Waldo Frank prestou sua contribuição ao desenvolvimento da Política de Boa Vizinhança, pois ressaltava a necessidade de as duas partes da América estreitarem seus vínculos.

Em julho de 1943, a imprensa local noticiou a chegada de Greg Toland, um cinegrafista que viera à Bahia para fazer um filme. Segundo o *Diário de Notícias*, era uma prova do espírito do americanismo que contribuía para consolidar a amizade entre as duas nações americanas.²⁰² Já para o *Estado da Bahia*, o Brasil tornara-se um dos assuntos de maior interesse para os norte-americanos, que, por conta da luta contra o nazifascismo, passaram a estreitar com os vizinhos do sul os seus laços de conhecimento. Isso era feito através da cultura, da imprensa e do cinema, pois os Estados Unidos estavam realizando os preparativos para a confecção de uma película sobre o nosso país, cuja direção seria entregue a John Ford, que trabalhara em *As Vinhas da Ira*. Por essa razão, estava na Bahia o capitão de corveta da marinha norte-americana, Greg Toland, que fora o cinegrafista do filme *Cidadão Kane*, para recolher imagens da capital.²⁰³

¹⁹⁹ DUARTE, Eustáquio. “Três dias com Waldo Frank na Bahia”. *Estado da Bahia*, 26 de setembro de 1942, p. 2.

²⁰⁰ JOHNSON, John J. *Latin American in caricature*. Austin, University of Texas Press, 1993. Apud: TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 35.

²⁰¹ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 35.

²⁰² “FILMARÁ cenas da Bahia para um filme sobre o Brasil”. *Estado da Bahia*, 05 de julho de 1943; “Na Bahia, um dos maiores cinegrafistas americanos”. *Diário de Notícias*, 6 de julho de 1943, p. 3.

²⁰³ Idem.

Os artistas de Hollywood que vinham ao Brasil cooperavam com o governo norte-americano visando estreitar relações com o Brasil. Opiniões políticas, por exemplo, raramente eram registradas pelos jornais, que optavam por noticiar episódios, verdadeiros ou não, da vida dos artistas. Assim, os artistas ajudavam a vender os jornais, e estes promoviam os filmes.²⁰⁴ Havia, desse modo, uma conexão entre o cinema e a mídia impressa.²⁰⁵ Em abril de 1944, *O Imparcial* tentou mostrar que havia artistas norte-americanos dispostos a ir além no seu empenho em estreitar as relações com a Bahia. Anunciada como “o mais sensacional furo de reportagem desses últimos tempos”, a reportagem divulgava orgulhosamente que o astro de cinema estadunidense Fred MacMurray encontrava-se em Salvador com um objetivo: “VEIO PARA SE CASAR COM UMA BAIANA!”, como anunciava o jornal em caixa alta, para dar a devida dramaticidade à notícia.²⁰⁶

Atribuía-se a um amigo do periódico o “sensacional furo”, que avisara sobre a vinda do blimp particular do ator, enquanto um cabograma era recebido pela direção do Palace Hotel, mandando reservar para Fred MacMurray e sua comitiva um andar inteiro. Quando a equipe de *O Imparcial* chegou ao campo de Ipitanga, como era chamado na época o aeroporto, para a chegada do blimp, já lá se encontravam diversas pessoas, incluindo funcionários do hotel e alguns artistas locais. Constava no periódico que “as manobras de atracação foram feitas enquanto a reportagem de *O Imparcial* constatava alegremente a ausência de representantes dos demais jornais”, garantindo a exclusividade do “furo”. Enquanto todos esperavam Fred MacMurray, quem deixou o blimp foi uma “loira divina”, dizendo chamar-se Mary Callady e explicando em inglês que o astro descansava e só viria para cidade pela manhã. No entanto, a moça declarou que estava à disposição para responder qualquer pergunta a respeito dos objetivos da viagem de MacMurray, pois estava ali na condição de secretária do ator.²⁰⁷

Carregando no suspense para valorizar o impacto da matéria, seu autor, o redator-chefe Wilson Lins, acrescentou, dramaticamente:

E com sua adorável voz, que pôs nervoso o redator-chefe deste matutino, declarou: “Fred veio à Bahia para se casar com uma bahiana...” Ante tão estupenda notícia a reportagem de *O Imparcial* não vacilou. Resolveu perturbar o sono ilustre de Fred. Avançamos para a porta do “blimp”, dispostos a entrar. Porém não contávamos com a reação de Mary. A loira abriu os braços e jurou que ninguém entrava. Os componentes da caravana de *O Imparcial* se entreolharam significativamente. E avançaram... O redator-chefe

²⁰⁴ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 130-1.

²⁰⁵ Id., *ibid.*, p. 133.

²⁰⁶ “VIM PARA casar com uma baiana” – na Bahia o famoso astro cinematográfico Fred MacMurray.” *O Imparcial*, 1 de abril de 1944.

²⁰⁷ Idem.

(que não queria outra coisa), tomou a deliciosa Mary nos braços e, assim, com tão belo troféu de batalha, penetramos no “blimp” a dentro até a luxuosa câmara de Fred MacMurray.²⁰⁸

Ele seguiu narrando seu encontro com o astro do cinema:

Muito alto, forte, moreno, tipo mesmo do galã de cinema, Fred dormia placidamente, envolto num lençol azul. Acordou sobressaltado com os gritos de Mary que já se cansara de morder as mãos do nosso corajoso redator-chefe. Levantou-se o “mocinho” (vestia esplêndido pijama cor de mate, com alamares rosa), parece que disposto a brigar. Porém declaramos: — Somos jornalistas... E ele sorriu... VIM CASAR... E a mais sensacional entrevista do ano começou. Mary, já no chão, foi, ao gesto de Fred, preparar uns “drinks”. Os jornalistas sentaram-se, lápis em punho. Fred disse, lentamente: — Vim à Bahia para casar-me... Andou de um lado para outro, seu ar era levemente melancólico. Por fim falou: — Sabem? Estou desiludido com Holywood... Aqueles casamentos feitos mais para efeito de publicidade não me satisfazem... Quero casar com uma latina, sentimental, lírica, cheia de dengue, que viva para o lar e não pense apenas em se aproveitar do meu nome para cartaz... Por isso vim à Bahia...²⁰⁹

Questionado por que escolhera a Bahia, o astro disse ser amigo de Carmen Miranda e de Raul Bop, cônsul do Brasil em Los Angeles. Numa conversa de bar, Fred MacMurray lhes confessara ser romântico e ter nascido para ser um bom esposo. Então, Carmen e Raul lhe avisaram que só na Bahia ele poderia encontrar o que buscava, por ser um lugar “ainda patriarcal”. Três dias depois, tomou seu blimp e aterrissou na capital baiana. Contudo, segundo a matéria, o ator revelou ter uma preferência: “loiras não me interessam. Só para secretárias. Para esposa desejo uma jovem morena, cor de jambo...”. “Bem brasileira...”, interromperam os jornalistas, ao que Fred teria respondido: “bem baiana...” (Figura 4.5).²¹⁰

Contava a reportagem que, em seguida, o ator pediu licença para continuar seu sono, pois Mary daria as demais informações. No dia seguinte, Fred ofereceria no Palace Hotel um coquetel a todas as suas admiradoras, “todas aquelas que desejarem conhecê-lo”. Entre as presentes, ele escolheria a que seria “a rainha de seu coração e a dona de sua casa em Hollywood”. O convite era geral e poderiam aparecer todas as que desejassem. A secretária ainda teria informado que o astro se casaria segundo as leis brasileiras, pois não desejava se divorciar. Finalmente, a matéria é encerrada com um convite pitoresco: “eis aí uma oportunidade para as nossas românticas fãs de cinema. Quem deseja casar-se com Fred

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Idem.

MacMurray? Quem deseja que esteja hoje, às 18 horas no ‘hall’ do Palace. O ‘mocinho’ está esperando...”²¹¹

Dessa forma, é interessante constatar como Wilson Lins tentou dar à reportagem contornos de uma emocionante aventura, a fim de realçar a excepcionalidade do suposto “furo”. Todavia, consta que Fred MacMurray casou-se duas vezes, e nenhuma delas foi com uma brasileira. A propósito, na época dessa suposta viagem que teria feito à Bahia, o ator ainda era casado com a primeira esposa.²¹² Não foram encontrados na imprensa outros indícios de que o galã realmente veio à Bahia, tampouco com o objetivo de encontrar uma companheira. O fato de a entrevista ter sido exclusiva dá margem a se especular que pode ter sido, inclusive, inventada.²¹³ Em todo caso, é digno de nota que *O Imparcial* buscava levar a ideia de solidariedade continental às últimas consequências, dando a entender que a aproximação entre a Bahia e os Estados Unidos permitia não somente o intercâmbio econômico, cultural e intelectual entre os dois lugares, mas era tão concreta que possibilitava às moças sonhar casar-se com um astro do cinema, ou até mesmo com outros norte-americanos mais acessíveis. A simpatia, reforçada pela imprensa, que os estadunidenses pareciam ter pelos baianos embasava prováveis anseios das mulheres locais por um matrimônio internacional.

²¹¹ Idem.

²¹² Segundo consta, Fred MacMurray foi casado duas vezes: com Lilian Lamont (de 1936 a 1953) e com a atriz June Haver (de 1954 a 1991). Disponível em: <http://www.imdb.com/name/nm0534045/bio>. Acessado em 16 de junho de 2016.

²¹³ A reportagem foi publicada no dia 1º de abril de 1944, dia da mentira, o que é mais indício de que a reportagem pode ter sido criada, embora seja pouco possível que o redator-chefe de *O Imparcial* tenha usado seu jornal para fazer uma brincadeira de 1º de abril. É mais plausível que seja apenas uma coincidência, não tendo a reportagem qualquer relação com a data em que foi divulgada.

CAPÍTULO 5 – Outras visões na imprensa baiana: estereótipos, racismo, os comunistas e o Eixo em tempos de boa vizinhança

5.1 “Um conglomerado de negros e índios e meia dúzia de brancos dominados por estrangeiros”: visões desabonadoras sobre as relações entre o Brasil e os Estados Unidos

Embora o posicionamento predominante na imprensa baiana fosse de apoio aos Estados Unidos, nem sempre a imagem do Brasil entre os estadunidenses era vista de forma prestigiosa. A revista *Seleções*, versão brasileira da *Reader's Digest*, fazia considerações sobre a América Latina, especificamente sobre seu território. De acordo com Mary Junqueira, o periódico considerava a região vazia e abandonada, em decorrência da postura supostamente passiva e sem iniciativa de seus habitantes, diferente do “grande irmão” do norte, que havia “resolvido o problema dos territórios vazios’ norte-americanos e dos índios ainda no século XIX.”¹ Nesse sentido, a solução para os problemas do subcontinente era seguir o exemplo ianque quanto às terras do Oeste, que incluiu o confinamento de índios e o extermínio de espécies selvagens, visando a transformação daqueles espaços em territórios industrializados pelo homem branco. Para Mary Junqueira, “na perspectiva da revista, este era o único modelo possível, não porque fosse considerado o mais adequado ou o mais viável, mas porque era entendido como universal.”² A autora acrescenta que esse discurso segundo o qual era preciso “ocupar” e “civilizar” o interior do Brasil foi assimilado inclusive pelos políticos e meios culturais brasileiros, levando a iniciativas como a Marcha para o Oeste, de Getúlio Vargas, na década de 1940, a construção de Brasília, nos anos 1950, “e a implementação das megarodovias Belém-Brasília e Transamazônica, na década de 60, que tinham o objetivo de diminuir as distâncias Norte-Sul e o isolamento de determinadas regiões.”³

Segundo Antônio Pedro Tota, o país latino-americano era tema recorrente nos noticiários estadunidenses, nos quais se enfatizava a importância dos produtos brasileiros para os vizinhos do norte, como o manganês, o cristal de quartzo, o cromo, o diamante e as reservas de ferro.⁴ O interesse norte-americano pelas coisas do Brasil também era perceptível na imprensa baiana, que propagou a existência de instituições no território ianque nas quais se estudava o vizinho do sul. No *Estado da Bahia*, foi publicado um texto do professor Afrânio

¹ JUNQUEIRA, Mary A. “Representações políticas do território latino-americano na Revista *Seleções*”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº42, 2001, p. 324. <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n42/a04v2142.pdf>. Acessado em 30 de setembro de 2018.

² Id., *ibid.*, P. 338.

³ Id., *ibid.*, p. 339.

⁴ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., pp. 108-9.

Coutinho, segundo o qual havia na Universidade de Vermont, no nordeste do país norte-americano, o *Portuguese Institute*, organização filiada ao *American of Learning Societies*, que mantinha pela segunda vez um curso de verão para ensino intensivo de português a americanos.

⁵ Durante dez semanas, os alunos seriam proibidos de falar inglês e exercitariam apenas língua de Camões. Além desse idioma, se estudava a literatura e a história do país, num curso voltado a oficiais do exército e marinha, professores, escritores e “homens cultos de maneira geral”, “todos compreendendo a importância que está adquirindo o português e o Brasil”. De acordo com Afrânio Coutinho, o interesse pelos assuntos de nossa nação era “motivo de orgulho e sobretudo de confiança no futuro”. O professor tinha uma visão bastante otimista desse processo, pois, para ele, isso significava que estava havendo uma transformação de mentalidade a respeito do Brasil, “até bem pouco arrolado entre os países situados ‘below Rio Grande’ e de fala espanhola, mais ou menos em estado primitivo de civilização, e de homem inferior”. Segundo o autor, essa visão estava sendo desmistificada, pondo abaixo os antigos complexos — de inferioridade de uns, e de superioridade de outros —, destruindo “as velhas barreiras de incompreensão e desconhecimento mútuo que isolava os países do continente”.⁶

Anunciando a intenção de sanar esse desconhecimento, uma jornalista norte-americana veio fazer reportagens sobre o Brasil, a serem publicadas pela *Reader's Digest*, conforme foi noticiado por *A Tarde*, em junho de 1945. Sobre a Bahia, Mireille Gauleis teria declarado estar satisfeita em visitá-la, “o que fez em caráter turístico, reservando muitos dos seus artigos para o ‘berço do Brasil’”.⁷ No dia seguinte, o vespertino publicou que a repórter estivera em “vários pontos pitorescos da nossa cidade, anotando as novidades em seu carnê.” Noticiava ainda que, provavelmente, Gaulin iria a Entre Rios a fim de conhecer a fazenda de treinamento da Comissão Brasileiro-Americana de Gêneros Alimentícios.⁸ Disso, se depreende que, no interior baiano, existia um organismo de cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos, destinado à produção e comércio de alimentos.

Contudo, em seu romance *Gato Preto em Campo de Neve*, no qual relata sua viagem aos Estados Unidos, em 1941, Érico Veríssimo transmite outra impressão que os norte-americanos pareciam ter acerca dos brasileiros. O autor menciona ter ido a um jantar na casa do Embaixador do Brasil, no qual compareceram “vários funcionários da embaixada brasileira acompanhados de suas esposas, e figuras das esferas políticas e diplomáticas de Washington.”⁹

⁵COUTINHO, Afrânio. “Estudos brasileiros na América”. *Estado da Bahia*, 15 de setembro de 1942, p. 2.

⁶Idem.

⁷ “A JORNALISTA ianque escreverá sobre o Brasil.” *A Tarde*, 04 de junho de 1945, p.2.

⁸ “CONTARÁ ao mundo as coisas da Bahia”. *A Tarde*, 05 de junho de 1945, p. 2.

⁹ VERÍSSIMO, Érico, *Gato preto...*, op.cit., p.57.

Uma amiga de Eleanor Roosevelt confessa para o romancista não saber uma única palavra em português, porque “nós, os americanos, somos muito estúpidos com línguas.”¹⁰ Veríssimo parece meio impaciente com o desconhecimento estadunidense pelas coisas da sua terra-natal, como demonstra a sua reação ao ser perguntado por “um senhor de rosto de marfim velho” se no Brasil se falava espanhol ou português:

- Chinês.

Foi Malazarte quem me soprou a resposta irreverente. E agora quem está desconcertado sou eu, que apressado emendo:

- Português... Claro.

- Oh...

O gentleman se afasta tão sério e casual como veio.¹¹

Em visita à *Smithsonian Institution*, uma fundação particular cuja finalidade era divulgar cultura, Érico Veríssimo constata a existência de um hangar dedicado à história da aviação, em que havia homenagens aos pioneiros da aeronáutica, mas fica decepcionado com a ausência de Bartolomeu de Gusmão¹² e Santos Dumont. Quando questiona um funcionário do museu, recebe a seguinte resposta: “Santos Dumont? Nunca ouvi falar nesse cavalheiro. *Sorry.*”¹³

Em outra visita, dessa vez ao Independence Hall, onde foram assinadas a Constituição e a Declaração de Independência dos Estados Unidos, o romancista gaúcho encontra um “visitante afável e comunicativo”, com quem tem uma interação no mínimo inusitada:

(...) se comove ao saber que sou da América do Sul, me leva a passear pelo casarão, através de seções de fotografia e microscopia, de física e química, de eletricidade, metalurgia, mecânica e engenharia. Mostra-me gráficos e instrumentos com ar pouco protetor, como se estivesse revelando a um selvagem recém-chegado à civilização, as maravilhas produzidas pelo cérebro privilegiado do homem branco. Fica entre surpreso e incrédulo quando lhe digo que no Brasil conhecemos a luz elétrica, o microscópio e a máquina fotográfica. E, minutos depois, na sala de leitura da biblioteca técnica do instituto (que tem cerca de noventa mil volumes, sem contar mais 27000 panfletos) o meu companheiro, querendo fazer-me uma gentileza, murmura:

-Buenos Aires... Deve ser uma linda cidade.¹⁴

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 58.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 59.

¹² Sobre Bartolomeu de Gusmão, constam as seguintes informações: “Nasceu em Santos, S. Paulo, no Brasil, e fez estudos no Seminário jesuíta de Belém, na freguesia de Cachoeira, Capitania da Baía, onde se ordenou. (...) Cognominado o “padre voador”, é considerado um precursor da aeronáutica sendo dos primeiros a provar a possibilidade de criar engenhos com capacidade para voar.” Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p2.html>. Acessado em 20 de julho de 2018.

¹³ VERÍSSIMO, Érico, *Gato preto...*, op.cit., p. 66.

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 90.

Ao jantar numa casa de família, Veríssimo é interpelado pela caçula de oito anos, curiosa em saber se os brasileiros moram em casas como os norte-americanos, se tomam sorvete e usam roupas “como as de papai”. O romancista responde:

– Claro, minha filha. E não penses que andamos com esses sombreiros que tu vê nas fitas de cinema.

A pequena dá um salto, arregala os olhos e exclama:

– Vocês não usam sombreiros de aba larga e copa bicuda, como os mexicanos? Ooooooo! Não acredito.

Diz isso e se precipita para o roupeiro. Volta desconsolada com o meu chapéu de feltro comprado em Nova York e murmura, num desânimo:

– Oh... assim não tem graça.¹⁵

No romance, há ainda uma crítica à Boa Vizinhança, feita não por um brasileiro, mas por um escritor holandês, Hendrik van Loon, a quem Veríssimo faz uma visita:

–Então o senhor anda fazendo “boa vizinhança, hem?

Há no tom de sua voz uma mansa e paternal ironia, a confiança, o abandono e a franqueza de um homem que viveu muito e que sabe olhar a vida com olhos ao mesmo tempo sarcásticos e ternos.

–Eu ando principalmente realizando um velho desejo, Mr. Van Loon. O de ver os Estados Unidos.

–Não lhe gabo o gosto.

–Há lugares piores...

Van Loon acaricia a cabeça dum pequinês peludo que lhe vem fazer festas.

– Boa vizinhança é besteira – diz ele. Você acredita em good will e em todas essas bobagens? Se você gosta de mim, vem à minha casa, conversa comigo, come à minha mesa e amanhã eu faço o mesmo na sua casa. Tudo isso natural, sem discursos nem publicidade. Passamos a vida inteira ignorando a América do Sul. E agora, de repente, toca fazer boa vizinhança a todo o vapor! É ridículo.¹⁶

Érico Veríssimo também relata em seu livro protestos contra a forma pela qual o Brasil era visto nos Estados Unidos. O cônsul do país latino-americano, Ildefonso Falcão, encontrou o romancista, contando da sua indignação com a revista *Friday*, que publicara uma reportagem cujo objetivo seria “provar que o Brasil não passa dum conglomerado de negros e índios governados por meia dúzia de brancos, os quais por sua vez são dominados por elementos estrangeiros.” Segundo Veríssimo, Falcão estava decidido a desmistificar essas ideias acerca do país:

No intuito de fazer frente a ataques como esse e, principalmente, de dar aos americanos uma ideia justa do que é esse big country da América do Sul que, para a maioria deles, não passa da terra de onde vem o café e o samba – Ildefonso Falcão escreve artigos nos jornais de Boston, faz

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 92.

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 128.

conferências em suas universidades e escolas e mantém numa das estações de rádio locais, uma “Hora do Brasil”.¹⁷

Entretanto, em sua série de palestras sobre literatura brasileira ministradas na Universidade da Califórnia-Berkeley, a convite do Departamento de Estado norte-americano, no ano de 1944, Érico Veríssimo oscilou entre a desmistificação dos estereótipos hollywoodianos a respeito do Brasil e o reforço de ideais da Política de Boa Vizinhaça. O romancista interpretava “o interesse norte-americano pela literatura brasileira como sendo resultado dum desejo de conhecer o Brasil e seu povo.”¹⁸ Esse anseio era justificável, pois havia uma necessidade de todos os povos americanos se conhecerem entre si a fim de desfazer falsas impressões:

O Brasil que vocês conhecem é um Brasil falsificado, feito em Hollywood, que em geral nos apresenta ou como um país de opereta, em que homenzinhos que vestem fraque, usam cavanhaque e gesticulam como doidos beijam na rua e em plena face outros homúnculos igualmente grotescos; ou então com os recursos do tecnicolor nos mostram como uma terra de mirabolantes maravilhas. Não somos nem ridículos nem sublimes. Na minha terra, como aqui, há de tudo.¹⁹

Em contrapartida, Veríssimo reitera a imagem do brasileiro como um povo pacífico e cordato:

Os brasileiros são, em geral, pessoas caracteristicamente simples. Claro que têm muitos defeitos, mas acredito que, quando tudo estiver dito e feito, se encontrará neles um resíduo de virtudes. Odeiam a guerra e a violência e não tem problemas de cor. São hospitaleiros e amáveis, mesmo quando sua natureza apaixonada os força a parecer intolerantes ou provocativos.²⁰

Dessa forma, apesar de a imprensa baiana mostrar a existência de um suposto interesse norte-americano pelas coisas do Brasil, em outros meios, parece haver um reforço de estereótipos colocando o país latino-americano numa condição de atraso e inferioridade civilizatória em relação aos vizinhos do norte.

¹⁷ Id., *ibid.*, pp. 177-8.

¹⁸ MACHADO, Ronaldo. “Entre o centro e a periferia: Érico Veríssimo nos Estados Unidos, 1944.” Texto apresentado no VI Encontro do “Brazilianisten-Gruppe in der ADLAF”, realizado em outubro de 2004, em Berlim. http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/emilio/autoria/artigos2005/entre_centro_periferia_ronaldo.pdf. Acessado em 08 de outubro de 2018.

¹⁹ VERISSIMO, Érico. *Breve História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Globo, 1995, p. 108. *Apud*: MACHADO, Ronaldo. *Op. cit.*.

²⁰ Id., *ibid.*

5.1.1 Os Estados Unidos e o racismo

O problema do racismo nos Estados Unidos apareceu em alguns momentos na imprensa baiana. É preciso destacar que a questão foi exposta inicialmente pelas resoluções do Internacional Comunista para a questão negra (*Comintern Resolutions on the Negro Question*), em 1928 e 1930.²¹ Segundo Elizabeth Cancelli, consta nessas resoluções que a população negra no país norte-americana formava uma espécie de cinto (*blackbelt*), ficando à margem da sociedade e tendo, portanto, o direito de se emancipar e se autogovernar. Para a autora, “a opressão negra teria sido causada pela condição de expropriação e semiescravidão a que haviam sido relegados os negros, pela ainda inconclusa questão agrária do Sul, agravada pelo terror da Ku Klux Klan.”²² Esse posicionamento da Internacional Comunista tornou a causa negra um ponto fundamental nas lutas anti-imperialistas e antiamericanas, a ser considerado pelos Partidos Comunistas no mundo inteiro, inclusive o dos Estados Unidos.

Os anos após a Primeira Guerra Mundial foram um período de reflexão sobre os impactos da guerra de secessão para a população negra norte-americana. No sul do país, foram feitos questionamentos em relação à economia e a cultura da sociedade industrial, com enfoque no seu pragmatismo e utilitarismo, relacionados ao abandono dos afroamericanos, com o final da escravidão. Tal movimento deu origem aos *Agrarians*, inspirados pelos *Fugitives*, um grupo de poetas e professores formado na Universidade de Vanderbilt, Nashville, Tennessee, em 1915.²³ De acordo com Elizabeth Cancelli, os *Agrarians* procuravam conciliar tradição e progresso, associando a defesa da herança cultural e dos valores religiosos do humanismo cristão à reafirmação de uma filosofia antiliberal.²⁴

No entanto, na década de 1940, o racismo continuou sendo um problema grave nos Estados Unidos, não passando despercebido num relatório sem assinatura sobre aspectos gerais do imenso país, como política e sociedade, aparentemente encomendado pelo governo

²¹ Desde 1928, a Internacional Comunista vinha fazendo uma série de críticas ao posicionamento dos Partidos Comunistas nos países em relação à “questão negra”. Segundo Petrônio Domingues, “desde 1928 Moscou adotava a política do direito à autodeterminação dos negros e indígenas. Tal política prometia garantir a soberania econômica, política e cultural desses grupos, deixando-os constituir seus próprios Estados, se assim desejassem.” DOMINGUES, Petrônio. “Minervino de Oliveira: um negro comunista disputa a presidência do Brasil.” *Lua Nova*, São Paulo, 2017, pp. 42-3. <http://www.scielo.br/pdf/ln/n101/1807-0175-1n-101-00013.pdf>. Acessado em 15 de novembro de 2018.

²² CANCELLI, Elizabeth. “Caminhos de um mal-estar de civilização: reflexões intelectuais norte-americanas para pensar a democracia e o negro no Brasil.” *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, jan.-jun. 2008, p. 174. http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/E_Cancelli.pdf. Acessado em 14 de outubro de 2018.

²³Id., *ibid.*, p. 179.

²⁴Id., *ibid.*, p. 179.

brasileiro, em 1944. O texto constata a ocorrência de “violências brutais” contra negros no território norte-americano:

Os atentados de Detroit, que mostram a exacerbação dos ódios de raça, são o testemunho da existência, na América do Norte, de uma espécie de racismo intra-muros, para uso interno. Falta à democracia americana, que aparece tão simpática em alguns aspectos, o espírito da fraternidade cristã, que é o traço da democracia brasileira.²⁵

A imprensa baiana também deu certo destaque a esse aspecto da sociedade estadunidense. Eventualmente, os articulistas dos jornais baianos escreveram a respeito da questão do racismo no país ianque, contradizendo a tendência predominante na imprensa local de enfatizar as qualidades norte-americanas. No *Diário de Notícias*, o escritor, pintor, poeta e crítico de arte Sérgio Milliet apresenta impressões inusitadas a respeito dos Estados Unidos. Com copyright da Interamericana, seu texto começa com censuras ao “velho fundo puritano que parecia recalcado para sempre pela preocupação progressista americana, e pelo anseio de uma liberdade, dia a dia, maior”.²⁶ Milliet refere-se ao retorno de um moralismo, propiciado pelo contexto de guerra, fazendo com que se animasse a volta da lei seca. De acordo com o autor, em certos estados, como Geórgia e Kansas, a lei nunca foi abolida, “o que não deixava de criar complicações de grande comicidade para o viajante”. Milliet continua se queixando desse suposto aumento do puritanismo nos Estados Unidos, atribuindo-o a uma ofensiva antiliberal:

Vindo de Miami, não me foi possível obter uma gota sequer de cerveja, no vagão do restaurante, porque atravessávamos, então, a Geórgia reacionária. Mas, em Washington, a mesma dificuldade se apresenta, pois raros são os hotéis e restaurantes “molhados”. E agora, nova lei acaba de ser promulgada, proibindo a venda de bebidas alcoólicas nas cantinas do exército. Ao mesmo tempo, se inicia uma campanha severa contra os hotéis duvidosos. As pessoas bem informadas com quem tenho conversado, afirmam, que por trás dessa cortina de moralidade, se esconde o reacionarismo ferrenho em luta aberta contra os liberais.²⁷

O escritor acredita que esse moralismo fosse obra de membros conservadores do governo, que se antagonizavam com o presidente Roosevelt e com o desejo da população:

A grande maioria da população desaprova uma volta à lei seca, mas a política do Senado e da Câmara obedece a misteriosos interesses, nem sempre em perfeito acordo com o pensamento da presidência e da nação. Essa política, que se opõe a vontade clarividente de Roosevelt, joga com os trunfos do puritanismo e do preconceito racial. É contra o negro e o álcool, e tem seus

²⁵ “IMPRESSÕES”. CPDOC/FGV, [1943 ou 1944], LV pi S. Ass. 1943/1944.00.00, pp.7-8.

²⁶ MILLIET, Sergio. “Cartas da América”. *Diário de Notícias*, 16 de março de 1943, p. 2.

²⁷ Idem.

eleitores na classe média e na alta burguesia. Com o presidente estão, realmente, sinceramente, com entusiasmo até, o povo e os intelectuais, as forças, em suma, dia a dia, mais poderosas da América.²⁸

O autor conta ainda uma pequena história que ilustra o racismo no sul dos Estados Unidos, combatido por Roosevelt e incentivado por seus opositores:

O ministro de X... resolveu fazer uma viagem ao sul do país. Imaginem a atrapalhão do Departamento de Estado! O funcionário encarregado de acompanhar o ministro “*colored*” dirigiu-se à companhia para solicitar as necessárias garantias.

— Nós podemos dá-las, apenas, no que diz respeito aos nossos funcionários. Mas devemos pô-lo de sobreaviso quanto à atitude do povo, foi a resposta. Se o povo vir, nas estações, um negro sentado no *pulman*, muita coisa grave poderá acontecer.

E o ministro teve que viajar em compartimento reservado, de cortinas descidas. É contra isso que se bate Roosevelt e é isso que seus adversários apoiam.²⁹

Portanto, o apoio a Roosevelt manifestado pelo escritor brasileiro se diferencia daquele apresentado até então pela imprensa baiana. A adesão de Milliet se demonstrava pelo viés da crítica ao moralismo e ao racismo, duas mazelas defendidas, segundo o autor, pelos grupos mais retrógrados da sociedade norte-americana e condenadas pelo presidente democrata. Diferentemente do discurso majoritário sobre os Estados Unidos nos jornais de Salvador, o texto também expõe uma imagem do país que não beirava a perfeição, pois mostrava uma civilização que tinha seus problemas. Porém, o autor acredita que esses obstáculos poderiam ser vencidos, pela vontade do chefe de governo, dos intelectuais e da população.

Contudo, as reservas de Milliet aos Estados Unidos não se estendem à cultura da nação. Ao relatar sua visita à Biblioteca do Congresso e à União Panamericana, o escritor elogia o trabalho desenvolvido pela seção de música no campo do folclore latino-americano e da fonética espanhola e portuguesa, contando com “instalações principescas e facilidades, nem sequer imaginadas entre nós”. Observando os painéis de Portinari, o autor escarnece dos brasileiros:

Dou uma olhadela nos painéis de Portinari, que tanto escandalizam os brasileiros itinerantes... Sei de um que afirmou só ter visto tamanhos monstros em locais de cultura! Não é essa a opinião norte-americana, felizmente. Muito pelo contrário, admira o público essa obra vigorosa, de construção sólida e colorido vibrante, expressiva e fecunda de influências. Esses homens que acham monstruosa a força da pintura moderna esquecem de que ela é

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

representativa de uma época monstruosa em si, que uma pintura sossegada, bem educada, disciplinada nas escolas oficiais fora incapaz de exprimir.³⁰

Apesar de muitos brasileiros, segundo o autor, não terem compreendido a obra de Portinari, a arte nacional era bastante apreciada pelos norte-americanos:

Com Robert Smith, o grande conhecedor da nossa arquitetura colonial examino pormenorizadamente os arquivos iconográficos da “Library of Congress”. Ali estão as nossas obras primas catalogadas e fichadas com carinho. E plantas antigas, catadas e fotografadas nos arquivos portugueses completam a documentação preciosa. Ali estão também as nossas revistas melhores, entre as quais a Revista do Arquivo Municipal e a Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Tudo o que escrevemos ou reproduzimos é lido, anotado, comentado. Há uma verdadeira fome de arte brasileira, colonial e moderna sobretudo.³¹

Embora tenha reservas quanto ao moralismo e ao racismo da sociedade norte-americana, sob o ponto de vista artístico, Milliet considera o gosto dos ianques bastante superior ao dos brasileiros, que tinham muito o que aprender nesse sentido com os vizinhos do Norte. O autor sugere que os estadunidenses poderiam, inclusive, ensinar os brasileiros a admirar a arte produzida pelos próprios compatriotas destes últimos.

Em março de 1943, *A Tarde* reproduziu um texto que retoma a discussão sobre o racismo nos Estados Unidos. Assinado por Richard Wright, um escritor negro estadunidense,³² o artigo remonta a um período chamado pelo autor de Velha Democracia, quando se conviveu, nos Estados Unidos, com um preconceito “que não é nada mais nada menos do que um dos ferozes pressupostos do nazismo: o pressuposto da superioridade racial”.³³ Para o escritor, a existência do racismo numa sociedade como a norte-americana indica uma falha na educação democrática do povo estadunidense, que precisava ser sanada “em nome da decência das relações humanas”. A libertação dos escravos garantiu a mistura e uniformização de direitos de brancos e negros, mas não houve fusão desses direitos, pois os negros continuavam sendo escravos em função de sua cor e sua raça. Segundo Wright,

É por isso que — embora na minha qualidade de negro seja suspeito para afirmar isto — não podemos deixar de pôr dúvida a superioridade dos Estados Unidos sobre outras nações, sobretudo quando pensamos que a nossa superioridade só o é do ponto de vista industrial.³⁴

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Richard Wright era um escritor negro norte-americano que lutou contra o racismo através das suas obras. <https://medium.com/brasil/311-p-%C3%A1-ginas-na-pele-de-um-negro-dd901b4dfab8>. Acessado em 15 de novembro de 2018.

³³ WRIGHT, Richard. “Os negros americanos e a guerra”. *A Tarde*, 29 de maio de 1943.

³⁴ Idem.

Assim, o autor faz uma afirmação ousada para a época ao questionar a preeminência norte-americana, porque a mesma só se demonstrava, para ele, pelo viés econômico, estando aquém do ideal do ponto de vista social.

De acordo com o texto, a ascensão do nazismo chamou atenção para o debate em torno da supremacia racial. A perseguição aos judeus era uma experiência dolorosa que os aproximava dos negros, o que poderia, segundo o autor, levar os brancos a uma atitude mais humana em relação ao racismo, depois da guerra. O escritor espera, dessa forma, que a Nova Democracia oriunda do conflito trouxesse melhorias para os negros do mundo inteiro:

Mas esta melhoria não nos será somente concedida por um ato de bondade; ela será uma conquista dos negros: uma recompensa pela sua participação na luta. Porque os negros estão vivendo na sua própria carne as dores desta guerra, uma vez que há milhares e milhares de negros alistados no exército americano. A guerra passada mostrou que os negros são soldados tão bons quanto os brancos: inteligentes, combativos e patriotas. Se, portanto, os negros são necessariamente úteis num campo de batalha, é de justiça que se lhes reconheça idêntica utilidade em tempo de paz nas ruas, nos cafés, nas universidades e em todos os setores da vida nacional.³⁵

A citação acima é particularmente interessante porque Richard Wright valoriza o protagonismo dos negros na luta pela sua própria libertação, ao demonstrarem as mesmas qualidades que os brancos, justificando, portanto, que deveriam ocupar também todos os espaços sociais em tempos de paz.

O autor relata experiências em que se procurou juntar brancos e negros nos batalhões que atuaram na guerra. O resultado não foi bem-sucedido: “o que se sucedeu foi tudo, menos o que se poderia chamar de convivência, porque os negros e os brancos se separaram com a mesma espontaneidade com que a água se separa do azeite”. Wright atribui esse afastamento a uma “aversão patológica dos norte-americanos pelos negros”. Em relação aos homens do Sul, o autor se mostra compreensivo, pois eles sofreram “a triste fatalidade histórica daquela secção dos Estados Unidos”. Por outro lado, a divisão existente no exército entre negros e brancos era consequência de uma sabotagem deliberada de oficiais, os quais ignoraram a ordem dada pelo governo estadunidense, segundo a qual a convivência entre ambas as raças deveria ser praticada. Nesse caso, o autor se mostra menos tolerante:

É natural, perdoável e compreensível que muitos americanos do Sul, simples e ignorantes homens do povo que não estão bem a par de todos os nossos princípios democráticos, segreguem estupidamente os soldados negros de sua convivência; mas o que não é natural, não se perdoa e não se compreende absolutamente é que os oficiais de um exército democrático desobedeçam às

³⁵ WRIGHT, Richard. “Os negros americanos e a guerra”. *A Tarde*, 29 de maio de 1943.

ordens de seu governo e adotem a seguinte divisa em relação aos negros: “mantenham-se à parte”.³⁶

De acordo com o autor, era preciso que os oficiais do exército atinassem para a hipocrisia de falarem em democracia evitando que soldados brancos se misturassem com soldados negros. Afinal, “constitui um crime tão grande quanto qualquer crime nazista, a segregação dos soldados negros no momento mesmo em que estes estão lutando pela liberdade dos brancos”. Logo, para Richard Wright, o racismo era um perigoso elemento na democracia norte-americana que podia abrir precedente para o desenvolvimento do nazismo. Esse risco seria eliminado desde que se fizesse uma paz coerente com a causa da liberdade.³⁷

De fato, os dados existentes sobre o tema confirmam a lentidão da mudança de atitude do governo e da sociedade sobre as tensões raciais:

As Forças Armadas permaneceram quase totalmente marcadas pela segregação mesmo com 700 mil negros alistados. Não menos de 242 motins raciais, provocados por tensões econômicas e sociais relativas a emprego e moradia, explodiram em 47 cidades em 1943, inclusive Detroit, onde 34 pessoas (25 negros e nove brancos) morreram e 700 ficaram feridas. “O Norte não existe mais” – lamentou uma senhora negra chorando depois dos eventos terríveis na cidade – “tudo agora é o sul”.³⁸

Desse modo, os textos de Sérgio Milliet e Richard Wright se aproximam por mostrar uma imagem imperfeita dos Estados Unidos, o que não era uma tendência predominante nos jornais editados em Salvador à época. Apesar de, em ambos os autores, o racismo ser um problema intrínseco à sociedade ianque, essa mácula nunca respingava no governo do país. Pelo contrário, os artigos indicavam que Roosevelt se empenhava em combatê-lo, mas encontrava resistência nas parcelas mais conservadoras do povo estadunidense. Assim, mesmo quando se mostrava os defeitos da civilização norte-americana, seu governo passava incólume no discurso disseminado sobre a nação, durante a guerra.

Naquele período, um profeta negro ganhou destaque na sociedade nova-iorquina e chamou a atenção de alguns brasileiros. Em outubro de 1943, foi publicado um artigo atribuído ao “enviado de *O Imparcial* aos Estados Unidos”, em que o autor procura convencer os leitores da excepcionalidade de Nova York. Na reportagem, destacava-se que a cidade era copiada no mundo inteiro, embora apresentasse uma “fisionomia distinta, absolutamente própria e inconfundível”. Também era notável seu cosmopolitismo:

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

³⁸ KARNAL, Leandro [et al.]. *História dos Estados Unidos*, op. cit., pp. 189-190.

Em Nova York todas as raças da terra e todas as tendências do espírito se misturam e se agitam, dando lugar a um ensaio maravilhoso, do qual poderá sair a humanidade nova de tempos novos. Aliás nas fisionomias que animam as ruas da mastodôntica Manhattan de hoje, já podemos encontrar traços do Homem que há de vir. Como em várias partes do Brasil, em Nova York já podem ser encontrados traços finos de brancos puros e brancos com feições de negros, judeus que parecem arianos e arianos com cara de semitas. Já é o que se pode chamar, usando linguagem afonótica, o namoro ou noivado que causará matrimônio cósmico das raças.³⁹

Atribuía-se a Nova York, com efeito, uma missão civilizadora, pois a cidade ditaria os rumos ao mundo que se constituiria no pós-guerra.

Além disso, o enviado de *O Imparcial*, que supomos ser Wilson Lins, conta uma história insólita sobre uma espécie de profeta que vivia nos Estados Unidos. Segundo o autor, tratava-se de um “emulo de Cristo, que passa por ser uma edição um tanto debochada dos antigos reformadores religiosos e condutores de povos em disputas raciais, e que se faz chamar pelos seus adeptos, pelo sonoro apelido de ‘Pai Divino’”. Esse beato era negro, o que leva o repórter a fazer observações generalizantes acerca do continente africano, de seus povos e de seus descendentes na América, inclusive desqualificando os negros brasileiros em benefício dos norte-americanos:

Legítimo herdeiro do misticismo secular da gente da África, esse negro que desperta as mais contraditórias opiniões no seio da massa americana, não é contudo, um fanático imbuído de baixo fetichismo nem tão pouco, um cínico simulador que explora a credence natural dos seus irmãos de cor, na mais das vezes analfabetos e ignorantes. Não obstante o nível mental do negro americano ser muito mais elevado que o do negro do Brasil e de outros países do continente, o número de analfabetos ainda é muito grande.⁴⁰

Em *Gato preto em campo de neve*, Érico Veríssimo relata ter presenciado um culto do Pai Divino no bairro do Harlem, em Nova York. Segundo o romancista, existiam muitas obras de caridade e assistência social ligadas ao profeta, embora a origem dos financiamentos dessas atividades fosse desconhecida. Veríssimo conta ter pedido uma audiência com o Pai Divino, que respondeu através de uma carta não ser possível devido aos seus inúmeros afazeres, mas que o brasileiro poderia vê-lo em seus discursos dominicais, no *Rockeland Palace*. Assim, no domingo seguinte, Veríssimo foi assistir a mais um pronunciamento do profeta:

Volto ao Harlem na noite do domingo seguinte e ouço o discurso do Pai, que é um homem baixo, gordo, calvo, tranqüilo e voz grave. Não me parece um fanático completo nem um espertalhão consumado – mas talvez uma razoável mistura de ambas as coisas. Fala com uma serena convicção e com uma deliciosa incoerência. Os anjos e os fiéis o escutam em êxtase. E a cada

³⁹ “DOIS mundos se defrontam em Nova York”. *O Imparcial*, 07 de outubro de 1943.

⁴⁰ Idem.

momento murmuram: *Yes, Father! Thank You, Father!* A mesa é farta. O ar está saturado de felicidade e de cheiros: uma nauseante combinação de exalações de corpos suados, de perfumes baratos, de carne assada e de molho de curry. Tento aproximar-me do profeta, mas uma vigilante guarda de musculosos anjos barra-me os passos. “Father Divine” me foge por entre alas de fiéis e sobe glorioso para os seus aposentos.⁴¹

O enviado de *O Imparcial* também não acredita que esse “Pai Divino” fosse um oportunista. Referindo-se pejorativamente às religiões de matriz africana, para ele, o homem “não é nenhum pai-de-santo, que por meio de passes de mágica empolga a massa negra”, pois seu movimento teria uma base profundamente religiosa. Porém, mais do que isso, congregava as forças sociais, em prol da defesa e dos interesses dos negros, por meio do amor ao estudo e o incentivo à alfabetização. Além disso, o “Pai Divino” também conseguia roupas, medicamentos e comida, que eram distribuídos aos desempregados ou doentes.⁴²

O repórter diz não ter tido oportunidade de conhecer quem ele chama de “Zaratustra dos negros”, pois este estava ausente nas suas duas viagens a Nova York. O Pai Divino estava sendo processado como explorador de mulheres; por conta disso, vivia em Nova Jersey e só ia a Nova York aos domingos, porque, nesse dia da semana, ninguém ia preso. Então, aproveitava essa tradição para fazer “uma entrada triunfal na cidade, sendo carregado pelos seus ‘filhos amados’, do aeroporto até o Harlem”. A viagem, a propósito, lhe era oferecida pelos “devotos de seu credo político-religioso”. Então, finalmente, Wilson Lins aponta um problema da América do Norte:

O negro, que em todos os países por mais liberais só encontram pé de igualdade com as outras raças na democracia da morte, essa democracia livre de injunções que desconhece preconceitos raciais, na América do Norte muito necessita de um movimento de solidariedade, como o patrocinado pelo negro Messias do Harlem.⁴³

Portanto, o autor reconhece que o racismo era uma fraqueza da sociedade norte-americana, que, na sua visão, seria amenizada por meio de medidas assistencialistas. Todavia, em nenhum momento, o repórter menciona o papel do Estado nesse sentido, além de reprovar a resistência ativa dos negros ao afirmar que o movimento de “Pai Divino” “não promovia desordens” nem provocava choque contra brancos.⁴⁴

⁴¹ VERÍSSIMO, Érico. *Gato preto em campo de neve*, op.cit., p. 121.

⁴² “DOIS mundos se defrontam em Nova York”. *O Imparcial*, 07 de outubro de 1943.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem.

5.2 Rússia: de inimiga a salvadora da civilização

A partir deste tópico e nos dois próximos, enfocaremos na cobertura dos jornais baianos sobre a União Soviética e os comunistas, bem como acerca do Eixo e seus simpatizantes no Brasil. Embora aparentemente não se relacionem de forma direta ao americanismo, faz-se necessária uma abordagem desses temas como contraponto ao discurso pró-estadunidense presente na imprensa da Bahia. Contudo, não faremos um estudo aprofundado do discurso sobre os comunistas e os eixistas nos periódicos editados em Salvador, por fugir dos objetivos gerais e específicos desta pesquisa. Dessa forma, nos restringimos ao levantamento de aspectos gerais das apreciações e argumentos sobre o que era entendido como “extremismos” políticos, presentes nos jornais baianos durante a Segunda Guerra.

No contexto de luta contra o nazifascismo, especialmente nos três últimos anos da Segunda Guerra Mundial, os órgãos de comunicação refletiram a convergência de interesses existente entre liberais e comunistas durante a guerra. A partir do ingresso do Brasil no conflito, a campanha democrática, formada por alianças liberais, esquerda e populares, e foi associada, no plano internacional, pelo repúdio ao Eixo. Segundo Petilda Vazquez, “no plano interno, esta campanha, embora combatesse, igualmente, as forças nazifascistas no país, não constituiu oposição explícita ao regime autoritário de Vargas”.⁴⁵ Porém, o combate à extrema direita logo passou a se identificar com o esforço pela redemocratização do Brasil. Nesse sentido, a luta pela democracia aproximou políticos de formação liberal, inimigos do governo Vargas, e partidos políticos de esquerda, dos quais o principal era o PCB. Embora divergissem em seus objetivos, concordavam que só a união de todas as forças opostas ao nazifascismo e ao Estado Novo “conseguiria anistia para os presos políticos e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte que outorgasse ao país uma Constituição de fato democrática”.⁴⁶

Com efeito, os jornais da imprensa baiana passaram a focar no antifascismo e no combate à quintacoluna e reduziram os ataques ao comunismo. A participação da União Soviética na guerra, provocando a suspensão da propaganda anticomunista no ocidente, permitiu o combate ao nazifascismo e o Estado Novo começou a se debilitar, alargando as brechas do cerceamento imposto pela censura.⁴⁷ Entretanto, os periódicos não chegaram a abandonar totalmente o discurso anticomunista, procurando manter um posicionamento segundo o qual o único regime verdadeiramente democrático era o representado pelo

⁴⁵ VAZQUEZ, Petilda Serva. *Intervalo democrático e sindicalismo: Bahia (1942-1947)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: UFBA, 1986, p. 36.

⁴⁶ TAVARES, Luís Henrique Dias, op. cit., pp.433-4.

⁴⁷ SODRÉ, Nelson Werneck, op. cit.. 386.

liberalismo. Assim, apesar de o foco principal durante a Segunda Guerra ser a derrota do nazifascismo, o anticomunismo não foi totalmente abandonado nas apreciações da imprensa liberal, mesmo quando se procurava reconhecer o empenho da União Soviética no combate ao Eixo. Logo, a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial impôs como prioridade o combate às doutrinas de extrema direita, de modo que, naquele período, as críticas ao comunismo acabaram escasseando, embora sem desaparecer completamente, no discurso dos periódicos.

De modo geral, os jornais editados em Salvador publicavam notícias sobre o desempenho da União Soviética na guerra, além de artigos sobre o imenso país, escritos por autores brasileiros e estrangeiros. Houve sutis diferenças de abordagem entre os periódicos, em relação ao comunismo. O *Diário de Notícias* tendeu a um discurso abertamente condenatório, por vezes igualando os extremismos de esquerda e de direita. Em agosto de 1942, esse jornal publicou um texto de Azevedo Amaral, teórico do Estado Novo, que passava uma linha de igualdade entre o comunismo e o liberalismo, pois ambos pretendiam “sabotar o regime”. Após afirmar a existência de uma unidade moral entre o povo e o governo, personificado no presidente Vargas, sem paralelos na história, o teórico elogia a criação de núcleos agroindustriais, visando estimular a economia nacional. Além disso, denuncia as

manobras dos saudosistas da democracia falida e os sonhadores de infernos vermelhos, não são inteiramente inócuas. Elas envolvem uma sabotagem sorrateira e contínua do regime, com desvirtuamento perigoso de algumas das suas engrenagens mais importantes que a astúcia dos comunistas conseguiu por à disposição da propaganda marxista entre nós. Liberais e democratas estão unidos nesse trabalho de sapa. Os primeiros apegam-se aos bolchevistas porque reconhecem a falência irremediável da sua escola e verificando que ela não tem mais vitalidade para fingir, sequer, de força política ativa, sentem que, para simular uma sobrevivência no nosso meio, precisam viver parasitariamente, à custa dos seus aliados moscovitas. (...) É, portanto, imprescindível adotar imediatamente providências adequadas a fim de reprimir o mal que se pode tornar muito mais grave. A primeira dessas medidas de defesa do Estado e da Sociedade é exercer uma vigilância severa sobre os serviços públicos, a fim de afastar dali em tempo útil os liberais-democratas e comunistas, que sorrateiramente procuram fazer a sabotagem do regime.⁴⁸

Há dois aspectos importantes a se considerar nesse texto de Azevedo Amaral. O primeiro é a exposição do caráter antidemocrático do Estado Novo, denotando que não havia da parte do autor um interesse em escamotear o viés autoritário do governo. E o segundo é que,

⁴⁸ AMARAL, Azevedo. “A colaboração nacional: liberalismo e comunismo”. *Diário de Notícias*, 05 de agosto de 1942.

naquele período, em agosto de 1942, já existia uma aproximação entre comunistas e setores liberais, que inclusive era conhecida e denunciada pelos partidários do comando varguista.

Em texto também datado de agosto de 1942 e publicado em *O Imparcial*, seu redator-chefe, Wilson Lins, responsabiliza outro grupamento político de tentar desestabilizar o Brasil. Nesse artigo, o autor condena as ações do líder integralista Plínio Salgado nos anos 1930, acusando-o de incentivar a desordem e o temor generalizado.⁴⁹ O jornalista atribui ao prócer da Ação Integralista Brasileira (AIB) a disseminação de boatos a respeito de um possível “assalto ao poder pelas forças da internacional comunista”. Para o autor, esses rumores tinham o objetivo de forçar a adesão do Brasil ao Eixo. No entanto, o Estado Novo levou ao fechamento da Ação Integralista e a expulsão de Plínio Salgado do território nacional, e, com isso, “essas manifestações lamentáveis de cinismo e falta de dignidade desapareceram, uma vez por todas”. Wilson Lins então relata que, passados alguns anos, inconformados com a orientação “antifascista” do governo nacional, novamente os agentes da quintacoluna atuavam no sentido de espalhar notícias falsas. O jornalista alega ter sobre sua mesa um documento “de provocação nitidamente fascista”. Intitulado “O Plano Soviético de Conquista do Mundo”, tratava-se de uma tentativa de alarmar o povo em torno de um suposto plano de conquista do mundo pela Rússia:

Segundo os agentes integralistas da reação quintacolonista, que forjaram e estão distribuindo o “sensacional” documento, a Rússia de Stalin, aproveitando o plano expansionista de Pedro, o Grande, está trabalhando ativamente para dominar o mundo. Numa arenga sórdida em que procuram apresentar as democracias como colaboradoras de Stalin, os agentes provocadores da quinta coluna mistificam a mais não poder, no cínico propósito de intranquilizar para confundir e conseguida a confusão, arrastar as massas à sublevação e à desordem.⁵⁰

Assim, Wilson Lins considera necessário denunciar a falsidade do documento como obra dos “agentes internacionais do fascio”. Segundo o redator-chefe de *O Imparcial*, esses traidores tentavam associar as potências democráticas a um possível anseio expansionista da União Soviética, a fim de desviar a atenção daqueles que seriam os verdadeiros inimigos do país, a saber, os integralistas e quintacolunas. Percebemos então que, no mesmo período, havia nos jornais baianos discursos divergentes a respeito das correntes políticas que supostamente buscavam a desestabilização do país.

Em dezembro de 1942, *O Imparcial* noticiou o recebimento, pelo novo interventor da Bahia, Pinto Aleixo, de uma moção de apoio de várias entidades patrióticas. Em defesa da

⁴⁹ LINS, Wilson. “A confusão é o seu clima”. *O Imparcial*, 11 de agosto de 1942.

⁵⁰ Idem.

União Nacional, manifestaram-se lideranças de organismos em prol da democracia que eram ligadas ao PCB, como Mário Alves, coordenador da Comissão Central Estudantil pela Defesa Nacional e Pró-Aliados, Ariston Andrade, secretário geral da União dos Estudantes da Bahia, e Jacob Gorender, do Grêmio dos Estudantes Israelitas.⁵¹

A participação de membros do PCB no movimento patriótico também foi citada em uma reportagem de janeiro de 1943 do jornal *A Tarde*, no comício de aniversário do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo. O primeiro orador, Mário Alves, representando os estudantes, destacou a participação ativa do Brasil na guerra, ao lado dos aliados, denunciou as manobras da quintacoluna e manifestou a disposição da classe estudantil em se dedicar à derrota do nazifascismo. Jorge Amado, já um conhecido escritor e membro do clandestino PCB, também se pronunciou contra o totalitarismo, “inimigo desmascarado da civilização e dos direitos do povo.” Embora em nenhum momento seja mencionada a ligação dessas pessoas com o Partido Comunista, a presença das mesmas em postos de liderança das entidades e o destaque dado pela imprensa aos seus pronunciamentos denota certa aceitação de esquerdistas junto aos setores democráticos da sociedade.⁵²

Em março de 1943, o jornalista Osório Borba escreveu para *A Tarde* um artigo em que também aponta o perigo comunista como um pretexto utilizado por nazifascistas.⁵³ Segundo o autor, a “defesa do ocidente contra a ameaça do bolchevismo” conduziu o fascismo ao poder na Itália e em outros países. Contudo, o pacto de não-agressão entre a Alemanha e a União Soviética anulou os efeitos dessa propaganda anticomunista. Enquanto a Inglaterra e os Estados Unidos intensificavam cada dia sua cooperação com o país de Stalin, os quinta-colunistas agiam para dividir os esforços de guerra, tentando induzir as Nações Unidas a tratarem “como inimigo um aliado, a Rússia”.⁵⁴ O autor considera, então, que não era desejável desviar o combate do nazifascismo, pois o comunismo estava longe de representar, naquele momento, uma ameaça palpável. Pelo contrário: a União Soviética aparecia como uma parceira importante no papel de libertar o mundo do jugo totalitário.

⁵¹ “AS ORGANIZAÇÕES patrióticas ao chefe do governo”. *O Imparcial*, 11 de dezembro de 1942.

⁵² “VIBRAÇÃO popular contra os inimigos do Brasil.” *A Tarde*, 29 de janeiro de 1943.

⁵³ José Osório de Moraes Borba era um político e jornalista pernambucano. Deputado na década de 1930, era opositor de Getúlio Vargas e perdeu o mandato no golpe de 1937. A partir de então, passou a exercer o jornalismo literário, publicando sátiras e críticas ao regime ditatorial. Com a redemocratização em 1945, aliou-se aos grupos que organizavam a fundação da União Democrática Nacional (UDN). <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-osorio-de-morais-borba>. Acessado em 15 de outubro de 1942.

⁵⁴ BORBA, Osório. “O desespero”. *A Tarde*, 05 de março de 1943.

Um artigo publicado por *O Imparcial* em fevereiro de 1944 compara e elogia os modelos políticos inglês e soviético.⁵⁵ Segundo o autor, os nazistas renderam críticas infundadas ao império colonial britânico, qualificando-o como “opressor e asfíxiante”. Em desacordo com essa ideia, o autor considera o parlamentarismo inglês uma “conquista inestimável do homem”, incluindo “o sistema de encadeamento das nacionalidades que constituem a grande massa humana e territorial da comunidade dos povos britânicos.” Este sistema teria sido adotado pela União Soviética, onde se desenvolvia “a maior experiência social e política de todos os tempos.” Desse modo, dois fatos eram escamoteados pelos defensores do totalitarismo:

Que o liberalismo inglês não falhou, pelo menos nesse ângulo de suas realizações e que o estado soviético longe de querer estagnar, procura sempre avançar, prosseguindo na sua evolução, que os tolos não entendem e os cretinos menosprezam. Mas com ou sem a incompreensão dos tolos e as desvirtuações dos cretinos, o Estado Soviético continua a sua marcha ascensional dentro de um plano de evolução que levará, cedo ou tarde, à perfeição.⁵⁶

Portanto, para o autor, o sistema político soviético estava se aperfeiçoando, de modo que, “anuladas certas superstições políticas, estará o Estado russo pronto para satisfazer integralmente, os anseios e necessidades dos povos que integram a enorme família das repúblicas socialistas soviéticas.”⁵⁷

Um texto, sem assinatura, publicado na edição do dia seguinte do jornal *O Imparcial* retoma o tema da reorganização das repúblicas soviéticas, valorizando as mudanças no sistema político do país. O autor se refere à aprovação da proposta do ministro das Relações Exteriores, Molotov, de uma nova política em relação às várias nacionalidades que formavam a União Soviética. Para o autor, não se tratava de um recuo por parte do governo, mas “um passo à frente, dado pelos soviets, no setor da política externa.” Ele acrescenta:

Ficando todas as atuais repúblicas que fazem parte da comunidade dos povos socialistas e as que venham em futuro fazer parte da mesma, ligadas entre si e sob a direção política do governo de Moscou, mas com plena liberdade e independência de ação, podendo reconhecer ou romper relações com qualquer país não representante da União. (...) A isto, acreditamos que se pode chamar de super-democracia e esta deve ser a intenção daqueles que na Rússia, neste momento, realizam uma das mais sérias experiências sociais que o mundo já presenciou.⁵⁸

⁵⁵ O artigo é assinado apenas por “X”. Acreditamos que tenha sido escrito pelo redator-chefe, Wilson Lins. Conforme já foi mencionado neste trabalho, por um tempo, Lins deixou de assinar os textos escritos para *O Imparcial*.

⁵⁶ “A EVOLUÇÃO do Estado soviético.” *O Imparcial*, 02 de fevereiro de 1944.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ “A NOVA política soviética.” *O Imparcial*, 03 de fevereiro de 1944.

Naquele mês, *O Imparcial* estava de fato dedicado a glorificar a União Soviética, pois, na edição do dia 17, o periódico reproduziu uma reportagem da revista norte-americana *Glamour*, sobre a vida íntima de Stalin como marido e pai. De acordo com o texto, o dirigente georgiano parecia ser “um dos mais implacáveis homens do mundo”, que considerava “as vidas humanas menos importantes do que qualquer realização da União Soviética e não hesita em sacrificar milhares de vidas pelo bem da Rússia de seus sonhos”. No entanto, de acordo com a matéria, Stalin era um homem “delicado e humano em suas relações íntimas”, que se mostrava “bondoso e paternal” para todos com quem mantinha contato pessoal. Era ainda “infinitamente carinhoso” com sua filha Svetlana, então com dezenove anos, que organizava a vida social do pai, já que ele se dedicava “totalmente à causa soviética”.⁵⁹

Seguem detalhes sobre o cotidiano de Stalin com sua família e alguns dados biográficos, como local de nascimento, infância, educação e seus dois casamentos: com Ekaterina, filha de um de seus “mais chegados companheiros”, e Nadedja, que fora secretária de Lênin. Ambas o deixaram viúvo. Segundo a reportagem, “Stalin sofreu muito com a perda da mulher amada e da amiga fiel”, referindo-se a Nadedja. Sua morte o teria feito transferir a afeição que lhe dedicava à filha, que tinha oito anos quando da morte da mãe.

Stalin é descrito como um homem que levava uma vida simples, sem luxos, além de ser um pai dedicado, que gostava de reunir a família para “ouvir música da sua coleção de discos, e cantar”. O cotidiano da jovem Svetlana é exposto em detalhes, incluindo seu gosto por poesia, esportes, música e balé. Dedicava-se ao país tal como seu pai e seus irmãos: Vassili, que era coronel da Força Aérea Vermelha e Yasha, que era engenheiro, trabalhando nos planos econômicos e industriais do governo, mas encontrava-se aprisionado pelos alemães. A matéria termina com o relato da decepção da mãe de Stalin com o fato de ele não ter se tornado padre, o que lhe seria uma “fonte de vergonha e desapontamento”. Contudo, ao contrário do que se pensava, ele não fora expulso do seminário. Sua mãe teria declarado a repórteres: “Joseph expulso? Certamente que não. Eu é que tive que tirá-lo do Seminário. Era tão fraco que tive medo de que morresse de tuberculose!”⁶⁰ Essa declaração soa inusitada, quando se nota que esse menino frágil se tornou o enérgico marechal e poderoso líder da União Soviética, o que, com efeito, foi incluído na reportagem justamente pelo seu tom jocoso.

Para ilustrar a matéria, há uma fotografia de Stalin segurando Svetlana, quando criança, no colo (Figura 5.1).⁶¹ A imagem mostra o marechal num momento de ternura, mas trajado com

⁵⁹ “A VIDA íntima de Stalin”. *O Imparcial*, 17 de fevereiro de 1944.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Idem.

as vestes militares, como se sugerisse que o georgiano não se despia das suas responsabilidades no comando do seu enorme país nem mesmo nas ocasiões de intimidade. Ademais, o texto surpreende pelo seu teor ameno, buscando humanizar a figura de um dos homens mais controversos da política até então. A urgência de se derrotar o nazifascismo impunha aos meios de comunicação a necessidade de suavizar a imagem da União Soviética, devido ao papel que o país vinha desempenhando na guerra.

Ainda em fevereiro de 1944, verificamos indícios que apontam o motivo pelo qual o jornal vinha adotando um discurso positivo em relação à União Soviética. Um artigo do dia 29 revela as conversações entre os países americanos sobre as possibilidades de reatamento de relações diplomáticas com o aliado euroasiático. Afinal, segundo o texto, não era adequado permitir que os partidários do Eixo, para desqualificar as potências democráticas, continuassem utilizando o argumento da incoerência de as “nações da América serem aliadas numa guerra a um povo com o qual não mantém relações diplomáticas nem reconhecem sua forma de governo.”⁶²

Ainda em *O Imparcial*, outra vez Osório Borba escreveu um texto sobre a tentativa de elementos simpáticos ao Eixo em desqualificar a Rússia.⁶³ O jornalista declara ter recebido um recorte de um jornal de Fortaleza, que ignorara o aniversário do *putsch* integralista e dera grande destaque aos seus ataques habituais ao país euroasiático. Segundo o autor, tal como outros órgãos de imprensa, esse periódico cearense movia um combate sistemático contra um território que, tal como o Brasil, participava das Nações Unidas. Dessa maneira,

Para determinados grupos brasileiros, o nosso inimigo no conflito mundial está sendo, realmente, não a Alemanha ou a Itália, mas a Rússia. A pretexto de defender a “liberdade religiosa”, ou de esconjurar o demônio do “bolchevismo”, jornais de todo o país e, sobretudo, os jornais religiosos, ignoram a luta contra o Eixo e o nazifascismo, enchendo suas páginas de artigos, tópicos, entrevistas e notícias contra o inimigo do Eixo que vem suportando o ônus mais pesado da guerra contra o Eixo. Podem, de permeio a esse combate contínuo contra a Rússia, incluir uma ou outra vaga referência, para constar, contra a potência nazista. O que predomina, entretanto, o que caracteriza toda a sua matéria editorial, é o combate a uma potência inimiga do Eixo.⁶⁴

Nesse sentido, o autor questiona qual classificação conferir a cidadãos que procuram incitar a opinião pública contra uma nação aliada, “que está combatendo, com heroísmo e eficiência, o nazismo”. Em seguida, denuncia o caso de um grupo de antifascistas que estava

⁶² “O RECONHECIMENTO da Rússia”. *O Imparcial*, 29 de fevereiro de 1944.

⁶³ BORBA, Osório. “O Brasil em guerra com a Rússia”. *O Imparcial*, 30 de maio de 1944.

⁶⁴ Idem.

sendo processado por terem dado o nome de Stalingrado a uma pirâmide metálica, entre outros “delitos” equivalentes. Osório Borba então sugere que esse processo foi resultante de uma conspiração de integralistas, que “não perdoavam Stalingrado”, referindo-se à célebre derrota dos nazistas pela União Soviética, ocorrida no ano anterior.⁶⁵ O autor aponta, mais uma vez, que o inimigo a ser combatido era o nazifascismo e seus simpatizantes, procurando combater os que desviavam o foco para o país de Stalin. Há que se observar que, em todo o texto, o autor se refere à nação como Rússia, e nunca como União Soviética, provavelmente para atenuar o estigma do socialismo sobre a pátria beligerante.

Em dezembro de 1944, o escritor Archimimo Ornellas escreveu para *A Tarde* um artigo versando sobre a mudança de opinião do Ocidente em relação à União Soviética. Segundo o autor, depois da Revolução, “caíra uma cortina de mistério sobre a Rússia”. O país se fechara num isolamento que deu margem a diversas especulações. Os bolcheviques eram vistos como elementos “sem o menor respeito a Deus e à Pátria”. Porém, de acordo com Ornellas, foi o fascismo que contribuiu para recrudescer os temores em relação ao comunismo:

Aliás, diga-se de passagem, o liberalismo encontrou no fascismo aquilo que não queria ser: um adversário intransigente para o comunismo. O liberalismo limitava-se, apenas, a reprimir a propagação do comunismo, enquanto o fascismo o combatia sistematicamente, movendo-lhe uma campanha de descrédito, que encontrava ressonâncias. Foi assim que acreditamos que no dia em que a Rússia se envolvesse num conflito, o Exército Vermelho sustentáculo do Estado — se voltaria contra o regime, reintegrando a pátria dos Romanoff no concerto das nações. Foi através dessa propaganda bem organizada e diuturna que acreditamos que na Rússia, a mulher, a moral, a religião, a arte e a cultura tinham descido a um nível tão baixo como nunca houve na terra outro igual.⁶⁶

De acordo com o artigo, fascinados com sua própria máquina de propaganda, os nazifascistas ignoraram que a Rússia se preparava internamente para “dar ao mundo, tempos depois, o mais belo espetáculo de fé, de organização e de civismo”. Assim, “enganados pela própria loucura”, as forças do Eixo iniciaram uma ofensiva contra o leste europeu, e o início da guerra sugeria que eles seriam exitosos. Todavia, Stalingrado mudara a opinião do mundo a respeito da Rússia:

Ela que tinha sido considerada egressa à barbárie está combatendo a barbárie; ela que tinha sido considerada uma pátria de homens desfibrados, está demonstrando o mais alto exemplo de heroísmo, de fé, de obstinação e de

⁶⁵ BORBA, Osório. “O Brasil em guerra com a Rússia”. *O Imparcial*, 30 de maio de 1944.

⁶⁶ ORNELLAS, Archimimo. “Euclides e a Rússia”. *A Tarde*, 16 de dezembro de 1944.

nacionalismo acendrado; ela que tinha sido considerada a inimiga da Civilização, está salvando a Civilização!⁶⁷

Segundo o autor, todo o potencial russo, “que a nossa cegueira não quis perceber”, já tinha sido notado por Euclides da Cunha, no início do século XX. Ornellas cita então um texto do livro *Contrastes e Confrontos*, em que o escritor e jornalista faz previsões sobre o país euroasiático:

[...] E nenhum outro, certo, no atual momento histórico, talvez gravíssimo — porque devem esperar-se todas as surpresas deste renascer do Oriente, que o Japão comanda — é o mais apto a garantir a marcha, o ritmo e a diretriz da própria civilização europeia. O seu temperamento bárbaro será o guarda titânico invencível, não já de sua civilização, mas também de toda a civilização europeia.⁶⁸

Euclides da Cunha escrevera esse texto na conjuntura da guerra entre a Rússia e o Japão, em 1905. Para Ornellas, o autor de *Os Sertões* foi profético em perceber que, mesmo tendo sido derrotada no início do século, décadas depois, o país de Stalin deteria os desígnios expansionistas dos nipônicos.

Logo, o artigo desvincula o liberalismo de qualquer responsabilidade pela campanha difamatória contra o comunismo, existente desde 1917. Segundo o texto, os liberais se limitavam a atuar para que os comunistas não expandissem essa organização socioeconômica a outros países; os fascistas seriam, então, os agentes da propaganda negativa acerca da Rússia. No contexto da guerra, o mundo via o quanto os partidários de Hitler e Mussolini estavam enganados, pois o país euroasiático mostrava toda a sua capacidade e heroísmo; e, obviamente, os liberais eram os primeiros a reconhecer isso. O teor deste artigo é interessante, principalmente levando em consideração que, na década de 1930, embora condenassem ambos os extremismos, os jornais liberais tratavam com benevolência os regimes de extrema direita, por parecerem instrumentos eficazes no combate ao comunismo.⁶⁹ Anos depois, com o avanço das tropas do Eixo, a União Soviética se revelou um aliado importante para derrota do nazifascismo, sobretudo após Stalingrado, motivando a imprensa liberal a modificar seu discurso.

Com a proximidade do fim da guerra e o declínio do regime do Estado Novo, em abril de 1945 foi decretada a anistia aos presos políticos da ditadura. Com esse ato, mais de 600 presos foram libertados, entre eles o secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, além de

⁶⁷ ORNELLAS, Archimimo. “Euclides e a Rússia”. *A Tarde*, 16 de dezembro de 1944.

⁶⁸ CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. Apud ORNELLAS, Archimimo. “Euclides e a Rússia”. *A Tarde*, 16 de dezembro de 1944.

⁶⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. Op. cit., p. 91.

muitos outros.⁷⁰ Nesse contexto de retorno às liberdades democráticas, vários membros importantes do governo declararam-se favoráveis ao reconhecimento da União Soviética pelo Brasil, levando em consideração o papel fundamental do Exército Vermelho contra as tropas nazistas.⁷¹ Poucos dias após a anistia, Vargas concedeu legalidade ao PCB, passados vinte e três anos de clandestinidade. Aliado à conquista da sua condição legal, o Partido Comunista foi beneficiado pela atmosfera de triunfo sobre o fascismo, o que ajudou a melhorar a reputação dos pecebistas dentro do país.⁷²

Nos primeiros meses de 1945, com a consolidação da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, o reatamento das relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética, a anistia aos presos políticos e a legalização do PCB, em maio, os jornais editados em Salvador passaram a publicar as atividades dos comunistas com certa imparcialidade. Em março, *A Tarde* noticiou a movimentação do Itamarati no sentido de trazer para o Brasil a filha de Luiz Carlos Prestes, a pequena Anita Leocádia, então residente no México.⁷³ O periódico comunicava ainda que vários brasileiros manifestaram a intenção de contribuir financeiramente para a viagem de Anita para o Brasil, entre eles um fazendeiro da zona de Rui Barbosa, na Bahia, que se oferecera a fim de mandar buscar a menina, sob sua responsabilidade.⁷⁴ No mesmo dia, *O Imparcial* também publicou um pequeno artigo sobre Anita Prestes. Sem mencionar quem era seu pai, o texto se refere à menina como se fosse apenas uma órfã de guerra estrangeira, narrando a sua trajetória desde o nascimento, num campo de concentração nazista, até a situação em que se encontrava, vivendo no México às custas da boa vontade de amigos, pois já não podia contar com suas duas responsáveis: a avó falecera e a tia estava doente. Assim, o autor do texto tenta conquistar a empatia dos leitores para o caso de Anita:

sob carinho de estranhos amigos, estaria melhor na nossa terra, onde há tanto amparo à criança e onde se esboçou o plano benemerente de receber órfãos de guerra estrangeiros. Nada há o que temer dessa menina de oito anos de idade. As condições do mundo são outras. Nada justifica o exílio de uma criaturinha duas vezes inocente.⁷⁵

⁷⁰ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-48)*. São Paulo: Annablume, 2009, p 212.

⁷¹ A respeito do reconhecimento da União Soviética pelo Brasil, por exemplo, ver “Reconhecimento da União Soviética e realização de eleições democráticas - sensacionais declarações do general Góis Monteiro”. *Estado da Bahia*, 02 de fevereiro de 1945.

⁷² SKIDMORE, Thomas, op.cit., p 87.

⁷³ Anita Leocádia Prestes nasceu num campo de concentração, na Alemanha, em 1936. Sua mãe, Olga Benário, companheira de Luiz Carlos Prestes, fora expulsa do Brasil em avançado estado de gestação. Resgatada da Alemanha pela avó e pela tia paternas, estava sendo criada no México até a redemocratização do Brasil, em 1945.

⁷⁴ “VEM PARA o Brasil a filha de Luiz Carlos Prestes.” *A Tarde*, 01 de março de 1945.

⁷⁵ “EXILADA de oito anos.” *O Imparcial*, 01 de março de 1945.

Ainda em março de 1945, *O Imparcial* publicou um artigo de Graça Leite em que ele diz parafrasear Wilson Lins na sua distinção entre “esquerdistas” e “canhotos”.⁷⁶ Segundo o autor,

os esquerdistas são homens de ideal, que se batem por princípios, que lutam por ideias, que não subordinam atitudes aos imperativos dos interesses pessoais. A violência policial e o cárcere têm sido, tantas vezes, a única recompensa destes lutadores incansáveis. Em vale lembrar o exemplo de Luiz Carlos Prestes, o grande mártir das esquerdas do Brasil e que ainda hoje continua a ser o Cavaleiro da Esperança das massas exploradas. São assim os esquerdistas: honestos, sinceros, francos e resolutos na defesa do seu ideal.⁷⁷

Já os “canhotos” seriam:

Tortuosos, insinceros, dúbios, vacilantes. Ao invés de ideal, fantasiam-se de defensores do proletariado e defendem tão só os seus interesses de projeção e consequente ascensão política. Transformam-se, desapiadadamente, uma luta heroica de reivindicações ideológicas no triste carnaval dos fantasiados de idealistas que visam apenas ludibriar a eterna vítima que é o povo.⁷⁸

Essa imagem do “bom comunista” foi reforçada por *O Imparcial* em abril de 1945, num texto em que Wilson Lins desmistifica a imagem de Luiz Carlos Prestes como um agitador:

O Luiz Carlos Prestes que esperavam disposto a arrombar tudo e quebrar tudo, não é o que eles pensam, e sim, um bom brasileiro, um brasileiro patriota e preocupado com o bem estar do povo e com a felicidade da Pátria. Saindo da prisão, (...) Luiz Carlos Prestes afirmou não guardar ódios. A atitude do prestigioso líder comunista, deixa de cócoras os valentíssimos agitadores liberais.⁷⁹

Este texto também revela a oposição de *O Imparcial* aos autonomistas, no contexto da campanha presidencial para a sucessão de Getúlio Vargas. A partir de abril de 1945, *A Tarde* e *O Imparcial* passaram a divergir quanto ao apoio aos candidatos à presidência da República: o vespertino se mostrou favorável ao Brigadeiro Eduardo Gomes, enquanto o matutino propagava a campanha do general Eurico Gaspar Dutra.⁸⁰ Apesar de a família Lins de Albuquerque, a nível

⁷⁶ O levantamento parcial do Partido Comunista no Estado da Bahia, realizado pela polícia no ano de 1946, menciona um certo Dr. Graça Leite como um médico, membro da direção do Comitê Popular Democrático do bairro de Brotas, em Salvador. Os comitês populares democráticos eram organismos ligados ao PCB, que atuaram nos anos de legalidade do partido (entre 1945 e 1947), tendo como objetivo a ligação das massas com os comunistas, por meio da luta por reivindicações imediatas de melhoria de vida nos bairros. Não podemos afirmar com certeza que o autor do texto é a mesma pessoa que fazia parte do Comitê Popular de Brotas, mas é um forte indício nesse sentido. SILVA, Raquel Oliveira. *O PCB e Comitês Populares Democráticos em Salvador (1945-1947)* Dissertação (Mestrado em História). UFBA: Salvador, 2012. Levantamento parcial do Partido Comunista no Estado da Bahia. APERJ: Fundo DPS, fls. 356.

⁷⁷ GRAÇA LEITE. “Esquerdistas e canhotos”. *O Imparcial*, 18 de março de 1945.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ LINS, Wilson. “Só os cegos não estão vendo.” *O Imparcial*, 21 de abril de 1945.

⁸⁰ Ver SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição*, op. cit.

estadual, ter se colocado ao lado dos autonomistas durante a redemocratização, o pleito presidencial levou Wilson Lins a criticar o grupamento político, devido à adesão deste a Eduardo Gomes.⁸¹ Usando uma retórica favorável aos comunistas, o redator-chefe de *O Imparcial* declara que os autonomistas vinham atacando Luiz Carlos Prestes, acusando-o de getulista, por conta da sua decisão de apoiar Vargas até que se realizasse a Assembleia Nacional Constituinte, em substituição à Carta ditatorial de 1937.⁸² De acordo com Wilson Lins, os autonomistas baianos estavam erroneamente imiscuídos nas manifestações em celebração ao Cavaleiro da Esperança:

Por que será que, na Bahia, o oposicionismo está querendo aparecer, servindo-se de organizadores de passeatas, nas manifestações de rua; usando de oradores de encomenda, nos comícios; organizando-se, com berradores e perturbadores da ordem democrática, no seio das massas – precisamente nas manifestações públicas, que se estão realizando em regozijo à libertação de Luiz Carlos Prestes? Ontem, por exemplo, querendo ombrear com os admiradores e companheiros de Prestes, surgiu um orador da... concentração autonomista! Será que os “autonomistas” baianos ignoram que os seus correligionários, no Rio, estão apedrejando o grande soldado democrata? Será que não sabem que Prestes não apoia, mas repele o autonomismo, sendo como é, nacionalista convicto e até internacionalista praticante?⁸³

Conforme já abordamos nos capítulos anteriores, nos anos finais do Estado Novo, *O Imparcial* apoiou Getúlio Vargas, mantendo-se assim em 1945, pois considerava o governo um “promotor equilibrado e responsável pela transição para o regime democrático.”⁸⁴ Esse posicionamento era contrário ao adotado pelo jornal *A Tarde*, controlado pelos autonomistas udenistas, críticos ferrenhos do presidente e atacados por Wilson Lins na citação acima. Essa posição do jornal *O Imparcial* se aproxima da tática dos pecebistas no mesmo período. O matutino inclusive reproduzia pronunciamentos de comunistas como Rui Facó e Rodolfo Ghioldi, entre outros. Portanto, a sua adesão ao candidato Eurico Gaspar Dutra, apoiado por

⁸¹ Segundo Paulo Santos Silva, *O Imparcial* representou “outra face do “autonomismo” baiano, aquela que em âmbito nacional apoiou, em 1945, a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra (PSD), mas que no estado procurou apropriar-se da bandeira ‘autonomista’, aproximando-se dos grupos vinculados à União Democrática Nacional.” SILVA, Paulo Santos. *Âncoras da Tradição*, op. Cit., pp. 19-20.

⁸²Anita Prestes desmente a ideia de que esse posicionamento dos comunistas significava apoio irrestrito a Vargas. Segundo a autora: “apoiar Vargas, exigindo concomitantemente a convocação da Assembleia Constituinte, era o meio de evitar o golpe das forças mais conservadoras – aquelas que desejavam impedir a aproximação de Getúlio com as massas e travar o processo de democratização que vinha sendo por ele promovido, apesar das vacilações e limitações evidenciadas. Para os comunistas, tratava-se, portanto, de dar sustentação ao governo existente, que vinha tomando medidas de abertura do regime, e pressioná-lo no sentido da realização de eleições livres para a Constituinte, em que fosse elaborada e promulgada uma nova Lei Magna, representativa da correlação de forças presentes no País. Dessa forma, o presidente da República a ser eleito iria governar respeitando os preceitos de uma Constituição democrática, expressão da vontade nacional.” PRESTES, Anita. “Os comunistas e a Constituinte de 1946”. In: *Estudos IberoAmericanos*, v.XXXII, n.2, dezembro de 2006.

⁸³ LINS, Wilson. “À sombra do comunismo”. *O Imparcial*, 20 de abril de 1945.

⁸⁴ SILVA, Paulo Santos. *Âncoras da Tradição*, op. cit., p.62.

Vargas, levou *O Imparcial*, nos primeiros meses de 1945, a defender o apoio comunista à continuidade de Vargas, posicionamento que, da parte do PCB, incluía a luta pela realização da eleição presidencial para depois da ocorrência da Assembleia Constituinte, garantindo ao país um pleito democrático, livre dos elementos autoritários da Constituição do Estado Novo.⁸⁵

Os jornais da grande imprensa conferiram considerável ênfase às atividades do Partido Comunista, inicialmente sem carregar no anticomunismo. Em 23 de maio de 1945, no estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, ocorreu um grande comício em que Luiz Carlos Prestes falou ao público pela primeira vez, desde a anistia, episódio que contou com ampla cobertura dos jornais baianos.⁸⁶ Porém, no decorrer de 1945, os jornais baianos retomaram o anticomunismo com bastante intensidade, como veremos no próximo item.

5.3 União Soviética: uma experiência dolorosa e sacrificante

Com efeito, os jornais da imprensa baiana passaram a focar no antifascismo e no combate à quintacoluna e reduziram os ataques ao comunismo. No entanto, os periódicos não chegaram a abandonar totalmente o discurso anticomunista, procurando manter um posicionamento segundo o qual o único regime verdadeiramente democrático era o representado pelo liberalismo. Logo, em relação ao comunismo e à União Soviética, os jornais não apresentavam uma linha editorial constante.

Em alguns casos, mesmo quando se procurava elogiar o esforço da União Soviética no combate ao nazifascismo, algumas críticas eram feitas, sobretudo quando se comparava o país euro-asiático com o maior representante do liberalismo, os Estados Unidos. Na edição do dia 8 de agosto de 1943, o jornal baiano *O Imparcial* publicou um editorial de Wilson Lins, discorrendo sobre o regime político estadunidense. Segundo o autor, a democracia americana estava presidindo uma grande experiência social, “maior talvez do que a experiência russa”, “uma realidade humana que desafia e desarma a mais fantástica das imaginações delirantes”. Lins afirmava que as instituições sociais e órgãos governativos dos Estados Unidos eram poderes “nascidos do povo”, cuja força era inspirada “no mais sincero e inviolável respeito” aos interesses e aspirações populares. Sempre comparando com o modelo russo, o redator-chefe de *O Imparcial* apontava as vantagens do sistema capitalista para a classe trabalhadora, afinal, nele era possível “ter um automóvel, ir ao Music Hall e fazer greve”. Assim sendo, para o autor,

⁸⁵ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de, op.cit., p.237.

⁸⁶ Ver “Hoje, a democracia volta-se para a esquerda”, declara Luiz Carlos Prestes”. *O Imparcial*, 24 de maio de 1945; “Prestes analisou a situação política do Brasil - reafirmando espírito democrático do pres. Vargas”. *Diário da Bahia*, 14 de maio de 1945; “Pela primeira vez fala Luiz Prestes ao vivo”. *Estado da Bahia*, 24 de maio de 1945.

eram “incalculáveis os benefícios do capitalismo ao povo norte-americano.” Embora admitisse a União Soviética como uma grande experiência, considerava-a dolorosa e sacrificante. Já os Estados Unidos, pelo contrário, seriam “uma grande experiência sem sacrificar ninguém”.⁸⁷

Em outubro de 1943, *A Tarde* publicou um artigo de Antônio Osmar Gomes, celebrando a ocorrência do Santo Sínodo, uma reunião dos bispos da igreja ortodoxa para a eleição de um novo patriarca.⁸⁸ Para o autor, esse evento significava um arrefecimento do sistema político soviético, pois demonstrara “ao mundo inteiro quão profundas estão sendo as transformações operadas naquele primitivo comunismo, truculento, intolerante, bárbaro, que tantas vítimas prostrou.” Segundo Gomes, citando um artigo da escritora russa Helena Iswolsky, os revolucionários haviam rompido com a religião, relegando sacerdotes às prisões, campos de concentração e ao exílio. Entretanto, essas punições teriam servido para aproximar os padres ao povo, formando “no seio das massas, com o bom fermento religioso, uma compreensão melhor, mais justa e sobretudo mais vívida (...) da doutrina cristã.” As lideranças soviéticas tinham sido forçadas “a reconhecer o caráter profundamente social e popular dos novos quadros religiosos soviéticos.”⁸⁹ O autor conclui que o Santo Sínodo era a prova, portanto, do renascimento da religiosidade na União Soviética, à revelia dos chefes comunistas.

Em fevereiro de 1944, *O Imparcial* publicou um artigo assinado por Hermes Lima, segundo o qual os homens eram iguais perante a lei, mas viveriam sempre “diferentemente”: haverá sempre variedade de aptidões, de sensibilidades, estilos de vida, o que justificaria que também ganhassem mais ou menos dinheiro ou morassem em casas piores ou melhores. Nesse sentido, o autor afirma que viver diferentemente não significava viver antagonicamente, pois o antagonismo “corrói a organização atual da sociedade, impedindo, por exemplo, que todas as classes tenham o mesmo interesse nos resultados da liberdade”.⁹⁰ Logo, o autor sugere que as diferenças entre o padrão de vida dos indivíduos se reduziam a características pessoais, sem levar em consideração fatores de ordem social, e que, independente dessas distinções, os homens deveriam evitar o conflito e trabalhar juntos em prol de um objetivo que beneficiaria à sociedade como um todo. Então, essa negação da luta de classes levava à rejeição do comunismo como um sistema legítimo e aceitável, embora a conjuntura de combate ao nazifascismo induzisse a imprensa baiana a priorizar a campanha contrária à quintacoluna.

⁸⁷ LINS, Wilson. “A democracia americana”. *O Imparcial*, 08 de agosto de 1943.

⁸⁸ Não foi possível identificar quem era Antônio Osmar Gomes.

⁸⁹ GOMES, Antônio Osmar. “A religião na Rússia”. *A Tarde*, 08 de outubro de 1943.

⁹⁰ LIMA, Hermes. “Que é democracia?”. *O Imparcial*, 04 de fevereiro de 1944.

Apenas dois dias depois de publicado o texto de Archimimo Ornellas em que ele cita as palavras visionárias de Euclides da Cunha, *A Tarde* estampou em suas páginas um artigo alertando para o que era chamado de “perigos do coletivismo”.⁹¹ Nele, estava dito que era um objetivo dos revolucionários que almejavam o socialismo planificar a economia como um todo. Para tanto, seria necessário promover “a abolição do capital e das empresas particulares, assumindo o controle de toda atividade - industrial, agrícola e mineral - organizando-a de alto a baixo, de conformidade com o plano preconcebido que venha beneficiar os interesses da comunidade em geral.” Todavia, segundo o autor, isso acarretaria a construção de um “Estado comunista” (sic) ou “totalitário” em que os recursos financeiros da nação seriam administrados pelo governo. Além disso, não se poderia escolher a própria profissão: “Significa que o homem deve trabalhar onde quer que o governo o decida sem qualquer consideração aos seus desejos ou às circunstâncias domésticas.” Não haveria então ao trabalhador a liberdade de se empregar onde e no que quisesse, sendo o governo o único empregador, que também controlaria os gêneros alimentícios e a produção industrial e agrícola. O perigo de uma economia planejada seria, dessa forma, o desaparecimento da liberdade pessoal, tal como era compreendida na época.⁹²

Logo após o fim do Estado Novo, e com a vitória sobre o fascismo assegurada pelas tropas aliadas, o comunismo voltou a ser, com maior intensidade, alvo de crítica nos jornais baianos. A bibliografia sobre o assunto afirma que a campanha anticomunista por meio da imprensa se revelou em inícios de março de 1946, quando o ex-primeiro-ministro da Inglaterra, Winston Churchill, vira-se contra a União Soviética e o comunismo, preparando o início da Guerra Fria, que veio a ter reflexos na Bahia.⁹³ Entretanto, antes mesmo do pronunciamento de Churchill, já a partir de meados de 1945, os jornais da grande imprensa baiana começaram a publicar textos de tendência anticomunista, enquanto o nazi-fasci-integralismo ainda era um inimigo a ser combatido, apesar de que a ameaça da quintacoluna fosse gradativamente perdendo importância nas páginas dos periódicos.⁹⁴

A historiografia já dispõe de vários trabalhos que abordam o anticomunismo na imprensa no pós-Estado Novo, sendo desnecessário abordar este tema aqui.⁹⁵ Entretanto, a

⁹¹ HARCOURT-RIVINGTON, S. Humphry. “O perigo do coletivismo”. *A Tarde*, 18 de dezembro de 1944.

⁹² Idem.

⁹³ SPINDEL, Arnaldo. *O Partido Comunista na Gênese do Populismo*. São Paulo: Símbolo, 1980, p.83.

⁹⁴ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias, op.cit., p.244.

⁹⁵ Cf. SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936 – 1948)*. São Paulo: Annablume, 2009; SILVA, Raquel Oliveira. *O PCB e Comitês Populares Democráticos em Salvador (1945-1947)*. Dissertação (Mestrado em História). UFBA: Salvador, 2012; VAZQUEZ, Petilda Serva. *Intervalo democrático e sindicalismo: Bahia (1942-1947)*. Dissertação de Mestrado.

título de exemplo, destacamos dois artigos de outubro de 1945, nos jornais *A Tarde* e *O Imparcial*. O vespertino de Simões Filho reproduziu um texto do padre Arlindo Vieira, em que ele identifica a existência de uma suposta adesão em massa ao comunismo, especialmente junto às camadas mais pobres:

É o comunismo um sistema tão desumano, tão grosseiro, tão contrário ao que há de mais nobre no coração do homem que só a situação de quase desespero em que vive a grande maioria das classes desprotegidas explica o surto que ele vai alcançando mais ou menos em toda parte.⁹⁶

Além de revelar a posição da Igreja em relação ao comunismo, o autor evidentemente supervaloriza a penetração da ideologia entre a população, transformando-a num risco maior que aquele representado pelo Eixo:

Não basta desmascarar o comunismo, mostrando seu caráter anti-religioso, seu espírito luciferino que propugna a luta de classes e a divisão entre os homens, a impostura com que defende a democracia, sendo ele o mais odioso regime totalitário que nunca viu o mundo. Sob muitos aspectos é incomparavelmente mais selvagem que o nazismo.⁹⁷

A associação do comunismo ao nazismo também está presente num texto de Wilson Lins para *O Imparcial*. Segundo ele:

As ditaduras fascistas e filo-fascistas distribuídas pelo mundo sob os auspícios da Alemanha triunfante, na ânsia de sobreviver, trocam as camisas simbólicas de um totalitarismo, pela foice-e-martelo de outro, sem maiores embaraços, de vez que entre um e outro, há a mesma estatolatria, o mesmo supersticioso ódio ao indivíduo e a mesma falsa devoção às massas. (...) Pelo menos na América do Sul, os devotos do materialismo dialético e arautos da ditadura do proletariado estão aliados aos representantes continentais do bloco nazifascista.⁹⁸

Em sua autobiografia, Wilson Lins relata que, com a redemocratização de 1945, o PCB o afastou do seu amigo Jorge Amado, colunista de *O Imparcial* durante a guerra, que fora designado pelo partido para cumprir uma tarefa em São Paulo. Os comunistas que restaram na Bahia, segundo o jornalista, começaram a atacá-lo por ter simpatizado com o integralismo, no passado.⁹⁹ Por conta disso, Lins passou a utilizar seu matutino para revidar as acusações:

Salvador: UFBA, 1986; SERRA, Sônia. *O Momento: história de um jornal militante*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1987.

⁹⁶ VIEIRA, Arlindo. “Combate ao comunismo”. *A Tarde*, 24 de outubro de 1945.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ LINS, Wilson. “A posição dos comunistas na América do Sul.” *O Imparcial*, 22 de outubro de 1945.

⁹⁹ Nessa mesma autobiografia, Wilson Lins afirma ter se aproximado do integralismo na adolescência, após ter lido o Manifesto Integralista, lançado por Plínio Salgado, chegando a frequentar algumas reuniões partidárias. Entretanto, a leitura de *Assim Falou Zarathustra*, de Nietzsche, o teria afastado definitivamente do Sigma. LINS, Wilson, *Aprendizagem...*, op.cit., pp. 32-5.

Justiça lhes seja feita, os comunistas não me davam descanso. Nos seus comícios relâmpagos, para aliciamento de adeptos, aproveitavam-se para me descer a catana, taxando-me de fascista, de explorador das massas. Como o comunismo estava em moda, beneficiado pelas vitórias militares da União Soviética, o povo não deixava de lhes dar ouvidos. Quanto mais eles me atacavam nos comícios, mais eu os acusava de fascistas de esquerda pelas colunas do jornal. Por um momento eles me acenaram uma trégua, a ponto de me convidarem para um comício em favor da anistia, convite que não passou de uma armadilha pois nele fui impedido de falar, sob apupos e vaias, só tendo escapado de agressão física, talvez trucidamento, por ter Giocondo Dias saído a drapejar a bandeira nacional, como um possesso, conclamando a massa a segui-lo em passeata, para exigir a liberdade de Prestes e seus companheiros de cárcere. A sucessão de comícios em que meu nome era achincalhado, e a vaia que por pouco não degenerou em meu trucidamento, acabou por criar um clima hostil a mim e ao jornal, a ponto de na noite de 8 de maio de 1945 não me ter sido possível deixar *O Imparcial*, para assistir ao velório do meu irmão Waldemiro, pelo fato de estar a Polícia cercando a redação, para nos proteger contra a massa, que nos apupava do lado de fora. Aproveitando a exaltação pelo fim da guerra, com a vitória dos aliados que se dera naquele dia, os extremistas de esquerda conseguiram arrastar a massa para a frente do jornal, aos berros de morte aos nazistas.¹⁰⁰

O contexto das eleições presidenciais, no segundo semestre de 1945, recrudesciu o anticomunismo de Lins:

Quando do lançamento da candidatura de Yedo Fiúza [pelo PCB] à presidência da República, encampeei a campanha que contra ele movia Carlos Lacerda, no *Correio da Manhã*, reproduzindo nas colunas de *O Imparcial*, os terríveis artigos do já temido panfletário, a quem fora apresentado por Jorge Amado, na oportunidade da passagem pela Bahia da esquadra do Almirante Ingremis, encarregada de patrulhar o litoral do Nordeste. Fazendo dele nosso correspondente no Rio, garanti contra o PC, na Bahia, um bombardeio diário que muitos estragos fez às hostes canhotas. A linha de combate que me vi obrigado a adotar, teria, forçosamente, de provocar um breve distanciamento entre mim e Jorge Amado. Ele tinha se mudado para São Paulo. Durante esse período só o vi, assim mesmo de longe, no dia da promulgação da Constituição de 1946. Depois disso, só voltamos a nos encontrar em 1955, na sua primeira visita a Salvador, depois da cassação dos deputados comunistas e da sua partida para a Europa, em 1948.¹⁰¹

Dessa forma, Wilson Lins alega motivos de ordem pessoal para a campanha de *O Imparcial* contra os comunistas. Porém, percebe-se, de maneira mais ampla, que os jornais da grande imprensa baiana utilizaram a conjuntura de guerra contra o nazifascismo como uma oportunidade de legitimar a ideologia liberal. A peculiaridade da conjuntura de 1942-1945 se explica pelo fato de que se tratava de um contexto de guerra mundial contra regimes autocráticos. Nesse sentido, a imprensa baiana procurou mobilizar a sociedade, disseminando

¹⁰⁰ LINS, Wilson, *Aprendizagem...*, op.cit., p. 95.

¹⁰¹ Id., *ibid.*, pp. 95-6.

na opinião pública a necessidade da participação de todos, dentro de suas possibilidades, no esforço de guerra, afinal se tratava de um conflito entre o autoritarismo (Eixo) e a democracia (Aliados). As aclamações às instituições norte-americanas, muitas vezes acompanhadas de críticas ao modelo russo, sugerem que a vinculação entre democracia e americanismo no conteúdo dos jornais baianos era atrelada a interesses de grupos predeterminados, que buscavam, inclusive no nível do discurso, afastar paulatinamente aqueles que até então vinham sendo aliados – como os comunistas – na luta contra os regimes autocráticos.¹⁰²

Dessa maneira, os jornais tentaram incitar nos leitores uma simpatia pela causa aliada e consolidar a caracterização dos Estados Unidos e de seu regime liberal-burguês como os arautos da liberdade. Assim, o esforço patriótico para defender o Brasil da quintacoluna serviu como um instrumento de identificação do liberalismo como o sistema que livraria a nação dos riscos dos extremismos (fascismo e comunismo) e da opressão que representavam.

5.4 O discurso dos comunistas sobre o americanismo sob a ótica da revista *Seiva*

Seiva era uma revista editada em Salvador, figurando como a “primeira publicação antifascista de caráter nacional dirigida pelo Partido [Comunista]”.¹⁰³ Circulando de 1938 a 1943, pretendia “expressar o pensamento do movimento democrático e antifascista na Bahia e no Brasil”, aglutinando a intelectualidade brasileira e quiçá, de toda a América.¹⁰⁴ Para ser registrada no DIP, precisou assumir uma feição literária, mas, durante a guerra, publicou diversos artigos favoráveis aos Aliados e ao esforço brasileiro no conflito. A seguir, veremos de que modo os comunistas, através da revista, se posicionaram em relação ao americanismo.

Segundo Carlos Zacarias de Sena Júnior, *Seiva* só se politizou definitivamente em 1942, com a entrada dos Estados Unidos na guerra, ao lado da União Soviética. Dado o pacto de não-agressão entre a Alemanha e a URSS, de agosto de 1939, os comunistas até então defendiam a neutralidade, admitindo a possibilidade de enfrentamento de qualquer imperialismo agressor, tanto da parte da América do Norte, quanto da Europa nazifascista.¹⁰⁵ Para Sena Júnior, “a entrada da União Soviética e dos Estados Unidos na guerra mudara qualitativamente a posição do movimento comunista internacional e, conseqüentemente, do Partido Comunista do Brasil

¹⁰² LIMA, Aruã Silva de. Op. cit.

¹⁰³ FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci*, op. cit., p.48.

¹⁰⁴ Id., *ibid.*, p.48.

¹⁰⁵ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. “Mensagem aos povos da América Ação cultural, antifascismo e União Nacional na revista *Seiva* (1938-1943)”. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional De História – Londrina, 2005. <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0192.pdf>. Acessado em 15 de novembro de 2018.

em relação ao conflito.”¹⁰⁶ Desse modo, somente na edição de junho de 1942, *Seiva* passou a defender a entrada do Brasil na guerra, engrossando as fileiras aliadas.¹⁰⁷

De acordo com Dainis Karepovs, o PCB adotara uma tática baseada no modelo etapista de revolução, defendida pela Internacional Comunista, segundo a qual os países considerados semicoloniais, como o Brasil, deveriam passar por uma revolução democrático-burguesa, eliminando os resquícios feudais, antes de uma revolução operário-camponesa.¹⁰⁸ Conseqüentemente, para o PCB, era preciso consolidar um regime democrático-burguês, com o pleno desenvolvimento do proletariado, para que este pudesse protagonizar uma revolução socialista.¹⁰⁹ Assim, o Partido Comunista do Brasil adotou um discurso voltado à defesa da democracia, muitas vezes convergindo com setores liberais.

Nesse sentido, o discurso da publicação se alinha ao da grande imprensa, ao sustentar que o antifascismo era inerente aos norte-americanos inclusive do ponto de vista cultural. Assim como *A Tarde*, *Seiva* publicou um texto em homenagem a Walt Whitman, qualificando-o como “cantor da democracia”. De autoria do poeta espanhol antifascista Leon Felipe, o artigo associa Whitman a uma tradição democrática norte-americana, ligada a nomes como Abraham Lincoln e Thomas Jefferson. Entretanto, o autor trata de ressaltar que o poeta norte-americano não se resumia a representar apenas os Estados Unidos, definindo-o como um artista universal, tanto quanto eram o Quixote e até mesmo a Bíblia.¹¹⁰

Também havia em *Seiva* artigos defendendo os benefícios econômicos do alinhamento do Brasil aos Aliados. Em junho de 1942, a revista publicou um artigo sobre os acordos entre Brasil e os Estados Unidos para a exploração do Vale do Amazonas e a defesa continental. Segundo o texto, os tratados beneficiariam a economia brasileira e seriam de ajuda fundamental para o esforço de guarda do hemisfério. Porém, o autor sugeria que esse acordo entre o Brasil e os Estados Unidos poderia ser ampliado, incluindo outras nações americanas, por meio da abertura de uma rede fluvial que ligaria as grandes bacias hidrográficas do Orinoco, do Amazonas e do Prata. A ameaça constante de invasão dos inimigos por meio do Atlântico justificaria o empreendimento.¹¹¹ Portanto, o artigo não só se mostrava favorável aos acordos entre o Brasil e os Estados Unidos, como propunha uma integração pan-americana que incluísse os demais países do continente.

¹⁰⁶ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia*, op.cit., p. 131.

¹⁰⁷ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. “Mensagem aos povos...”, op.cit.

¹⁰⁸ KAREPOVS, Dainis. *Luta subterrânea*. O PCB em 1937-1938. São Paulo: UNESP, HUCITEC, 2003, p. 94.

¹⁰⁹ Id., *Ibid.*, p. 125.

¹¹⁰ LEON FELIPE. “Walt Whitman, cantor da democracia.” *Seiva*, ano III, n.13, agosto de 1942, p. 8.

¹¹¹ “O ACORDO entre Brasil e os EUA para a exploração do Vale do Amazonas e a defesa continental”. *Seiva*, ano III, n.12, junho de 1942, p. 16.

Nesse mesmo número de *Seiva*, o membro do Comitê Regional do PCB, João Falcão, assinando como Costa Falcão¹¹², escreveu um texto alertando para a necessidade de apoiar todos os povos em luta contra o fascismo:

todos os que lutam contra o fascismo são merecedores de nossa solidariedade, do nosso apoio, porque estão ajudando a derrotar e esmagar o inimigo comum, estão contribuindo para a própria defesa da liberdade e independência do Brasil. Portanto, para sermos coerentes, consequentes e verdadeiramente patriotas, temos que agir assim, em relação à política internacional. Não podemos combater os nossos aliados. Isso é trabalho para a quintacoluna, desagregadora, divisionista e traidora. (...) Devemos vigiar aqueles que falando em nome dos ‘interesses nacionais’ estão procurando, de fato, desunir-nos e desarticular-nos. O inimigo age assim, também.¹¹³

Logo, embora não cite nominalmente os Estados Unidos, nesse texto, João Falcão destaca a importância de cultivar a solidariedade entre os países aliados na luta contra o Eixo, o que obviamente inclui a nação ianque. Há também uma crítica a um discurso nacionalista, com um interesse sub-reptício em desarticular o movimento antifascista.

Em outubro de 1942, *Seiva* reforça os argumentos favoráveis à união dos países aliados e especialmente entre o Brasil e os Estados Unidos, refutando a ideia, possivelmente defendida em setores nacionalistas, de que o apoio à nação ianque causaria algum tipo de prejuízo ao vizinho do Sul:

(...) Deve ser repelida com toda violência a má vontade e a desconfiança na solidariedade dos Estados Unidos da América e do grande auxílio material que nos presta. Assim, também, devemos estar vigilantes com o egoísmo ‘estudado’ dos que acham que no momento o Brasil não pode enviar materiais primas estratégicas e outros produtos para os aliados, ‘porque isso seria prejudicial à nossa defesa. 1. Só há um inimigo hoje: o niponazifascismo; 2. Esta guerra é uma e indivisível, isto é, uma única guerra para todos os povos e sua solução está ligada a todos os países dominados e as massas oprimidas da Alemanha, Itália, Japão etc.; 3. Todos os aliados estão ligados a nós nesta luta de vida ou morte.¹¹⁴

Na edição de janeiro de 1943, consta um longo texto em defesa do pan-americanismo e da participação do Brasil na guerra, como uma forma de salvaguardar o país do avanço nazifascista:

Não fomos à guerra para ajudar aos Estados Unidos, porém ajudamos aos Estados Unidos para que a agressão e a conquista germânicas não nos venham encontrar desamparados. (...) O que procuramos resguardar é o Brasil. O que queremos defender é a integridade do Brasil. É por isso que fazemos a guerra,

¹¹² FALCÃO, João, *O Brasil e a Segunda Guerra*, op.cit., p. 61.

¹¹³ COSTA FALCÃO. “Como a juventude deve lutar pela defesa da pátria.” *Seiva*, ano III, n.12, junho de 1942, p. 17.

¹¹⁴ “O BRASIL e as Nações Unidas.” *Seiva*, ano III, n.14, agosto de 1942, p. 3.

é para isso que devemos vencer a guerra. É por isso que esta é uma guerra do Brasil, tão nossa como o foi a reação contra os holandeses no século XVII; tão nossa quanto o foi a guerra contra o tirano do Paraguai. E nós é que teremos que ganhá-la; não os ingleses, nem os australianos, nem os norte-americanos, nem os russos, que a tenham de vencer para nós. Nem o nosso interesse, nem a nossa dignidade nacional permitem que deleguemos a outros povos a honra de lutar pela soberania brasileira.¹¹⁵

Esse texto parece uma resposta à ideia de que a participação do Brasil na guerra se devia a uma condição de subserviência aos interesses estadunidenses, pois procura mostrar que a luta contra o nazifascismo também era fundamental para o país latino-americano. Pelo fato de explicações como essa serem um tanto recorrentes em *Seiva*, pareciam existir setores da sociedade brasileira que rejeitavam o alinhamento do Brasil aos Estados Unidos, alegando que essa proximidade comprometia os interesses nacionais. A revista não identifica esses nacionalistas, mas combate suas ideias, reafirmando a importância da aliança com os Estados Unidos inclusive no âmbito econômico. Portanto, percebemos a confluência de interesses entre comunistas e os liberais representados pelos jornais da grande imprensa, especialmente *A Tarde e O Imparcial*.

Em janeiro de 1943, *Seiva* publicou um artigo celebrando a fundação da Sociedade Amigos da América, sob a responsabilidade do general Manuel Rabelo, entusiasticamente elogiado pela revista como um “líder identificado com as massas populares”. A publicação destaca que o apelo do ministro se dirigia “a todos os homens de boa vontade do Brasil e das Américas, acima de diferenças político-ideológicas.”¹¹⁶ Em março do mesmo ano, a publicação anunciou a instalação da Sociedade Amigos da América em Salvador, afirmando “a adesão de indivíduos de todas as classes, de todos os credos políticos, de todas as religiões, de todos aqueles que tudo farão em auxílio da América, das Nações Unidas, e da Humanidade, na luta contra a barbaria germano-fascista.” Segundo a revista, a instituição conduziria “todos os brasileiros à luta pela causa da Humanidade e da democracia, constituindo mais um forte elo a unir os países do Novo Continente.”¹¹⁷ Nesse sentido, pelo que demonstravam através de *Seiva*, os comunistas manifestavam uma disposição em sustentar a união nacional contra o Eixo, independente de correntes ideológicas ou políticas.

¹¹⁵ ROGÉRIO, Luís. “A guerra do Brasil deve ser vencida pelos brasileiros.” *Seiva*, ano V, n.16, janeiro de 1943, p.34. Encontramos informações sobre o autor do texto apenas no site Wikipedia, segundo o qual Luís Rogério seria um médico e político baiano, eleito deputado estadual pela UDN em 1947.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Rog%C3%A9rio_de_Souza. Acessado em 11 de novembro de 2018.

¹¹⁶“A ‘SOCIEDADE Amigos da América’ – uma trincheira patriótica para a defesa continental.” *Seiva*, ano V, n.16, janeiro de 1943, p. 9.

¹¹⁷“SOCIEDADE amigos da América.” *Seiva*, ano V, n.17, março de 1943, p. 12.

Constatamos em *Seiva* a valorização dos governantes norte-americanos como líderes na luta pela democracia. Em dezembro de 1942, a publicação noticiou a realização do Congresso Internacional de Estudantes, realizado em Washington. Segundo a revista, o evento abordou estratégias para vencer a luta contra o fascismo e contou com a participação do presidente Roosevelt, fazendo uma declaração ressaltando a participação da juventude no combate ao inimigo.¹¹⁸

Em janeiro de 1943, o periódico reproduziu uma longa declaração de Henry Wallace, vice-presidente dos Estados Unidos, precedida por uma introdução sem assinatura, produzida pela própria revista. O preâmbulo reforça a adesão da linha editorial de *Seiva* ao esforço de guerra norte-americano:

o vice-presidente dos Estados Unidos da América do Norte é hoje uma das grandes vozes da Democracia mundial. Honesto, sincero e claro nas suas afirmações, a segunda autoridade do governo de Roosevelt tem conquistado, efetivamente, mais do que as simpatias, a confiança dos povos do continente americano — a quem ele dirige as palavras que se seguem, palavras de fé e de esclarecimento, palavras de um homem que sabe se colocar na vanguarda dos batalhadores pela vitória da Democracia. Ele as pronunciou numa reunião levada a efeito na cidade de Nova York, e patrocinada pela “*Free World Association*” (Associação do Mundo Livre).¹¹⁹

Na edição de julho de 1943, foi publicada em *Seiva* a entrevista com o general Manuel Rabelo, que acabou levando ao fechamento da revista. Em depoimento a Jacob Gorender, Rabelo ressalta as figuras de Roosevelt e Wallace como “legítimos líderes do continente americano”, cuja orientação era a de manutenção da União Nacional e a rejeição aos quintacolunas.¹²⁰

Páginas adiante, consta na publicação uma homenagem à bandeira americana, celebrada no dia 15 de junho. De acordo com *Seiva*, tratava-se de “um símbolo de um povo que sempre soube guardar e defender a sua liberdade e que, agora, ao lado de outros povos, está lutando pela liberdade e soberania de todos os povos.” Segundo a revista, era preciso louvar a bandeira estadunidense como o estandarte de todos os que se levantaram contra o autoritarismo:

a bandeira americana é também a nossa bandeira e a bandeira de todas as nações que lutam contra o nazifascismo. Porque a admiração com que a reverenciamos, igual à admiração que dispensamos, atualmente, a todas as

¹¹⁸ “EM TODOS os continentes, os jovens se unem contra o nazifascismo.” *Seiva*, ano IV, n.15, dezembro de 1942, p. 46.

¹¹⁹ “O PREÇO da vitória”. *Seiva*, ano V, n.16, janeiro de 1943, p.30.

¹²⁰ “O POVO brasileiro anseia pela participação na luta”. *Seiva*, ano V, n.18, julho de 1943, p. 5.

bandeiras das Nações Unidas, é a mesma com que reverenciamos a nossa própria bandeira.¹²¹

Portanto, a revista *Seiva* se alinhou à tendência predominante na grande imprensa, ao manifestar um posicionamento favorável aos Estados Unidos e, sobretudo, ao esforço de guerra dos aliados contra o Eixo. A tônica era o argumento de que a participação do Brasil no conflito não se resumia a uma defesa dos interesses norte-americanos, mas significava o combate à ameaça nazifascista e a preservação da soberania brasileira.

5.5 “Combata a quintacoluna”: a cobertura da imprensa baiana sobre a extrema direita

Além de notícias sobre o desempenho do Eixo e dos aliados durante a guerra, a cobertura sobre o nazismo alemão, o fascismo italiano e o militarismo japonês na imprensa baiana durante os anos de participação brasileira na Segunda Guerra Mundial enfocou nas mazelas provocadas por aqueles regimes para seus povos e na constante ameaça de elementos simpáticos ao totalitarismo no Brasil.

No início de 1942, os jornais baianos publicaram algumas reportagens e artigos desabonando o Japão e os japoneses, possivelmente sob o impacto de Pearl Harbor. Em janeiro, *O Imparcial* publicou um texto de Hermes Lima, atribuindo à colonização japonesa uma suposta ameaça à integridade nacional:

Os testemunhos mais insuspeitos são unânimes em denunciar o caráter segregacionista dos núcleos coloniais japoneses. Toda a educação que neles se ministra visa fortalecer entre os velhos e os jovens nipões, nascidos aqui, o sentimento da pátria distante, o orgulho dela, como sendo a única e verdadeira pátria. (...) O diretor do Departamento Nacional de Ensino do Ministério da Educação, sr. Abgar Renault, escreve: “Em São Paulo o perigo é também muito sério dado o considerável número não só de alemães e italianos, mas também de japoneses, cujos filhos, nascidos no Brasil, são, todavia educados num sentido inteiramente em desacordo com as tradições brasileiras. A língua que aprendem, os livros em que estudam, os motivos de suas composições em aula, as suas festas cívicas, as suas canções, tudo afinal é estrangeiro.”¹²²

Em abril de 1942, *A Tarde* reproduziu uma reportagem sobre as condições de vida dos japoneses, com ênfase na situação degradante das mulheres. Qualificava o Japão como uma “ilha vulcânica de discórdia, de violência e de violações de direitos humanitários, tornando-a, sobretudo, um lugar pouco recomendável para se viver, quando se ama e se conhece as grandezas da liberdade e da civilização.” Dessa forma, “as mulheres japonesas, os

¹²¹ “O DIA da bandeira americana.” *Seiva*, ano V, n.18, julho de 1943, p. 27.

¹²² LIMA, Hermes. “O perigo japonês.” *O Imparcial*, 10 de janeiro de 1942.

trabalhadores, os jovens, os soldados, as crianças, enfim todos” seriam “escravos de um sistema complexo que não proporciona alegria ou felicidade; mas que serve, somente, para alastrar e prolongar a miséria, o descontentamento sobre o mundo.” A reportagem dedica muitos parágrafos para descrever a misoginia do povo nipônico. De acordo com a matéria, da esposa era esperado que seguisse o marido e nunca andasse ao seu lado, somente alguns passos atrás; que se recolhesse na cozinha quando o homem recebesse visitas; que aguardasse em casa enquanto o parceiro ia se divertir nas zonas de meretrício. Segundo o texto, as gueixas recebiam os maiores ordenados entre as mulheres no Japão, fazendo da prostituição uma carreira honrosa, um indicativo indubitável “da baixaza dos amarelos.”¹²³

Com o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo e a posterior entrada do país latino-americano na guerra, ao lado dos Aliados, algumas medidas foram tomadas, tais como: a liquidação do Banco Alemão Transatlântico, Banco Germânico da América do Sul e do Banco Francês e Italiano; anulação dos contratos de compra e venda de navios pertencentes à Itália ou à Alemanha; confisco de terras de propriedade de alemães e descendentes; prisão de eixistas considerados suspeitos; o fechamento do Colégio Alemão, do Clube Alemão e da Casa da Itália, onde funcionavam os consulados italiano e alemão, pelo interventor Landolfo Alves, por determinação federal. Além disso, uma série de diligências foram realizadas para localizar suspeitos, incluindo a busca em residências e instituições religiosas.¹²⁴

A imprensa baiana reproduziu em suas páginas o clima de desconfiança. Havia, nos periódicos baianos, uma preocupação constante com o inimigo interno, ou seja, com a ameaça da quintacoluna.¹²⁵ Tornaram-se frequentes nos jornais denúncias de atividades de supostos “súditos do Eixo”. Numa reportagem de *A Tarde*, foi divulgado o resultado de uma operação do DOPS na capital baiana, em que foram presos nove alemães e apreendido material de propaganda nazista. Dizia a reportagem que, numa pensão no largo dos Aflitos, moravam vários homens de origem teutônica que trabalhavam no comércio, sendo encontrados com eles material de propaganda e aparelhos elétricos de utilidade ainda a ser investigada.¹²⁶

Numa edição de agosto de 1942 de *O Imparcial*, um senhor afirmava ter sido agredido por um italiano, após ter feito comentários indignados a respeito do torpedeamento do navio

¹²³ “A VERDADE sobre o Japão e os japoneses.” *A Tarde*, 6 de abril de 1942.

¹²⁴ SILVA, Maria Helena Chaves, op. cit., p. 162-3.

¹²⁵ Quintacoluna era uma expressão utilizada para designar os traidores da pátria, ou seja, indivíduos com algum nível de comprometimento com ideologias simpáticas ao Eixo, podendo ser o integralismo, o fascismo ou nazismo. No Brasil, o integralismo era defendido pela Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em São Paulo, em outubro de 1932, pelo escritor e jornalista Plínio Salgado. Manifestando influências ideológicas conservadoras e fascistas, a AIB foi proibida em todo o país em 1938 e, desde então, vinha sofrendo feroz repressão policial. SKIDMORE, Thomas, op. cit., p. 41.

¹²⁶ “VAREJADAS casas suspeitas e efetuadas várias prisões.” *A Tarde*, 7 de abril de 1942.

Tamandaré, efetuado por submarinos alemães.¹²⁷ Segundo a reportagem, o italiano era inquilino do patrão do brasileiro, que trabalhava num café. Após o brasileiro ter manifestado sua insatisfação com o ataque ao navio, o italiano o teria interpelado violentamente, desferindo-lhe um soco no rosto. De acordo com a reportagem, o italiano costumava “expandir seus sentimentos de quintacoluna” num estabelecimento chamado Casa das Casemiras, onde se reuniam e palestravam livremente “meia dúzia de nazilófilos”. Após a agressão, o fascista teria sido perseguido por uma multidão, sendo logo em seguida preso. Contra ele, foram abertos dois inquéritos: um por agressão ao brasileiro e outro pelo DOPS, pois teriam sido encontrados em sua casa “diversos documentos quinta-colunistas.”¹²⁸

É interessante ressaltar que *O Imparcial* valeu-se inclusive de recursos gráficos para empreender uma vigorosa campanha antifascista, nos anos finais da Segunda Guerra. Frequentemente, o jornal dirigido por Wilson Lins publicava, desligada de qualquer texto, a expressão “Combata a quintacoluna” em várias páginas de uma mesma edição, ocasionalmente duas vezes numa mesma página (figuras 5.2 e 5.3). Não se tratava, portanto, do título de uma coluna, mas de uma mensagem sucinta, impressa diariamente nas páginas de *O Imparcial*, a qual a redação do periódico não desejava que fosse esquecida pelos leitores. Desse modo, é notório que o periódico recorria a variados expedientes a fim de disseminar seu posicionamento favorável aos regimes liberal-democráticos que combatiam contra o Eixo.

O Imparcial também denunciou a ação de articuladores do integralismo na Bahia. Segundo o jornal, os partidários do Sigma vinham se reunindo secretamente na capital e no interior, tendo a polícia desbaratado um núcleo integralista em Feira de Santana.¹²⁹ Em abril de 1942, *A Tarde* anunciou a apreensão pelo DOPS, numa casa em Salvador, de documentos e folhetos de propaganda integralista. Na residência, morava um “pedreiro de cor preta”, como o jornal fez questão de frisar, que confessou para a polícia que o material pertencia a um reformado da marinha, na casa do qual foram encontrados um código, uma lista de endereços e documentos a serem analisados.¹³⁰

Então, de modo geral, o discurso antifascista dos jornais editados em Salvador enfatizava uma suposta ameaça constante da quintacoluna, categoria na qual poderiam se encontrar integralistas, nazistas, fascistas ou mesmo simples imigrantes ou descendentes de proveniência dos países agressores.

¹²⁷ “A COVARDE agressão do ‘manicure’ fascista”. *O Imparcial*. 1 de agosto de 1942.

¹²⁸ *Idem*.

¹²⁹ “A QUINTA coluna quer articular-se na Bahia.” *O Imparcial*, 25 de janeiro de 1942.

¹³⁰ “CONTRA a quintacoluna: a polícia em atividade.” *A Tarde*, 1 de abril de 1942.

EPÍLOGO

Com a vitória aliada cada vez mais palpável, o ano de 1945 se iniciou com uma série de conferências com o objetivo de reorganização do mundo no pós-guerra. Em janeiro, a Conferência de Yalta consolidou a hegemonia dos Estados Unidos e da União Soviética. Retornando do evento, o secretário de Estado ianque, Edward Stettinius, passou pelo Brasil e se encontrou com Vargas, “manifestando o interesse dos Estados Unidos na democratização do Brasil e no reatamento de suas relações com a União Soviética (seriam de fato restabelecidas em 1º de abril)”.¹ Após essa, seguiram-se as Conferências de Chapultepec, México, no mês de março, de caráter interamericano, e a de Potsdam, em agosto, para deliberar sobre o futuro da Alemanha.

No plano interno, durante a luta pela redemocratização, os autonomistas buscavam alianças com outros setores da sociedade.² Os militares intervieram nesse processo sobretudo no ano de 1944, com o governo já bastante dividido em segmentos conflitantes. Para Paulo Santos Silva, atuaram nesse sentido o “ex-chefe do Estado-Maior do Exército, Góis Monteiro, e o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, co-responsáveis pelo golpe de 1937, [que] tiveram atuação decisiva nessa fase de pressões sobre o regime.”³ Segundo Paulo Brandi, quando retornou da frente de batalha da FEB, em outubro de 1944, o general Dutra estava “plenamente convencido de que boa parte da hierarquia militar, (...) tanto quanto os norte-americanos, desejava o fim do regime varguista.”⁴ De acordo com Oswaldo Trigueiro do Vale, Dutra conversou com Vargas sobre a necessidade de findar o regime e redemocratizar o Brasil, embora o general tivesse sido “a maior garantia militar do Estado Novo”.⁵ Góis Monteiro também teria alertado Vargas acerca da abertura política. Em depoimento a Lourival Fontes, citado por Paulo Brandi, Góis Monteiro declarou que se encontrara com o presidente, dizendo ter vindo de Montevidéu para acabar com o Estado Novo. Contudo, Vargas realizou manobras para garantir que a reorganização da ordem institucional ocorresse sob a sua liderança.⁶

Segundo Carlos Zacarias de Sena Júnior, em 1945, a campanha pela anistia e pela redemocratização alcançou o ápice, reunindo diferentes vertentes políticas, como os liberais que se opunham a Vargas, os dissidentes do governo e os comunistas.⁷ Além da pressão dos

¹ BRANDI, Paulo. *Op. cit.*, p. 180.

² SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*, *op. cit.*, p. 33.

³ *Id.*, *ibid.*, p. 44.

⁴ BRANDI, Paulo, *op. cit.*, p. 178.

⁵ VALE, Oswaldo Trigueiro do. *O general Dutra e a redemocratização de 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 33.

⁶ BRANDI, Paulo. *Op. cit.*, p.178-9.

⁷ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia*, *Op.cit.*, p. 206.

movimentos pró-democracia, houve muitas discussões a respeito da possibilidade de uma abertura política, que foram fortalecidas com a promessa de plebiscito em 1943, previsto pela Constituição. Diante disso, em 28 de fevereiro de 1945, o governo estabeleceu um Ato Adicional, segundo o qual, dentro de noventa dias, haveria um decreto que determinaria a data das eleições.⁸ Paulo Brandi acrescenta:

o decreto previa a realização de eleições para a presidência da República, a Câmara dos Deputados, o Conselho Federal (que substituiria o Senado de acordo com a Carta de 1937) e as assembleias legislativas, em data a ser marcada 90 dias depois. O novo Congresso Federal poderia assumir poderes constituintes, mas não deteria plena soberania para compor um novo quadro institucional-legal: o presidente poderia obstar qualquer inovação constitucional, submetendo-a a um plebiscito nacional.⁹

Essa medida foi duramente criticada por opositores e dissidentes, pois pressupunha a participação do presidente na transição democrática.¹⁰ Contudo, esse processo já tinha sido colocado em marcha. Até então sob a censura do DIP, a imprensa era proibida de veicular qualquer indício de insatisfação com o governo, embora os jornais conseguissem, eventualmente, “publicar manifestações sutis e subliminares contra o regime.”¹¹ Alguns segmentos da sociedade também se insurgiram de outras formas, como a realização do I Congresso de Escritores, no dia 20 de janeiro de 1945, em São Paulo. Nesse evento, intelectuais de todo o país debateram sobre a liberdade de pensamento, o fim da censura e outros temas relacionados à redemocratização.¹²

De acordo com Paulo Santos Silva, em 1945, a censura foi rompida, com a publicação das entrevistas de Góis Monteiro à *Folha da Manhã*, e de José Américo ao *Correio da Manhã*, defendendo o fim do Estado Novo e a realização das eleições prometidas por Vargas. A imprensa até então se concentrava em abordar os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, mas o rompimento da censura possibilitou a publicação de matérias abordando a situação política interna.¹³ O próximo passo foi dado em abril, com a decretação da anistia aos presos políticos e a regulamentação dos partidos, que anunciaram candidatos para as eleições presidenciais. Segundo Paulo Brandi, Getúlio Vargas supervisionou a organização do Partido Social Democrático (PSD), realizada pelos interventores em cada estado. Contava, portanto,

⁸ SKIDMORE, Thomas, Op.cit., p.73.

⁹ BRANDI, Paulo. Op.cit., p. 181.

¹⁰ Id., ibid., p. 181.

¹¹ VALE, Oswaldo Trigueiro do. *O general Dutra e a redemocratização de 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 37.

¹² Id., ibid., p. 37.

¹³ SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Op.cit., p. 38.

com “a máquina política e administrativa do Estado Novo.”¹⁴ O PSD lançou ao pleito o general Eurico Gaspar Dutra, apoiado pelo presidente. De acordo com Thomas Skidmore, a pretensão de Dutra foi interpretada

pela oposição como tática diversionista de Vargas. Apoiando um candidato “governista”, que era eminentemente aceitável para o corpo de oficiais do Exército, o ditador poderia influenciar a política de seu sucessor. Além disso, a candidatura de Dutra abalaria o apoio potencial a Eduardo Gomes, por parte dos círculos pró-governamentais para os quais a vitória era mais importante do que os princípios.¹⁵

A União Democrática Nacional (UDN) também foi organizada no período, promovendo a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. O partido incluía variadas vertentes políticas, como liberais, conservadores e membros da esquerda não-comunista, reunidos pela contestação ao Estado Novo. Conforme já adiantamos, os liberais compunham a fração mais importante a UDN, incluindo:

o grupo dos mineiros que havia inspirado o Manifesto de 1943, os antigos constitucionistas de São Paulo, como Armando Sales (que faleceu em maio de 1945 logo após o seu regresso ao Brasil) e o grupo fluminense, composto de bacharéis como Raul Fernandes e José Eduardo Prado Kelly. Mas, ao ser lançada, em abril de 1945, a UDN era sobretudo o “partido do Brigadeiro” Eduardo Gomes – que se tornaria seu chefe espiritual – e uma grande esperança de desalojar Getúlio do poder.¹⁶

Houve ainda a criação de um terceiro partido, também sob influência de Vargas. O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foi fundado com o objetivo de angariar a adesão das massas e dos sindicatos, afastando-os dos comunistas. Nas eleições de 1945, o PTB apoiou a candidatura de Eurico Gaspar Dutra à presidência.¹⁷ Já o Partido Comunista do Brasil (PCB), conforme já foi exposto, se tornou legal após 23 anos de clandestinidade e foi beneficiado pela lei de anistia, que libertou seu secretário-geral, Luiz Carlos Prestes, e membros notórios do PCB, como Carlos Marighella e Giocondo Dias.¹⁸ Era favorável a conjuntura de vitória sobre o nazifascismo, além da campanha pela redemocratização, na qual os comunistas lutaram muitas vezes ao lado de liberais. Segundo Carlos Zacarias de Sena Júnior, na Bahia, os pecebistas haviam conquistado uma considerável reputação junto aos liberais, devido à sua

¹⁴ BRANDI, Paulo. Op.cit., p. 184.

¹⁵ SKIDMORE, Thomas, Op.cit., p.74.

¹⁶ BRANDI, Paulo. Op.cit., p. 184.

¹⁷ Id., ibid., p. 185.

¹⁸ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia*, Op.cit., p. 212.

participação nos movimentos de massa, sobretudo entre a intelectualidade e o setor estudantil. Para o autor,

nos primeiros meses de 1945, o Partido Comunista do Brasil já havia se organizado em praticamente todo o País, tanto que contava em suas fileiras com personalidades de destaque entre os conhecidos veteranos da ANL e da luta política dos anos 20 e 30, até os novos e combativos antifascistas, além de inúmeros intelectuais e artistas de diversos ramos, que dispensaria uma longa e exaustiva relação.¹⁹

Já a política externa brasileira, de acordo com Paulo Brandi, se adaptou às estratégias norte-americanas para o pós-guerra, como o estabelecimento de relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética e a assinatura dos acordos internacionais de Bretton Woods, em julho de 1945, que deram origem ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).²⁰

Entretanto, no mesmo período, os Estados Unidos viram com preocupação uma medida adotada pelo governo varguista. A decretação da Lei dos Atos Contrários à Economia Nacional, conhecida como decreto antitruste e “Lei Malaia”, previa a criação de “uma comissão autorizada a desaprovar qualquer organização cujos negócios estivessem sendo conduzidos de maneira lesiva aos interesses nacionais.”²¹ Referia-se sobretudo às empresas nacionais ou estrangeiras associadas em trustes e cartéis. Segundo Paulo Brandi, a “Lei Malaia” desagradou a UDN, que lançara em sua campanha eleitoral um programa de abertura ao capital estrangeiro, levando o partido a empreender uma oposição aberta ao decreto. Um dos maiores porta-vozes dessa propaganda antivarguista era Assis Chateaubriand, que se sentira diretamente atingido pelo decreto antitruste por conta da sua cadeia de jornais.²²

A imprensa baiana noticiou a promulgação da “Lei Malaia” com alarde. Em 22 de junho, *O Imparcial* publicou na íntegra todo o texto do decreto, sob o título “Golpe de morte nos trustes”.²³ Contudo, o matutino mostrou-se favorável à medida, condenando os veículos de comunicação que se manifestavam contrários:

Como era esperado, os órgãos da imprensa que defendem os trustes não gostaram do decreto presidencial colocando os monopólios, carteis e trustes fora da lei. Tais jornais fazem as mais absurdas conclusões em torno do decreto, chegando mesmo a declararem que... não vai haver eleição. O povo, porém, está vibrando de contentamento com a assinatura do decreto. Entre os

¹⁹ Id., *ibid.*, p. 217.

²⁰ BRANDI, Paulo. *Op.cit.*, p. 174.

²¹ Id., *ibid.*, p. 186.

²² BRANDI, Paulo. *Op.cit.*, p. 186.

²³ “GOLPE de morte nos trustes.” *O Imparcial*, 23 de junho de 1945.

jornais, as apreciações em torno do decreto são variáveis: os órgãos defensores dos trustes o condenam e os órgãos defensores do povo aplaudem-no.²⁴

O *Diário da Bahia* também apoiou o decreto. Em julho de 1945, o jornal publicou um texto de Viriato Vargas, irmão do presidente, defendendo a lei como um instrumento de defesa das classes médias e trabalhadoras. Além disso, tomava os Estados Unidos como maior referência no combate aos trustes, “e nem por isso foram acoimados de fascistas.”²⁵

Pertencente à cadeia dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, o *Diário de Notícias* se posicionou contra a “Lei Malaia”, pelo que se nota através de artigos e reportagens sobre o tema. Em texto assinado por Costa Rego e publicado no jornal, destaca-se a importância de esclarecer exatamente o que o decreto entendia como truste, sob pena de deixar a critério e conveniência do governo utilizar a lei da forma que lhe aprouvesse. O autor também sustenta que os monopólios nocivos deveriam ser identificados por seus efeitos e não por suas origens.²⁶ Em outra edição do mesmo periódico, foi reproduzido um comentário do jornal norte-americano *New York Times* sobre a lei antitruste. Diz que as filiais de casas comerciais estadunidenses receberam o decreto com apreensão, por conferir a Vargas “completo controle de todos os negócios do Brasil.”²⁷

O fim da guerra iniciava um novo período na história mundial e nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Antônio Pedro Tota acrescenta que já não havia mais o perigo representado pela Alemanha e pelo Japão, Roosevelt falecera em abril de 1945 e o Brasil perdera importância como fornecedor de matérias-primas e como posição estratégica no Atlântico Sul. Embora Vargas continuasse dando crédito à Política de Boa Vizinhança, diante das posições cada vez mais nacionalistas do presidente brasileiro, o novo governo norte-americano desejava descartar a parceria, mediante a oposição crescente do novo embaixador norte-americano no Brasil, Adolf Berle.²⁸

Enquanto havia uma imensa mobilização popular pela continuidade de Getúlio Vargas na presidência, o chamado movimento queremista²⁹, por outro lado, a intervenção norte-americana pôde ser constatada por meio de uma polêmica declaração do embaixador Adolf

²⁴ “O POVO recebeu com satisfação o decreto contra os trustes.” *O Imparcial*, 24 de junho de 1945.

²⁵ “A LEI antitruste é patriótica e humana.” *Diário da Bahia*, 7 de julho de 1945.

²⁶ COSTA REGO. “A lei do confisco deve ser repudiada, e não emendada.” *Diário de Notícias*, 10 de julho de 1945.

²⁷ “APREENSIVAS as firmas ianques com o decreto-lei n. 7666.” *Diário de Notícias*, 13 de julho de 1945.

²⁸ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p.126.

²⁹ Sob as palavras de ordem “Queremos Getúlio” e “Constituinte com Getúlio”, os queremistas desejavam que Getúlio Vargas continuasse como presidente ou se candidatasse nas próximas eleições. Segundo Paulo Brandi, embora não encorajasse, Vargas também não impedia o crescimento do movimento. BRANDI, Paulo. Op. cit., pp. 188-9.

Berle, em setembro de 1945. Discursando na cidade de Petrópolis, para uma plateia de líderes udenistas, Berle fez insinuações sobre supostas pretensões continuístas de Vargas, o que foi visto como uma orientação estadunidense para a deposição do presidente brasileiro.³⁰ De acordo com Maria Victoria Benevides, possivelmente o embaixador se sentia incomodado com a popularidade de Vargas, demonstrada pelo movimento queremista, num momento em que desenvolvia uma política econômica prejudicial à expansão do capital norte-americano, como a lei antitruste.³¹

De fato, em outubro de 1945, uma aliança entre setores dissidentes do governo, representados por Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, e os partidários da UDN, foi responsável pela deposição de Getúlio Vargas do Palácio da Guanabara. Por ocasião do golpe, pouco lembrado e ainda menos problematizado pela literatura histórica brasileira, Vargas foi substituído pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares.³²

Em relação à Política de Boa Vizinhança, com o fim da guerra, o *Office of Coordinator of Interamerican Affairs* foi perdendo a importância para o Departamento de Estado norte-americano. De acordo com Antônio Pedro Tota, a prioridade ianque se voltava para o Pacífico, justificando cortes no orçamento da agência cada vez maiores à medida que o conflito se aproximava da sua conclusão, apesar dos protestos de Nelson Rockefeller e sua equipe.³³ Entretanto, o multimilionário não ficou sem função no governo. Antônio Pedro Tota relata:

Numa sequência de atos bem articulados, Stettinius indicou Rockefeller para o cargo de secretário-assistente para a América Latina, e este, por sua vez, indicou seu amigo Adolf Berle para embaixador no Brasil, no lugar do experiente diplomata Jefferson Caffery. Todas as indicações foram devidamente referendadas pelo presidente Roosevelt. Esvaziava-se a função do OCIAA.³⁴

O *Office* teve suas portas oficialmente fechadas em março de 1946, por um ato do presidente Harry Truman.³⁵ A derrota do Eixo e a ascensão da União Soviética, no contexto de nascimento da Guerra Fria, impunham aos planejadores da política ianque outros objetivos e a fundação de novas entidades de promoção das relações entre as Américas, como a Aliança para o Progresso, posta em vigor na década de 1960.

³⁰ BRANDI, Paulo. Op. cit., p. 191.

³¹ BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita, op. cit., p. 55.

³² SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia*, Op.cit., p. 248.

³³ TOTA, *O amigo americano*, op.cit., p. 143.

³⁴ TOTA, *O imperialismo sedutor*, op.cit., p. 185.

³⁵ Id., *ibid.*, p. 190.

Dessa forma, o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com o Eixo e a declaração de guerra do país latino-americano a Alemanha, Itália e Japão, afloraram um sentimento de repúdio ao nazifascismo, que se disseminou em toda a sociedade baiana, abrangendo a imprensa. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, os jornais editados em Salvador sustentaram um discurso antifascista, tendo os Estados Unidos como parâmetro de nação democrática e liberal. Adotando essa linha editorial desde o rompimento com o Eixo, os jornais que circulavam na capital baiana eram: *A Tarde*, *O Imparcial*, *Estado da Bahia* e *Diário da Bahia*. O ponto fora da curva é representado pelo *Diário de Notícias*, jornal editado em Salvador que, embora não se manifestasse abertamente favorável ao nazifascismo no contexto aqui estudado, apresentava um discurso sugerindo reservas quanto ao apoio aos Estados Unidos e à ideologia liberal. Foi somente após sua venda para o grupo dos Diários Associados que o *Diário de Notícias* passou a reproduzir um posicionamento favorável aos Aliados e ao esforço de guerra contra o nazifascismo.

Por trás dos argumentos, havia a presença do *Office of the Coordinator of Interamerican Affairs* (OCIAA), órgão governamental norte-americano que visava liquidar a influência do Eixo na América através de diversos canais, da informação à economia. A atuação da Agência consistia numa propaganda intensiva das instituições políticas, modelo econômico e padrão de vida dos Estados Unidos, que deveriam ser vistos como exemplos a serem seguidos pelo Brasil. A presença de membros do Comitê da Coordenação Interamericana da Bahia era frequente entre os jornalistas locais, inclusive nas reuniões da Associação Baiana de Imprensa (ABI). O OCIAA também patrocinou a viagem de jornalistas brasileiros aos Estados Unidos no ano de 1943, dentre os quais contavam Simões Filho, de *A Tarde*, e Wilson Lins, de *O Imparcial*. Esse intercâmbio pode ser entendido como mais uma medida de propaganda das estruturas políticas e sociais norte-americanas.

Compreendendo o liberalismo como uma ideologia que defende o progresso e o respeito à propriedade individual, constatamos que nem todo liberalismo é americanista, porque se trata de uma corrente de pensamento independente dos valores defendidos pelo esforço em garantir a hegemonia norte-americana sobre o restante do continente. Porém, de acordo com o discurso dos jornais baianos no período, todo americanismo é liberal, pois os Estados Unidos apareciam como o máximo representante do liberalismo enquanto único sistema compatível com as liberdades democráticas. Porém, destacamos o posicionamento de *Seiva*, revista editada em Salvador pelo PCB, que circulou de 1938 a 1943 e, no contexto de participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, por uma questão estratégica, defendeu a visão dos Estados Unidos como os arautos da liberdade contra o nazifascismo.

Nos bastidores da imprensa, constatamos a ligação entre o proprietário do jornal *A Tarde*, Simões Filho, e Otávio Mangabeira, político baiano exilado pelo Estado Novo, que se encontrava nos Estados Unidos, conspirando contra o governo Vargas, juntamente com outros políticos brasileiros também no ostracismo. Mangabeira mantinha relações com o país norte-americano desde a Primeira República. As correspondências por ele produzidas durante seu segundo exílio apontam a existência de um posicionamento favorável ao estreitamento de relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Além disso, aliadas aos artigos publicados na imprensa estadunidense que identificam o regime político brasileiro como uma ditadura, essas cartas demonstram os acordos entre o governo norte-americano e brasileiros exilados no país da América do Norte para pôr fim ao comando varguista. Tanto os artigos quanto as correspondências defendem os valores de liberdade de expressão, de criação e de imprensa, reivindicados pelos Estados Unidos. Assim, os argumentos das folhas jornalísticas baianas em defesa da democracia, da liberdade de imprensa e da realização de eleições presidenciais tinha como parâmetro as instituições políticas norte-americanas. Porém, destacamos o caso de *O Imparcial*, que, ao se declarar favorável à causa pan-americanista e pró-ianque, sofreu perseguições e censura da interventoria estadual que não estavam vinculadas apenas à conjuntura da guerra contra o Eixo, mas a questões relativas à política local.

Além da perspectiva ideológica, observamos que o apoio do governo e dos veículos de comunicação brasileiros aos Estados Unidos também tinha uma dimensão econômica. Como a Bahia fazia parte do mercado de exportação de matérias-primas para a América do Norte, a imprensa baiana noticiou os acordos comerciais realizados entre os vizinhos continentais. Ademais, tendo em vista a necessidade de vender os produtos norte-americanos ao mercado brasileiro, utilizava-se a publicidade como o veículo através do qual essas mercadorias seriam anunciadas, nos jornais, para o público consumidor baiano. Ao mesmo tempo em que o Brasil (e mais especificamente a Bahia) ocupava um lugar de exportador de insumos, o governo norte-americano pretendia expandir o mercado consumidor sul-americano, utilizando a imprensa como veículo de propaganda de produtos que vinham sendo aperfeiçoados pela guerra e estariam disponíveis para os civis, nos vindouros tempos de paz.

Os jornais baianos procuraram cativar os leitores para o ideal do pan-americanismo, por meio da celebração de datas comemorativas, defendendo a união dos países americanos sob a liderança estadunidense. Havia um interesse em publicar matérias mostrando as interações diplomáticas dos estadunidenses com os baianos, ressaltando que a Bahia, em particular, tinha vários pontos em comum com o país norte-americano, embora fosse considerada como um lugar atrasado que poderia superar seus problemas, caso tomasse os Estados Unidos como exemplo

de superação e desenvolvimento. Nesse sentido, por mais que exaltassem a solidariedade hemisférica, destacando o amor à liberdade que seria comum a todas as repúblicas do continente, os argumentos da imprensa baiana sempre se voltavam à defesa dos Estados Unidos como os líderes do pan-americanismo, aos quais os outros países deviam matérias-primas e bases estratégicas. Desse modo, mais do que uma união entre os países americanos, o pan-americanismo representava a adesão à solidariedade aos Estados Unidos.

Como a educação também era um importante canal de estreitamento de relações entre a Bahia e os vizinhos do Norte, a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos desempenhava um importante papel na difusão da solidariedade entre ambos os países, através da realização de palestras, cursos de inglês, música e artes plásticas. Todas essas iniciativas eram difundidas pela imprensa local, tentando mostrar que as afinidades entre ambos os povos existiam inclusive do ponto de vista cultural. Constatamos que, segundo os jornais editados em Salvador, eram frequentes palestras na Associação Cultural Brasil – Estados Unidos nas quais norte-americanos falassem sobre o Brasil e brasileiros discorressem sobre os Estados Unidos, num mecanismo deliberado ou não de fazer parecer que os laços entre ambos os países estavam, de fato, estreitados. Assim, sugeria-se que os vizinhos do Norte levavam a sério a ideia de amizade e solidariedade continental, ao manifestarem um interesse por tudo que dizia respeito ao Brasil.

Entretanto, apesar de a imprensa baiana retratar a existência de um suposto interesse norte-americano pelo Brasil, existiam outros discursos que revelavam a manutenção de estereótipos, colocando os brasileiros numa condição de atraso e inferioridade civilizatória em relação aos Estados Unidos. Em contraponto ao alinhamento pró-americanista, os jornais da imprensa baiana reproduziram argumentos em relação às outras duas matrizes ideológicas mais importantes da época, além do liberalismo: o comunismo e o nazifascismo (ao qual se vinculava o que era considerado o seu correspondente nacional, o integralismo). Priorizando a luta contra o Eixo e levando em consideração a parceria soviética na guerra, a imprensa liberal atenuou o discurso anticomunista, mas sem descartá-lo completamente. Mesmo reconhecendo o esforço russo no conflito e fazendo alguns elogios ao país euro-asiático, os jornais por vezes faziam certas críticas ao modelo soviético, insistindo na caracterização dos Estados Unidos e de seu regime liberal-burguês como aquele que derrotaria os extremismos e garantiria a liberdade dos povos. Contudo, percebemos que, no mesmo período, havia nos jornais baianos discursos divergentes a respeito das correntes políticas que supostamente buscavam a desestabilização do país. Enquanto a maioria dos jornais amenizaram o discurso anticomunista durante a guerra, intensificando-o com o final do conflito, o *Diário de Notícias* tendeu a uma argumentação abertamente desabonadora, por vezes traçando uma linha de igualdade entre os chamados os

extremismos de esquerda e de direita. Já em relação ao antifascismo, os jornais editados em Salvador enfatizavam uma suposta ameaça constante da quintacoluna, categoria na qual poderiam se encontrar integralistas, nazistas, fascistas ou mesmo simples imigrantes ou descendentes de proveniência dos países agressores.

Portanto, no período de 1942 a 1945, os jornais que circulavam em Salvador se alinharam a um discurso antifascista que defendia as estruturas políticas, econômicas e sociais dos Estados Unidos como exemplos a serem seguidos pelo Brasil. Esses argumentos apresentados pela imprensa baiana estavam ligados tanto ao planejamento estratégico norte-americano, que delinear um projeto de aproximação com a América Latina, quanto ao interesse das classes dominantes brasileiras e, mais especificamente, baianas, nos benefícios possivelmente trazidos por esse estreitamento de relações.

FONTES

Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB) — Seção de Jornais Raros

- *O Imparcial* (1942 - 1945)
- *A Tarde* (1942 -1945)
- *Diário da Bahia* (1942 - 1945)
- *Estado da Bahia* (1942 -1945)
- *Diário de Notícias* (1942-1945)

Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais da Universidade Estadual de Feira de Santana (LABELU/UEFS)

- Revista *Seiva* (1942 - 1943)

Fundação Pedro Calmon (CMB/FPC) — Centro de Memória da Bahia.

- Acervo pessoal de Otávio Mangabeira (OM)
- Acervo pessoal de Simões Filho (SF)

Biblioteca da Associação Baiana de Imprensa (ABI)

- Atas das sessões ordinárias e extraordinárias da diretoria da Associação Baiana de Imprensa (1942-1944)

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas (CPDOC- FGV)

- Arquivo pessoal de Oswaldo Aranha (OA)
- Arquivo pessoal de Virgílio de Melo Franco (VMF).

Arquivo Público do Rio de Janeiro (APERJ)

- Levantamento parcial do Partido Comunista no Estado da Bahia. Fundo DPS.

Publicação

- MANGABEIRA, Otávio. *Cartas do 2º exílio (1938-1945)*. Organização Paulo Santos Silva. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2017.

ANEXOS



Figura 2.1: Estado da Bahia, 3 de agosto de 1942.



Figura 2.2: A Tarde, 5 de fevereiro de 1943.

SEXTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1943



O JEEP LUTA EM TODAS AS FRENTEIS

O SOI NUNCA SE PÔE ONDE LUTA O CARRO DE ASSALTO "JEEP"

NO terreno pantanoso e pedregoso de Burma, os soldados britânicos conheceram pela primeira vez as supremas qualidades do Jeep. Nenhum outro terreno de batalha é tão diabolicamente apropriado para desgarrar as entranhas do mais potente equipamento automotriz.

Desde a campanha de Burma o Jeep tem ganho as suas divisas de combate em quasi todos os campos de ação, desde as humidas florestas virgens da Nova Guiné até aos lamacentos caminhos de Stalingrado, e desde as traiçoeiras areias da África do Norte até às ilhas de Salomão.

Os russos chamam-lhes "cabras" porque sobem a qualquer lugar. Os homens do exercito concordam com entusiasmo em que obtêm maior força, velocidade, mobilidade, duração e economia de combustível de uma tonelada de aço e um galão de gasolina, do que tinham conseguido até agora.

Os engenheiros civis da Willys-Overland ajudaram os do exercito no traçado e aperfeiçoamento do Jeep adotado pelo Exercito Americano.

O surpreendente e universalmente conhecido motor que impulsiona o Jeep com tanta potencia, velocidade e flexibilidade, é uma criação exclusiva da Willys-Overland.

A popularidade do Willys American durante os anos anteriores à guerra estabeleceu definitivamente a crescente tendencia à economia no motorismo.

A economia será, mais que nunca, o requisito de maior monta em todo o mundo depois da guerra. Milhares e milhares de pessoas desejarão um automovel construido pela companhia que tem provado, tanto no American como no Jeep para o Exercito que está construindo, possuir a incontestavel habilidade de combinar a resistencia com a leveza e a economia de combustível.

Willys Export Corporation, Toledo, Ohio, E. U. A.



O JEEP

WILLYS

AUTOMOVEIS CAMINHÕES E JEEPS



O AMERICAN



Figura 2.3: A Tarde, 5 de março de 1943.

9 Sugestões Para Iluminação Em Tempo De Guerra

Limpe, com frequência, os globos e lâmpadas, para obter 20% a 30% mais de luz, com as mesmas lâmpadas existentes em seu lar.

Use abajures indiretamente. Coloque os escuros abajures a luz discreta. Mude o furo, quando necessário.

Coloque cada lâmpada em posição tal que a luz não se choque no olho das pessoas que a estão usando.

Abagre as luzes que são muito vivas. É uma forma de auxiliar a pouca quantidade de consumo de material.

Evite que a luz incida diretamente nos olhos, quando abajure de tamanho adequado, para melhor proteger sua visão.

Disponha as lâmpadas portáteis e os móveis de maneira que cada lâmpada possa servir para uma ou mais pessoas.

Faça examinar seus olhos por oculista competente. A boa luz auxilia a visão, mas não corrige os defeitos visuais.

Sente-se próximo da lâmpada portátil, além de obter o máximo de auxílio que a luz possa trazer aos seus olhos.

Coloque o seu trabalho ou o que estiver lendo, em posição que não reflita a luz diretamente nos seus olhos.

O volume da produção das fábricas da General Electric para a guerra é tão grande e o segredo exigido é de tal importância, que, por ora, nada podemos dizer. Logo que os fatos possam ser relatados, estamos certos de que a descrição dos aperfeiçoamentos da indústria durante os anos de guerra, constituirá um dos capítulos mais fascinantes da história do progresso industrial.

GENERAL ELECTRIC

EDISON

MAZDA
SEMPRE BRILHA

Figura 2.4: A Tarde, 9 de julho de 1943.

22 de Abril de 1943

VOCÊ, FORD e a GUERRA

NA guerra, muito mais do que na paz, o transporte constitui uma necessidade vital. Longe das zonas de combate, nós podemos tomar um ônibus, um bonde... ou mesmo ir a pé. Mas nas frentes de batalha, o transporte depende, sob as razões mais diversas, a própria vitória.

A Ford Motor Company lamenta que as emergências naturais da situação que atravessamos nos privem das facilidades e do conforto que os seus carros sempre nos asseguraram. Está, porém, convencida de que todos os automobilistas compreendem que a falta de produtos que se faz sentir é resultante da gigantesca tarefa que pesa sobre seus ombros: garantir o transporte aéreo e terrestre das forças das Nações Unidas. E esta colaboração no esforço de todos os povos livres é moral e materialmente tão grande, que absorve integralmente toda nossa capacidade de trabalho.

FORD MOTOR COMPANY

QUEM AMA A LIBERDADE TRABALHARA POR ELA

Figura 2.5: A Tarde, 13 de abril de 1943.

SEÇÃO DE FICHA E PAGINAS

**MOBILIDADE,
Fator da Vitória**



A guerra exige mobilidade... ações rápidas. As peças de artilharia têm de ser transportadas velozmente e as munições levadas a toda pressa para a linha de batalha. Em tudo isso consomem-se enormes quantidades de gasolina e lubrificantes. Somos, portanto, todos nós, os brasileiros, que o seu curso de passeio está atualizado para a guerra. Não é isso que, mesmo aos veículos imprescindíveis no momento, os serviços. Trabalhamos, hoje, em motores pesados e em condições extremamente árduas, criadas pela guerra, o que requer produtos aperfeiçoados. E para atender a tão complexas exigências, os Laboratórios da Atlantic não cessam de realizar importantes pesquisas, as quais, se agora se relacionam a fins militares, amanhã nos permitirão servir melhor do que nunca.

Atlantic
GASOLINA • MOTOR OIL • LUBRIFICAÇÃO

E.W.T. N.º 1588

Figura 2.6: *A Tarde*, 12 de julho de 1943.

EM AÇÃO NO "FRONT" E NA RETAGUARDA



Presente em muitas frentes de combate, alimentando tanks, aviões e uma série enorme de veículos motorizados, Texaco está ajudando a vencer a guerra. Alguns de seus produtos continuam chegando para abastecer as nossas forças armadas, indústrias e transportes. Não obstante, Texaco continuará a fazer todos os suprimentos destinados a atender às mais urgentes necessidades civis.

TEXACO
TIRE E NOVE ANOS E SERVIÇO DE BRASIL

Figura 2.7: *A Tarde*, 04 de setembro de 1944.

PRECAUÇÕES contra MALES MAIORES

Não há defesa possível sem cautelas preventivas. Colabore com o Governo para que o Brasil não seja apanhado desprevenido, combatendo o desperdício que solapa a defesa. Ajude a economizar os materiais estratégicos - petróleo, aço e borracha. Comece pelo seu automóvel ou caminhão, fazendo-os gastar menos e durar mais. **TEXACO MOTOR OIL** e **MARFAK** poderão ajudá-lo.



TEXACO MOTOR OIL e MARFAK

Figura 2.8: *A Tarde*, 8 de fevereiro de 1943.

DEFESA

As pistolas de lubrificação - que ajudam a conservar em bom estado os caminhões, ônibus e automóveis - são tão essenciais para a defesa do País quanto as metralhadoras na frente de batalha, visto que ajudam a poupar os materiais essenciais: ferro, aço, metais, borracha, petróleo. Mantendo o seu automóvel em bom estado, mediante revisões mecânicas e lubrificações periódicas, o Sr. estará economizando o seu dinheiro e cooperando para a defesa do País.



TEXACO MOTOR OIL e MARFAK

Figura 2.9: *A Tarde*, 3 de maio de 1943.

SETE HOMENS SALVOS POR UM PNEU!



**CONSELHOS ATLAS
PARA POUPAR PNEUS:**



Siga o conselho "Atlas" do rodizio periódico dos pneus. O Revendedor Esso lhe ensinará como fazê-lo.



Mantenha os pneus sempre bem calibrados.



Não corra em excesso, nem faça curvas em velocidade.

SETE vidas preciosas, sete soldados das democracias, sete marujos dos nossos navios salvos pela borracha necessária para fabricar um pneu! Eis o milagre para o qual o sr. pode contribuir, poupando cada pneu de seu carro, caminhão ou ônibus em tráfego.


Pois se o sr. obedecer a todas as regras para poupar pneus, não precisará, tão cedo, comprar novos. Com isto, contribuirá para que seja ainda maior a quantidade de borracha destinada à construção de pneus para as viaturas dos canhões, para os aviões, para aplicações em navios encouraçados, e outras muitas utilidades bélicas, além desses milagrosos barcos desmontáveis que têm salvo a vida de tantos soldados e marujos das democracias. Poupe o seu pneu, com a satisfação de quem está fazendo um ato de guerra contra o Eixo!

NO TREMEMDO ESFORÇO DE GUERRA, APERFEIÇAMOS A QUALIDADE E O SERVIÇO DE AMANHÃ!



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

Figura 2.10: A Tarde, 21 de junho de 1943.



**Esta mesma lâmpada
poderá dar
MAIS LUZ**

SIM... Poderá ter uma vida mais longa, poderá iluminar melhor... Mas como? Em primeiro lugar, utilize-a apenas quando necessário. Restrinja o uso das lâmpadas, aquelas necessárias ao seu trabalho ou à sua leitura. Coloque-as na posição mais adequada. Proteja a sua vista, evitando que a luz incida sobre os seus olhos. Aumente de 25% a 30% a sua luminosidade, fazendo limpar com frequência os seus globos. Use abaj-zours claros que não absorvem a luz. Assim, estará também colaborando para a Vitória, porque toda economia de materiais indispensáveis à indústria bélica é uma forma de cooperar para a Casa das Nações Unidas, em cuja produção de guerra estão empregadas as fábricas e os laboratórios da General Electric. Economize as suas lâmpadas G. E., prolongue a sua duração e prestará, assim, uma nova contribuição para a Grande Causa!

GENERAL ELECTRIC

CONTRIBUA PARA A VITÓRIA COMPRANDO BOMBAS DE GUERRA!

Figura 2.11: A Tarde, 25 de outubro de 1943.



Figura 3.12: *Estado da Bahia*, 28 de janeiro de 1942.

ESTADO DA BAHIA 1ª Edição

Em fontes... que Roosevelt dirigiu um... a situação Vargas, fortalecendo... as relações do Brasil com os...

Cumpriamos com o nosso dever, organizando em ação a vontade dos nossos povos"

DESDE ONTEM O BRASIL JÁ NÃO TEM RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM OS PAISES DO EIXO

A democracia americana marcou ontem sua mais expressiva vitória!

Chegaram a um acordo para a solução do incidente Perú-Ecuador

A histórica reunião do Rio Negro

O povo brasileiro inteiramente ao lado do governo

Claras e decisivas palavras do ministro Osvaldo Aranha - Comunicada a rutura a Berlim, Roma e Tokio - Entregues os passaportes aos diplomatas fascistas

RIO, 29 (Meridional) - O Rio-Verde, ontem, em dois dias marcados de sua história, toda a população brasileira, através de seus representantes, apoiando a atitude do governo brasileiro, rompeu suas relações diplomáticas com os países do Eixo. A atitude preparada em Brasília de autonomia. E a multidão compareceu em milhares, em suas cidades, para acompanhar a Conferência dos Chanceleres. Faltou, na situação democrática na Conferência dos Chanceleres. Faltou, na situação democrática na Conferência dos Chanceleres. Faltou, na situação democrática na Conferência dos Chanceleres.

No momento em que o Brasil se preparava para tomar a única atitude compatível com sua dignidade, o Ministério brasileiro, em uma reunião histórica, no Palácio Rio Negro, concedeu poderes ao seu chanceler para tomá-la. É desta reunião e fragmento acima.

Os russos a 120 quilômetros da Polónia

Ameaçam diretamente a fronteira letoniana

Força embalada às portas de casas do Eixo

Informações de ULTIMA HORA

Continu'a o avanço russo

A policia está guardando no Rio,

Quando Osvaldo Aranha, ministro do Exterior, anunciou ontem a ruptura das relações diplomáticas com os países do Eixo, o povo brasileiro aplaudiu calorosamente.

Quando Osvaldo Aranha, ministro do Exterior, anunciou ontem a ruptura das relações diplomáticas com os países do Eixo, o povo brasileiro aplaudiu calorosamente.

Quando Osvaldo Aranha, ministro do Exterior, anunciou ontem a ruptura das relações diplomáticas com os países do Eixo, o povo brasileiro aplaudiu calorosamente.

Figura 3.13: Estado da Bahia, 29 de janeiro de 1942.



Figura 3.14: *O Imparcial*, 29 de outubro de 1943.

Restaurante Pan Americano
 — TESOURO, 23 —
 Junte o praser de um BOM JANTAR
 ao de ouvir uma BOA MÚSICA.
 — Sábado, ás 19 horas, estréia do
 magnífico jazz
«Almirantes Jonas»
 Novo repertório de RUMBAS, FOXES,
 • SWINGS etc.

Figura 4.1: *O Imparcial*, 27 de agosto de 1943.

filme mais comentado da atualidade:
OS FILHOS DE HITLER
 com BONITA GRANVILLE — KENT SMIT e OTTO
 —:: KRUGER ::—

'MULHERES DO MUNDO LIVRE:!
 VEJAMO QUE HITLER
 FAZ ÀS MULHERES ALE-
 MÃS QUE NÃO SE CON-
 FORMAM COM AS LEIS
 INFAMES DE UM REGIMEM QUE ESQUECEU
 O VERDADEIRO AMOR, O LAR O CASAMENTO.

A HISTÓRIA MAIS DRAMÁTICA DE TODOS OS
 TEMPOS! UM ROMANCE DE AMOR CONTRA
 O MAIS MONSTRUOSO SISTEMA JAMAIS
 POSTO EM PRÁTICA...

Amanhã em Matinée: 2 sessões: ás 14 horas e 15,30 horas
 A seguir: SAMUEL GOLDWYN apresenta GARY
 COOPER, em "IDOLO, AMANTE E HEROÍ"

Figura 4.15 - *A Tarde*, 23 de julho de 1943.

FLUXO-SEDATINA, pela sua comprovada eficácia é muito recomendada. Deve ser usada com confiança.

FLUXO-SEDATINA ENCONTRA-SE EM TODA PARTE

NO MUNDO DO CINEMA

O MAIS DRAMÁTICO E SENTIMENTAL ENTRE TODOS OS FILMES ANTI-NAZISTAS JÁ REALIZADOS...



E' assim que a critica Norte-Americana se refere ao filme "ESTA TERRA E' MINHA", com Charles Laughton, Maureen O'Hara, George Sanders, Walter Slezak, Kent Smith, etc. A direção do filme foi entregue a Jean Renoir, famoso diretor francês, responsável pelo êxito de grandes filmes franceses. A historia se passa numa cidade da Europa, ocupada pelos nazistas. E' uma historia que poderia ter sido real em qualquer outra parte do mundo. "ESTA TERRA E' MINHA" repetirá no Brasil o sucesso que está alcançando nos Estados Unidos.

Formidável Leilão

me e dedica
nosso queri
O quadro
medindo 1:
organizado:
cio da Fra
lar da 6a
Alzira Mas
ra ao Mer
gado Escol
tidão: Pro
sr. Josias
nagador:
dr. Gelson
Marques,
fessora Z
e Profess

HO
de

Mar
am

Cin
—
ME

co
ge
ma
de
me
cia

Figura 4.16 - A Tarde, 22 de dezembro de 1943.



Figura 4.17 - Diário de Notícias, 04 de julho de 1945.



Figura 4.18 - O Imparcial, 1 de abril de 1944.



Figura 5.19: O Imparcial, 17 de fevereiro de 1944.



Figura 5.20: O Imparcial, 1 de abril de 1942.



Figura 5.21: O Imparcial, 2 de abril de 1942.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Cristiano Cruz. *“Um Espectro ronda a Bahia”*: o anticomunismo da década de 1930. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2008.
- ANDERSON, Perry. *A política externa norte-americana e seus teóricos*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *História das sociedades americanas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ASCENSO, João Gabriel da Silva. “A redenção cósmica do mestiço: inversão semântica do conceito de raça na *Raza cósmica* de José Vasconcelos.” *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 26, nº 52, julho-dezembro de 2013. <http://www.scielo.br/pdf/eh/v26n52/03.pdf>. Acessado em 25 de agosto de 2018.
- BAHIA, Juarez. *Jornal: história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.
- _____. *Jornal, história e técnica — história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil – dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- BRANDI, Paulo. *Vargas: da vida para a história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita. *A UDN e o Udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945 – 1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- CANCELLI, Elizabeth. “Caminhos de um mal-estar de civilização: reflexões intelectuais norte-americanas para pensar a democracia e o negro no Brasil.” *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 171-187, jan.-jun. 2008. http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/E_Cancelli.pdf. Acessado em 14 de outubro de 2018.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

_____ ; PRADO, Maria Lúcia. *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no Jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

CATTAL, Julio Barnez Pignata. *O estandarte silencioso: a United States Information Agency na mídia impressa do Brasil – Correio da Manhã e Tribuna da Imprensa, 1953 – 1964*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2001.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 1997.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. *Projeto História*. São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

CRUZ, Luiz Antonio Pinto. “*A guerra já chegou entre nós!*”: o cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945). Salvador: UFBA (Dissertação de mestrado), 2012.

DOMINGUES, Petrônio. “Minervino de Oliveira: um negro comunista disputa a presidência do Brasil.” *Lua Nova*, São Paulo, 2017, pp. 42-3. <http://www.scielo.br/pdf/ln/n101/1807-0175-ln-101-00013.pdf>. Acessado em 15 de novembro de 2018.

FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora da UnB, 1999.

_____. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O Imparcial (1933-1937)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2006.

FERREIRA, Maria do Socorro Soares. *A Tarde e a construção dos sentidos: ideologia e política (1928-1931)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2002.

GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.

GERMAN, Kathleen. “Economic Convergence and the Celebration of Mass Production: The World War II Advertising Campaign to sell Jeeps.” In: HARIDAKIS, Paul M.; HUGENBERG, Barbara S.; WEARDEN, Stanley T. (org) *Essays on News Reporting, Propaganda and Popular Culture*. Carolina do Norte: McFarland & Company, 2009. Apud RODRIGUES, Pauline Bitzer. *Propaganda de guerra e publicidade: expectativas para a (re)conversão*

socioeconômica estadunidense no fim da Segunda Guerra Mundial (1944-1945). Dissertação (mestrado em História). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.

HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

IANNI, Octavio. *Estado e Planejamento Econômico do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

JUNQUEIRA, Mary A. “Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº42, 2001. <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n42/a04v2142.pdf>. Acessado em 30 de setembro de 2018.

KAREPOVS, Dainis. *Luta subterrânea. O PCB em 1937-1938*. São Paulo: UNESP, HUCITEC, 2003.

KARNAL, Leandro [et al.]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KRATOCHWIL, German. “Pan-americanismo”. In: SILVA, Benedito; et al (orgs). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LA PORTE, Teresa. “La diplomacia cultural americana: una apuesta por el recurso al poder blando.” https://www.researchgate.net/publication/28128877_La_diplomacia_cultural_americana_una_apuesta_por_el_recurso_al_poder_blando. Acessado em 25 de maio de 2018.

LIMA, Aruã Silva de. *Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946)*. Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana: UEFS, 2009.

LINS, Wilson. *Aprendizagem do absurdo: uma casa após outra; memórias*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/ EGBA, 1997.

LOBO, Hélio. *O pan-americanismo e o Brasil*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1939.

LUCA, Tania Regina de. “A grande imprensa do Brasil de metade do século XX.” www.brasa.org/sitemason/files/lhuGoE/Luca%20Tania.doc. Acessado em 02 de outubro de 2012.

_____. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY,

Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Ronaldo. “Entre o centro e a periferia: Érico Veríssimo nos Estados Unidos, 1944.” Texto apresentado no VI Encontro do “Brazilianisten-Gruppe in der ADLAF”, realizado em outubro de 2004, em Berlim.

http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/emilio/autoria/artigos2005/entre_centro_periferia_a_ronaldo.pdf. Acessado em 08 de outubro de 2018.

MAGALHÃES, Juracy. *Minhas memórias provisórias – depoimento ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social de segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCONDES, Pyr. *Uma História da Propaganda Brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

MAUAD, Ana Maria. “A América é aqui: um estudo sobre a influência cultural norte-americana no cotidiano brasileiro (1930-1960)”. In: TORRES, S. (Org.). *Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

_____. “As três Américas de Carmem Miranda: cultura política e cinema no contexto da política da boa-vizinhança.” *Revista Brasileira de Estudos Americanos*, Rio de Janeiro: Contra-Capa/ABEA, vol.1, 2002.

_____. “Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942).” *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 49, p. 43-75 – 2005.

<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a04v2549.pdf>. Acessado em 27 de maio de 2018.

MENEGUELLO, Cristina. *Poeira nas estrelas: o cinema Hollywoodiano na mídia brasileira nas décadas de 40 e 50*. Campinas: Unicamp, 1996.

MONTEIRO, Érica Gomes Daniel. “Diplomacia Hollywoodiana: Estado, indústria cinematográfica e as relações interamericanas durante a II Guerra Mundial”. *História Social*, UNICAMP, Campinas, n. 20, 2011.

<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/417/471>. Acessado em 29 de maio de 2018.

MOREIRA, Bruno de Oliveira. *De heróis a tiranos: Jornal A Tarde, agências internacionais de notícias e a revolução cubana como representação jornalística (1959-1964)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2010.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1950: mudanças na natureza das relações Brasil – Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

_____. *O Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Braziliense, 1984.

NEPOMUCENO, Maria Margarida C. “O papel de Getúlio Vargas na elaboração de uma Diplomacia Cultural para a América Latina, após os anos 30”. *Anais do II Simpósio*

Internacional Pensar e Repensar a América Latina. https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/Margarida_Nepomuceno_II-Simposio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-America-Latina.pdf. Acessado em 25 de maio de 2018.

NYE, Joseph. *Comprender os conflitos internacionais: uma introdução à teoria e à história*. Lisboa: Gradiva, 2002.

PEIXOTO JÚNIOR, José Carlos. *A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia (1935-1941): um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em História). UFBA: Salvador, 2003.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. “O poder das imagens: cinema e propaganda política nos governos de Hitler e Roosevelt (1933 - 1945).” Anpuh – XXIII Simpósio Nacional De História – Londrina, 2005.

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300881347_ARQUIVO_TEXTODEWAGNERPINHEIROPEREIRAAANPUH2011.pdf. Acessado em 30 de maio de 2018.

POGGI, Tatiana. “Revisitando o Imperialismo: o papel do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* na construção de novas estratégias de dominação”. *R. Mest. Hist.*, Vassouras, v. 12, n.1, jan/jun, 2010.

PRESTES, Anita Leocádia. *Da insurreição armada (1935) à “União Nacional” (1938-1945): a virada tática na política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. “Os comunistas e a Constituinte de 1946”. In: *Estudos IberoAmericanos*, v.XXXII, n.2, dezembro de 2006.

PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Nas fileiras do Sigma: os integralistas na Bahia e a política brasileira na década de 30*. Salvador: UFBA (Tese de doutorado em História), 2013.

QUINTANEIRO, Tânia. “A cultura do mercado; visão dos agentes norte-americanos sobre o comércio no Brasil.” *Locus* (Juiz de Fora), Juiz de Fora, v. 13, p. 111-129, 2001.

_____. “A LATI e o projeto estadunidense de controle do mercado de aviação no Brasil.” *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37, p.223-234, Jan/Jun 2007. <http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a13.pdf>. Acessado em 19 de outubro de 2018.

_____. “Dilemas da cooperação: conflitos gerados pela política das ‘Listas Negras’ no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.” *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 49, núm. 2, julho-dezembro, 2006, pp. 78-98. <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v49n2/a05v49n2.pdf>. Acessado em 18 de outubro de 2018.

RODRIGUES, Pauline Bitzer. *Propaganda de guerra e publicidade: expectativas para a (re)conversão socioeconômica estadunidense no fim da Segunda Guerra Mundial (1944-1945)*. Dissertação (mestrado em História). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.

SAES, Décio. *Classe média e política na Primeira República brasileira (1889 – 1930)*. Petrópolis: Vozes, 1975.

SAMPAIO, Consuelo Novais. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2011/09/16/a-bahia-na-segunda-guerra-mundial/>. Acessado em 08 de fevereiro de 2018.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Propaganda e História: antigos problemas, novas questões." *Proj. História*. São Paulo (14), fev. 1997. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11237/8244>. Acessado em 16 de novembro de 2018.

SANTOS, José Weliton Aragão dos. *Formação da grande imprensa na Bahia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Salvador: UFBA, 1985.

SARMENTO, Antônio de Moraes. "As agências estrangeiras trouxeram modernidade, as nacionais aprenderam depressa." CASTELO BRANCO, Renato; MARTENSEN, Rodolfo Lima; REIS, Fernando. *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru: EDUSC, 2000.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. "Mensagem aos povos da América Ação cultural, antifascismo e União Nacional na revista *Seiva* (1938-1943)". ANPUH – XXIII Simpósio Nacional De História – Londrina, 2005. <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0192.pdf>. Acessado em 15 de novembro de 2018.

_____. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936 – 1948)*. São Paulo: Annablume, 2009.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.

SILVA, Heber Ricardo da. *A democracia impressa: transição do campo jornalístico e do político e a cassação do PCB nas páginas da grande imprensa (1945 –1948)*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: UNESP, 2008.

SILVA, Maria Helena Chaves. *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*. Salvador, Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2007.

SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Bahia, 1945. Salvador: Assembléia Legislativa da Bahia, 1992.

_____. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: Edufba, 2000.

SILVA, Raquel Oliveira. *O PCB e Comitês Populares Democráticos em Salvador (1945-1947)*. Dissertação (Mestrado em História). UFBA: Salvador, 2012.

SKIDMORE, Thomas, *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Maria do Carmo C. Campello de. *Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930 – 1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1983.

SPINDEL, Arnaldo. *O Partido Comunista na Gênese do Populismo*. São Paulo: Símbolo, 1980.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Ática, 1987.

TERRET, Dulany. *The Signal Corps – the emergency*. Washington DC: Center of military history, 1994.

TOTA, Antônio Pedro. “Cultura e dominação: relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Guerra Fria.” *Perspectivas*. São Paulo, 27: 111-122, 2005. <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/24/17>. Acessado em 5 de setembro de 2018.

_____. *O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VALE, Osvaldo Trigueiro do. *O general Dutra e a redemocratização de 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

VALIM, Alexandre Busko. “Cinema, propaganda e integração hemisférica: os filmes do *Office of Interamerican Affairs*.” Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300845758_ARQUIVO_anpuh2011.pdf. Acessado em 29 de maio de 2018.

VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947.

_____. *Gato preto em campo de neve*. Rio de Janeiro: Globo, 1961.

VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ZAGNI, Rodrigo Medina. “‘Imagens Projetadas do Império’ O Cinema Hollywoodiano e a Construção de uma Identidade Americana para a Política da Boa Vizinhança”. *Cadernos PROLAM/USP* (ano 8 - vol. 1 - 2008).

<http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82311/85282>. Acessado em 17 de novembro de 2018.

